



# SELS

Estudos da Língua Brasileira de Sinais

---

Volume IV



Marianne Rossi Stumpf  
Ronice Müller de Quadros

*Organizadores*

# SELS

Estudos da Língua Brasileira de Sinais

---

Volume IV

Florianópolis

EDITORA  INSULAR

2018

SELS – Série Estudos de Língua de Sinais  
Volume IV – 2018

**Organizadoras**

Marianne Rossi Stumpf  
Ronice Müller de Quadros

**Comissão Editorial**

Berthold Zilly (Freie Universität Berlin)  
Christiane Stallaert (Universiteit Antwerpen)  
Eclair Antônio Almeida Filho (UnB)  
Elizabeth Lowe (University of Illinois)  
Izabela Leal (UFPA)  
Johannes Kretschmer (UFF)  
José Lambert (Katholieke Universiteit Leuven)  
Luana Ferreira de Freitas (UFC)

Marco Lucchesi (UFRJ)  
Martha Pulido (Universidad de Antioquia)  
Maurício Santana Dias (USP)  
Orlando Grossegeesse (Universidade do Minho)  
Paulo Henriques Britto (PUC-RJ)  
Roberto Mulinacci (Università di Bologna)  
Sandra Regina Goulart Almeida (UFMG)  
Sinara de Oliveira Branco (UFCG)

**Projeto gráfico**

Rita Motta

**Projeto de capa**

Lucas Müller de Jesus

**Editoração eletrônica**

Silvana Fabris

**Supervisão de capa**

Eduardo Cazon

---

E85 Estudos da língua brasileira de sinais IV / Marianne Rossi Stumpf,  
Ronice Müller de Quadros (orgs.) – Florianópolis: Editora Insular: Flo-  
rianópolis : PGL/UFSC, 2018.  
238 p. il. : 23 cm – (SELS Série estudos de língua de sinais; v.4)

ISBN 978-85-524-0083-7

1. Língua brasileira de sinais. 2. Tradução e interpretação. 3. Libras.  
I. Stumpf, Marianne Rossi. II. Quadros, Ronice Müller de.

---

APOIO:



Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.  
É proibida a reprodução parcial ou integral desta obra, por quaisquer meios  
de difusão, inclusive pela *internet*, *sem prévia autorização do autor*.

**EDITORA INSULAR**

(48) 3232-9591  
editora@insular.com.br  
twitter.com/EditoraInsular  
www.insular.com.br  
facebook.com/EditoraInsular

**INSULAR LIVROS**

Rua Antonio Carlos Ferreira, 537  
Bairro Agrônômica  
Florianópolis/SC – CEP 88025-210  
(48) 3334-2729  
insularlivros@gmail.com

# Sumário

Apresentação.....	9
-------------------	---

## PARTE I Estudos Linguísticos

Meu mundo nada ouvinte.....	13
<i>Leticia Tôres Costa</i>	

Reconhecimento da língua brasileira de sinais: legislação da língua de sinais e seus desdobramentos.....	17
<i>Ronice Müller de Quadros</i> <i>Marianne Rossi Stumpf</i>	

Avaliação da capacidade expressiva e de compreensão da Libras: um estudo comparativo entre a aquisição de linguagem em comunidades surdas urbanas e desligadas.....	37
<i>Anderson Almeida da Silva</i> <i>Roger Silva Sousa</i>	

Os parâmetros fonológicos nas produções em libras como segunda modalidade de usuários iniciantes.....	61
<i>Luiz Antonio Zancanaro Junior</i>	

Aspectos Linguísticos da Escrita de Sinais.....	85
<i>Marcos Luchi</i> <i>Marianne Rossi Stumpf</i>	

Variação linguística da língua brasileira de sinal – Libras.....	103
<i>Vanessa Lima Vidal Machado</i>	

Sistemas de notações e escritas de línguas de sinais.....	125
<i>Débora Campos Wanderley</i> <i>Marcos Luchi</i> <i>Marianne Rossi Stumpf</i>	

PARTE II  
**Estudos de tradução**

Tradução intermodal, interlingual e intersemiótica na direção Português – Língua Brasileira de Sinais (Libras): desafio normativo, descritivo e performático Surdo ao ensino e aprendizagem de Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (TILS) .....	149
<i>Rimar Romano Segala</i> <i>Ronice Müller de Quadros</i> <i>Saulo Xavier de Souza</i>	
O Sistema de sinais internacional no processo de tradução de textos científicos .....	165
<i>Inmaculada C. Báez Montero</i> <i>Ruth Lamas Ferreiro</i>	
Considerações sobre a criação de antologias de poemas em línguas de sinais.....	187
<i>Rachel Sutton-Spence</i> <i>Fernanda de Araujo Machado</i>	
Questões de design na tradução de português para Libras.....	211
<i>Renata Krusser</i>	

## Apresentação

Nos últimos anos, temos assistido a um aumento de discussões voltadas aos questionamentos da linguística e das traduções.

Acreditamos que esses objetos de investigação muito poderão contribuir para as discussões em torno da pesquisa em língua de sinais. A forma como os sentidos são produzidos e os modos como estes produzem efeitos através da materialidade da língua, a escrita da língua, implica pensar sobre as condições de funcionamento das relações entre linguagem e sociedade em sua diversidade e em suas contradições. Implica, sobretudo, investigar sob que condições os aspectos linguísticos e discursos articulam-se uma determinada exterioridade, constituindo um todo, que vem a configurar a trabalho da linguagem.

Nas suas diferenças, há, pelo menos, uma característica comum em todos os trabalhos: a busca por desestabilizar o conceito de língua de sinais como categoria da linguística e categoria da tradução, ajudando assim a identificar e refletir sobre as diversas áreas da tradução e a compreender como funciona a tradução, podendo ser inclusive uma boa ferramenta para o ensino da tradução.

Este quarto volume da Série Estudos da Língua Brasileira de Sinais, está composto pelos artigos que seguem:

“Reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais: legislação da língua de sinais e seus desdobramentos”, de Ronice Müller de Quadros e Marianne Rossi Stumpf. O qual tem como objetivo contextualizar todos os documentos que promovem as leis da Língua Brasileira de Sinais e relaciona os movimentos sociais e as produções acadêmicas na área.

“Avaliação da capacidade expressiva e de compreensão da Libras: um estudo comparativo entre a aquisição de linguagem em comunidades surdas urbanas e desligadas”, de Anderson Almeida da Silva. O qual apresenta a importância sobre a avaliação de aquisição de linguagem e aponta as diferenças de *input* linguístico das pessoas surdas, identificando os dados sobre o acesso a língua de sinais em idade cecidã.

“Os parâmetros fonológicos nas produções em Libras como segunda modalidade de usuários iniciantes”, de Luiz Antonio Zancarano Junior, busca investigar,

notadamente, as produções de usuários iniciantes em Libras e identificar quais as suas dificuldades, apresentando as categorias de configurações de mãos relacionadas aos parâmetros fonológicos.

“*Aspectos Linguísticos da Escrita de Sinais*”, de Marcos Luchi e Marianne Rossi Stumpf, tem como objetivo refletir sobre as questões estruturais de escrita de sinais enquadradas na gramática de libras, com uma base linguística, apresentando exemplos de níveis linguísticos usando o sistema *SignWriting*.

“*Variação linguística da língua brasileira de sinais*”, de Vanessa Lima Vidal Machado, explorou vídeos do Youtube, identificando os sinais de uso formal e informal na produção dos atores-tradutores surdos e usando a simplificação da estrutura querológica, bem como apresentando as mudanças de registro na variação linguística.

“*Sistemas de notações e escritas de línguas de sinais*”, de Débora Campos Wanderley, Marcos Luchi e Marianne Rossi Stumpf, analisa todos os sistemas de escritas de sinais, evidenciando as classificações dos sistemas e suas possibilidades de escrever unidades constitutivas e estruturas altamente icônicas. Demonstra que alguns sistemas adaptam uma forma de representação e outros não, pois os sistemas ainda estão em processo de construção de uma forma de comunicação em libras.

“*Tradução intermodal, interlingual e intersemiótica na direção Português – Língua Brasileira de Sinais (Libras): desafio normativo, descritivo e performático Surdo ao ensino e aprendizagem de Tradução e Interpretação de Língua de Sinais*”, de Rimar Romano Segala, Ronice Müller de Quadros e Saulo Xavier de Souza, apresenta interessante linha de pesquisa na contextualização dos estudos de tradução, defendendo as etapas estratégicas aplicadas à direção tradutória proposta do português escrito e gráfico-visual para a Libras, promovendo integração e experiência.

“*O sistema sinais internacional no processo de tradução de textos científicos*”, de Inmaculada C. Báez Montero e Ruth Lamas Ferreiro, trata-se de pesquisa inovadora que foca os sinais internacionais visa grande contribuição para um novo campo de estudos da tradução. A autora apresenta a criação dos sinais internacionais, coletando terminologia científica para consolidação e organização da informação que recebe e analisa as mensagens.

“*Considerações sobre a criação de antologias de poemas em línguas de sinais*”, de Rachel Sutton-Spence e Fernanda de Araújo Machado, tem o objetivo de preservar e divulgar as obras poéticas em línguas de sinais expostas representativas da cultura surda, sendo a tentativa de expor a produção de pesquisadoras cujas trajetórias são dedicadas a construir outros olhares sobre poemas das pessoas surdas.

“*Questões de design na tradução de português para Libras*”, de Renata Kruser, tem como objetivo refletir sobre as ferramentas digitais com o registro da navegação dos usuários, relacionando as experiências de leitura de vídeo livro em libras e apresentando as classificações do uso da leitura em libras. É com base em tais relações que a autora delinea o espaço dos sentidos leitores surdos.

Agradecemos ao programa de pós-graduação em linguística da UFSC, que nos disponibilizaram os recursos necessários para os estudos nesta área de língua brasileira de sinais, além de apoiarem a realização do congresso nacional de pesquisas em linguística e congresso nacional de pesquisa de estudos de interpretação e tradução de Libras/Língua portuguesa.

*As organizadoras*  
*Marianne Rossi Stumpf*  
*Ronice Müller de Quadros*



## PARTE I

### Estudos Linguísticos

# 1

## Meu mundo nada ouvinte

*Leticia Tôrres Costa*

Ouvinte é como são denominadas pela comunidade surda as pessoas que não são surdas. Meu mundo é bem ouvinte e quase nada surdo. O meu marido é ouvinte, a minha família é ouvinte, os meus amigos são ouvintes, trabalho com ouvintes e, resumindo, a vida fora de mim é ouvinte. Meu eu, no entanto, é surdo. Para evitar problemas de comunicação e prejulgamentos sobre mim, sempre procuro explicar minha condição a quem acaba de me conhecer. Normalmente, falar sobre isso gera uma avalanche de perguntas. É assustador como a maioria das pessoas com quem converso sabe pouco ou quase nada sobre surdez e Libras – e, quando pensa que sabe, acaba descobrindo que não.

Certo dia, numa reunião com um gerente de contas das redes sociais de uma livraria, perguntei quais elementos tornavam as páginas dela acessíveis. Ele relacionou alguns itens de acessibilidade para cegos e pessoas com baixa visão. Indaguei sobre acessibilidade para surdos, e a resposta foi: “Bem, está tudo em português, então eles podem ler”. De todas as situações com as quais já me deparei, a que mais me preocupa é a crença dos ouvintes de que o português é a ferramenta de acessibilidade para o surdo.

Vamos entender por que não?

Primeiramente, iremos, por favor, banir o termo “surdo-mudo” dos nossos dicionários. Na comunidade surda no Brasil, existem surdos oralizados e surdos libristas. Os primeiros, como eu, fizeram acompanhamento com fonoaudiólogos e foram treinados para aprender a falar. No meu caso foram quase dez anos de orientação fonoaudiológica. Qualquer surdo pode aprender a falar, e existem mecanismos para isso, como sentir as vibrações sonoras que ressoam em partes do nosso corpo (caixa torácica, nariz, garganta, bochechas). Na realidade, é um processo muito desgastante, mas possível. Os libristas comunicam-se somente por meio da

língua de sinais brasileira e não se apoiam no uso de nenhuma língua oral: a língua materna deles é a de sinais. Dessa maneira, os surdos aprendem o português como uma segunda língua, assim como aprendem o inglês ou o francês os ouvintes que falam português. A Língua de Sinais Brasileira (LSB) não é como o Braille – um código que representa e traduz o português –, mas um organismo vivo: uma língua com distância linguística substancial do Português Brasileiro (PB).

Vários pontos corroboram para o abismo entre a LSB e o PB, como as divergências encontradas em suas concepções linguísticas, lexicais, gramaticais e estruturais. Vejamos algumas dessas diferenças.

Nas línguas naturais, a relação entre as palavras e as coisas é convencional, arbitrária. Por que a palavra *garfo* representa o material de garras com o qual se come? Por que as letras e o som da palavra *garfo* fazem você pensar nesse objeto? Em algum momento e de alguma forma, convencionou-se que a sequência de sons da palavra *garfo* designaria aquele objeto de garras com o qual se come, e não uma cadeira, aquele móvel no qual nos sentamos. As línguas naturais apresentam também o fenômeno da iconicidade. Quando digo que cachorro faz “au-au”, e relógio faz “tic-tac”, existe uma motivação sonora associando as palavras e as coisas. A LSB é mais icônica do que o PB, e nesse ponto reside uma sensível diferença entre eles, apesar de a primeira também possuir sinais arbitrários. E a iconicidade dela, é claro, não é baseada em motivação sonora, mas em motivação espaço-visual.<sup>1</sup>

Assim, o PB é uma língua oral que se manifesta por meio da escrita e da oralidade, ao passo que a LSB é uma língua espaço-visual que se manifesta por meio de sinais compostos por configurações de mãos, movimentos, expressões faciais, locais do corpo onde o sinal é produzido, e orientação da palma da mão. Partindo dessas premissas, é possível perceber que os usuários das línguas espaço-visuais e os usuários de língua oral expressarão seus pensamentos e sentimentos de maneiras extremamente distintas.

O compartilhamento mais significativo da LSB e do PB está no léxico. Porém, enquanto este tem idade quase milenar e mais de 200 mil palavras, aquela tem menos de dois séculos e uma quantidade infinitamente inferior de sinais. Imagine ler um texto de alta complexidade em uma língua que não é a sua. Você não teria dificuldade com o vocabulário? Assim se sentem os surdos frente ao português.

---

1 A Língua de Sinais Brasileira, como o gentílico já diz, não é universal – existem línguas de sinais americana (American Sign Language [ASL]), francesa, japonesa, e outras. Acredito que o equívoco se deve ao fato de os sinais da LSB serem interpretados como mímicas. A LSB tem uma gramática que rege a sua organização. Assim como as línguas naturais, ela tem sinais arbitrários, cuja forma não tem correlação com o significado, em nada se assemelhando, portanto, com uma mera gesticulação. Saber que a língua é um fenômeno socialmente convencionado, nos permite entender que seria impossível haver somente uma língua de sinais no mundo – assim como é impossível haver só uma língua oral. Existe, no entanto, a tentativa de criação de uma língua mundial de sinais, o Gestuno (ou Sinais Internacionais), como é o Esperanto nas línguas orais.

No artigo “Introdução à gramática de Libras”, Felipe (1997, p. 95)<sup>2</sup> explica que na LSB “não há marca de tempo nas formas verbais; é como se os verbos ficassem na frase quase sempre no infinitivo. O tempo é marcado sintaticamente através de advérbios de tempo”. A frase *Nós iremos para casa amanhã?* seria traduzida pela sinalização “Amanhã + vamos + casa + expressão facial de dúvida”. A LSB tem uma gramática própria de línguas espaço-visuais e, por isso, não conta com vários elementos exclusivos de línguas orais, como artigos e preposições.

Quanto a sua estrutura, a LSB é uma língua naturalmente topicalizada, enquanto no PB a ordem natural é SVO (sujeito + verbo + objeto). Em uma frase como “Ontem faltei aula” a ordem da sinalização seria “Ontem + aula + falar”.

Existem estudos<sup>3</sup> que comparam os erros cometidos nas escritas produzidas por surdos e ouvintes cujo português é a segunda língua. Os especialistas identificaram que eles, além de adotarem estratégias parecidas para errarem menos – como escrever frases curtas e sem conectivos –, cometem deslizos bem similares.

Ao evidenciar essas diferenças, espero conseguir conscientizar e sensibilizar as pessoas sobre as muitas dificuldades do surdo com relação ao português e jogar alguma luz sobre o abismo que separa o mundo dos surdos e o dos ouvintes. O preconceito sofrido pelos surdos é enorme, e isso cria uma forte resistência de aceitação da língua majoritária. Ser surdo librista é viver como um estrangeiro no seu próprio país e ser obrigado, diariamente, a enfrentar barreiras de comunicação naquela casa que deveria ser a sua também.

2 FELIPE, Tanya A. Introdução à gramática da Libras. In: BRITO, Lucinda F. et al. (Org.). *Língua Brasileira de Sinais*. Brasília: SEESP, 1997. v. 3. p. 81-107. (Série Atualidades Pedagógicas, n. 4). Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002297.pdf>>. Acesso em: 8 set. 2017

3 Ver, por exemplo, UM OLHAR sobre o texto do surdo. In: SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima et al. *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*. Brasília: SEESP, 2004. v. 1. p. 118-133. (Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos). Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lpv01.pdf>>. Acesso em: 8 set. 2017.



## 2

### Reconhecimento da língua brasileira de sinais: legislação da língua de sinais e seus desdobramentos

*Ronice Müller de Quadros  
Marianne Rossi Stumpf*

No Brasil, podemos afirmar que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é reconhecida e tem sido efetivamente valorizada desde a Lei 10.436/2002, uma lei que reconhece a Libras como língua nacional das comunidades surdas brasileiras e os documentos oficiais decorrentes desta lei (tais como, o Decreto 5.626/2005 que regulamenta esta lei, assim como a Lei de Acessibilidade 01.048/2000 que foi regulamentada pelo Decreto 5.296/2005 e o atual Plano Nacional de Educação 13.005/2014, seguido pela recomendação do Grupo de Trabalho pelo decreto 1.060/2013 e 91/2013, incluindo a política de educação bilíngue para surdos – Libras e Língua Portuguesa). Todos estes documentos promovem demandas de diferentes frentes de trabalho que estão sendo implementadas em nosso país. Neste capítulo, nós descrevemos o processo de reconhecimento da Libras que está acompanhado pelas organizações dos movimentos sociais e pelas produções acadêmicas acerca da Libras que contribuem e legitimam a legislação vigente relativa à Libras.

#### 1 Contextualização da situação brasileira

O Brasil é o quinto país mais populoso do mundo, com uma história étnica e política complexa. É uma república dividida em 27 anos, com um sistema presidencialista, com três representações governamentais: o legislativo, o executivo e o judiciário. No poder legislativo tem sido discutida questões estabelecidas pelas

Organizações da Nações Unidas (ONU) e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – (UNESCO), entre elas as questões associadas aos direitos humanos e direitos linguísticos, especialmente, questões relativas às minorias sociais (ONU, 1948; 1990; UNESCO, 1994).

A partir da década de 90, instaurou-se uma discussão sobre o caso específico dos surdos brasileiros, em função da sua condição linguística, pessoas que usam uma língua de sinais, a língua brasileira de sinais (Libras). Essa discussão instaura-se no âmbito da educação, pois as declarações mundiais instigam a inclusão das pessoas com deficiência na educação considerando suas especificidades. A Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) teve um papel muito importante, porque apresenta a necessidade de garantir o acesso à educação aos surdos por meio da sua língua de sinais, reconhecendo a sua condição linguística. Paralelo a isso, os movimentos surdos no Brasil se inseriram nas discussões da Federação Mundial de Surdos que advogou na época a importância do reconhecimento da língua de sinais do país. Os surdos brasileiros se inseriram em um movimento político de reivindicação do reconhecimento da sua língua. Ao mesmo tempo, os estudos linguísticos da Libras começaram a apresentar evidências do estatuto linguístico desta língua.

### 1.1 Contextualização do movimento surdo brasileiro

Em 1981, a Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos (FENEIDA) foi fundada. A iniciativa de estabelecer uma federação nacional foi dos pais de crianças surdas. Desta forma, era uma organização comandada pelos ouvintes a partir da perspectiva da deficiência. No entanto, em 1987, uma surda se candidatou ao cargo de presidente desta federação, a Ana Regina Souza e Campello, e foi eleita. Este foi um marco histórico na organização dos movimentos dos surdos brasileiros. Pela primeira vez no país, uma pessoa surda estava à frente de uma organização nacional para representá-la formalmente enquanto surda. A partir disso, os surdos tomaram o poder da instituição e passaram então a administrá-la. Os reflexos da presença surda apresentam impacto na forma da organização dos movimentos associados a esta federação. O primeiro impacto foi sobre o nome que de FENEIDA passou a ser FENEIS, havendo a troca do termo “deficientes auditivos” para “surdos”, estabelecendo uma nova perspectiva sobre a pessoa surda a partir do seu potencial enquanto surdo, ao invés da “perda auditiva”. Neste momento, a FENEIS passa a ser filiada à Federação Mundial de Surdos (WFD), representando oficialmente as comunidades surdas brasileiras.

A FENEIS trabalha em parceria com as associações de surdos brasileiros, com cerca de 120 filiadadas desde o sul até o norte do Brasil. A FENEIS começa uma articulação social e política em todo o território nacional por meio de eventos que realiza juntamente com as suas afiliadas e em parcerias com instituições educacionais. O tema principal das palestras oferecidas pelos representantes da FENEIS está relacionado com o reconhecimento da língua de sinais e da pessoa

surda. Além desta estratégia, a FENEIS passa a representar os surdos brasileiros nas instâncias governamentais. Várias reuniões são realizadas com representantes governamentais para serem apresentadas propostas no sentido do reconhecimento da Libras e dos direitos dos surdos de acesso à educação na sua própria língua.

Na década de 90, alguns surdos conquistam os espaços universitários, mas deparam-se com muitas dificuldades, pois as universidades desconhecem as necessidades dos surdos para acompanharem as aulas. Os surdos, portanto, enfrentam a falta de intérpretes nos cursos superiores e se aliam à FENEIS para reivindicar a contratação de profissionais intérpretes de Libras e Língua Portuguesa junto ao Ministério Público Federal (MPF). Nesta ocasião, o MPF solicita uma reunião com a assessora técnica do Ministério da Educação para receber os universitários surdos, no sentido de compreenderem as suas demandas. A assessora técnica do MEC ficou surpresa em saber que havia alunos surdos nas universidades. Ela tratou de elaborar os documentos sobre a Libras e durante este processo houve muitas discussões entre o MEC e a FENEIS, resultando na proposta de inclusão da obrigatoriedade de contratação de intérpretes de língua de sinais para os alunos surdos em todos os níveis educacionais, inclusive o nível universitário. Essa conquista acarretou o aumento de alunos surdos nos cursos superiores de várias universidades em todo o Brasil.

A FENEIS continuou engajada nos movimentos políticos com o objetivo de conquistar o reconhecimento legal da Libras. Aos poucos os representantes governamentais se apropriaram das questões relativas às comunidades surdas brasileiras. O MEC ofereceu um curso para a capacitação de instrutores de Libras em Brasília, focando especialmente nas lideranças surdas brasileiras para conscientizar este grupo quanto a importância do ensino da Libras no Brasil. Neste mesmo período, o MEC ofereceu um curso de capacitação para intérpretes de Libras, garantindo a certificação destes profissionais, resultando no início do processo de valorização e respeito à Libras.

A FENEIS aliou-se também a alguns pesquisadores que começaram a estudar a Libras no país, no sentido de obter subsídios teóricos que embasassem suas reivindicações para o reconhecimento da sua língua no país. Em 2002, a Lei 10.436, popularmente chamada a Lei de Libras, é assinada pelo presidente da república e passa a vigorar no país. Em 2005, o Decreto 5.626 regulamenta a Lei de Libras, com um plano de ações para garantir a sua implementação. A FENEIS teve um papel fundamental neste processo.

A partir disso, a FENEIS criou novos escritórios regionais nos estados do Brasil para fortalecer os novos instrutores de ensino de Libras e formar novos intérpretes, e o movimento surdo foi empoderado.

## 1.2 Contextualização da educação de surdos no Brasil

Até a década de 80, a educação de surdos brasileira ainda seguia uma abordagem oralista. A partir desta década, algumas instituições educacionais come-

çaram a abrir as portas para a língua de sinais. A abordagem educacional da comunicação total começa a ser difundida entre as escolas de surdos, mas ainda de forma muito restrita. O fato desta abordagem permitir o uso da língua de sinais no espaço educacional provoca o retorno da presença de surdos nas escolas. Aos poucos, algumas escolas ainda descontentes com os resultados da educação proposta começam a estudar outras possibilidades de educação. A educação bilíngue começa a se estabelecer a partir da metade da década de 90.

Em 1997, uma escola reconhecida, a Escola Especial Concórdia, insere, pela primeira vez, a disciplina de Libras no currículo escolar em todos os níveis, da educação infantil até o ensino médio. Foi estabelecido que esta disciplina somente poderia ser ministrada por professores surdos. O objetivo foi de resgatar temas que dizem respeito a questões linguísticas, sociais, culturais, históricas e educacionais da surdez, como por exemplo: escrita da língua de sinais, história dos surdos, culturas surdas, gramática da língua de sinais, direitos humanos, entre outros temas. Houve uma grande resistência por parte dos professores ouvintes e de outras escolas, mas aos poucos, os professores ouvintes começaram a aceitar. Interessante que este processo se instaurou antes da Lei de Libras. De qualquer forma, percebe-se que o movimento nas escolas pelo retorno da língua de sinais no espaço educacional também contribuiu para o reconhecimento da Libras no país.

Em 1999, foi realizado o V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue para Surdos, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, reunindo pesquisadores dos diferentes continentes, artistas surdos e professores, totalizando aproximadamente 1.500 participantes. Esse evento foi fundamental para um encontro de surdos, pré-congresso realizado em Porto Alegre nos dias 20 a 24 de abril de 1999. Naquele momento, os surdos reuniram-se para discutir questões pertinentes aos seus direitos linguísticos e à educação de surdos. Desta discussão, resultou um documento elaborado pelos surdos: **A educação que nós surdos queremos**, que foi entregue à assessora técnica do Ministério da Educação (MEC) pelo presidente da FENEIS. O MEC assumiu a responsabilidade deste documento sobre os questionamentos e solicitações da comunidade surda. O documento reivindicava implementar o curso de professor de libras e o curso de intérprete em nível superior e a ampliação da discussão sobre Educação Bilíngue de Surdos.

O MEC convidou a diretoria da Feneis e pesquisadores da Universidade para participarem das discussões sobre a implementação do curso de ensino superior para os professores de libras e para os intérpretes de língua de sinais, assim como para a criação de centros de atendimento de surdos nos estados do Brasil e a preparação dos materiais. Esse documento ainda hoje é utilizado como parâmetro para discussões na Educação Bilíngue. Através desse esforço, os movimentos surdos ocuparam um espaço de reflexão sobre a transformação desses ambientes bilíngues e de aprendizagem significativa.

O MEC promoveu também os cursos de capacitação de instrutores de ensino da Libras e cursos para os intérpretes de Libras nos estados do Brasil e ofertou os certificados reconhecidos pelo MEC. Estes cursos não eram de nível superior,

mas foram muito importantes naquele momento da história da constituição política e linguística da comunidade surda brasileira. Estes cursos mobilizaram lideranças surdas de todo país e contribuíram para a articulação política dos surdos brasileiros que sempre estavam buscando a melhoria da educação dos surdos no Brasil.

Foi neste período que houve uma mobilização pela implantação de cursos de ensino superior nas universidades e ao mesmo tempo o MEC participou da elaboração de legislações específicas envolvendo a Libras no Brasil. Os documentos elaborados sempre incluíram a proposição da implementação da Educação Bilíngue junto às secretarias de educação dos estados. Essa educação começa a ter cunho legal por meio da formação de instrutores de Libras e de formação de tradutores e intérpretes de Libras; a distribuição de livros didáticos e paradidáticos com acesso a CD em Libras, dicionários de Libras e livros de literatura bilíngues – língua portuguesa e libras.

Um momento histórico marcado, ao mesmo tempo, pelo ingresso expressivo de professores surdos mestres e doutores nas universidades e a vivência das mudanças sociais. As tentativas de implementação de Educação Bilíngue com instrutores surdos, lutando pela condição de igualdade de contratação com os ouvintes nessas escolas tem sido constante. No entanto, ainda a educação bilíngue não é uma realidade na vida das crianças surdas brasileiras.

### 1.3 Contextualização dos estudos linguísticos da Libras

Alguns estudos sobre a Libras iniciaram no final da década de 80 e década de 90 (por exemplo, Ferreira-Brito, 1984, 1990, 1995; Quadros, 1995, 1999; Karnopp, 1994, 1999). Estes estudos tiveram um impacto importante na proposição do reconhecimento da Libras, pois subsidiaram cientificamente os argumentos quanto ao estatuto linguístico desta língua na elaboração da Lei de Libras reivindicada pelos movimentos surdos, representados pela FENEIS.

As pesquisas com a Libras têm se fortalecido com a política que a reconhece como língua nacional no Brasil. Além disso, o fato de dispormos de ferramentas tecnológicas que favorecem a análise de produções em sinais também se tornou um aliado na produção de pesquisas com Libras. Os avanços metodológicos têm possibilitado um estudo mais detalhado e aprofundado da Libras. Também está sendo constituído o Corpus de Libras (Quadros, 2015, 2017). A pesquisa oferece como produto: i) um corpus de Libras para ser utilizado em pesquisas e em outras finalidades aplicadas; ii) um conjunto de diretrizes para o registro e arquivamento de dados e metadados relativos ao uso da libras; e iii) um programa online para acesso aos dados e metadados do corpus ([www.corpuslibras.ufsc.br](http://www.corpuslibras.ufsc.br)). Essa área se amplia também com a presença de vários novos pesquisadores, muitos dos quais são surdos, atualmente produzindo suas dissertações e teses de doutorado sobre a Libras. Portanto, vemos a presença de surdos no espaço das produções de pesquisas sobre a Libras crescendo significativamente nos últimos anos (a exemplo,

Perlin, 2003; Stumpf, 2005; Miranda, 2007; Vihalva, 2009; Adriano, 2010; Gripp, 2010; Schmitt, 2013; Silva, 2013; Zancanaro, 2013; Wanderley, 2012, 2017; Machado, 2012, 2017). A presença surda nas pesquisas empodera os movimentos surdos, pois os próprios surdos passam a tomar a frente das decisões e encaminhamentos no campo da surdez.

## 2 Políticas Linguísticas e a Libras

As políticas linguísticas brasileiras estabeleceram um novo rumo para o reconhecimento das línguas brasileiras a partir de 2010, até então, uma política monolíngue com reconhecimento oficial da Língua Portuguesa. O governo federal estabelece o Inventário Nacional da Diversidade Linguística que é instituído pelo Decreto 7.387/2010, *um instrumento de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira*. O INDL, portanto, envolve um conjunto de ações para registrar as línguas nacionais e estabelecer políticas que garantam o uso das línguas identificadas pelas comunidades brasileiras. Esta ação aplica-se à Libras, assim como a quaisquer outras línguas nacionais, inclusive línguas de sinais de vilarejos ou comunidades indígenas.

No entanto, mesmo antes do estabelecimento desta política linguística nacional, já houve ações de reconhecimento de espaços linguísticos de diferentes comunidades brasileiras. Entre elas, a comunidade surda brasileira conquistou a Lei de Libras (Lei 10.436), no ano de 2002. Esta lei é bem objetiva, ela reconhece a Libras como língua usada pelas comunidades surdas brasileiras e indica a garantia de acesso aos órgãos públicos e educação aos surdos na Libras em quatro artigos:

Lei 10.436/2002

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de for-

mação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais – Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, conforme legislação vigente.

Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

Apesar do reconhecimento da Libras enquanto língua nacional, esta lei inclui um parágrafo único final alertando que esta língua não pode substituir a modalidade escrita da Língua Portuguesa. Este parágrafo remonta a política monolíngue instaurada desde o período da colonização brasileira, mantendo assim o estatuto da Língua Portuguesa de supremacia, mesmo ao reconhecer a existência de outra língua nacional, a Libras. Este parágrafo apresenta algumas consequências para os surdos brasileiros. A mais importante é o estabelecimento da educação bilíngue, reconhecendo a Libras como língua de instrução e de ensino e a Língua Portuguesa escrita, como segunda língua que deve ser ensinada aos surdos nas escolas. Em alguns estados, este parágrafo tem se tornado um problema para os surdos, pois acabam determinando o uso do português escrito em alguns contextos que excluem os surdos do acesso de forma equitativa aos diferentes espaços públicos.

Este tipo de encaminhamento é estabelecido em alguns documentos oficiais. O Decreto 5.626 de 2005 é uma regulamentação da Lei de Libras, uma espécie de planejamento linguístico para a implementação da Lei de Libras. As ações indicadas pelo decreto são as seguintes:

#### Síntese do decreto 5.626/2005

- 1) A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores.
- 2) A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional.
- 3) A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior.
- 4) A formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngue.
- 5) As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação de docentes para o ensino de Libras e nos cursos de formação bilíngue.
- 6) As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior.

- 7) A formação do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa.
- 8) As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de:
  - I - escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;
  - II - escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa.

A implementação efetiva do decreto está impactando diretamente na vida dos surdos brasileiros. Todos os alunos que estejam se formando para se tornarem professores em quaisquer áreas (matemática, física, química, biologia, professores de inglês, francês, espanhol, etc.) contam com, pelo menos, uma disciplina de Libras em sua formação. Esta inclusão nos currículos de formação de professores em todas universidades brasileiras gerou um novo campo de atuação para professores de Libras. Com isso, a formação destes professores também se estabelece. O Curso de Letras Libras se torna uma realidade a partir de 2006, por meio de um projeto aprovado pelo governo federal de formação a distância. A partir de 2006, já foram formados mais de 1.000 professores de Libras, em nível superior (4 anos de graduação). A própria criação do curso que hoje já existe em 27 universidades federais brasileiras foi uma forma concreta de valorização e reconhecimento do estatuto linguístico da Libras, uma vez que é estabelecida como um curso de Letras (cursos que formam professores de línguas). No Brasil, o professor de português fez Letras Português, o professor de inglês fez Letras Inglês, o professor de espanhol fez Letras Espanhol e, agora, o professor de Libras fez Letras Libras.

O Curso de Pedagogia Bilíngue (Libras e Língua Portuguesa), curso que forma professores da educação básica séries iniciais, está começando a ser oferecido em alguns estados brasileiros. Este curso está previsto no Decreto 5.626, mas ainda requer políticas que fomentem o seu estabelecimento, assim como aconteceu com o Curso de Letras Libras. Este curso é muito importante, pois é este profissional que irá atuar com as crianças surdas a partir de uma perspectiva bilíngue, conforme previsto também pelo decreto.

Uma outra consequência concreta do decreto, foi a inclusão da educação bilíngue para surdos no Plano Nacional de Educação votado em 2014 por meio da Lei Federal 13.005/2014. Esta lei estabelece uma política de Educação de Surdos ampla e diversificada, que oficializa e legaliza as escolas bilíngues para surdos com provisão de recursos públicos. A Escola Bilíngue é uma síntese do que há muitos anos tem-se priorizado como demanda da comunidade surda brasileira; é a representação do

que nas duas últimas décadas vem sendo descrito, relatado e analisado nos trabalhos acadêmicos, cada dia mais expressivos em quantidade e qualidade; e, por fim, é uma instituição que passa a fazer parte da sociedade brasileira, com a histórica e expressiva conquista do Movimento Nacional em Favor da Educação e da Cultura Surda, liderado pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS.

Todas estas ações determinaram o reconhecimento da Libras em várias instâncias públicas no Brasil. Os surdos brasileiros estão mais presentes nos diferentes espaços sociais e estão mais e mais a frente das decisões que envolvem os próprios surdos e as ações que determinam o seu exercício de cidadania. Há, no entanto, ainda muitas questões a serem conquistadas.

No período de 2013-2014, a partir destes movimentos surdos associados às pesquisas e observando-se as experiências nas escolas, foi elaborado o Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa que conta com a sistematização das ações e legislação em prol da condição bilíngue dos surdos. Este relatório foi elaborado com respaldo do MEC, por meio de portarias institucionalizadas: Portarias 1.060/2013 e 91/2013 para a elaboração deste documento (Relatório sobre a educação bilíngue para surdos, 2014). No entanto, tais proposições ainda não foram implementadas.

Neste mesmo ano, o Plano Nacional de Educação (PNE) foi votado e aprovado por meio da Lei 13.005/2014. O PNE é o planejamento de ações no campo da educação que o governo brasileiro estabelece a cada 20 anos. Nesta última proposição, a educação bilíngue foi contemplada por meio de uma meta:

Meta 4.7 do Plano Nacional de Educação - Lei 13.005/2014

Garantir a oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS como primeira língua e na modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, aos (às) alunos (as) surdos e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezesete) anos, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos do art. 22 do Decreto no 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e dos arts. 24 e 30 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, bem como a adoção do Sistema Braille de leitura para cegos e surdos-cegos.

O PNE cita a Convenção sobre os Direitos da Pessoas com Deficiência, na qual está especificado a questão do acesso à educação e ao lazer na língua de sinais, destacando-se a “promoção da identidade linguística da comunidade surda”:

Trecho da Convenção sobre os Direitos da Pessoas com Deficiência que cita a língua de sinais na educação:

Art. 24 b) A facilitação da aprendizagem de língua de sinais e a promoção da identidade linguística da comunidade surda; c) A garantia de que a educação das pessoas, e em particular das crianças, que são cegas, surdas ou surdas-cegas, é ministrada nas línguas, modo e meios de comunicação mais apropriados para o indivíduo e em ambientes que favoreçam o desenvolvimento acadêmico e social. (grifos das autoras)

O governo federal brasileiro, portanto, assume a tarefa de viabilizar e estabelecer a educação bilíngue para surdos no plano atual de educação. A inclusão desta meta foi uma conquista da FENEIS associada à academia que respalda cientificamente as reivindicações dos surdos brasileiros, no sentido de garantir a aquisição da linguagem, agora prevista pela meta quando afirma que a educação deve ser implementada de 0 a 17 anos de idade, assim como o desenvolvimento escolar na língua de sinais e o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua na modalidade escrita. O PNE está em vigor, mas ainda não há ações concretas de implementação da educação bilíngue na rede básica de ensino.

Na década atual, diante de todas estas conquistas, as lideranças surdas incluem surdos acadêmicos, mestres e doutores em diferentes áreas de atuação, vários educadores e linguistas, que se articulam para reivindicar as questões que ainda merecem mais atenção por parte dos gestores que planejam a implementação das ações pertinentes relacionadas com as causas das minorias sociais.

No caso dos surdos brasileiros, as lideranças surdas estão encaminhando formalmente um documento aos representantes públicos para providências concretas que garantam a legitimação das ações previstas pelo Decreto 5.626/2002 e o Plano Nacional de Educação que ainda precisam de uma ação mais efetiva para garantir aos surdos seus direitos.

A pauta do documento inclui os seguintes pontos:

#### Documento das lideranças surdas brasileiras (2017)

#### PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO

##### 2.1 NO ÂMBITO ACADÊMICO

- Provas em Libras
- Prioridade aos professores surdos para o ensino de Libras
- Candidatos ouvintes devem realizar as provas em Libras para os cargos que envolvem o ensino de Libras e a educação bilíngue
- Tradução de materiais acadêmicos para a Libras
- Criação do cargo de assessor textual (Libras e Língua Portuguesa) para os professores surdos disponibilizarem suas produções em Língua Portuguesa
- Criação do cargo de intérprete tátil para os surdos-cegos
- Promoção de desenvolvimento de pesquisas com a Libras com a presença de pesquisadores surdos
- Promoção de exames de proficiência em Libras

##### 2.2 NO ÂMBITO EDUCACIONAL

- Estabelecimento de gestores bilíngues e surdos na comunidade escolar
- Assegurar a aquisição da Libras pelos bebês surdos com profissionais surdos
- Difundir a Libras em toda comunidade escolar
- Assegurar a prioridade aos educadores surdos na educação bilíngue para surdos
- Assegurar intérpretes tátil para os surdos-cegos
- Reestruturar os projetos político-pedagógicos das escolas bilíngues incorporando a consolidação da identidade linguística da comunidade surda na educação

- Ofertar preparação para o ENEM em Libras
  - Estender a obrigatoriedade da Libras aos profissionais da área da saúde
- 2.3 NO ÂMBITO SOCIAL
- Estabelecer centrais de atendimento ao surdo nas prefeituras
  - Implementar validações de cursos de formação com a participação das representações dos surdos (FENEIS) e dos tradutores e intérpretes (FEBRAPILS)
  - Estabelecer um sistema de registro dos profissionais tradutores e intérpretes de Libras e Língua Portuguesa
  - Efetivar os seguintes profissionais que vão atuar em diferentes espaços na educação, na saúde e demais espaços públicos e privados para garantir a acessibilidade das pessoas surdas:
    - Intérprete de Libras-Português
    - Intérprete Tátil
    - Intérprete Surdo
    - Tradutor (escrita e videoLibras)
    - Assessor textual (Libras e Língua Portuguesa)
  - Garantir o acesso das pessoas surdas em diferentes áreas de formação
  - Implementar cursos de liderança aos surdos
- 2.4 NO ÂMBITO GOVERNAMENTAL
- Implementar todos os concursos públicos em Libras
  - Efetivar tradutores e intérpretes de Libras e Língua Portuguesa de nível superior
  - Estabelecer as bases curriculares para o ensino de Libras como L1 e como L2
  - Estabelecer uma comissão de representantes surdos e acadêmicos permanentes para definir políticas públicas envolvendo os surdos

Neste documento formal, as lideranças surdas estão apresentando um manifesto que em si desafia os gestores e implementarem ações decorrentes da legislação vigente.

Quanto às outras línguas de sinais brasileiras, o INDL está incentivando a realização da identificação e inventário destas línguas para que sejam estabelecidas políticas linguísticas específicas para a devida valorização deste patrimônio cultural linguístico brasileiro. Há uma preocupação especial em relação às línguas que apresentam riscos de sobrevivência. Segundo Quadros e Silva (no prelo), o conhecimento sobre as variedades de línguas de sinais faladas no Brasil, como no caso de muitos outros países, é escasso, mesmo que consideremos todo o arcabouço legal existente que vem fortalecendo a luta das comunidades surdas do país. Pensar em variedade de línguas de sinais é pensar em grupo de sujeitos que se comunicam utilizando a mesma forma de expressão e comunicação. As autoras apontam que para além da comunidade surda brasileira que usa a língua brasileira de sinais, a Libras, uma língua de sinais nacional, existem várias comunidades surdas brasileiras locais pertencentes às comunidades locais e indígenas de diferentes regiões do Brasil. Tais comunidades com suas respectivas línguas apresentam diferentes níveis de vitalidade linguística que podem ser consideradas em risco por serem co-

munidades pequenas, integrando poucos usuários da respectiva língua de sinais. A ação urgente é de estabelecer políticas linguísticas que fortaleçam tais línguas no sentido de garantir a pluralidade linguística das línguas de sinais brasileiras. O bilinguismo, portanto, constitui-se para além do par Libras e Língua Portuguesa, passando a incluir várias outras línguas de sinais nas respectivas regiões.

De acordo com Quadros e Leite (2014) é a documentação que permitirá não apenas às comunidades usuárias dessas línguas, mas a toda população do país, reconhecer o valor e a riqueza de suas particularidades linguísticas e das perspectivas culturais nelas imbuídas. Os autores, acrescentam ainda que esta documentação é um ponto de partida, portanto, para a promoção da diversidade linguística e cultural como um patrimônio da humanidade.

Outro fator importante decorrente do Decreto 5.626/2005 foi o acesso dos surdos às universidades. O decreto prevê a garantia aos surdos de acesso à diferentes espaços, incluindo salas de aulas e espaços acadêmicos, por meio da Libras, sua primeira língua. Assim, algumas universidades começaram a realizar provas de seleção em Libras e também contar com a presença de intérpretes de língua de sinais e língua portuguesa.

Alguns dos exemplos são os Programas de Pós-Graduação em Linguística e Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina, nos quais as provas de seleção são previamente traduzidas para a Libras e os candidatos às vagas de mestrado e doutorado realizam as provas no formato de vídeo-prova com um computador assistindo as questões, preparam as respostas e filmam em Libras suas respostas. Os candidatos também podem apresentar suas propostas de pesquisa em Libras gravando seus projetos em pendrive para ser avaliada pela banca. Ao ingressarem no curso, os alunos podem dispõem de aulas ministradas diretamente em Libras e aulas com a presença de intérpretes de língua de sinais. Eles também podem realizar suas avaliações na própria Libras. As dissertações e teses também podem ser elaboradas exclusivamente em Libras, apresentando a opção de legenda ou áudio em português. O princípio é de que português não pode ser fator de exclusão dos alunos surdos. Estas ações decorrem da legislação que estabelece a acessibilidade aos surdos por meio da Libras na educação. Temos um exemplo recente de tese em Libras publicado na internet por meio de uma página aberta ao público com livre acesso, é a tese de Machado (2017), disponível em [antologiapoe-ticals.com.br](http://antologiapoe-ticals.com.br). Esta tese foi elaborada exclusivamente em Libras. A autora é surda e produziu milhares de vídeos para retratar cada trecho de reflexão e análise de sua tese. É uma tese que propõe uma Antologia de Poemas em Libras. Os vídeos foram revistos e refeitos várias vezes até se chegar nesta versão final que se apresenta com formato acadêmico compatível com o nível de formação. A produção de uma tese em Libras é altamente trabalhosa, pois o texto em Libras é eminentemente “oral”, ou seja, não se apresenta no formato escrito. Assim, o processo de edição de um texto oral apresenta outras características e envolve edição, filmagens e reedições sistemáticas. Para isso, Machado criou uma sistemática de produzir seus vídeos em trechos em torno de 1 minuto. Assim, ao refazer um vídeo, a autora substitui

apenas os trechos necessários. Ao final de cada capítulo, a autora reeditava e produzia o capítulo na íntegra em Libras. Antes desta produção, houve também uma dissertação de mestrado em Libras que foi publicada em DVD (Pimenta, 2014). A proposta de Machado (2017) é ainda mais audaciosa e revoluciona as produções de teses por meio do uso da tecnologia disponível, tornando as produções acadêmicas mais acessíveis e instigando mudanças nos formatos de apresentação de tese.

Estes cursos contam com a presença de professores surdos e ouvintes bilíngues, com formação acadêmica compatível, ou seja, a grande maioria é doutor. Estes professores tornaram-se um exemplo para a comunidade surda acadêmica de compartilhamento do conhecimento. Houve um grande avanço a partir de entrada desses profissionais nos cursos de mestrado e doutorado, possibilitando a formação de professores e de pesquisadores surdos junto à comunidade científica.

No período de 2004 a 2017, a Universidade Federal de Santa Catarina formou 38 mestres surdos e 10 doutores surdos, sendo que alguns vieram de outros estados do Brasil fazer sua formação, pois outras universidades ainda não oferecem as condições de acesso aos surdos.

Outro exemplo é das provas para ingresso na universidade. No Brasil, os estudantes precisam prestar o vestibular, uma prova específica para ingressar nas universidades brasileiras. O vestibular é realizado por cada universidade brasileira e compreende questões de conhecimentos escolares de ciências exatas, ciências sociais e linguagem. Atualmente, o governo brasileiro implementou também um exame nacional (ENEM) que tem sido usado para ingresso por várias universidades no país. A Universidade Federal de Santa Catarina foi a primeira universidade a oferecer o vestibular em Libras, em 2006 para selecionar candidatos para o Curso de Letras Libras. Este evento constituiu uma inovação nas formas de elaboração e apresentação do exame em Libras.

Quadros, Stumpf e Oliveira (2011) sobre a prova em formato de vídeo em libras:

O vídeo previamente filmado é exibido para todos os candidatos de forma que se tenha uma tradução igual para todos. Por isso, um roteiro de sequência de vídeos, vinhetas, contagem regressiva na tela, instruções e reapresentação é definido e seguido. No caso específico das provas do vestibular a que remetemos, há duas pessoas que sinalizam. Uma pessoa faz as perguntas em Libras, e a outra pessoa faz as respostas (A, B, C e D) para o candidato assinalar a resposta correta. Os candidatos assistem às perguntas e às alternativas e marcam a opção escolhida em um papel em branco: A ou B ou C ou D.

A prova de língua portuguesa como segunda língua é elaborada por professores de língua portuguesa que conhecem profundamente as estruturas de português escrito por surdos. Seu formato é diferenciado, pois são propostos textos visuais para análise e interpretação pelos candidatos. No ano de 2008, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva reconheceu a diferença linguística dos Surdos, assegurando:

Para o ingresso dos alunos surdos nas escolas comuns, a educação bilíngue – Língua Portuguesa/Libras desenvolve o ensino escolar na Língua Portuguesa e na língua de sinais, o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua na modalidade escrita para alunos surdos, os serviços de tradutor/intérprete de Libras e Língua Portuguesa e o ensino da Libras para os demais alunos da escola. O atendimento educacional especializado para esses alunos é ofertado tanto na modalidade oral e escrita quanto na língua de sinais. Devido à diferença linguística, orienta-se que o aluno surdo esteja com outros surdos em turmas comuns na escola regular (BRASIL, 2007, p. 11).

O vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina passou a traduzir todas as provas do vestibular geral para todos os cursos da universidade desde 2012. Esta ação viabilizou o ingresso de surdos em diferentes cursos da universidade, uma das universidades mais importantes do país. Uma das justificativas para a não adoção do exame nacional por esta universidade pautava-se no fato do ENEM não estar sendo realizado em Libras, inviabilizando a acessibilidade aos surdos brasileiros. A FENEIS abriu uma ação contra o Estado para garantir que as provas do ENEM fossem previamente traduzidas para a Libras, seguindo o modelo já aplicado pela Universidade Federal de Santa Catarina. O juiz foi favorável a ação proposta pela FENEIS e determinou a tradução das provas para a Libras. A partir de 2017, as provas do ENEM passam então a serem também disponibilizadas em Libras para os candidatos surdos. Esta foi uma grande conquista da comunidade surda brasileira, pois viabiliza o acesso às universidades brasileiras aos surdos, garantindo o que está previsto em lei.

Outra ação decorrente do Decreto 5.626/2005, foi a instauração de concursos públicos em Libras. No Brasil, as instituições públicas brasileiras são obrigadas a abrir suas vagas ao público em geral que poderá se candidatar a estas vagas passando pelo ritual do concurso público. Entre as várias etapas de um concurso público, há a prova de seleção e a prova didática, para concursos para professor. Estas provas são, normalmente, realizadas na Língua Portuguesa. Com a necessidade de garantir a acessibilidade aos candidatos surdos, várias instituições começaram a realizar as provas em Libras. Neste caso, as provas de conhecimento e as provas didáticas são realizadas em Libras. Além disso, tem sido bastante frequente, a presença de professores surdos nas bancas de seleção desses candidatos quando as vagas são para áreas específicas que envolvem a Libras, por exemplo, ensino de Libras e tradução e interpretação de Libras e Língua Portuguesa. Reis (2015), uma pesquisadora surda, concluiu a sua tese “A docência na Educação Superior: narrativas das diferenças políticas de sujeitos surdos”, apresentando mais de 174 professores surdos efetivados por meio de concurso público desde 1997 até 2015 nas Universidades Públicas diferenciadas.

Alguns destes professores concursados para vagas de libras ministram aulas de Libras em cursos de graduação como disciplina obrigatória nos cursos que formam professores (licenciaturas) e no curso de Fonoaudiologia; assim como também atuam nos cursos de Letras Libras para formar profissionais

para o ensino de Libras e para a tradução e interpretação na Educação Básica e na Educação Superior. A obrigatoriedade do oferecimento de Libras na formação dos professores de todas as áreas da educação está também estabelecida no Decreto 5.626/2005. Assim, uma outra consequência deste decreto foi abrir espaços de atuação aos professores de Libras nas universidades brasileiras, especialmente, nas universidades públicas, garantindo o ingresso de vários professores surdos no espaço acadêmico. Uma outra consequência desta legislação foi a oportunidade dada a todos os futuros professores em conhecer a Libras e a comunidade surda brasileira. Isso está impactando diretamente na valorização da Libras em diferentes espaços acadêmicos e na educação em geral.

Apresentamos a seguir, um recorte de um dos trechos coletados por Reis (2015) sobre a conquista de se tornar professor federal, um cargo conquistado mediante concurso público.

Mas não estaria aqui sem o apoio da minha família, amigos e também da UFSC pelos maravilhosos professores que tive durante o curso de Letras Libras. Mais um sonho conquistei: Professora Federal (Thaís Abreu, Status do Facebook, 2015; em Reis, 2015:50).

As narrativas dos professores surdos confirmam e reforçam as conquistas advindas da Lei de Libras e do Decreto 5626/2005, abrindo espaço para a construção de uma nova perspectiva da educação Bilíngue. No aspecto social, possibilitaram a compreensão do que é ser surdo e a valorização da libras pela sociedade.

### 3 Tensão e negociação

Apesar das conquistas da comunidade surda a partir da década de 90 devidamente legitimadas por meio de legislação específica, tais movimentos sempre estiveram imersos em meio a tensões. As conquistas dos movimentos surdos e os avanços das pesquisas científicas nos campos da educação, da linguística e dos estudos da tradução têm contribuído significativamente para os avanços em relação à Libras, à educação bilíngue e ao exercício da cidadania dos surdos brasileiros. No entanto, todas essas conquistas estão diante de embates que são decorrentes das relações assimétricas de poder ocupadas pelas línguas e pela sociedade.

Uma tensão histórica está no campo da educação especial. Apesar de todos os avanços em relação às políticas linguísticas no reconhecimento e valorização da Libras, na educação ainda há entraves que se constituem a partir da visão da deficiência. No campo educacional, a educação especial advoga pela “inclusão” a partir da perspectiva da “educação para todos” considerando os surdos a partir da deficiência. Nesta visão, os surdos são pessoas que “precisam se integrar a sociedade” e, portanto, a língua de sinais passa a ser uma ferramenta para que isso aconteça. A visão da identidade linguística da comunidade surda se perde em favor da comuni-

dade escolar ouvinte, na Língua Portuguesa. Os gestores advogam, portanto, uma inclusão que exclui os surdos, apesar de acreditarem que estejam incluindo os surdos, até mesmo com a língua de sinais. Esta perspectiva equivocada é denunciada pelos próprios surdos, por meio dos movimentos surdos aliados aos achados das pesquisas sobre educação de surdos. Mas, mesmo assim, os gestores estão completamente convencidos de que o melhor para os surdos não é o que eles querem.

Isso depende muito da gestão, pois houve um momento histórico citado na seção de contextualização dos movimentos surdos em que o governo federal recebeu o documento elaborado pelos surdos sobre “a educação que nós surdos queremos” e procurou implementar ações efetivas para realizar esta educação. Os Centros de Atendimento aos Surdos (CAS) foram estabelecidos, houve a formação de instrutores surdos, de educadores e de tradutores e intérpretes de Libras e Língua Portuguesa. Estes passos foram importantes e impactaram de tal forma culminando na Lei de Libras 10.436/2002, no Decreto 5.626/2002 e no PNE Lei 13.005/2014. Esta gestão passou e a legislação continuou sendo implementada em diferentes instâncias da sociedade. Várias conquistas da comunidade surda são decorrentes deste momento histórico e das legislações que foram estabelecidas. No entanto, ainda a tensão no campo da educação permanece. As lideranças surdas identificam que um dos problemas que permanece envolve a educação básica. As crianças surdas ainda não estão tendo acesso a educação devidamente agrupadas e na sua língua. A garantia de de promoção da identidade linguística da comunidade surda prevista no PNE ainda não está sendo efetivamente implementada.

A questão da educação básica ainda é uma questão que requer ações concretas de implementação. Os movimentos surdos historicamente reivindicam a educação bilíngue para surdos e os gestores insistem em práticas educacionais paliativas. A proposta de inclusão simplifica a inclusão dos surdos à presença de intérpretes de língua de sinais. Essa simplificação exclui os surdos, pois a educação é um acontecimento no grupo, na relação com os pares, na interação com os outros (no plural). É muito importante o agrupamento dos surdos para garantir a educação enquanto acontecimento, mesmo que este agrupamento esteja também inserido no agrupamento de crianças ouvintes. As ações focam na língua e perdem a questão da identidade e comunidade surda.

A negociação por parte da comunidade surda por meio dos movimentos sociais é uma meta permanente, mas percebe-se que as relações assimétricas de poder, muitas vezes a inviabilizam. Quando os gestores não querem “ver” os surdos, fica muito difícil estabelecer o processo de negociação. Os surdos não conseguem manifestar a educação que querem por nem mesmo serem recebidos. Em alguns casos é ainda mais perverso, os gestores permitem a manifestação dos surdos e, simplesmente, a ignoram, mantendo suas proposições de inclusão na perspectiva de que os surdos são como quaisquer outros deficientes que precisam ter o direito de acesso à educação para todos. Em nome desta proposição de inclusão, os surdos continuam sendo excluídos, perdidos em meio aos ouvintes, sem uma identidade linguística própria.

Esta tensão, é a mais difícil de ser superada no Brasil. Nós acreditamos que esta dificuldade se impõe, especialmente, por causa da relação assimétrica de poder. Os surdos continuam sendo uma minoria linguística-social. Dependendo dos gestores, eles fazem parte das decisões e da implementação da educação de surdos ou não. Portanto, os surdos devem se manterem atentos a real ameaça imposta por quem detém o poder das decisões. A vigilância deve ser permanente no campo das negociações em relações assimétricas de poder.

## 4 Desafios para o futuro

Os desafios para o futuro brasileiros quanto às questões que envolvem as comunidades surdas estão relacionados, especialmente, com a implementação da educação bilíngue. A legislação é promissora, mas ainda precisa ser colocada em prática. A implementação da meta 4.7 é o desafio que já está posto. Junto à meta, o relatório sobre a implementação da educação bilíngue com proposições concretas deve ser colocado efetivamente em ação. Para isso, a negociação dos representantes da comunidade surda, por meio da FENEIS, precisa ser estabelecida com os gestores da educação. O desafio é convencer os gestores de que a interpretação deles da legislação quanto ao que significa a educação bilíngue para surdos precisa ir além no sentido de garantir a identidade linguística da comunidade surda na educação. A implementação do PNE requer a criação de ambientes bilíngues nas comunidades escolares. Isso requer a presença de educadores surdos. Este é o grande desafio das políticas públicas brasileiras para a educação de surdos.

Para além do âmbito escolar, ainda há desafios identificados pelas lideranças surdas brasileiras que impõem outros tipos de desafios. As relações entre os surdos e os ouvintes apresentam muitos conflitos que envolvem relações assimétricas de poder. Os espaços do mercado de trabalho são disputados entre surdos e ouvintes gerando conflitos reais nas relações. Os surdos sentem-se ameaçados pelos ouvintes que aprenderam a Libras, pois estes começam a ocupar posições que poderiam (deveriam) ser ocupadas pelos surdos. Um dos grandes desafios envolve a discussão sobre a quem pertence a Libras. Os surdos falam sobre os ouvintes “roubarem a Libras” deles. Estas discussões são profundas e desafiadoras e parecerem ser recorrentes nas zonas de contato entre surdos e ouvintes. A Federação Mundial de Surdos (WFD) e a Federação Internacional de Intérpretes de Línguas de Sinais (WASLI) estabeleceram um acordo de cooperação reconhecendo a primazia das organizações de surdos para o desenvolvimento político, cultural e educacional das línguas de sinais. A WFD também recomenda que pessoas surdas devem ser priorizadas no ensino de línguas de sinais, assim como serem consideradas as pessoas de referência cultural e linguística de suas respectivas línguas de sinais. Essas recomendações precisam ser consideradas pelas pessoas ouvintes que escolhem trabalhar com a língua de sinais, pois envolve questões éticas que quando infringidas geram conflito com a comunidade surda.

A partir da zona de conflitos, as políticas afirmativas são desafiadoras. O Decreto 5.626/2002 estabelece que os surdos têm a prioridade na formação para o ensino da Libras. Com isso, vários surdos se formaram como professores, mas quando chegavam no mercado de trabalho, os ouvintes acabavam ocupando as posições para o ensino de Libras. Então, o PNE 13.005/2014 estabeleceu que os surdos têm a prioridade para o ensino da Libras. Agora, o desafio é implementar esta prioridade que está sendo dada legalmente aos surdos. No entanto, os conflitos entre os profissionais surdos e ouvintes permanece. Este é um grande desafio a ser enfrentado no Brasil.

## Referências

ADRIANO, N. A. (2010) *Sinais Caseiros: uma exploração de aspectos linguísticos*. Dissertação do mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

DIREITOS HUMANOS DAS PESSOAS SURDAS: PELA EQUIDADE SOCIAL, CULTURAL E LINGUÍSTICA (2017) Documento elaborado pelas lideranças surdas do Brasil. Colocar o link

FERREIRA-BRITO, L. (1984) *Similarities and Differences in Two Sign Languages*. Sign Language Studies. 42: 45-46. Linstok Press, In: Silver Spring, USA.

FERREIRA-BRITO, L. (1990) *Epistemic, Alethic, and Deontic Modalities in a Brazilian Sign Language*. In: S.D. Fisher and P. Siple (eds.) *Theoretical Issues in Sign Language Research*. Vol. 1. University of Chicago Press. 1990.

FERREIRA-BRITO, L. (1995) *Por uma gramática de línguas de sinais*. Tempo Brasileiro. UFRJ. Rio de Janeiro.

GRIPP, H. (2010) *A história da Libras: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Centro de Comunicação e Expressão – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

KARNOPP, L. B. (1994) *Aquisição do Parâmetro Configuração de Mão dos Sinais da LIBRAS: estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras e Artes. PUCRS. Porto Alegre.

KARNOPP, L. B. (1999) *Aquisição fonológica na Língua Brasileira de Sinais: estudo longitudinal de uma criança surda*. Tese de Doutorado. PUCRS. Porto Alegre.

MACHADO, Fernanda de Araújo. (2013) *Poética Visual em interface com a língua de sinais brasileira*. Dissertação de Mestrado - Centro de Comunicação e Expressão - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

MACHADO, Fernanda de Araújo. (2017) *Antologia da Poética em Língua de Sinais Brasileira*. Tese de Doutorado. Centro de Comunicação e Expressão - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

MIRANDA, W. (2001) *Comunidade dos Surdos olhares sobre os contatos culturais*. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MIRANDA, W. (2007) *A experiência e a Pedagogia que nós surdos queremos*, Tese de Doutorado. UFRGS, Porto Alegre.

NASCIMENTO, S. P. F. do & COSTA, M. (2014) Movimentos surdos e os fundamentos e metas da escola bilíngue de surdos: contribuições ao debate institucional. [Deaf movements and the bases and goals of bilingual schools for the deaf: contributions to the institutional debate]. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 159-178. Editora UFPR.

PERLIN, G. T. T. (1999) *Histórias de Vida Surda: Identidades em questão*, Dissertação de Mestrado: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PERLIN, G. T. T. (2003) *O ser e o estar sendo surdo: alteridade, diferença e identidade*, Tese de Doutorado. UFRGS, Porto Alegre.

QUADROS, R. M. de. (1995) *As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na língua de sinais brasileira e reflexos no processo de aquisição*. Dissertação de Mestrado. PUCRS. Porto Alegre.

QUADROS, R. M. de (1999) *Phrase structure of Brazilian sign language*. Tese de Doutorado. PUCRS. Porto Alegre.

QUADROS, R. M. de. (1997) *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Artes Médicas. Porto Alegre.

QUADROS, STUMPF, M. R.; OLIVEIRA, J. S. Avaliação de Surdos na Universidade. In: Otilia Lizete de O.M. Heinig e Cátia de Azevedo Fronza. (Org.). *Diálogos entre Linguística e Educação*. 222 ed. Blumenau: Edifurb, 2011, v. 2, p. 183-200.

QUADROS, R. M. de (2017) A transcrição de textos do Corpus de Libras. *Revista Leitura*, n.58, volume 1. Maceió.

QUADROS, R. M. de. Documentação da Libras. (2016) In: *Seminário Ibero-Americano de Diversidade Linguística*, 2014, Foz do Iguaçu. Brasília: IPHAN - Ministério da Cultura. v. 1. p. 157-174.

QUADROS, R. M. & LEITE, T. A. Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação. In: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R.; LEITE, T. A. *Estudos da Língua Brasileira de Sinais II*. Florianópolis. Ed. Insular. 2013. p. 15-28.

QUADROS, R. M. & SILVA, D. S. (no prelo) *As comunidades surdas brasileiras. Em Comunidades surdas na América Latina: Língua – Cultura – Educação – Identidade* (Organizadoras: Romana Castro Zambrano e Cleide Emília Faye Pedrosa).

REIS, Flaviane. (2015) *Os Professores Surdos na Educação Superior*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia.

SCHMITT, Deonísio. (2013) *A história da língua de sinais em Santa Catarina: contextos sócio-históricos e sociolinguísticos de surdos de 1946 a 2010*. Tese de Douto-

rado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

SILVA, Rodrigo Custódio da. (2013) *Indicadores de formalidade no gênero monológico em libras. Dissertação do mestrado*. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

STUMPF M. (2005) *Aprendizagem da escrita da Língua de Sinais pelo Sistema Signwriting: Línguas de Sinais no papel e no computador*. Tese (Doutorado em Informática na Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

ONU (1948) *Declaração Universal dos Direitos do Homem*. Assembleia Geral das Nações Unidas, 12.

ONU (1990) *Declaração Mundial de Educação para Todos*. Conferência de Jomtien, Tailândia. UNICEF.

UNESCO (1994). *Declaração Mundial de Educação para Todos e Plano de Ação para Satisfazer as Necessidades Básicas para Aprendizagem*. Conferência Mundial para as Necessidades Especiais. Salamanca, Espanha, 1994.

VILHALVA, S. *Mapeamento das línguas de sinais emergentes* [dissertação]: um estudo sobre as comunidades linguísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul . Florianópolis, SC, 2009. 124 f., Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

WANDERELY, Débora Campos. (2012) *Aspectos da leitura e escrita de sinais: estudos de caso com alunos surdos da educação básica e de universitários surdos e ouvintes*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

WANDERLEY, D.C. (2017) *A classificação dos verbos com concordância da Língua Brasileira de Sinais: uma análise a partir do SignWriting*. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ZANCANARO JUNIOR, Luiz. (2013) *Produções em Libras como L2 por ouvintes fluentes e não fluentes: um olhar atento para os parâmetros fonológicos*. Dissertação do mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

# 3

## Avaliação da capacidade expressiva e de compreensão da Libras: um estudo comparativo entre a aquisição de linguagem em comunidades surdas urbanas e desligadas

*Anderson Almeida da Silva<sup>1</sup>  
Roger Silva Sousa<sup>2</sup>*

### Introdução

A aquisição de língua de sinais por pessoas surdas é um tema instigante, e a maneira como os surdos adquirem ou não uma língua vem chamando a atenção dos pesquisadores. Neste texto tentaremos explicar quais as possíveis consequências decorrentes das diferenças de como o processo<sup>3</sup> de aquisição ocorre para sujeitos surdos e ouvintes, e ainda entre surdos de diferentes contextos sociais.

Esta pesquisa caracterizou-se pela aplicação de um método de testagem denominado IALS – Instrumento de Avaliação de Línguas de Sinais (Quadros e Cruz, 2011) que fora desenvolvido para identificar o nível de conhecimento da libras por parte de indivíduos surdos, especificamente crianças em fase de aquisição. Neste trabalho, fizemos uso do mesmo instrumento, expandido o público-alvo da testagem para surdos de qualquer faixa etária, considerando duas princi-

- 1 Doutorando do Programa de pós-graduação em linguística da UNICAMP, Mestre em estudos de linguagem pela Universidade Federal do Piauí – UFPI e Professor efetivo de libras na UFPI. (andersonalmeida@ufpi.edu.br)
- 2 Doutorando em Psicologia pela UFC, Mestre em Psicologia pela UFC e graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Piauí – UFPI.
- 3 Não utilizamos um termo processo com algum cunho teórico específico, mas relativo ao tempo que um determinado fenômeno leva para integralizar-se e no qual se é possível observar etapas distintas.

pais variáveis: o tipo de comunidade sinalizante e a idade de aquisição da libras. O trabalho tem como objetivos: i. verificar a possibilidade de se expandir o uso do teste para surdos de quaisquer faixas etárias – considerando a complexidade, formato e as habilidades gramaticais avaliadas no material e ii. traçar um perfil da aquisição da libras por surdos de diferentes localidades, considerando o contexto sociolinguístico dessas comunidades sinalizantes.

O levantamento foi realizado em duas cidades do Piauí: Parnaíba (considerada aqui como uma comunidade desligada) e Teresina (comunidade urbana). A justificativa para esta investigação baseia-se na observação de que mesmo com o vasto e crescente uso da libras no território nacional, há alguns locais onde a libras é **utilizada com menor ou nenhuma frequência**, e que a falta de uso da LS pelo surdo tem consequências para sua aquisição de linguagem (funções cognitivas) e para todas as outras instâncias de sua vida social.

Pesquisadores têm reafirmado a importância da aquisição de LS por surdos desde a idade cedo, seja por meio de pesquisas científicas (Karnopp, 1999) ou pela implementação de projetos para desenvolvimento de políticas linguísticas (Quadros, 2012). Um problema nacional é o fato de que as “Diretrizes de atenção da triagem auditiva neonatal” do Ministério da Saúde – SUS (2002) recomendam que crianças surdas nascidas em maternidades brasileiras sejam encaminhadas para a protetização ou para cirurgias corretivas da surdez, mas nunca para a estimulação precoce e aquisição de línguas de sinais<sup>4</sup>. Estas decisões baseadas puramente nas pesquisas médicas criam uma barreira institucionalizada para que as crianças surdas, que são majoritariamente filhas de pais ouvintes, não tenham acesso a uma língua em idade típica. Por isso, estudos como este mostram que comunidades desligadas podem sofrer ainda mais com a ausência de políticas linguísticas, atrasando a idade de contato do surdo com uma língua estável, e ainda, mostram que a escassez de políticas públicas voltadas para a aquisição de uma LS se configura como um caso de negligência linguística.

No texto apresentamos uma revisão teórica sobre o tipo de comunidades sinalizantes (seção 1), descrevemos a metodologia aplicada no trabalho (seção 2), discutimos sobre a eficácia dos métodos de avaliação da aquisição de linguagem para surdos e trazemos o resultados de nossa análise (seção 3) e por fim, apontamos as diferenças no conhecimento da libras por comunidades surdas urbanas e desligadas, tomando por base as condições que estas tiveram para a aquisição da libras (seção 4).

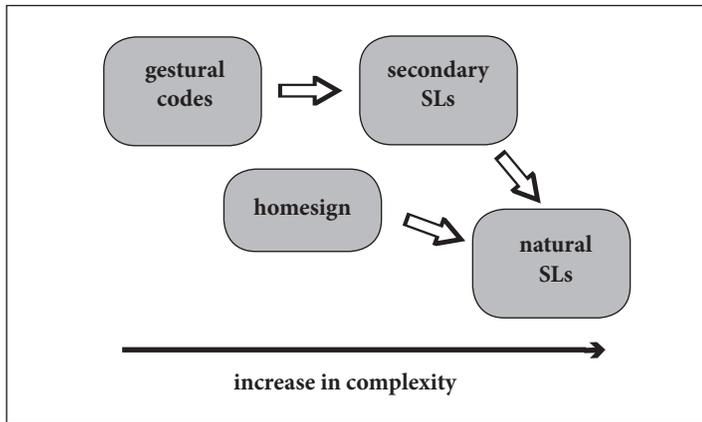
## 1 Comunidades sinalizantes

Pfau, Steinbach e Woll (2012) esquematizam como teria ocorrido a evolução das línguas de sinais – LS (ou dos sistemas de comunicação manuais – SCM),

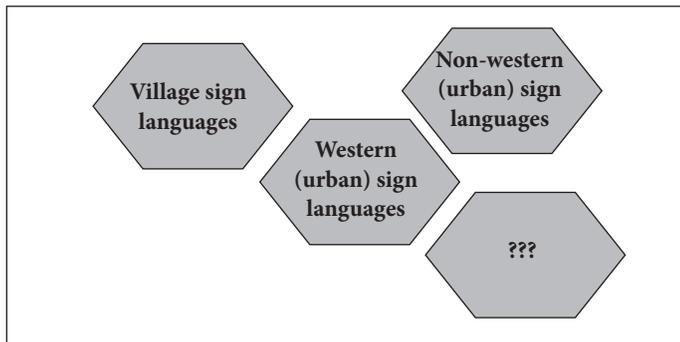
---

4 Por isso, no Brasil, não há creches públicas bilíngues – libras x português.

bem como os principais tipos de línguas de sinais conhecidos. Os critérios apresentados pelos autores na figura 1 abaixo, referem-se basicamente a uma classificação tipológica (possuir sinais convencionais e não convencionais) da ocorrência de uma LS ou de um SCM específico, ou seja, acredita-se que as LS teriam evoluído basicamente de códigos gestuais (*gestural codes*) ou de sinalizações caseiras (*homesigns*), e a partir de gestos inicialmente com alto teor icônico, ter-se-iam lexicalizado e evoluído às formas atuais das LS<sup>5</sup>. Já a figura 2 diz respeito à proposta de classificação atual para os tipos de LS naturais existentes, ou seja, o mosaico representa uma visão ampliada do quadro “*natural SLs*” (línguas de sinais naturais) da figura 1.



**Figura 1.** Tipos de sistemas de comunicação manual: as setas indicam os possíveis cursos na evolução de um para o outro (PFAU; STEINBACH; WOLL, 2012, p. 518).



**Figura 2.** O mosaico dos dados de línguas de sinais (ZESHAN, 2008)

5 Segundo os autores, o termo *secondary sign languages* é utilizado para designar “línguas de sinais” utilizadas por ouvintes em situações de barulho extremo ou de silenciamento total, como são chamadas as LS dos serralheiros (MEISSNER & PHILPOTT, 1975), a comunicação silente dos monges (BARAKAT, 1975) ou as LS dos índios da mesoamérica (TREE, 2009).

Baseados na classificação encontrada na literatura para os tipos de comunidades sinalizantes, argumentaremos ao longo deste texto, que a distinção linguístico-tipológica efetuada por De Vos e Pfau (2015) entre LS rurais x LS urbanas não nos seria útil e talvez simplista, pois os autores tomam a questão da estrutura gramatical e a emergência de um sistema linguístico como critérios-base para a classificação dos diferentes tipos de comunidades sinalizantes. A partir disto, uma LS rural, então, nos termos de De Vos e Pfau (2015) abarcaria as noções de *village sign languages* (línguas de sinais de vilarejos) e *emerging sign languages* (línguas de sinais emergentes), como sendo um termo guarda-chuva para línguas de sinais que existem/desenvolvem-se/emergem em contextos geralmente geograficamente isolados e nos quais haja uma grande incidência da surdez.

No que concerne aos aspectos sociais da diferença entre LS rural x LS urbana percebemos que em comunidades surdas urbanas, onde as LSs se encontram aparentemente mais estáveis, os surdos são a maioria dos usuários destas línguas, o que é incomum às comunidades rurais onde os surdos não representam a totalidade dos usuários, pois nestas comunidades a língua de sinais é a língua de todos, dos ouvintes e dos surdos (Jepson, 1991; Zeshan, 2008; Devos, 2011; De Vos & Pfau, 2015).

O leitor logo verá que a localidade que elegemos como comunidade desligada de surdos, não se trata de uma comunidade rural, pois, geograficamente, ela corresponde a uma cidade litorânea com alto nível de desenvolvimento urbano. Ao contrário da emergência atestada em comunidades denominadas como completamente rurais<sup>6</sup>, o que se verifica que nestas localidades é que há uma escassez de instituições onde a língua de sinais possa ser adquirida cedo pelos surdos, conseqüentemente, haveria uma maior competição entre as formas *gestuais*, *sinais caseiros* e *língua de sinais convencionais* do que em comunidades urbanas, onde a língua se encontra, comparativamente, mais estável. Talvez o tipo aqui definido como “comunidade sinalizadora desligada” esteja dentro do hexágono do mosaico com ‘pontos de interrogação’, na figura 2, onde Zeshan (2008) prevê a existência de outros tipos de condições de existência das comunidades sinalizantes ainda não descritas.

Nossa escolha por utilizar os termos: comunidades urbanas x comunidades desligadas é uma releitura do pensamento seminal de Brito (1984; 1995) em diferenciar as LS das comunidades urbanas, das LS de outras localidades e origens. Na

6 Na verdade, a própria terminologia utilizada para definir comunidades rurais e urbanas é incipiente, pois, nem sempre uma língua de sinais emergente, surge em contextos geograficamente rurais. O risco de utilizarmos esse tipo de terminologia é alto, pois, os padrões urbanísticos europeu e americano diferem drasticamente em relação ao que seria urbano x rural, ou ainda, poderíamos pensar que nos centros urbanos africanos, considerados como países subdesenvolvidos, a ideia de LS urbana se encontraria afetada, pelos problemas sociais e a escassez de políticas públicas, se comparados aos centros urbanos Americanos e Europeus. Faço esta observação em nota, pois, não pretendo dentro deste texto propor uma nova terminologia, mas alertar ao leitor sobre essas possíveis interpretações para os termos. Agradeço ao prof. Dr. Roland Pfau por ter comentado sobre este tópico em comunicação pessoal (Thanks Professor Dr. Roland Pfau for commenting on this issue).

nossa análise, observamos que os surdos de comunidades desligadas dos centros urbanos nem sempre apresentam um padrão de emergência de uma nova língua. No entanto, o relativo isolamento do contato com sinalizadores de fora da comunidade parece ter algum efeito em relação ao acesso ao *input* sinalizado, ou seja, haveria uma “menor aquisição” ou menor disponibilidade de acesso a sua língua materna se comparados aos surdos que estão em centros urbanos. Em suma, o fator ‘isolamento’ em comunidades de sinalizadores aqui denominadas como desligadas não necessariamente provocaria a emergência de uma nova língua, como é em comunidades realmente rurais de sinalizadores, mas reduziria o acesso aos locais onde a sua língua pode ser encontrada em maior disponibilidade.

Comunidades urbanas, então, se caracterizariam por serem espaços onde a informação é primariamente transmitida por um código linguístico compartilhado com maior estabilidade diferentemente das comunidades desligadas onde a comunicação aparece associada com formas de comunicação não linguística (Jepson, 1991).

Partindo desta premissa, formulamos as hipóteses de que: 1. Haveria diferenças na forma como comunidades urbanas x desligadas de surdos adquirem a libras e 2. A **frequência** e a **qualidade do input** disponíveis nas comunidades urbanas x desligadas interfeririam no conhecimento que os indivíduos possuem da libras.

A partir de agora, caracterizaremos o que estamos denominando de comunidade sinalizante urbana x comunidade sinalizante desligada a partir dos dados coletados com questionários de anamnese dos participantes de nossa investigação.

### 1.1 O que definimos como uma comunidade desligada? Critérios linguísticos e sociais

Cunhamos o termo ‘comunidade desligada’ para cobrir as comunidades em que os surdos não têm ou possuem um acesso escasso a instituições ou ambientes onde a LS possa ser adquirida/aprendida. Embora seja complexo criar uma tipologia de comunidades sinalizantes, o fato de algumas comunidades surdas estarem em ambientes onde a LS não circula com relativa frequência, não é igual a uma comunidade onde a LS está disponível, nem tampouco a outra onde ela se encontra totalmente ausente. Por isso, propomos a nomenclatura desligada como uma possibilidade intermediária entre comunidades que não podem ser caracterizadas nem como urbanas, nem rurais, pois não se encaixam nos critérios apontados na literatura para ambas.

Durante a coleta dos dados em comunidades desligadas, consultamos os sujeitos sobre a idade em que começaram a aprender a libras?, quantos anos tinham de exposição à libras?, e com quais da línguas, no caso em que tivesse tido contato com mais de uma, ele/a mais se identificava?. A partir destas questões, observamos nas repostas, tanto dos surdos, como de seus responsáveis, alguns

comportamentos típicos de surdos que se encontram em locais onde o acesso às línguas de sinais é escasso, são eles:

1 - Surdos que nascem de pais ouvintes são levados pelos responsáveis para outras localidades para adquirir uma língua, geralmente a primeira orientação é médica e está relacionada à oralização em detrimento do uso de uma LS;

2 - Surdos crianças ou adolescentes filhos de pais ouvintes não sinalizadores não tem contato linguístico com seus familiares e frequentemente se ausentam do ambiente familiar em busca do contato com outros surdos em locais específicos para os encontros surdo-surdo;

3 - Surdos de comunidades desligadas, onde a aquisição de LS e o contato com os seus pares surdos são escassos, migram para os centros urbanos a fim de adquirirem língua e serem conseqüentemente escolarizados;

Os comportamentos citados acima evidenciam que os surdos em comunidades desligadas são constantemente movidos para diferentes ambientes em busca de mecanismos de aquisição uma língua, isso evidencia a escassez do *input* em forma de língua nessas comunidades.

Já em comunidades urbanas verificamos que este comportamento migratório que visa ter acesso à uma LS não é necessário, dada a maior concentração das instituições de ensino de LS. O único deslocamento atestado em centros urbanos na nossa pesquisa é de surdos adultos que já tem uma língua de sinais migrarem para outros centros urbanos para adquirirem uma formação educacional que não está disponível em suas localidades, por falta de acessibilidade naquele centro urbano específico, mas não para adquirirem uma LS.

<b>PADRÕES SOCIAIS E LINGUÍSTICAS</b>	<b>URBANAS</b>	<b>DESLIGADAS</b>	<b>RURAI/VILA</b>
SURDOS SÃO A MAIORIA DOS USUÁRIOS DE LS	SIM	SIM	NÃO
ALTA INCIDÊNCIA DE SURDEZ HEREDITÁRIA	NÃO	NÃO	SIM
LS NÃO PADRÃO E RECRIADAS A CADA GERAÇÃO	NÃO	NÃO	SIM
DEPENDENTES DE RECURSOS PANTOMÍMICOS, GESTUAIS E INDEXICAIS	NÃO	NÃO	SIM
MORFOSSINTAXE COMPLEXA (USO DO ESPAÇO), ORDEM DE PALAVRAS, NEGAÇÃO...	SIM	SIM	NÃO
TRAÇOS TIPOLÓGICOS SÃO INFLUENCIADOS PELA DINÂMICA SOCIAL	NÃO	NÃO	SIM
RESISTENTES À VARIAÇÃO LEXICAL	SIM	NÃO	NÃO
CONCENTRAÇÃO DE ASSOCIAÇÕES, INSTITUIÇÕES E ESCOLAS DE SURDOS	SIM	NÃO	NÃO

**Tabela 1.** Caracterização de comunidades surdas Urbanas, Desligadas e Rurais

Para mostrar porque as comunidades sinalizantes desligadas não podem ser classificadas como comunidades rurais simplesmente, comparamos na tabela 1 abaixo as características apontadas na literatura sobre as diferenças entre os tipos de comunidades sinalizantes, mostrando que as comunidades desligadas são similares as urbanas em todos os aspectos, exceto para o fator-chave de análise do nosso trabalho, que é a escassez de acesso ao *input*. Do mesmo modo, por não terem contínuo acesso à LS, os surdos de comunidades desligadas são menos resistentes à variação lexical, talvez pela própria inconsistência do léxico adquirido. Esse fator, especificamente, as aproxima de comunidades rurais.

## 1.2 As fontes de *input* em comunidades desligadas

Por mais que hajam diferenças teóricas sobre o funcionamento da linguagem humana, há um fator sobre o qual há um grande consenso entre os linguístas, este fator é a necessidade do *input*. Ou seja, é sabido que para começar a falar qualquer criança precisa ser exposta à uma língua. Se os bebês possuem um conhecimento inato ou não sobre esses sistemas linguísticos sim, é um tema de grande debate, mas, não sobre o fato de que sem exposição à linguagem não haverá, consequentemente, o desenvolvimento linguístico. Além disso, sabe-se que a aquisição de linguagem é de modalidade-específica, ou seja, as crianças de algum modo distinguem os sons linguísticos dos não linguísticos<sup>7</sup>. Portanto, embora o *input* tenha recebido maior atenção de algumas linhas teóricas como os estudos gerativistas, ele é um fenômeno empírico da aquisição de linguagem como um todo.

Dentro do nosso estudo, foi realizado uma investigação sobre as formas linguísticas com as quais os surdos pesquisados tiveram contato na idade cediça para a aquisição. Na nossa coleta, tanto os surdos de comunidades desligadas como os de centros urbanos são filhos de pais ouvintes, ou seja, não tem acesso à língua de sinais na idade típica de aquisição. Além disso, a idade de detecção da surdez é mais alta em comunidades desligadas, entre 2 e 5 anos de idade, enquanto que em centros urbanos a média é de 1 a 3 anos de idade. Os tipos de *input* (formas de linguagem em geral) com os quais os surdos de comunidades desligadas têm acesso na tenra infância são, em escala decrescente: *gestos caseiros* > *leitura labial* > *formas escritas*, e nenhum teve contato com a libras na infância. Nas comunidades urbanas, ao contrário, a libras figura na segunda posição em uma escala de tipos de *input* com os quais os surdos tiveram acesso em ordem decrescente, conforme segue: *gestos caseiros* > *libras* > *leitura labial* e outras formas de comunicação como a escrita não aparecem nas respostas dos questionários.

Este panorama reforça a nossa hipótese de que, embora, inicialmente, os gestos caseiros figurem como o *input* inicial para ambas as comunidades, as comunidades urbanas entram em contato com uma língua estável antes de comunidades desligadas, onde este tipo de *input* não está disponível.

7 Ou seja, por mais que a criança possa imitar os sons de uma galinha, ela não entende que aqueles sons podem funcionar para o seu sistema linguístico.

Para demonstrar como uma comunidade desligada pode estar prejudicada pela distância que se encontra do contato com a língua em sua forma mais estável<sup>8</sup>, adaptamos o uso do IALS (Quadros & Cruz, 2011) para obtermos dados quantitativos sobre as diferenças de desempenho e compreensão da libras por essas comunidades. Explicitaremos a forma como o instrumento foi utilizado na próxima seção.

## 2 Metodologia

### 2.1 Caracterização do instrumento

O IALS foi desenvolvido por Quadros e Cruz (2011) para suprir a demanda existente no país de instrumentos que avaliassem o conhecimento da libras especificamente. A avaliação se propõe a mensurar a linguagem compreensiva e expressiva através de duas etapas de aplicação do teste. A avaliação da linguagem compreensiva é dividida em 8 fases: as 4 primeiras de demonstração (não contam para a avaliação) e as 4 últimas de avaliação (Fase I, Fase II, Fase IIIA e IIIB). A diferença entre as fases reside no fato de que a avaliação das tarefas aumenta gradativamente em complexidade da fase I até a fase IIIB.

Para avaliação da **compreensão** da libras o instrumento se utiliza de figuras (não verbais<sup>9</sup>) em número de 3 por tarefa nas fases I e II, que correspondem a sentenças e histórias com fatos sinalizados em DVD, para as quais o surdo deveria escolher apenas 1 que contém a resposta correta correspondente à sinalização apresentada. Na fase III, são apresentadas 8 figuras e uma história mais longa é sinalizada para a qual o surdo deve selecionar somente as 5 figuras pertencentes a história (fase IIIA) e pô-las na ordem correta dos acontecimentos conforme a sinalização em vídeo (fase IIIB).

Já para a avaliação da linguagem **expressiva**, o instrumento utiliza um vídeo de 1'10" do desenho animado *Tom e Jerry*, para o qual, após assistir, o surdo deve fazer um relato utilizando a libras somente.

Exemplificaremos na tabela abaixo as tarefas e as competências linguísticas avaliadas para cada uma das fases do IALS:

---

8 “Estável” nesse texto não quer dizer “padrão”, no sentido da teoria sociolinguística, mas refere-se exclusivamente a um estágio de língua sem misturas aparentes. Pois, afinal, sabemos que as línguas do mundo estão suscetíveis ao contato e a mistura.

9 O instrumento não se utiliza de formas verbais escritas em Português, de forma que a avaliação do conhecimento linguístico do indivíduo possa se dar entre elementos que tenham a mesma base semiótica, ou seja, utilizando somente imagens e libras.

AVALIAÇÃO DA LINGUAGEM	FASE	COMPETÊNCIAS ANALISADAS
COMPREENSIVA	FASE I	Estrutura sintática simples, sinais icônicos, informações referenciais, anafóricas e dêiticas.
	FASE II	Aumento do tamanho das sentenças sinalizadas, juntamente com o acréscimo de vocabulário e consequentemente uma estrutura sintática um pouco mais complexa (uso do espaço).
	FASE IIIA	Uso de estruturas sintáticas complexas, aumento do vocabulário e da extensão das sentenças. Uso do espaço <i>token</i> e <i>sub-rogado</i> <sup>10</sup> . Processamento de informações linguísticas através da seleção.
	FASE IIIB	Uso de estruturas sintáticas complexas, aumento do vocabulário e da extensão das sentenças. Uso do espaço <i>token</i> e <i>sub-rogado</i> . Processamento de informações linguísticas através da ordenação.
EXPRESSIVA	LEXP	Aspectos fonológicos, Vocabulário, Uso de classificadores, referência espacial, quantidade de fatos narrados e sequência lógica.

**Tabela 2.** Quadro-resumo das competências linguísticas analisadas por fase no instrumento

## 2.2 Amostra

Participaram da pesquisa 55 surdos matriculados na rede pública de ensino, sendo 37 sujeitos da cidade de Teresina (comunidade urbana) e 18 sujeitos da cidade de Parnaíba (comunidade desligada). Segundo o IBGE (2010)<sup>11</sup>, todo o estado do Piauí tem somente 4.730 pessoas que não conseguem ouvir de modo algum, o que nos leva a concluir que nossa amostra é significativa e pode gerar projeções estatísticas que sejam verdadeiras, já que a nossa amostra é composta majoritariamente por surdos com graus de surdez severa e profunda que se encontram dentro desta projeção. Teresina é a capital do estado do Piauí e também o maior centro urbano, já Parnaíba, embora seja uma cidade do litoral do esta-

10 Em teorias de base cognitivista, os espaços *token* e *sub-rogado* referem-se a forma como os falantes exploram o espaço a sua volta para apresentar ou demonstrar comportamentos dos referentes de uma narrativa. No caso do uso do espaço *token* o sinalizador ancora os referentes em determinados locos ao redor do corpo e pode retomá-los por meios de apontações em sinalizações futuras, dentro de uma mesma narrativa. Já o espaço *sub-rogado*, refere-se ao momento em que o sinalizador empresta seu corpo para a narrativa, para demonstrar o comportamento de um personagem da história, que não é o próprio sinalizador. Esses mecanismos são bastante produtivos dentro das línguas de sinais para marcar as diferenças entre o discurso direto vs indireto.

11 O IBGE afirma ainda que, no estado do Piauí, há aproximadamente 200 mil pessoas com grande dificuldade de ouvir ou alguma dificuldade, além das 4.730 mencionadas. Não inserimos esse número aqui para efeitos de projeção porque os sujeitos com alguma capacidade auditiva não fazem parte de nossa amostragem. Bem como idosos ou outros indivíduos que se encontram fora da idade escolar pesquisada.

do, é considerada como uma cidade interiorana, mas não possui característica alguma de cidade rural, como é comum em outros interiores do mesmo estado. Parnaíba é também a segunda maior cidade do estado em termos de desenvolvimento.

No centro urbano, os 37 surdos testados representam aproximadamente 10% dos surdos matriculados na rede pública estadual de Teresina, no entanto os 18 selecionados de comunidades desligadas, representam a totalidade de surdos matriculados na rede publicada da localidade desligada. Por isso, as amostras não foram igualadas em seus *n* (número de sujeitos), pois, mesmo após efetuar a testagem com números iguais de sujeitos 18 (urbanas) e 18 (desligadas), considerando os sujeitos que tiveram a aquisição tardia, a quantidade de sujeitos seja em seleção aleatória ou motivada não altera o resultado para as médias dos grupos.

Além disso, foram testados 5 surdos de uma comunidade rural de sinalizadores da cidade de Jaicós – localidade Várzea Queimada, no interior do Piauí, onde existe uma língua de sinais emergente denominada de Cena (Pereira, 2013). Nesta comunidade, o ensino da libras já se iniciou, mas grande parte dos surdos ainda utiliza a língua de sinais local. Por isso, dos 20 surdos que encontramos no local, 15 não sabem a libras, por isso não poderiam realizar o teste. Entre os 5 com os quais tentamos realizar a testagem, todos pontuaram abaixo das comunidades desligadas. O que nos leva a pontuar que comunidades rurais não podem entrar em nossa análise, visto que não podemos avaliar usuários de outra língua em função da libras.

A maior parte da amostra é do sexo masculino (54,5%), com média de idade de 19 anos (min. 7 e máx. 40, dp. 8,03); grau de surdez severo ou profundo (68,8% com grau comprovado e o restante com grau de perda auditiva ausente ou desconhecido) e apenas 25,5 % tiveram aquisição cedo, que consideraremos aqui como sendo anteriormente aos 7 anos de idade. Há um grande debate e divergências sobre que idade seria a ideal/crucial para que a aquisição de uma língua ocorresse, considerando a maturação de propriedades cerebrais como a plasticidade e a lateralização. Adotamos a idade de 7 anos, considerando ser esta um marco transitório entre a tenra infância e o início da puberdade, que é apontado por vários autores como sendo o momento de fechamento dessas janelas de aquisição de propriedades biológicas (Lenneberg, 1967; Johnson & Newport, 1989; Newport, 2002; Morgan, 2014; Cruz, 2016). O teste não foi realizado com nenhum indivíduo com idade anterior aos 4 anos, idade inferior limite para a aplicação do teste IALS segundo Quadros & Cruz (2011).

## Análise dos dados

As respostas foram tabuladas como indicado pelas autoras (Quadros & Cruz, 2011) de 33,3% em 33,3% dos acertos para cada tarefa realizada, tendo como *score* final para cada tarefa de cada fase os seguintes rótulos: 33,3% de aproveitamento satisfatório (insuficiente), 66,6% de aproveitamento satisfatório (bom) e

99,9% de aproveitamento satisfatório (Excelente). Posteriormente, os resultados foram processados através do software estatístico SPSS (versão 22) já que o nosso estudo não é de população, mas, de uma amostra dentro do universo de surdos das referidas cidades.

Os vídeos produzidos pelos participantes na fase de avaliação da linguagem expressiva também foram transcritos e tabulados como recomendado acima pelas autoras, no entanto, para inserir os dados no programa SPSS, criamos variáveis com os mesmos rótulos propostos pelas autoras para a fase de avaliação da capacidade de compreensão. Ou seja, mesmo considerando que a fase expressiva corresponde a uma análise mais subjetiva com respostas em formato de vídeo, já que os dados não são produzidos em números de acertos, como são na primeira fase, ao final, convertemos o desempenho do surdo nesta etapa em valores reais para que pudéssemos obter um resultado final numérico, sem o qual não poderíamos atribuir um resultado final para a avaliação do sujeito.

Atribuímos também, pesos de 50% e 50% para cada avaliação pleiteada pelo instrumento, ou seja, ao final, efetuamos a média aritmética entre: **resultado final da avaliação compreensiva + resultado final da avaliação expressiva/2= resultado final**. Onde, **resultado final da avaliação compreensiva**: resultado fase I+ resultado fase II+ resultado fase IIIA + resultado fase IIIB/4 e **resultado final da avaliação expressiva**: atribuição qualitativa de insuficiente, bom ou excelente para cada indivíduo conforme avaliação dos pesquisadores aqui envolvidos, tendo em mente sempre os critérios elencados pelas autoras Quadros e Cruz (2011) para esta fase (a saber: Aspectos fonológicos, Vocabulário, Uso de classificadores, referência espacial, quantidade de fatos narrados e sequência lógica).

Como o SPSS lida com valores fixos para cada resultado das avaliações, estabelecemos o valor 1 para o conceito insuficiente, 2 para bom e 3 para excelente. Ou seja, sempre as médias destes valores guiarão o resultado final do indivíduo, já que o programa não opera com variáveis qualitativas.

Exemplificando: Se um surdo obtém os seguintes resultados:

- **Resultado final da avaliação compreensiva:**  $3(\text{fase I})+2(\text{faseII})+1(\text{faseIII})+1(\text{faseIIIB})/4= 1,75$ , receberia o conceito de insuficiência por não ter atingido o limite inferior mínimo para ser considerado como bom que é =2. E ainda:
- **Resultado final da avaliação expressiva:** Atribuímos os valores 1 para ‘utiliza inapropriadamente’, 2 para ‘utiliza de forma satisfatória’ e 3 para ‘utiliza de forma excelente’<sup>12</sup>. Seguindo o mesmo critério de avaliação em tríades que tínhamos para a etapa anterior, teremos:

12 Estes rótulos numéricos para a quantificação do resultado da avaliação da capacidade expressiva não estão expressos no material do instrumento original, mas foram criados por vias deste trabalho para facilitar a avaliação global dos resultados.

CRITÉRIO	AValiação
Aspectos fonológicos	2
Vocabulário	1
Uso de classificadores	2
Referência espacial	1
Quantidade de fatos narrados	1
Sequência lógica da narração	1
RESULTADO FINAL	Média = 1,33 (INSUFICIENTE)

**Tabela 3.** Amostra de resultados obtidos na fase expressiva

- O **Resultado final** para a avaliação empreendida para o sujeito acima seria  $1,75 + 1,33/2 = 1,54$ , portanto, na sua avaliação de uso e compreensão da libras ele possui o conceito “insuficiente”. Os valores foram criados para efeitos de formalização da avaliação dos sujeitos e do próprio instrumento, sem os quais não poderíamos ter uma posição abalizada sobre o método.

Os dados finais foram analisados comparando os resultados obtidos por surdos de uma comunidade desligada em relação aos surdos de comunidades urbanas conforme veremos nas próximas seções.

### 3 Resultados e discussão

Nesta seção reuniremos os resultados obtidos após aplicação do IALS com os 55 sujeitos de nossa amostra. Procuramos pontuar na medida em que são apresentados os resultados das análises, em que contextos estes testes que medem o “conhecimento”, “domínio” ou “proficiência” no uso de uma língua podem estar relacionados com o potencial de aquisição de uma língua por um grupo de indivíduos.

Os desdobramentos teóricos de se ter diferentes níveis de *conhecimento de uma língua*, para o que doravante, utilizaremos a denominação de *aquisição*, serão explicitados na próxima seção, já que não é comum que desconfiemos que pessoas ouvintes possam não ter adquirido a sua língua oral. Já os surdos, como vimos nas seções 1.1 e 1.2, deslocam-se para espaços onde sua língua seja mais frequente/ubíqua para que possam encontrar contextos de uso efetivo de sua língua. Utilizando meios estatísticos demonstraremos em que contextos o IALS pode mensurar aquisição da libras pelo surdo. Antes, veremos brevemente como o IALS difere-se de outros instrumentos já existentes.

Guimarães & Oda (2013) fazem um levantamento de instrumentos que são utilizados para avaliar a linguagem em crianças com deficiência e pontuam que por vezes alguns instrumentos devem ser utilizados ou em conjunto com outras ferramentas de avaliação ou são ineficazes para alguns tipos de deficiência, por isso o cuidado de se desenvolver testes específicos para cada tipo de deficiência. Além do IALS, outros testes são utilizados para medir o conhecimento em línguas de sinais por crianças surdas. A maioria das baterias de testes utilizadas nestes instrumentos deixa a desejar quanto à clareza na definição de seus objetivos.

O *British Sign Language Assessment Test* aparece na literatura como uma iniciativa de Herman (1998) que buscava naquele momento, nas palavras dela “desenvolver um avaliação clínica padronizada do desenvolvimento em Língua de Sinais Britânica”, e afirmava “não existir [naquele momento] maneiras de se monitorar o progresso feito pelas crianças na aquisição de línguas de sinais nem de como se avaliar os resultados da terapia na qual a língua de sinais era o modo de comunicação”.

Outras pesquisas tinham por objetivo refinar o poder de avaliação dos instrumentos, por exemplo, Schembri et al (2002) revisa o *Test Battery for American Sign Language Morphology and Syntax* (Supalla et al. apud op. cit, 2002) adaptando-o para a Auslan – Língua de Sinais Australiana – sob a alegação de que os métodos propostos por Supalla talvez não rendessem resultados confiáveis para línguas com outra gramática, como a da Auslan.

Por fim, instrumentos de avaliação de línguas de sinais em conjunto com outros testes, em sua maioria testes psicolinguísticos, podem esclarecer também alguns problemas de aquisição que não estejam diretamente ligados com a frequência ou qualidade do *input* em si, mas, pela presença de transtornos de linguagem, conhecidos como LIs – Language Impairments (Mason et al., 2010).

O IALS tem a preocupação de ser uma metodologia voltada inteiramente para surdos, já que durante todo a testagem não há utilização de linguagem verbal de outra fonte que não seja a libras no DVD que acompanha o material, ou nas figuras (não verbais) sem informações escritas em Português, já que o teste se volta especificamente para a avaliação da aquisição de primeira língua. Na nossa visão, o IALS tem potencial para ser utilizado como um teste diagnóstico para a aquisição da libras, pois, diferentemente de outros testes, o instrumento avalia a linguagem de uma forma geral, que vai desde níveis linguísticos básicos, como a fonologia, até o nível semântico-discursivo, nas narrativas. Mesmo em trabalhos com extremo cuidado metodológico como é a pesquisa de Singleton e Newport (2004), fica uma questão em aberto sobre se um teste que avalia especificamente propriedades morfológicas das LS dos usuários poderia diagnosticar um indivíduo como apresentando uma forma inconsistente de língua?

Perini-Santos (2012) questiona como o IALS, por se apresentar como tendo sido desenvolvido a partir de uma teoria de base inatista de Chomsky, possa considerar com flexibilidade as questões da *pobreza do estímulo* e do *período crítico*

para aquisição, já que as autoras relatam casos de surdos filhos de pais ouvintes que ensinam libras a seus pais, ao invés de terem recebido a língua deles, ou seja, indivíduos que não recebem praticamente nenhum estímulo de uma língua específica e cuja aquisição possa ter se dado tardiamente terem adquirido uma língua sem prejuízos cognitivos perceptíveis, o que não seria previsto por uma teoria de base inatista.

É difícil imaginar que uma pessoa possa ter estado em um estágio “sem-língua” e ainda assim tenha tido sucesso na empreitada de desenvolver a linguagem. Concordamos com as preocupações teóricas de Perini-Santos (2012) e buscamos contribuir para a resposta a esta indagação ainda neste texto.

### 3.1 Avaliação da capacidade compreensiva

Esta etapa do instrumento é composta de quatro fases que estão rotuladas como explicitado anteriormente na metodologia do trabalho. A partir de nossos resultados percebe-se que as comunidades analisadas respondem diferentemente ao teste à medida em que as fases crescem gradativamente em complexidade, pois, obtivemos os seguintes resultados para os qui-quadrados ( $X^2$ ) comparando as médias das comunidades por fase: *i*. Fase I ( $X^2= 747$ ), não significativo, ou seja, a fase I realmente é uma fase mais icônica do teste e não há diferenças significativas entre as médias das comunidades; *ii*. Fase II ( $X^2= 152$ ), não significativo, embora, tanto o  $X^2$  de menor valor que o da fase I, como a figura 1 abaixo mostram que a redução no volume de acertos “excelentes” dizem de um leve aumento na complexidade das tarefas da fase I para a fase II; *iii*. Fase IIIA ( $X^2= 0,001$ ) significativo, portanto, comunidades urbanas parecem responder melhor às tarefas mais complexas; E na fase IIIB ( $X^2= 0,062$ ) o valor não é significativo, embora seja consideravelmente menor que os  $X^2$  obtidos para as duas primeiras fases. Portanto, os resultados sugerem que o aumento gradativo da complexidade entre as fases evidencia as diferenças de compreensão da libras entre os grupos, dadas as diferenças entre as médias serem significativas ou não para cada fase.

O fato de que o tipo de comunidade é sensível à complexidade a que está sendo submetida no instrumento pode ser verificado no gráfico abaixo (figura 1), onde a área preenchida em bege representa o rótulo “excelente”. Para cada fase, o agrupamento de barras do lado esquerdo representa os resultados de comunidades urbanas de surdos e do lado direito os de comunidades desligadas. Nota-se que as comunidades urbanas (Teresina) têm níveis muito mais altos de rótulos excelentes e quase nenhum rótulo insuficiente (cor azul) em comparação com as comunidades desligadas (Parnaíba).

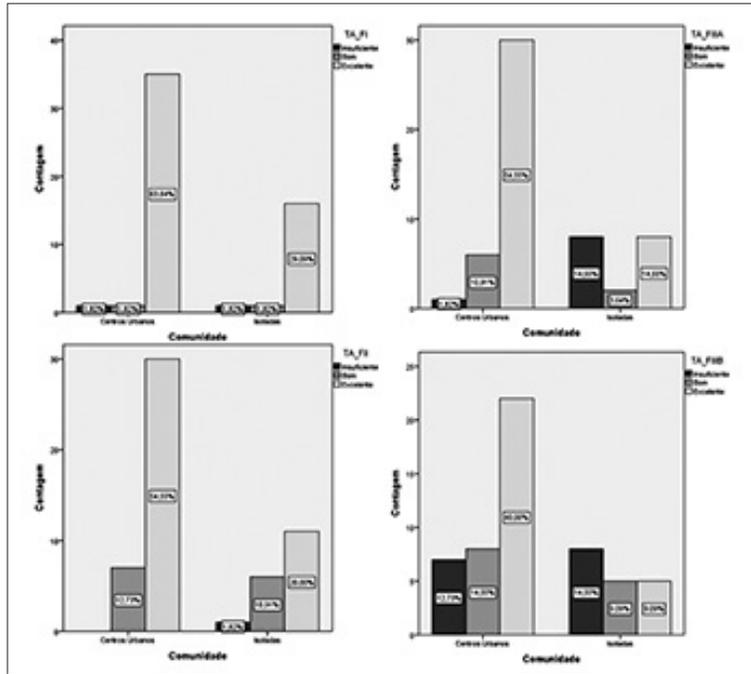


Figura 1 – Resultados da avaliação compreensiva das comunidades por fases

O teste de correlação  $r$  de Pearson (tabela 4, abaixo) mostra que as fases I e II e as fases IIIA e B estão correlacionadas, inclusive para a etapa de demonstração que não contamos para efeitos de avaliação. O foco aqui é a existência de dois momentos dentro da avaliação da capacidade compreensiva que possuem diferentes graus de complexidade, como vimos anteriormente, e, que se correlacionam estatisticamente, provando que as fases devem ser agrupadas em dois complexos (fases I e II e fases IIIA e IIIB) para fins de análise. As áreas em cinza na tabela 1 abaixo mostram os quadros onde os (\*\*) indicam uma correlação entre os dados, para os quais selecionamos somente os valores de correlação mais altos para cada linha ou fase. Note que embora se tenha correlação entre o complexo fases I/II e o fases IIIA/B, as correlações sempre são de menor valor dos que as correlações obtidas para fases que pertençam ao mesmo complexo de fases.

Nos propusemos a identificar as correlações obtidas entre os resultados para as fases dos instrumentos, pois, por se tratar de aplicações pioneiras, é importante identificar padrões de resultados esperados para cada tipo de fase. Para concluir que as tarefas da fase I e II são distintas de fato das tarefas das fases IIIA e IIIB, a análise estatística nos fornece um resultado preciso que não está disponível quando se faz uma análise somente visual do instrumento. Ou seja, de algum modo temos que garantir que as fases não estão repetindo tarefas e testando a mesma coisa, e, de fato, de acordo com os resultados abaixo, não estão, pois não há correlação alguma entre as tarefas do grupo III com as do grupo I e II.

		Compreensões							
		TD_F1	TD_FII	TD_FIIIA	TD_FIIIB	TA_F1	TA_FII	TA_FIIIA	TA_FIIIB
TD_F1	Correlação de Pearson	1	.697**	.458**	.263	.570**	.396**	.252	.130
	Sig. (2 extremidades)		.000	.000	.053	.000	.003	.063	.343
	N	55	55	55	55	55	55	55	55
TD_FII	Correlação de Pearson	.697**	1	.407**	.284*	.572**	.488**	.474**	.381**
	Sig. (2 extremidades)	.000		.002	.035	.000	.000	.000	.004
	N	55	55	55	55	55	55	55	55
TD_FIIIA	Correlação de Pearson	.458**	.407**	1	.718**	.140	.252	.677**	.358**
	Sig. (2 extremidades)	.000	.002		.000	.309	.064	.000	.007
	N	55	55	55	55	55	55	55	55
TD_FIIIB	Correlação de Pearson	.263	.284*	.718**	1	.233	.342*	.520**	.375**
	Sig. (2 extremidades)	.053	.035	.000		.067	.011	.000	.005
	N	55	55	55	55	55	55	55	55
TA_F1	Correlação de Pearson	.570**	.572**	.140	.233	1	.306*	.184	.048
	Sig. (2 extremidades)	.000	.000	.309	.067		.023	.179	.621
	N	55	55	55	55	55	55	55	55
TA_FII	Correlação de Pearson	.396**	.488**	.252	.342*	.306*	1	.440**	.367**
	Sig. (2 extremidades)	.003	.000	.064	.011	.023		.001	.006
	N	55	55	55	55	55	55	55	55
TA_FIIIA	Correlação de Pearson	.252	.474**	.677**	.520**	.184	.440**	1	.642**
	Sig. (2 extremidades)	.063	.000	.000	.000	.179	.001		.000
	N	55	55	55	55	55	55	55	55
TA_FIIIB	Correlação de Pearson	.130	.381**	.358**	.375**	.048	.367**	.642**	1
	Sig. (2 extremidades)	.343	.004	.007	.005	.621	.006	.000	
	N	55	55	55	55	55	55	55	55

\*\* . A correlação é significativa no nível 0.01 (2 extremidades).  
 \* . A correlação é significativa no nível 0.05 (2 extremidades).

**Tabela 4** – Correlação r de Pearson entre as fases de avaliação da compreensão

As diferenças significativas obtidas para teste *t* de student que compara médias de diferentes grupos mostram que há diferenças significativas entre os resultados obtidos pelas comunidades urbanas e desligadas, como pode ser visto na tabela 5, a seguir. Estas diferenças restringem-se às fases IIIA e IIIB, identificadas anteriormente nesta seção como sendo a fase mais complexa dentro das tarefas de avaliação da compreensão do instrumento, por isso, atestando a menor sensibilidade dos surdos de comunidades desligadas ao reconhecimento de certas estruturas da libras. Caso não tivessem sido identificadas as diferenças entre os complexos de fases, uma soma das médias de todas as atividades de avaliação da linguagem compreensiva, sem distinguir seus níveis de complexidade, poderia nos levar a interpretações erradas sobre em que momentos da avaliação os grupos são iguais ou diferem nos resultados. Esta diferença ainda nos será útil quando compararmos os resultados globais na seção 3.3.

Nos dados da pesquisa, a média de idade em que os sujeitos dos centros urbanos aprenderam a libras é de aproximadamente 7 anos (média= 7,1081), e de 9 anos (média= 8,9286) para comunidades desligadas ou seja, **para ambas as comunidades a aquisição acontece tardiamente**, fora do período crítico da aquisição. E ainda, somente 40% dos sujeitos pesquisados adquiriram língua de forma cecília, ou seja, anteriormente aos 4 anos de idade.

Não era de se esperar, então, que ambos os grupos obtivessem resultados excelentes nas tarefas de compreensão como vimos na figura 1 acima, embora

para o grupo de comunidades desligadas o conceito excelente apareça com menor frequência.

O complexo “Fases I e II” como dissemos acima não consegue avaliar especificamente a capacidade de compreensão pelo surdo da libras, mas o segundo complexo formado pelas “fases IIIA e IIIB” desempenha uma função importante dentro da avaliação, já que as tarefas complexizadas fazem os resultados de insuficiência aparecer com maior frequência.

Fase	Comunidade	N	Média	t	df	Sig.(2-tailed)
Fase I	Teresina	37	2,92	0,71	53	0,479
	Parnaíba	18	2,83			
Fase II	Teresina	37	2,81	1,85	53	0,069
	Parnaíba	18	2,56			
Fase III A	Teresina	37	2,78	4,03	53	0,001
	Parnaíba	18	2,00			
Fase IIIB	Teresina	37	2,41	2,43	54	0,001
	Parnaíba	18	1,83			

**Tabela 5** – Comparação das médias da fase de avaliação entre as comunidades

### 3.2 Avaliação da capacidade expressiva

Os resultados obtidos para a etapa de avaliação da expressão ou produção em sinais pelos sujeitos é também uma etapa-chave na construção do que estamos denominando de diferentes potenciais de aquisição entre comunidades urbanas x desligadas. Espera-se, por exemplo, que avaliando a produção em sinais por surdos de diferentes comunidades se consiga visualizar minimamente as relações de acesso/consistência do *input* recebido (dadas as suas localidades) e as consequências da qualidade do *input* para o *output* produzido. Colocando as diferenças de *performance* de lado, concentramos nossa análise em compreender tão somente as diferenças linguísticas produzidas pelos sujeitos da pesquisa, como disposto na tabela 2. Diferenças na sinalização que se relacionassem com: velocidade da sinalização, postura corporal (formal e informal), variação lexical, hesitações e outros fatores não estritamente gramaticais não foram consideradas para a análise.

Comparando os resultados obtidos para a linguagem expressiva para ambos os grupos (tabela 6), temos que há diferenças significativas entre as médias dos grupos ( $p= 0,013$ ). Para ambos os grupos o conceito de insuficiência é alto, embora, os centros urbanos apresentem melhores resultados que as comunidades desligadas se observarmos as médias.

## Comparação da linguagem expressiva

Fase	Comunidade	N	Média	t	df	Sig.(2-tailed)
Fase 1	Teresina	37	2,92	0,71	53	0,479
	Parnaíba	18	2,83			

**Tabela 6** – Comparação dos resultados da avaliação da linguagem expressiva pelos grupos

Mesmo com a predominância do conceito insuficiente, vemos, na tabela 7, que 47,3% dos sujeitos apresentam resultados entre bom e excelente. Ou seja, é ainda expressivo o sucesso na avaliação da fase expressiva desempenhado por ambos os grupos.

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Insuficiente	29	52,7	52,7	52,7
	Bom	17	30,9	30,9	83,6
	Excelente	9	16,4	16,4	100,0
	Total	55	100,0	100,0	

**Tabela 7** – Porcentagem acumulada dos resultados da linguagem expressiva para ambas as comunidades.

## 3.3 Resultado global do teste

(Linguagem compreensiva + Linguagem expressiva)

Finalmente, para mostrar como uma comunidade desligada (Parnaíba) poderia estar prejudicada em relação ao desempenho na libras em comparação a uma comunidade urbana de surdos (Teresina), temos na tabela 8 os resultados globais. A diferença é bastante significativa ( $p=0,001$ ) entre as médias das comunidades tanto para o resultado final do teste como para o complexo de maior relevância para a avaliação (Fases IIIA e IIIB). Já nas fases menos complexas, os grupos não apresentam diferenças significativas entre as médias.

## Comparações de resultados total e por complexos de fases

Fase	Comunidade	N	Média	t	df	Sig.(2-tailed)
Resultado Total	Teresina	37	2,54	3,694	53	0,001
	Parnaíba	18	2,10			
Total Fase 1 + Fase II	Teresina	37	2,86	1,85	53	0,106
	Parnaíba	18	2,69			
Total Fase III	Teresina	37	2,59	4,03	53	0,001
	Parnaíba	18	1,91			

**Tabela 8** – Comparação das médias dos resultados total e por complexos de fases

Nos resultados obtidos pelas autoras Quadros e Cruz (2011), as mesmas comparam grupos de aquisição cedo e tardia, e ao final, conseguem mostrar que há diferenças significativas entre os resultados dos grupos. Uma última questão que apresentamos e que já foi colocada ao final da introdução da seção 3.0 é a de que os nossos sujeitos, a maioria deles tem aquisição tardia da libras e, mesmo assim, conseguem superar essa condição e obter bons resultados para o IALS. Como esses grupos conseguem ser diferentes quanto ao modo como se dá sua aquisição de linguagem e ainda como eles conseguem superar o fato de que tiveram aquisição tardia e alcançar resultados positivos no instrumento é o que discutiremos na próxima seção.

#### 4 O input inconsistente e tardio e a aquisição de linguagem

Na literatura sobre aquisição para línguas orais não há indícios de que indivíduos que não possuam qualquer déficit sensorial, síndromes ou distúrbios de linguagem possam ter problemas relacionadas a sua aquisição. Então, não há motivos aparentes para desconfiar que uma criança em condições “normais” de aquisição e envolvida em comunidades de fala, não falará o português. No entanto, isso pode ser verdade para os surdos, por que? Os surdos encontram-se isolados do acesso natural à linguagem oral por questões também naturais como são as deficiências auditivas. E essa existência singular das comunidades surdas traz como consequência fenômenos de diversas ordens, mas, o principal deles é a consequência linguística. Ou seja, os surdos filhos de pais surdos aprendem naturalmente a LS, no entanto, não podemos dizer os mesmos dos surdos filhos de pais ouvintes, que não são usuários de LSs.

Essa falta de um *input* consistente para as crianças surdas filhas de pais surdos com aquisição tardia e ouvintes não sinalizantes, como são todos os sujeitos de nossa pesquisa, cria o que Singleton e Newport (2004) denominam de *input* inconsistente, ou seja, os surdos de nossa pesquisa só tiveram contato com a libras, em sua forma convencional, quando migrados para outras regiões ou a partir do momento em que começam a ter contato com surdos adultos fluentes, que provavelmente também tiveram contato tardio com a LS. Em comunidades desligadas, como vimos na seção 1.2, os surdos têm acesso a formas caseiras (homesigns) mas, dificilmente tem acesso a libras em sua forma convencional, por vezes, esses indivíduos somente tem contato com a soletração alfabética, ou a alguns sinais misturados com gestos de forte apelo icônico<sup>13</sup>.

Desse modo, a explicação para como os surdos com aquisição tardia e *input* inconsistente de ambas as comunidades analisadas conseguem se superar e responder satisfatoriamente ao teste viria de sua capacidade inata para a aquisição

13 Nas línguas orais há também registros de *inputs* inconsistentes como é o caso das crianças que adquirem linguagem em contato com formas de *pidgin*.

de linguagem e regulação do *outcome* produzido por estes. Singleton e Newport (2004) afirmam que o que esses indivíduos fazem é semelhante ao processo de creolização em que os sujeitos “inventam” dispositivos gramaticais, independentes do seu *input* e dependentes unicamente do seu conhecimento linguístico inato. Isto é observado claramente nos sujeitos de nossa pesquisa, os quais, a despeito da qualidade dos *inputs* recebidos, superam seus modelos, reorganizando a informação recebida, mas, não, provavelmente, inovando as formas já consistentes no *input*<sup>14</sup>.

Entendemos a partir das análises que surdos que recebem *input* inconsistente ou a ausência do input por um longo período (aquisição tardia) estão sempre procurando por uma forma de regularidade para a sua língua, justificando os resultados positivos para o IALS. Então, assume-se que a gesticulação caseira e outras formas inconsistentes do *input* podem sim funcionar para o processo de aquisição, ainda que a libras na sua forma mais estável esteja ausente ou infrequente. Singleton e Newport (2004) explicam dizendo:

However, the fact that homesign systems studied thus far are not as structurally complex as full natural signed languages (e.g., American Sign Language, Chinese Sign Language) indicates that the linguistic environment plays a significant role in the development of certain linguistic properties. (p. 4)

Os resultados superiores obtidos para os centros urbanos nos levam a assumir que: em comunidades desligadas há uma possível competição entre uma multiplicidade de formas, provavelmente algumas destas objetivando carregar os mesmos significados. Ou seja, este tipo de padrão probabilístico não é esperado para a uma língua em sua forma consistente como qualquer língua natural adquirida.

Como dissemos no começo, é provável que em comunidades desligadas dos centros urbanos, onde há uma menor concentração de usuários de LS e entidades (não) governamentais que promovem o acesso a LS, a coexistência das formas menos estáveis da língua compitam com as formas mais estáveis pelo estabelecimento de uma regularidade. No entanto, essas comunidades desligadas não se tratam obrigatoriamente de comunidades rurais com emergência de novas línguas sinalizadas como prevê a classificação de De Vos & Pfau (2015). Não descartamos que o viés da emergência possa aparecer integrado à questão da aquisição, pois alguém pode considerar que mesmo na comunidade desligada em que fizemos nossa coleta, dado o relativo isolamento geográfico, uma forma de *pidgin* ou *creola* possa estar em emergência. No entanto, como afirmado na justificativa deste trabalho e repetido aqui, do mesmo modo que não descartamos a emergência de novas formas dialetais consequentes do isolamento, não podemos ficar inertes às diferenças de resultados apresentadas pelos grupos aqui descritos. A escassez de

14 Esta é uma previsão teórica, mas que não foi atestada por meio desta avaliação especificamente. Em pesquisas futuras, os dados coletados para avaliação da linguagem expressiva podem ser comparados aos padrões apresentados pela língua dos familiares.

políticas públicas voltadas para a aquisição da libras não pode ser utilizada como justificativa para a emergência de uma nova língua.

## 5 Conclusão

Os dados levantados a partir da testagem confirmam nossas hipóteses de que há diferenças significativas na forma como comunidades desligadas de surdos adquirem, compreendem e se expressam em libras e, considerando a idade de aquisição dos nossos sujeitos (tardios), e os tipos de *input* recebidos, os mesmos resultados evidenciam efeitos distintos e particulares no que concerne à aquisição de linguagem de LS e de LOs.

A partir dos resultados positivos obtidos em tarefas mais complexas para ambas as comunidades, entende-se que o *input* semilinguístico ou inconsistente pode funcionar como evidência para o sucesso na aquisição de linguagem de surdos com aquisição tardia, dada a capacidade inata dos indivíduos para imporem sistematicidade e organização às inconsistências no *input* recebido.

Por fim, comunidades urbanas possuem claramente níveis mais estáveis de presença da libras do que comunidades desligadas, o que não necessariamente as classifica como comunidades emergentes ou rurais.

## Agradecimentos

A todos os surdos e responsáveis voluntários que participaram desta pesquisa; A Universidade Federal do Piauí – Pró-Reitoria de Pesquisa por ter viabilizado recursos pessoais e materiais para a concretização deste trabalho; Aos alunos de graduação que auxiliaram nas coletas em Parnaíba – Lorena de Oliveira, Roger Sousa; Aos professores e profissionais do CAS – Centro de Apoio ao Surdo de Teresina por auxiliarem na coleta e aplicação dos testes com os surdos do centro urbano; Aos professores: Ruth Lopes, Ronice Muller de Quadros, David Quinto-Pozos, Aline Lemos Pizzio e Roland Pfau pelos comentários e avaliações deste trabalho; A audiência dos eventos FESSIL- PUC/RJ e SIL/SP pelas críticas e sugestões.

## Referências

- BARAKAT, Robert. *The Cistercian Sign Language*. Cistercian Publ., 1975.
- BRASIL; MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). *Diretrizes de atenção da triagem auditiva neonatal*. 2012.
- BRITO, Lucinda Ferreira. Similarities & differences in two Brazilian sign languages. *Sign Language Studies*, v. 42, n. 1, p. 45-56, 1984.

\_\_\_\_\_. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Tempo Brasileiro, 1995.

CRUZ, Carina Rebello. *Consciência fonológica na língua de sinais brasileira (Libras) em crianças e adolescentes surdos com início da aquisição da primeira língua (Libras) precoce ou tardio*. Tese de Doutorado – Instituto de Letras – UFRGS, 207 f. 2016.

DE VOS, Connie; PFAU, Roland. Sign language typology: the contribution of rural sign languages. *Annu. Rev. Linguist.*, v. 1, n. 1, p. 265-288, 2015.

GUIMARÃES, Cristhiane Ferreira; ODA, Adriana Leico. Instrumentos de avaliação de linguagem infantil: aplicabilidade em deficientes. *Rev. CEFAC*, v. 15, n. 6, p. 1690-1702, 2013.

HERMAN, Rosalind. Issues in designing as assessment of british sign language development. *Proceedings of the Conference of the Royal College of Speech & Language Therapists*, Oct 1998

JEPSON, Jill. Urban and rural sign language in India. *Language in Society*, v. 20, n. 01, p. 37-57, 1991.

JOHNSON, Jacqueline S.; NEWPORT, Elissa L. Critical period effects in second Language learning: the influence os maturational state on the acquisition of english as a second Language. *Cognitive Psychology*, 21, 60-99, 1989.

KARNOPP, Lodenir B. Aquisição Fonológica na Língua Brasileira de Sinais: estudo longitudinal de uma criança surda. *Porto Alegre. Tese de Doutorado, PUCRS*, 1999.

LENNEBERG, Eric. *Biological foundations of language*. New York: John Wiley and Sons, 1967.

MASON, K.; ROWLEY, K.; MARSHALL, C. R.; ATKINSON, J.; HERMAN, R.; WOLL, B. & MORGAN, G. Identifying specific language impairment in deaf children acquiring British Sign Language: Implications for theory and practice. *British Journal of Developmental Psychology*, 28(1), 33-49. 2010.

MEISSNER, Martin; PHILPOTT, Stuart B.; PHILPOTT, Diana. The sign language of sawmill workers in British Columbia. *Sign language studies*, Volume 9, Winter, p. 291-308. 1975.

MORGAN, Gary. Critical Period in Language Development. *SAGE Publications*, p. 115-118, 2014.

NEWPORT, Elissa L. *Critical periods in language development*. 2002.

PEREIRA, Everton Luís. “Fazendo cena na cidade dos mudos”: surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no sertão do Piauí. Tese de doutorado – Programa de Antropologia – Universidade Federal de Santa Catarina. 2013.

PERINI-SANTOS, Pedro. MÜLLER, Ronice de Quadros; CRUZ, Carina Rabello. *Língua de sinais-instrumentos de avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2011. 159 p. *Fórum Linguístico*, v. 9, n. 1, p. 83-87, 2012.

PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie (Ed.). *Sign language: An international handbook*. Walter de Gruyter, 2012.

QUADROS, Ronice Muller de. Linguistic policies, linguistic planning, and Brazilian Sign Language in Brazil. *Sign Language Studies*, Volume 12, Number 4, Summer, p. 543-564. 2012.

QUADROS, Ronice; CRUZ, Carina. *Língua de Sinais: instrumentos de avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SCHEMBRI, Adam *et al.* Issues in development of the test battery for Australian sign Language morphology and syntax. *Journal of deaf studies and deaf education*, 7:1, Winter. 2002.

SINGLETON, Jenny L.; NEWPORT, Elissa L. When learners surpass their models: the acquisition of American sign Language from inconsistent input. *Cognitive Psychology*, 2004.

TREE, Erich Fox. Meemul Tziji: An indigenous sign language complex of Mesoamerica. *Sign Language Studies*, v. 9, n. 3, p. 324-366, 2009.

ZESHAN, Ulrike. Roots, leaves and branches: the typology of sign languages. Sign Languages: spinning and unraveling the past, present and future. TISLR9, forty five papers and three posters from the 9th. *Theoretical Issues in Sign Language Research Conference*, Florianópolis, Brazil, December 2006. (2008) R. M. de Quadros (ed.). Editora Arara Azul. Petrópolis/RJ. Brazil. <http://www.editora-arara-azul.com.br/EstudosSurdos.php>.



## 4

### Os parâmetros fonológicos nas produções em libras como segunda modalidade de usuários iniciantes

*Luiz Antonio Zancanaro Junior<sup>1</sup>*

#### 1 Introdução

É de suma importância a conquista legislativa obtida pela comunidade surda: o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais. A partir de então, mais ouvintes passaram a se interessar pela língua e passaram a frequentar cursos no intuito de aprender. Contudo, muitos alunos destes cursos, deixam de praticar a Libras ocasionando em esquecimento e ao tentarem se comunicar distorcem alguns sinais e não passam a informação de forma adequada. A.

Neste sentido, este trabalho de pesquisa tem por objetivo fazer um estudo da estrutura interna dos sinais produzidos pelos usuários da Libras como Segunda Modalidade (M2), iniciantes e analisando a descrição dos gestos distorcidos produzidos por eles. O foco da pesquisa consiste nos três parâmetros da fonologia de Língua de Sinais: configuração de mão, locação e movimento, utilizando como referência os sinais produzidos no litoral catarinense.

Quando se trata da aprendizagem da Libras por pessoas ouvintes, a linguística da Libras se insere no conceito de segunda modalidade, conforme descrito por Pichler (2009). Quando um ouvinte decide aprender outro idioma oral-auditivo, ele está aprendendo uma língua de mesma modalidade. No entanto, os ouvintes que aprendem a Língua de Sinais como segunda língua podem encontrar, além das dificuldades naturais da língua, outras emitidas pela modalidade (visual-espacial). Nestes casos, aprendem não somente uma segunda língua, mas também uma segunda modalidade (doravante M2)

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: juniorlz18@gmail.com

Percebe-se que nas produções em Libras, dos usuários ouvintes, como M2, podem ocorrer distorções em função da dificuldade motora das mãos apresentadas nos segmentos dos parâmetros fonológicos implicando alteração nos sinais. Isso, possivelmente, se deve ao fato de esses usuários iniciantes estarem aprendendo a Libras como uma segunda modalidade. Essa dificuldade pode ser entendida como um fator equivalente ao que acontece também no aprendizado de usuários aprendizes de línguas faladas como L2 cuja modalidade é M1.

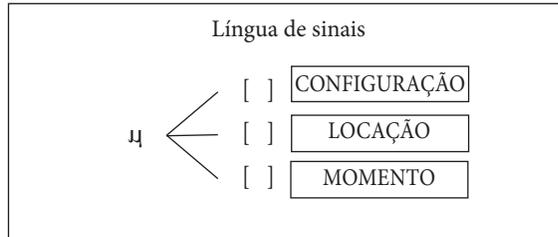
Em suas tentativas de produção de léxicos de sinais a partir da visualização de produções dos surdos, usuários ouvintes como M2 tentam adaptar a forma dos itens lexicais de sinais de maneira que consigam produzi-las como possível imitação do surdo. Ou seja, as produções iniciais não são perfeitas, são apenas cópias da produção do surdo. São desordenadas e há distorções, ocorrendo apenas a tentativa de reprodução.

Pode-se dizer que os ouvintes, ao aprender a Libras, apoiam-se pela visão, diferentemente da Língua Portuguesa onde se apoiam mais fortemente pela audição. Os autores consideram, ao comparar as distinções entre as duas línguas, que parece existir uma necessidade de atenção visual maior dos ouvintes para compreensão da Libras. Além disso, que esses, ao dispensar maior atenção às mãos do sinalizador, informações linguísticas presentes no rosto do sinalizador não são percebidas. Leite e McCleary (2008) ainda observam que os surdos conversam de maneira distinta e ao mesmo tempo que focalizam especialmente o rosto do sinalizante conseguem perceber os sinais em um ângulo amplo de visão, ao passo que, os ouvintes, em alguns momentos, além de focalizar o rosto, desviam o olhar para as mãos do sinalizante, por exemplo, em momentos de soletração manual, o que faz com que percam as informações faciais. Outro fator que também implica perdas de informação é o não acompanhamento visual das trocas de turnos dos sinalizantes. Da parte dos ouvintes, há a impressão de que a informação foi rompida, tendo em vista a dificuldade de acompanhar a sinalização de dois ou mais surdos que interagem ao mesmo tempo. Já os surdos, dialogam diversos tipos de assuntos sem a necessidade de redirecionamento da cabeça e do olhar de maneira tão frequente e/ou intensa.

## 2 A teoria de fonética e fonologia de Língua de Sinais

Há muito tempo, as línguas eram gestuais ou pantomimas, nas quais não era possível expressar os conceitos abstratos. Atualmente, ainda existe um grande preconceito e desconhecimento sobre a língua de sinais, tendo em vista que as pesquisas da área são limitadas. Em 1965, foi publicado o livro *Sign Language Structure*, por William Stokoe, nesta obra, ele explica, de forma clara, a naturalidade das línguas. Sua análise foi baseada em observações na própria comunidade surda, foram essas observações que contribuíram para incorporação das línguas não-orais em suas pesquisas.

A estrutura da Língua de sinais é simultânea na organização dos elementos, no uso das mãos no espaço e no corpo, nos aspectos unidos formacionais de um sinal: configuração de mão, locação e movimento, ou seja, elemento isolado sem sentido, tendo em vista que nesta, os fonemas são articulados simultaneamente. De acordo com Hulst (1993, p.210), conforme mostra a Figura 3 adaptada abaixo e u= morfema, [ ] fonema que representa três aspectos:



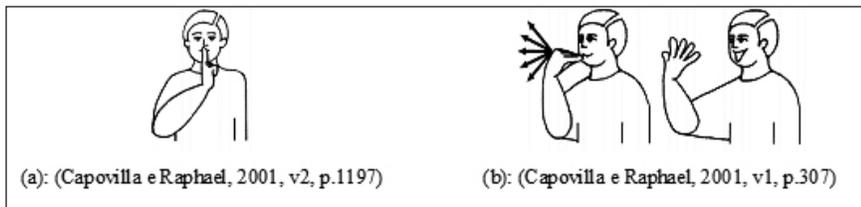
**Figura 1.** Simultânea na organização dos elementos

Desta mesma maneira, as línguas sinais-visuais apresentam-se em espaço multidimensional, ocupando, de modo simultâneo, os elementos constitutivos, existindo também a linearidade na sua realização. Já as línguas orais nem sempre são unidimensionais, como exemplo, a sequência de palavras seguidas de entoação e os traços distintivos dos fonemas, nesta, sempre há simultaneidade (Brito, 1995).

Os pesquisadores Stokoe, (1960); Stokoe, Casterline e Cromeberg, (1965); Friedman, (1977); Supalla e Newport, (1978); Klima e Bellugi, (1979); Mandel, (1981), fizeram os primeiros estudos sobre o nível fonológico da Língua de Sinais Americana (ASL), organizando principalmente, uma base teórica estruturalista. Esses autores propuseram registros e discussões a cerca da validade dos parâmetros, que ressaltam diversos elementos das línguas de sinais constituídos de fonemas produzidos simultaneamente. Além disso, aceitaram a existência de sequencialidade na Língua de Sinais (ressaltou Stokoe, especialmente para o parâmetro movimento), enfatizando o aspecto contínuo dos elementos e a superposição dos mesmos na constituição dos sinais (Brito, 1995).

De acordo com Liddell (1984, apud Brito, 1995), a ASL pode ser dividida em duas categorias principais de sinais:

- a) Sinais unitários: os traços são estáveis, ou seja, informações de configuração de mão, locação e orientação da palma durante realização do sinal articulado, os quais podem ser constituídos de movimento ou suspensão (movimento ausente), também são denominados monossegmentais, conforme exemplo citado na Figura (2a). São a minoria na ASL.
- b) Sinais sequenciais: denominam-se por um ou mais segmentos de parâmetros, envolvendo movimento e/ou suspensão. Sendo que, a maioria dos itens lexicais de sinais se caracteriza pela sequencialidade durante sua realização. Como exemplo, demonstram-se muitas sequências de movimentos e/ou suspensão de postura da mão. Veja o sinal “BOM” na Figura (2b).



**Figura 2.** Os sinais: (a) “SILÊNCIO”; (b) “BOM”

Na Figura 2, em “(a)”, apresenta-se o sinal de SILÊNCIO composto pelo segmento da suspensão que pode ser caracterizado por um feixe de traços simultâneos, que envolve a configuração de mão, a locação, o movimento e a orientação da mão, porém, neste caso, o sinal não possui um movimento na sua realização. Na direita, em “(b)”, vê-se o sinal de BOM o qual apresenta três segmentos, sendo o primeiro e o último o de suspensão do sinal. Cada suspensão pode ser caracterizada por um feixe de traços simultâneos. A primeira suspensão se constitui pela articulação da configuração inicial da mão na vertical, com a palma para dentro, pontas dos dedos unidas em frente à boca e a configuração final, ou última suspensão, pela mão distendida e com os dedos separados. Entre esses dois segmentos de suspensão identifica-se ainda um segmento intermediário de movimento, que estabelece o tipo de transição entre o primeiro e o último segmento de suspensão.

Conforme Brito (1995), existem dois modelos com a descrição do sinal ilustrado THINK em ASL, (veja a Figura 3), um destes é o modelo de transcrição apresentado por Stokoe et al (1969) e, o modelo proposto por Liddell, onde existem camadas e segmentos, sendo que cada camada equivale à análise do nível fonológico de uma língua de sinais. De acordo com (Brito, 1995, p. 32) “o que parece ser necessário investigar é a hierarquia existente entre eles e a hipótese, que ora levantamos, de que a tendência das línguas de sinais é a de se discretizar muito mais em termo de simultaneidade do que em termos de segmentos sequências”.



**Figura 3.** O sinal “THINK (em port. Pensar)”

**Fonte:** <http://roseavenue.net/kelly/HumnetFiles/aslphonexer.htm>

A Figura 3 pode ser descrita como a mão direita em movimento para cima a partir de seu lugar de repouso. Quando aproxima da testa e assume a configuração de mão de G, com a ponta do indicador orientando-se na direção da testa, estabelecendo um contato por um curto período de tempo.

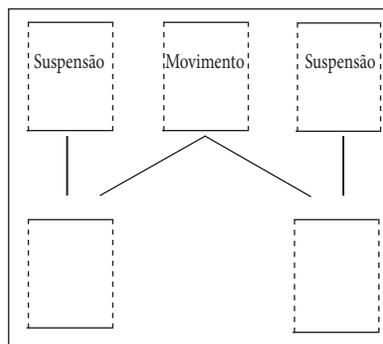
Stokoe <i>El alli</i>	
CM:	g
LOC:	N
M:	c
Conjunto simultâneo de elementos	

Liddell		
Seg:	M	S
CM:	I	I
Or:	T	TI
Loc:	FT	FH
Com:	-	+
SNM:	-	-

**Figura 4.** Adaptado a transcrição do modelo diferente, BRITO, p. 32, 1995.

Observarmos que os dois modelos aplicados apresentam as configurações de mão de G e I, ambas são iguais, mantendo um dos dedos estendidos e os demais flexionados; I é a convenção utilizada por Liddell para o tipo de CM, a qual Stokoe et al. (1969) denomina de G; N é o símbolo Stokoe et al., enquanto FH é o símbolo usado por Liddell, e ambos se posicionam na testa; TI é a orientação da ponta do dedo para locação. O modelo tradicional tem um movimento de contato x, já Liddell não organiza parte do movimento, no entanto, descreve a sequência ocorrida nesse sinal. A descrição exposta por Liddell, do sinal THINK em ASL, mostra que Seg, CM, Or, Loc, Con, SNM se formam simultaneamente, portanto, não incorporam movimento e suspensão, que são sequenciais. Outros elementos são redundantes na descrição de Liddell, sendo, muitas vezes desnecessários.

Skott K. Liddell e Robert E. Johnson (1989) ignoram a simultaneidade em suas pesquisas. Eles propuseram que os sinais com movimento têm do início até o final, três fases principais: (a) o momento que a mão inicia o sinal, ela está em suspensão; (b) realização do movimento; e (c) momento final, no qual a mão volta à condição de estacionada. Como alternativa de descrição, desenvolveram o modelo chamado de suspensão-movimento-suspensão, representado pelo esquema seguinte:



**Figura 5.** Representação do suspensão-movimento-suspensão

Aqui apresentamos os vários tipos de sequencialidade nos sinais em ASL, incorporando sequencias de configuração de mão, locação, sinais não manuais, movimentos locais e movimentos de suspensão. No modelo simultâneo é impossí-

vel representar na estrutura do sinal esses detalhes sequenciais de forma eficaz. Os aspectos importantes da sequência ASL são capazes de representar um dispositivo descritivo, o qual foi defendido por Liddell e Johnson (1989).

Os sinais têm estrutura sequencial, a mesma pode ser apresentada em correspondência aos segmentos fonológicos responsáveis por contraste sequencial, o tipo de classificação encontrado em línguas faladas. A existência dos segmentos linguísticos são demonstrados em menor unidade na ASL, como línguas faladas tem, pares de sinais distintos por sequência interna diferente (Liddell e Johnson, 1989).

Relacionando as teorias apresentadas, aos dados desta pesquisa, conclui-se que é importante compreender, primeiramente, a principal as diferenças da estrutura da simultaneidade e sequencialidade do sinal. Nesta pesquisa, o estudo prévio a respeito dessas teorias favoreceu a análise de dados no que tange à descrição dos segmentos fonológicos da Libras, neste artigo foi escolhido o modelo fonológico movimento e suspensão propostos por Liddell & Johnson (2000).

### 3 Metodologia da pesquisa

Quando se faz análise linguística, é importante considerar a modalidade, já que esta pode influenciar na produção da língua, tendo em vista as condições articulatorias, físicas e de tempo na produção e na percepção envolvidas para, desta forma, preparar o modelo adequado de base de dados necessários à análise.

Os participantes da pesquisa são alunos do curso de Letras Libras licenciatura e bacharelado da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no município de Florianópolis, que possui quatro turmas de 1º, 3º, 6º e 8º período no turno matutino. Foram convidados três estudantes de cada turma, do 3ª e 6ª período, estes são usuários da Libras como M2. Decidiu-se por filmar apenas 06 participantes, sendo 3 do sexo masculino e 3 feminino. Os do grupo masculino tinham idade entre 21 (vinte e um) e 52 (cinquenta e dois) anos, sendo que um deles tem familiar surdo. Os do grupo feminino tinham idade entre 39 (trinta e nove) e 51 (cinquenta e um) anos. Não possuem outros familiares surdos. Em ambos os grupos, os participantes não possuem o certificado de formação de tradutor/interprete de Libras, bem como o exame de proficiência em tradução e interpretação de Libras. Não atuam como intérpretes de Libras nas instituições, um já fez o curso de Libras, mas esqueceu alguns sinais, uma vez que não tem contato surdos.

Os procedimentos envolvidos apresentaram-se em três atividades, em cada uma das etapas descritas a seguir os participantes iniciantes foram convidados a produzir, em Libras. Na primeira atividade, os itens lexicais de sinais padronizados foram ensinados aos participantes, que observaram os cartões de figuras representando diferentes campos lexicais de sinais, tais como: óculos, café, cachorro-quente, lagosta, saúde, mentira, veneno, só. Estes itens foram selecionados, uma vez que cada um utiliza uma mão dominante, duas mãos dominantes e mão não dominante, ainda, espaço-neutro, os tipos de movimentos, as configurações de

mãos com formas diferentes. Além disso, pode-se perceber que a produção desses sinais apresenta distorções que ocorrem por conta da iconicidade ou gestualidade.

Os sinais padronizados escolhidos foram investigados e a maioria deles padronizados no uso de língua, na sociedade brasileira surda. Para essas atividades foram selecionados 08 itens lexicais padronizados e com determinada complexidade motora, que exigem, por sua vez, a configuração de mão apresentada em diferentes formas das mãos.

No caso dos participantes iniciantes, pode-se dizer que o pesquisador conversou com eles que recordaram e/ou treinaram os sinais, e, por vezes, fizeram algumas perguntas sobre sinais diferentes, isso porque em determinados casos, existe a variação de sinais, assim, seu uso depende do local e da comunidade surda com a qual cada um tem contato. Nesta atividade não foram feitas filmagens uma vez que estudaram o vocabulário, mas, como poderia ocorrer variação, isso não favoreceria a análise dos dados.

Após o término da primeira atividade, iniciou-se a segunda atividade, os usuários produziram cada sinal por imitação do enunciador surdo, pelo vídeo no Power Point na frente do notebook, representados nos slides com itens lexicais de sinais padronizados. Por fim, na terceira atividade, os participantes produziram cada um dos sinais a partir da visualização de uma imagem correspondente ao sinal, sem, contudo, ver o sinal.

A segunda e terceira atividades foram dois testes aplicados, foram feitas filmagens da enunciação dos sinais e em cada um dos slides, passavam de quatro em quatro segundos, funcionando automaticamente durante a produção.

Optou-se por fazer a segunda e terceira atividades distintas. Sendo que na segunda atividade os participantes reproduziam o sinal de acordo com o vídeo mostrado, ou seja, a atividade envolvia apenas a “imitação” do sinal. Já na terceira atividade, uma imagem era mostrada ao participante, que deveria sinalizar o referido objeto. Desta forma a terceira atividade envolvia além da sinalização em si, o uso da memória dos participantes, já que deveriam buscar em suas mentes o sinal correspondente à imagem, que já lhes havia sido ensinado anteriormente. Esta característica faz com que a atividade 3 tenha um nível de dificuldade maior que a anterior. Ressalta-se, porém que os itens lexicais foram apresentados isoladamente e foram utilizados os mesmos nas 3 atividades.

A coleta de dados foi registrada por meio de filmagens através de três câmeras, na Web Cam embutida nos notebooks na posição diagonal esquerda e direita, para facilitar a identificação da produção das mãos. Quando um participante ficava no ângulo da Web Cam embutida nos notebooks, o pesquisador clicava na em gravar de cada notebook, antes de iniciar a gravação uma linear determinava as atividades da produção em Libras, para facilitar pode ser feito a edição, ou seja, o corte de início e fim das atividades com um programa de tempo simultâneo real através dos três vídeos. Depois do término da gravação, foram extraídos os dados coletados nos notebooks para carregá-los no notebook do pesquisador utilizando a análise na transcrição da língua brasileira de sinais. Os vídeos foram salvos como

documentos\*.wmv para converter os documentos deve-se utilizar o \*.mov, uma ferramenta de transcrição que está disponível para visualização dos vídeos nas diferentes formas.

Esse software tem à disposição ferramentas profissionais que auxiliam na criação de anotações complexas sobre recursos de áudio e vídeo. Com o uso deste, pode-se criar um número ilimitado de anotações para linhas de áudio e vídeo, e tem como característica, a possibilidade de se fazer transcrição ou anotação de frases, palavras ou glosas; ou ainda, comentários, traduções ou descrições. Com esse sistema é possível visualizar até 4 vídeos simultaneamente nos formatos de documento \*.mpg ou \*.mov, os mesmos podem ser sincronizados com uma mesma imagem de ângulos diferentes ao mesmo tempo, veja a Figura 6.

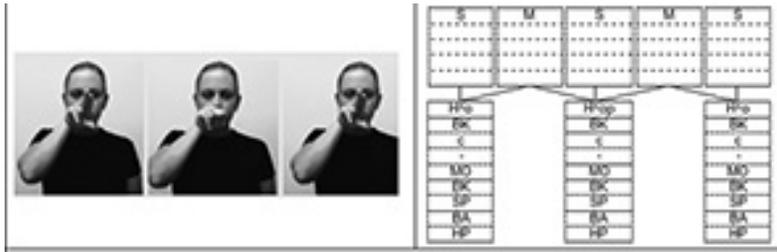


Figura 6. Tela do ELAN

Para começar a análise, o sistema ELAN carrega os 3 (três) arquivos de cada participante (diagonal esquerda, diagonal direita, frente). Caso não seja possível visualizar os detalhes, cada vídeo pode ser rodado do tamanho da tela, facilitando a análise. Os vídeos podem ser rodados em velocidades diferentes, sendo que cada quadro apresenta as seguintes opções: começa vídeo, final vídeo, repetir vídeo, segue um segundo e volta um segundo. Ao encontrar distorções fonológicas mais complexas e que exigem uma análise mais minuciosa, cria-se uma trilha abaixo do vídeo denominada “DISTRORÇÃO” uma vez que descreve a glosa referente aos itens lexicais selecionados desta pesquisa.

Com as informações coletadas nas filmagens iniciais e finais, foi possível fazer um recorte dos vídeos, separar as figuras apresentadas e o sinal produzido por cada usuário. A análise dos dados começa pela organização das filmagens em um corte transversal, ilustrado no exemplo da Figura 7. Esse corte transversal auxilia na observação mais específica dos enunciados dos sinais, para, deste modo, verificar a possível estrutura interna da Libras, naquele momento utilizada. Construiu-se uma tabela dos segmentos fonológicos considerando o ângulo frontal, sendo assim, não será necessário postar todos os segmentos, em todas as posições, já que, em alguns sinais, é possível perceber a produção em apenas um ângulo. Na figura 7, demonstrada a seguir, pode-se observar o exemplo do sinal “PATO”, à

esquerda, que possui uma configuração de mão inicial e outra final, ou seja, neste caso, existe um movimento e este deve ser considerado no momento da análise. Já à direita da tabela, ainda na Figura 1, observa-se a transcrição fonética no modelo de suspensão e movimento, proposta por Liddell e Johnson (1989)<sup>2</sup>. Na segunda linha da tabela, encontra-se a descrição fonológica do sinal.



Observa-se que no sinal existem cinco segmentos: de movimento e suspensão que descrevem o primeiro segmento de suspensão inicia uma produção de mão caracteriza pelo traço de configuração de mão simbolizada por [H<sup>o</sup>], isto é, dedos indicador e médio distendidos, unidos e achatados e os demais fechados inclusive polegar oposto que parece a forma de mão de “H”. Os traços que descrevem o ponto de contato [PC]. O primeiro traço desse subfeixe se refere à parte da mão que toca ou que está voltada para a localização especificada, esse sinal caracteriza a parte de mão, o dorso, representada por [BK]; o terceiro traço desse subfeixe descreve a relação de proximidade entre a parte de mão e a localização, observa-se que essa relação se define pelo traço contato [c]; o terceiro traço desse subfeixe, relação espacial, não apresenta nenhuma especificação; o último traço desse subfeixe diz respeito à localização, ou seja, ao lugar em que esse sinal é articulado, esse sinal tem como ponto de articulação a boca, especificadas pelos dois traços anteriores. No caso do sinal PATO, observa-se o dorso da mão localizado na boca, realizando o contato. Por fim, os traços que compõem o subfeixe face [FA] e os traços que compõem o subfeixe articulatório orientação [FA]. O primeiro deles é responsável por descrever a parte da mão que está paralelo à superfície de uma localização sobre o corpo, representado pelo plano da superfície [SP] e o dorso [BK]; o último deles é responsável por descrever a parte da mão que está paralelo ao plano horizontal [HP], a base [BA]. O segundo segmento de movimento desse sinal se caracteriza pelo movimento para o próximo segmento, quando se muda configuração de mão. O terceiro segmento de suspensão apenas muda a configuração de mão, é simbolizada por [H<sup>op</sup>] isto é, dedos indicador e médio distendidos e unidos toca o contato de polegar oposto. O quarto segmento de movimento é o mesmo do segundo segmento. Por último, o segmento de suspensão é o mesmo do primeiro segmento.

**Figura 7.** SINAL: “PATO”

A delimitação entre o momento em que a articulação do sinal se inicia e finaliza, tem importância no sentido de estabelecer o número de segmentos constituintes do sinal. De acordo com Xavier (2006, p. 118), “uma das mais complexas questões que surgem quando se tenta estabelecer a estrutura segmental de um sinal diz respeito à sua delimitação no *continuum* sinalizado”. Para o sinal, é uma tarefa complexa saber onde ele se inicia e finaliza.

2 Para maiores informações ver o capítulo 2.3 que fornece detalhes de um sistema de transcrição de fonética na dissertação de mestrado de Luiz Antonio Zancanaro Junior (2013).

## 4. análise de dados

Apresenta-se uma descrição da sequência de observações dos aspectos articulatorios envolvidos na produção dos sinais e, essencialmente, analisa-se as distorções fonológicas durante a sinalização dos usuários, buscando assim, verificar a estrutura interna dos itens lexicais. Para fins de aplicação dos conhecimentos, faz-se um estudo sobre a transcrição de segmentos fonológicos e como funcionam em sequência e simultaneamente no modelo de suspensão e movimento, proposto por Liddell e Johnson (1989).

A produção dos parâmetros fonológicos, pelos usuários, foi considerada precisa quando examinadas e verificada a semelhança com o modelo apresentado pelo surdo adulto, como parâmetro estabelecido. Nesta perspectiva, buscou-se analisar a existência ou não da substituição, mais especificamente, em se tratando de configuração de mão, locação e o movimento, ou ainda a combinação destes elementos.

Em seguida, pode-se ver os 8 (oito) sinais diferentes padronizados utilizados na pesquisa, que foram observados pelos participantes na atividade 2. À esquerda da respectiva tabela, o sinal, e à direita a descrição da articulação do sinal, com as respectivas tabelas de segmentos fonológicos. O sistema de transcrição utilizado para cada um dos sinais (configuração de mão, localização, orientação da mão) acompanha o modelo fonológico proposto por Liddell e Johnson (1989). Depois, apresenta-se recortes dos sinais realizados de maneira distorcida nas atividades 2 e 3 respectivamente e a descrição da alteração fonológica ocorrida.

	<table border="1"> <tr><td>Classe principal</td><td>B</td></tr> <tr><td>Contorno do movimento</td><td></td></tr> <tr><td>Plano de contato</td><td></td></tr> <tr><td>Traço de qualidade</td><td></td></tr> <tr><td>Movimento</td><td></td></tr> <tr><td>CM</td><td>1-0</td></tr> <tr><td>PC</td><td></td></tr> <tr><td>  Parte de mão</td><td>RAF</td></tr> <tr><td>  Proximidade</td><td>C</td></tr> <tr><td>  Índice de contato</td><td></td></tr> <tr><td>  Localização</td><td>CM</td></tr> <tr><td>FA</td><td></td></tr> <tr><td>  Parte de mão</td><td>RA</td></tr> <tr><td>  Localização</td><td>SP</td></tr> <tr><td>OL</td><td></td></tr> <tr><td>  Parte de mão</td><td>RA</td></tr> <tr><td>  Plano</td><td>SP</td></tr> </table>	Classe principal	B	Contorno do movimento		Plano de contato		Traço de qualidade		Movimento		CM	1-0	PC		Parte de mão	RAF	Proximidade	C	Índice de contato		Localização	CM	FA		Parte de mão	RA	Localização	SP	OL		Parte de mão	RA	Plano	SP
	Classe principal	B																																	
Contorno do movimento																																			
Plano de contato																																			
Traço de qualidade																																			
Movimento																																			
CM	1-0																																		
PC																																			
Parte de mão	RAF																																		
Proximidade	C																																		
Índice de contato																																			
Localização	CM																																		
FA																																			
Parte de mão	RA																																		
Localização	SP																																		
OL																																			
Parte de mão	RA																																		
Plano	SP																																		
<p>Observa-se que as duas mãos em simetria estão descritas pelo traço de classe principal, suspensão [S], elas se caracterizam pelos traços de configuração de mão, [1°~0], isto é, o dedo mínimo curvado e o polegar não-oposto, que parece a forma de mão de "C"; o traço de ponto de contato apresenta parte da mão, radial dos dedos, representado por [RAFI] e de proximidade, contato, representado por [c], de localização, dado que o ponto de contato da mão dominante é a bochecha situada na porção superior, representado por [CKI] é a mesma mão não-dominante. O traço da face apresenta parte da mão, radial [RA] localizada no plano superfície [SP]. Por fim, cabe dizer que apresentam a orientação, uma vez que a parte da mão paralela ao plano horizontal [HP] é a base [BA].</p>																																			

Figura 8. Sinal: “ÓCULOS”





**Figura 11.** Sinal distorcido na atividade 02

A Figura 11 apresenta a configuração inicial de mão do primeiro segmento que é a mesma do sinal preciso e a mesma da configuração de mão do último segmento substituída, representada por [A'op], caracterizada pelo dedo indicador em contato realizado na almofada do polegar e os demais dedos enganchados.



**Figura 12.** Sinal distorcido na atividade 03

Já a Figura 12 mostra que a configuração de mão do último segmento foi substituída, representada por [9"~op], caracterizada pelo dedo indicador em contato realizado na almofada do polegar. Observou-se que em cada atividade o participante cometeu uma distorção diferente, ao que parece não percebeu a posição ideal dos dedos, utilizando, nas duas atividades, configurações de mão distintas.



**Figura 13.** Sinal distorcido na atividade 03

A Figura 13 apresenta a realização de uma distorção, uma vez que houve dificuldade de manipular os dedos selecionados corretamente. Esse dado levou a analisar que existem três segmentos de suspensões enquanto no sinal preciso existe apenas duas. Ocorreu uma nova inserção no último segmento de suspensão, a mesma configuração de mão do sinal preciso. Cada uma dessas sequências apre-

sentou uma configuração de mão distinta, não afetando o significado, apenas os dedos selecionados foram mudados, considerando que a dificuldade foi em imitar os dedos selecionados. Esse sinal, caracterizado pela configuração de mão do primeiro segmento, representado por [8”op] especifica o dedo médio distendido, dedo indicador em contato com almofada do polegar e os demais enganchados; o segundo, representada por [U~op], tem os dedos indicador e médio unidos realizando o contato da almofada do polegar e os outros dedos juntos, com a proximal distendida e a distal flexionada; o terceiro especifica em [9op], isto é, dedo indicador em contato com a almofada do polegar e os dedos abertos e espalmados.

	Classe principal	M	S	S
	Contorno de movimento	st		
	Plano de contorno			
	Traco de qualificação			
	Movimento			
	CM:	1o-	1o-	B'o
	PC:	Parte de mão	PA	
		Proximidade	c	
		Relação espacial	-	
		Localização	CK	m-0-ST
FA:	Parte de mão	EK	EK	
	Localização	VP	VP	
OR:	Parte de mão	UL	UL	
	Plano	HP	HP	
		Mão direita	Mão esquerda	

Observa-se a configuração de mão [CM] que, neste, consiste no indicador aberto e os demais dedos fechados, inclusive o polegar é simbolizado por [1o-] na parte dominante da mão que se apresenta no primeiro segmento do movimento e no último segmento de suspensão. O primeiro segmento do movimento inicia-se com a mão dominante localizada na frente da bochecha e é a parte distante medial na palma da mão não-dominante e o segmento de suspensão finaliza com a mão direita que toca na palma da mão não-dominante localizada na frente do esterno que é distante medial. Por fim, aparece o traço da face [FA] que é responsável por descrever a parte da mão paralela à frente do dorso no plano vertical [VP]. O dorso da mão [BK] e o traço de orientação [OR] são responsáveis por descrever a parte da mão paralela ao plano horizontal [HP], que é a ulnar [UL].

Figura 14. Sinal: “CACHORRO-QUENTE”

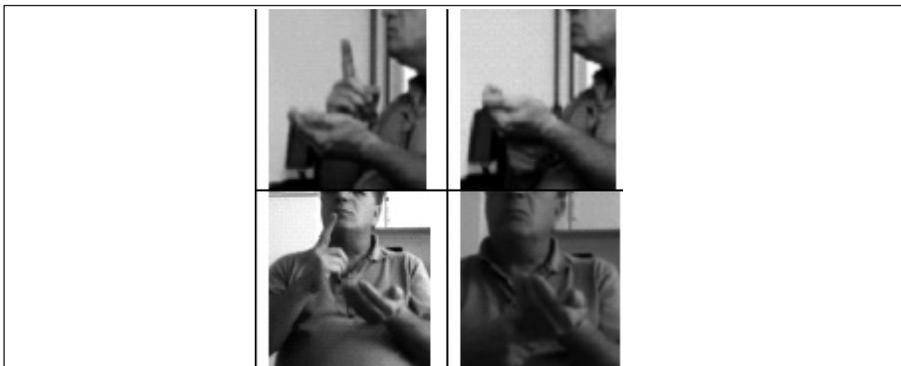


Figura 15. Sinal distorcido na atividade 02 e 03

A Figura 15 mostra a mão esquerda, na qual é substituída pela configuração de mão, representada por [Bu^], a palma aberta, dedos unidos e o polegar não

oposto achatado em contato executado na almofada do polegar. Esse sinal pode apresentar outro significado como “COMBINAR”.



A Figura 16. Sinal distorcido na atividade 03

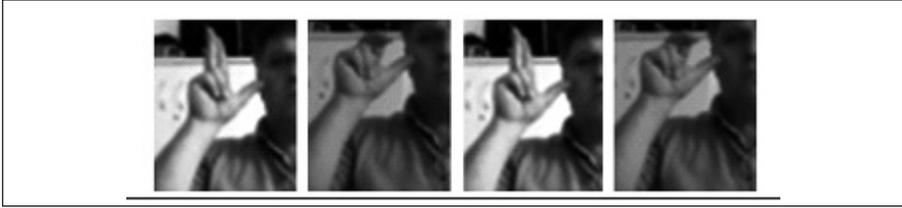
A Figura 16 mostra a configuração de mão esquerda no segundo segmento, representada por [B^op], isto é, os dedos achatados em contato com a almofada do polegar.

O usuário produziu um sinal diferente do sinal preciso, ele visualizou uma imagem do referente e fez a imitação de forma idêntica, o que possibilita ser icônico justificado pelo fato dela ter reproduzido os demais dedos distendidos tocando a ponta o polegar sobre a mão esquerda, semelhante à forma de pão fechado.

Classe principal	S	M	S	M	S	M	S
Contorno de movimento							
Plano de contorno							
Traço de qualidade							
Movimento							
CM:	R	R	R	R	R	R	R
PC:	T1TH						
Proximidade	c	c	c	c	c	c	c
Relação espacial	-	-	-	-	-	-	-
Localização	CK						
FA:	PA						
Localização	VP						
OR:	BA						
Piano	HP						

Observa-se o traço de configuração de mão caracterizado pelos dedos indicador e médio cruzados e os demais fechados no primeiro segmento, dedos indicador e médio cruzados e achatados no segundo segmento. O traço de ponto de contato apresenta-se na ponta do polegar, representado por [T1TH], que tem contato [c] com a bochecha [CK].

Figura 17. Sinal: “LAGOSTA”



**Figura 18.** Sinal distorcido na atividade 02 e 03

Na Figura 18 todos os segmentos foram substituídos. Na configuração da mão, tanto o primeiro como o terceiro segmento de suspensão, representado por [H], isto é, dedos indicador e médio distendidos e unidos e os demais fechados, quanto ao segundo e quarto, representado por [H^], isto é, dedos indicador e médio unidos e achatados e os demais fechados, diferenciando-se da configuração de mão do sinal preciso.

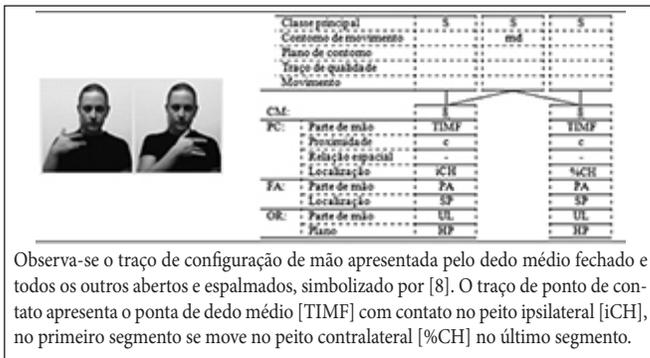
Na atividade 3, esse usuário produziu apenas dois segmentos, ou seja, pode-se dizer que ocorreu o apagamento do segmento fonológico, tendo em vista que o sinal preciso tem quatro segmentos específicos. Percebe-se que o polegar não realiza o contato na bochecha, ficando um pouco distante, houve a substituição da locação. Totalizando 3 (três) ocorrências de configuração de mão distorcida.

O sinal “cavalo” produzido pelos usuários parecem ter outro significado, pois, foi mudada a locação do sinal, no entanto, dois sinais “LAGOSTA” e “CAVALO” têm as mesmas locações mudando apenas a configuração de mão, porque nos dois casos os dedos indicador e médio se opõem.



**Figura 19.** Sinal distorcido na atividade 03

Na Figura 19, observa-se que foi substituída a locação específica, pois o traço de ponto de contato apresenta-se na ponta do polegar, representado por [TITH], em contato [c] com a porção superior da bochecha [CKt], porque o polegar toca próximo da orelha, que possibilita entender como a forma da orelha de um cavalo ou dos braços de uma lagosta, ficando um pouco confuso, exibindo a forma de icônico, sendo o sinal parecido com o sinal de “CAVALO”.



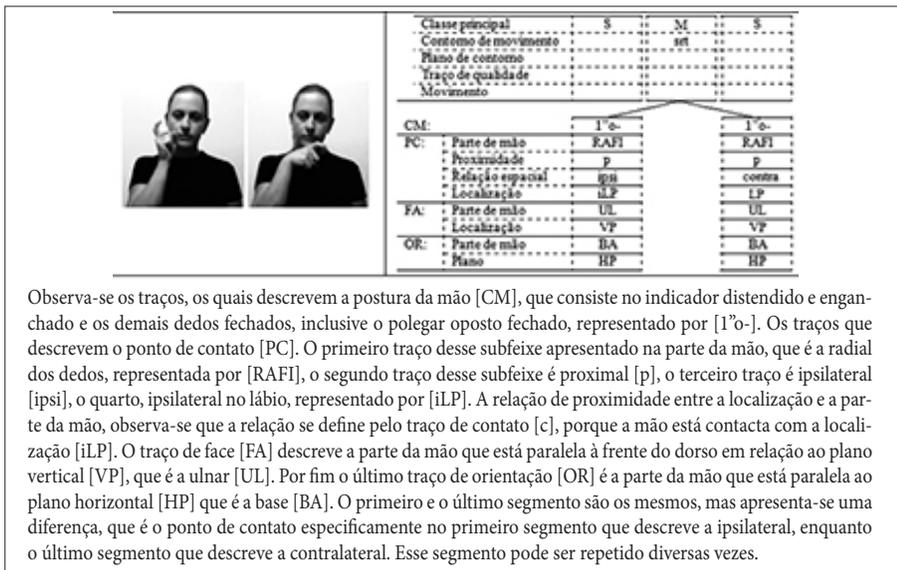
Observa-se o traço de configuração de mão apresentada pelo dedo médio fechado e todos os outros abertos e espalmados, simbolizado por [8]. O traço de ponto de contato apresenta o ponta de dedo médio [TIMF] com contato no peito ipsilateral [iCH], no primeiro segmento se move no peito contralateral [%CH] no último segmento.

Figura 20. Sinal: “SAÚDE”



Figura 21. Sinal distorcido na atividade 03

Na Figura 21 o que ocorreu foi a substituição da configuração da mão, simbolizada por [Vop], isto é, no polegar, a almofada entrou em contato com os dedos indicador e médio, distendidos, espalmados e com os demais dedos. Considera-se, portanto, processo do movimento, no qual houve a reordenação desse sinal já que o segmento inicial foi substituído pelo final, neste sentido, o traço de ponto de contato mostrou a ponta de dedo médio tocando o peito contralateral [%CH] no primeiro segmento, movendo-se no peito ipsilateral [iCH] no último segmento.



Observa-se os traços, os quais descrevem a postura da mão [CM], que consiste no indicador distendido e enganchado e os demais dedos fechados, inclusive o polegar oposto fechado, representado por [1º]. Os traços que descrevem o ponto de contato [PC]. O primeiro traço desse subfeixe apresentado na parte da mão, que é a radial dos dedos, representada por [RAFI], o segundo traço desse subfeixe é proximal [p], o terceiro traço é ipsilateral [ipsi], o quarto, ipsilateral no lábio, representado por [iLP]. A relação de proximidade entre a localização e a parte da mão, observa-se que a relação se define pelo traço de contato [c], porque a mão está contacta com a localização [iLP]. O traço de face [FA] descreve a parte da mão que está paralela à frente do dorso em relação ao plano vertical [VP], que é a ulnar [UL]. Por fim o último traço de orientação [OR] é a parte da mão que está paralela ao plano horizontal [HP] que é a base [BA]. O primeiro e o último segmento são os mesmos, mas apresenta-se uma diferença, que é o ponto de contato especificamente no primeiro segmento que descreve a ipsilateral, enquanto o último segmento que descreve a contralateral. Esse segmento pode ser repetido diversas vezes.

Figura 22. Sinal: “MENTIRA”



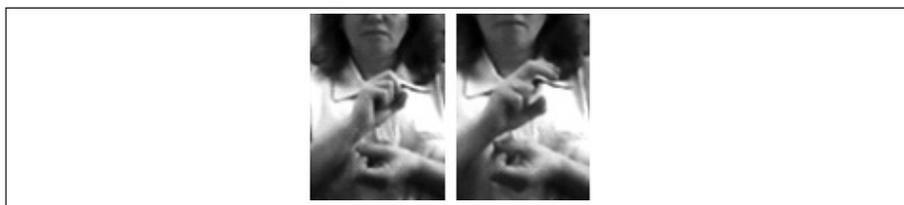
**Figura 23.** Sinal distorcido na atividade 02 e 03

Na Figura 23 verifica-se que a configuração de mão desse sinal foi substituída, simbolizada por [V<sup>o</sup>-], isto é, o polegar oposto fechado aos dedos indicador e médio que estão espalmados e enganchados. A sequência do segmento do movimento desse sinal caracteriza-se pelo tamborilar, ou seja, define retrações rápidas e sequencialmente alternadas, da proximal dos dedos enganchados. O início desse sinal apresenta um movimento reto, no qual a mão fica próxima a ipsilateral, ao lado do lábio e o final tem o movimento na contralateral. A configuração da mão do último segmento é representada por [V<sup>o</sup>~o-]. Este participante produziu distorção nas três atividades. A substituição de movimento neste sinal faz parte do processo fonológico, pois deve ser repetitivo e tamborilar, simbolizado por [wg].

Classe principal	S	S
Contexto de movimento		
Plano de conexão		
Traço de qualidade		
Movimento		
CM	V <sup>o</sup> -of	V <sup>o</sup> o
K:		
- Parte de mão		
- Proximidade	m	m
- Relação espacial		
- Localização	SK	SK
FA:		
- Parte de mão	FA	FA
- Localização	SF	SF
GE:		
- Parte de mão	FA	FA
- Plano	HP	HP

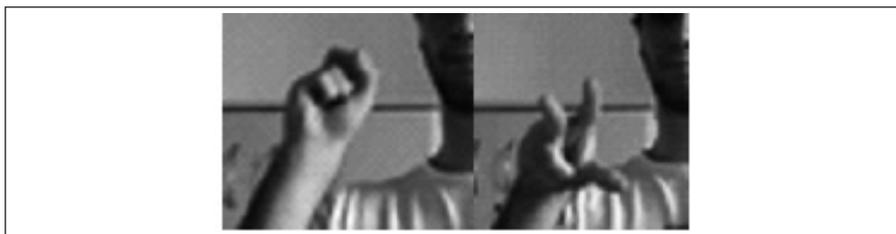
Observa-se a mão configurada no primeiro e no quinto segmento de suspensão, simbolizada por [V<sup>o</sup>~of], que consiste nos dedos indicador e médio enganchados, passando suave e relaxado, inclusive o polegar oposto, que é o contato realizado pela almofada do polegar. O traço do ponto de contato descreve que a parte da mão em relação espacial não apresenta especificação, é localizado no ipsilateral do queixo. O traço da face [FA] é a parte da mão paralela de uma localização sobre o corpo no plano de superfície que é a radial. A parte da mão orientada na palma é o plano horizontal. A diferença da mão configurada no terceiro e no último segmento de suspensão, é simbolizada por [V<sup>o</sup>o], e consiste nos dedos indicador e médio distendidos, inclusive no polegar oposto. Esse segmento pode ser repetido diversas vezes.

**Figura 24.** Sinal: “VENENO”



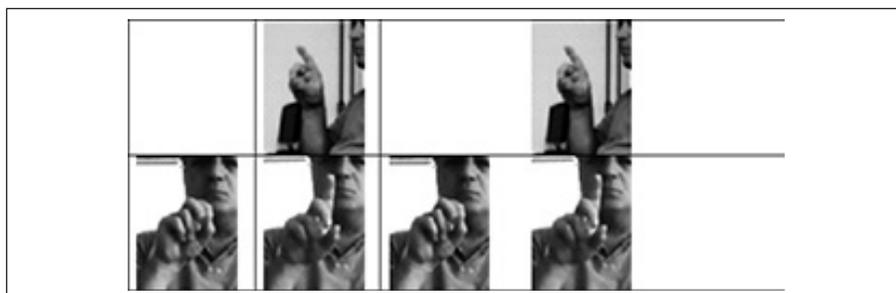
**Figura 25.** Sinal distorcido na atividade 02

Na Figura 25, nota-se que o primeiro segmento desse sinal, caracterizado pelas duas mãos em condição simétrica, representado por [So-], isto é, o polegar fechado, oposto aos quatro dedos, também fechados e tocando as pontas na palma da mão. O segundo segmento é caracterizado por cada uma das mãos que não compartilham a mesma configuração, a mão dominante articula o movimento, que passa para o final, representado por [V”o-], isto é, o polegar fechado, oposto aos dedos indicador e médio enganchado e espalmado e os demais fechados. Em todos os segmentos foi substituída a forma da mão. Na atividade 03, esse usuário produziu o sinal com apenas uma mão dominante, do início ao final do segmento, move-se de forma reta, em frente ao corpo. Mas a configuração de mão é distorcida da mesma forma que na atividade 02



**Figura 26.** Sinal distorcido na atividade 02 e 03

Na Figura 26, apresenta-se o primeiro segmento, representado pela configuração [1fo-], isto é, o contato realizado pela almofada do polegar na unha do dedo indicador distendido e os demais fechados. Neste caso, foi substituída a configuração da mão, no segundo segmento representado pela configuração desse sinal como [V^o], ou seja, o polegar oposto aos dedos indicador e médio achatados e espalmados e os demais dedos fechados.



**Figura 27.** Sinal distorcido na atividade 02

Na Figura 27 o usuário apresenta a primeira sequência da configuração de mão correta e a segunda, foi substituída. Para especificar, representa-se esse sinal como [Kco-], isto é, o contato realizado pela ponta do polegar ao dedo médio, o dedo indicador distendido e os dedos anelar e mínimo fechados. Esse sinal tem um movimento que se repete por duas vezes.



Figura 28. Sinal distorcido na atividade 03

Na Figura 28 a configuração da mão do primeiro segmento foi a mesma apresentada no sinal preciso, mas teve alteração no traço de ponto de contato desse subfeixe, o qual diz respeito à localização, ou seja, ao lugar em que esse sinal é articulado, boca ipsilateral. A configuração de mão do segundo segmento é substituída, e aqui representada como [H^o], sendo que os dedos indicador e médio unidos e os demais dedos fechados. Para esse sinal perdeu um movimento, realizando apenas uma vez. Esse sinal parece ter outro significado, lembrando o sinal icônico “PATO”.

	Classe principal	S	M	S
	Contorno de movimento			
	Plano de contorno			
	Traço de qualidade			
	Movimento			
	CM:	[8of]		[8^o]
	FC:	Parte de mão	m	m
		Proximidade	-	-
		Relação espacial	-	-
		Localização	NK	NK
FA:	Parte de mão	BK	BK	
	Localização	SP	SP	
OR:	Parte de mão	BA	BA	
	Plano	HP	HP	

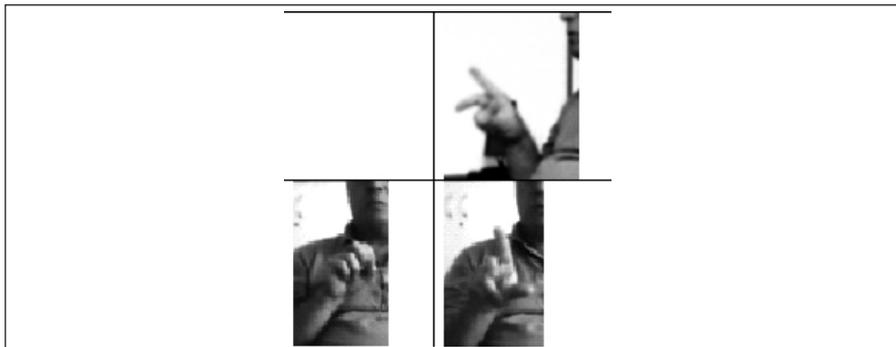
Observa-se a mão configurada, [8of], caracterizada pelo dedo médio fechado e todos os outros abertos e espalmados, inclusive o polegar oposto, que é o contato realizado pela almofada do polegar no dedo médio com a parte da base [BA] orientada para o plano horizontal [HP], com a parte do dorso [BK], que é a face para o plano de superfície de uma localização sobre o corpo e com contato [c] com o queixo [NK], move-se o próximo segmento, apenas muda a configuração de mão, simbolizada por [8^o], e caracterizada pelo dedo médio enganchado e todos os outros abertos e espalmados, inclusive o polegar oposto.

Figura 29. Sinal: “SÓ”



Figura 30. Sinal distorcido na atividade 02

Na Figura 30 o primeiro segmento da mão configurada, representada por [B”~of], é o contato realizado pela almofada do polegar na unha dos dedos unidos e flexionados na junta proximal e distal; o segundo segmento da mão configurada foi substituído, representado por [9~op], caracterizado pelo dedo indicador em contato realizado na almofada do polegar e os demais dedos espalmados e flexionados na junta proximal e distal e, o terceiro segmento da mão configurada, representado por [4o], isto é, os quatro dedos distendidos e espalmados e o polegar oposto como nova inserção do segmento de suspensão.



**Figura 31.** Sinal distorcido na atividade 02

Na Figura 31, no segundo segmento da configuração de mão, representado por [K”o], vê-se os dois dedos, anelar e mínimo, fechados, indicador distendido e o médio enganchado. Todas as configurações de mão foram substituídas.

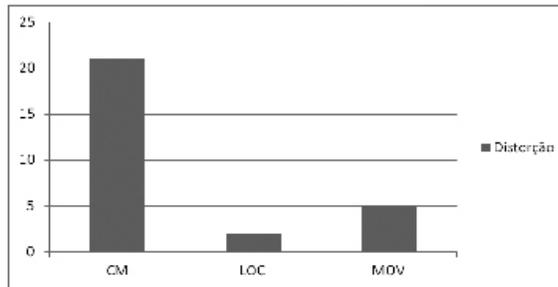


**Figura 32.** Sinal distorcido na atividade 03

A Figura 32 apresenta um sinal no qual foram criadas novas inserções em dois segmentos: a primeira e terceira configuração de mão representadas por [So], isto é, os quatro dedos fechados, tocando as pontas na palma e o polegar fechado, tocando nos dedos; a segunda sequência, representada por [1o], isto é, dedo indicador distendido e os demais fechados, polegar em oposição, sendo o último segmento, o mesma da Figura 30. Neste caso, o participante produziu duas vezes para ajustar a configuração de mão.

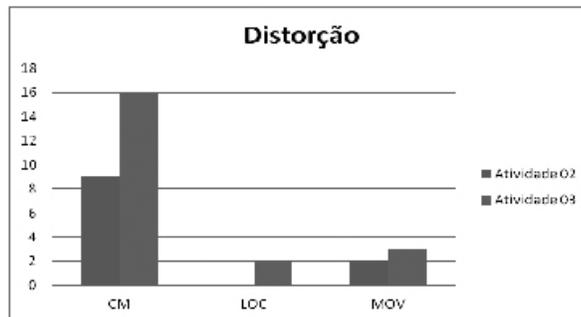
Seis usuários iniciantes apresentaram distorções fonológicas, cada usuário produziu 08 sinais, cada um dos sinais tem 3 unidades mínimas dos parâmetros:

configuração de mão, locação e movimento, deste modo, cada sinal tem posição inicial e final, assim, como a mão dominante e a não dominante o que totaliza 32 unidades em cada um dos parâmetros. Alguns usuários não conseguiram realizar a terceira atividade, pois esqueceram qual era o sinal correspondente à gravura, por isso, não foi considerado como distorção. Veja o Gráfico 1.



**Gráfico 1.** Distorção dos parâmetros fonológicos

Pode-se observar, no levantamento apresentado acima, os números correspondentes: ocorreram distorções de configuração de mão em 21 das produções, no que se refere à locação, identificou-se 2 distorções e com relação ao movimento, 05 distorções. Esses dados são mais uma evidência de que, entre os elementos fonológicos, as configurações de mão são mais complexas de serem reproduzidas do que as locações e os movimentos a partir da imitação da sinalização dos adultos surdos. Uma vez que, as configurações de mão envolvem diversas combinações de dedos e os iniciantes ainda precisam desenvolver a prática motora da mão.



**Gráfico 2.** Distorção nas atividades

O Gráfico 2 mostra que na atividade 02 ocorreram menos distorções do que na outra atividade, uma vez que tinham que ver o vídeo e depois imitar o sinal visualizado. Nesta perspectiva, pode-se observar que a atividade 02 não apresentou nenhuma distorção da locação, pois é fácil perceber através da imitação do vídeo.

A produção em Libras dos participantes, resultou em um inventário dos parâmetros fonológicos específicos, sendo que na atividade 02 teve menor índice de distorções fonológicas no momento de sua produção, pois o fato de usarem o vídeo como apoio facilita a execução do sinal de maneira mais precisa. Na atividade 02, observou-se que os usuários têm menos habilidades motoras com as mãos, isso pode acontecer devido à pouca prática e contato recente com a língua. Os Itens lexicais foram apresentados a eles através de vídeo e suas produções também foram filmadas para a análise. Notou-se dificuldade em perceber visualmente a configuração de mão apresentada, resultando assim em alteração fonética durante a produção do sinal.

## 5 Considerais finais

O presente trabalho buscou trazer à comunidade linguística uma ajuda para a descrição da Libras. O estudo da estrutura interna da Libras apresenta uma gama infundável de possibilidades de análise de sinais. A análise do sinal é importante para a identificação dos aspectos que podem apresentar na ocorrência de distorção que sofreram alterações dos fonemas durante a produção de usuários na Libras a fim de que se possa fazer uma análise entre os itens lexicais dispostos no vídeo sinalizado pelo surdo. Além disso, é relevante compreender a organização da estrutura interna da Libras utilizando-se das sequências durante realização do sinal e o momento em que este se inicia e finaliza, para assim identificar e investigar os dados onde se podem encontrar a produção dos sinais como distorções. Comprova-se neste trabalho a afirmação inicial de que os usuários iniciantes como M2 produzem menos distorção na atividade 02 do que atividade 03, pois estes teriam mais dificuldades com as habilidades motoras manuais, o que lhes exige prática contínua para a melhor articulação dos sinais. Na atividade 03, os participantes não possuem o apoio do sinal correto, o usuário é estimulado a recordar os sinais que foram ensinados na atividade 01, podendo ocorrer um maior número de distorções.

## Referências bibliográficas

BRITO, L. F. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1995.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. W. *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira*. São Paulo: EDUSP, 2001. 1v.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. W. *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira*. São Paulo: EDUSP, 2001. 2v.

HULST, H. V. D. *Units in the analysis of signs*. In: Phonology 10. Cambridge University, 1993. p. 209-41.

LEITE, T. A.; MCCLEARLY, L. *Estudo em diário: fatores complicadores e facilitadores no processo de aprendizagem de língua de sinais brasileira por um adulto ouvinte*. In: Quadros, R. M., Stumpf, M. R. (orgs). Estudos surdos IV. Petrópolis: Arara Azul, 2008. p. 242-277.

LIDDELL, S. K.; JOHNSON, R. E. (1989). *American Sign Language: The Phonological Base*. In: Valli, C.; Lucas, C. (orgs). Linguistics of American Sign Language: an introduction. Washington, D. C.: Clerc Books/Gallaudet University 2000. p. 267-306.

PICHLER, D. C. *Sign Production by first-time hearing signers: A closer look at handshape accuracy*. Gallaudet University. 2009.

XAVIER, A. N. *Descrição fonético-fonológico dos sinais da língua brasileira de sinais (Libras)*. 2006. 175f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.



# 5

## Aspectos Linguísticos da Escrita de Sinais

*Marcos Luchi  
Marianne Rossi Stumpf*

### 1 Introdução

Os estudos da Escrita de Sinais são recentes, no entanto vem aumentando significativamente por todo o Brasil, bem como em outros contextos internacionais. Essa crescente motivação nas investigações vem gerando uma demanda de discussões, a fim de se sistematizar o modo de produção da Escrita de Sinais bem como ampliar diferentes olhares, sim, diferentes perspectivas para essa Escrita na atualidade. Neste sentido, na Universidade Federal de Santa Catarina, os pesquisadores em Escrita de Sinais resolveram se reunir periódico e sistematicamente por meio de um grupo de estudos informal com alunos, professores, mestrandos e doutorandos, que investigam temas relacionados ou diretamente à Escrita de Sinais.<sup>1</sup> As discussões geradas nesse grupo é a maior motivação dos autores para a realização desse trabalho de pesquisa que se consolida nesse artigo.

Há uma aspiração em se materializar a fala, essa, marcada pela evanescência, anseio tão forte que se delimitaram tempos a partir da existência de um registro, de uma forma de escrita para se perpetuar a história ao longo de gerações e se tratando das línguas de sinais o mesmo ocorre. Com o objetivo de tornar material, palpável para estudo, Stokoe na década de 60 nos Estados Unidos, cria um sistema de notação, um registro visual capaz de representar alguns parâmetros da Língua Americana de Sinais – a relevância de seu estudo pioneiro fica evidente quando sua pesquisa reconhece o verdadeiro estatuto linguístico das línguas dos surdos.

---

1 Além dos autores desse artigo, são participantes desse grupo de pesquisa Carla Damasceno de Moraes, Débora Wanderley Campos, João Paulo Ampessan, Franz Kafka Porto Domingos, Marcos Klüber e Paulo Santos.

Neste interim, pode-se compreender o uso metodológico que se faz de uma notação que vise descrever a produção, a sinalização em línguas de sinais, no entanto, descrever não é escrever. Descrever é escrever “sobre” alguma coisa, algo ou alguém, enquanto que escrever é se expressar e/ou se representar de forma gráfica em uma língua. Nas línguas de sinais esses conceitos funcionam da mesma forma, isto é, um sinalizador exprime um discurso ou redigi um texto sem passar pela produção física do sinal, quer dizer, escreve-o. Na leitura o mesmo ocorre, frente a um texto escrito em língua de sinais um sinalizante que domina esse código de escrita poderá apresentar tanto uma leitura interna quanto externa. A externa corresponde à leitura em voz alta, em língua de sinais seria ler produzindo os sinais juntamente, enquanto que na interna ocorre a compreensão sem sinalizar. Nota-se que a leitura externa, assim como nas línguas orais, ocorre também em língua de sinais, geralmente para os que estão em processo de aprendizagem do código de escrita.

Transcrever é uma formalização gráfica de uma produção executada face a face, que não corresponde ao padrão da escrita e preserva traços fonológicos. Os linguistas escrevem sobre as línguas de sinais, mas quase nunca o fazem usando uma língua de sinais para isso<sup>2</sup>. Os formalismos e notações que eles utilizam nessas ocasiões, não são expressões “de” alguma língua de sinais, são expressões que retratam aspectos dessas línguas, são expressões “sobre” essas línguas.

Os surdos precisam escrever nas suas línguas de sinais. Precisam intercambiar através de grafismos suas expressões linguísticas, como os ouvintes o fazem utilizando os diferentes alfabetos inventados para as diversas línguas orais. Todos sabem a importância da invenção da escrita para o desenvolvimento cultural da humanidade e o conhecimento. Os surdos e as comunidades surdas também precisam dar esse salto.

O currículo do curso de letras libras conta com disciplinas no que se refere aos sistemas fonológicos, morfológicos e sintáticos, e pode-se dizer que estas são áreas de estudos extremamente importantes para estabelecer o sistema linguístico da Libras. No caso da fonologia, da morfologia e da sintaxe pode-se verificar que através de seus estudos é possível identificar as unidades mínimas do sistema, os processos de flexão nominal e verbal, bem como estudar os elementos básicos das línguas de sinais, como a descrição dos parâmetros fonológicos – *configuração de mão; movimento, locação, orientação da mão e expressões não-manuais*. Essa parte não inclui o uso de escrita de sinais, porém, penso que a aprendizagem dos sistemas linguísticos ocorre ao mesmo tempo escrevendo os sinais, para que se fale ‘sobre’ a língua com a própria língua de sinais.

No caso do estudo da morfologia em Libras, na sala de aula ou livro de aspectos linguísticos em libras sempre tem gravuras, fotos, descrição em portu-

---

2 No Brasil, por exemplo, há duas frentes mais comuns de notação de língua de sinais, que é o sistema criado por Lucinda e o outro é o uso do software ELAN, ambos se utilizam da língua portuguesa para descrever produções em língua de sinais.

guês ou vídeos sinalizando. Fica mais difícil de entender, lembrar e retomar o conteúdo. Seria mais adequado usar a escrita de sinais, pois neste sistema existe uma regra que funciona para compreender e registrar o sinal, e poderá facilitar a compreensão do significado de morfologia em Libras e auxiliar o conhecimento do sistema linguístico. Durante o estudo de sintaxe, as expressões faciais (olhar, sobrancelhas, boca, bochecha e nariz) ficam claros quando registrados num sistema escrito em língua de sinais, na qual há grafismos correspondentes para cada uma dessas articulações.

Neste sentido Karnopp (1994) aponta a Escrita de Sinais com uma forma de instrumentalizar os surdos dando base para discussões e reflexões diretamente num sistema de escrita espaço-visual, neste sentido, a autora afirma que a ‘escrita de língua de sinais é a representação do sistema linguístico da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), língua essa dotada de todos os elementos constitutivos [...]’. Compreendo essa função de sistematizar, organizar a Libras, ou qualquer língua de sinais aos seus usuários e pesquisadores é permitido estudar as diferentes modalidades e aspectos linguísticos como o gramatical, semântico, pragmático, sintático e entre outros ‘que a fazem instrumental linguístico pleno dos surdos, e demanda ser estudada em sua forma escrita, nas práticas de ensino como fortalecedora do uso da Libras e, também, como referencial para a aprendizagem do português escrito.’ (KARNOPP, 1994). De fato, a autora ainda abre uma reflexão quanto à potencialidade do ensino através de uma Escrita de Sinais, o ensino da própria Libras, bem como do português como segunda língua para os surdos tendo como base uma escrita da própria língua de sinais

Este artigo objetiva apresentar as potencialidades de uso da escrita de sinais no ensino da linguística da língua de sinais, bem como estender para demais áreas educacionais, como o ensino de língua de sinais como língua materna e segunda língua e ainda pensar na formação de tradutores, na qual podemos bem refletir que essa palavra, tradução, está mais relacionada com o trabalho entre textos escritos. Dessa forma, organizamos esse trabalho da seguinte forma: o próximo item abordará questões gerais da escrita de sinais pelo sistema *SignWriting*, enquanto que nos demais tópicos discutir-se-á possibilidades de uso e ensino nos mais diversos níveis de análise linguística por meio da escrita de sinais.

## 2 Escrita de uma língua de sinais pelo Sistema *SignWriting*

O sistema *SignWriting* é apresentado por seus criadores como uma escrita alfabética. Essa afirmação sempre causa perplexidade devido à natureza espacial das línguas de sinais. Representa as unidades gestuais fundamentais, suas propriedades e relações, tem como ponto de partida a língua de sinais dos surdos.

A solução para a escrita dos surdos consiste em fazer com que os sinais lexicais da língua com a qual eles se comunicam sejam convertidos em tex-

to. Para isso é preciso substituir o código alfabético que mapeia a fala, por outro código que mapeie os sinais, código quirêmico ou código dos sinais como, por exemplo, o sistema *SignWriting*. (Capovilla & Raphael, 2001)

Neste sentido, Boutora (2003) aponta o *SignWriting* como um sistema elaborado sob duas influências fonéticas, aquela de ter sido formada dentro de uma cultura onde a escrita da língua oral é fonética e a segunda, dentro de um marco teórico onde os componentes mínimos das línguas gestuais são semelhantes a fonemas, o que conduz a ver a semelhança entre os elementos gráficos mínimos e as letras. Assim se olharmos um símbolo veremos que ele comporta de um lado, elementos que indicam a articulação do signo gestual e de outra parte, possibilitará diretamente o acesso ao sentido pela percepção global do símbolo gráfico.

As línguas de sinais são flexionadas como as línguas orais. Assim como um verbo em português pode ser flexionado, assim também os símbolos escritos. Se numa frase em *SignWriting* há um verbo direcional flexionado, a direção do movimento e a orientação das mãos apostam um papel funcional. Em um mesmo símbolo escrito nós podemos encontrar informações lexicais e gramaticais. Ainda assim notamos que o sistema comporta elementos ideográficos como os gestos de pontuação e que certos elementos gráficos de um símbolo se relacionam fortemente com o princípio ideográfico. Coloca então, a autora, a hipótese de que o sistema se caracteriza como ideofonográfico. Isso aproxima o sistema das escrituras ocidentais de dominância fonética.

Ao concluir sua tese, Boutora afirma que o sistema *SignWriting*, para escrita das línguas de sinais dos surdos, satisfaz os critérios que definem um sistema de escritura:

É uma forma gráfica que está apta a assegurar as funções da escrita, da possibilidade de distanciamento da língua, passando pelo armazenamento e transmissão de informação. Sua evolução acontecerá pelos objetivos de adaptação às novas práticas e situações. Veremos com o tempo se o sistema se adapta às novas línguas ou se são as línguas que se adaptarão à escrita. (Boutora, 2003, p. 95).

Essa questão entra em total harmonia com o autor Joe C. Martin, em seu trabalho de mestrado em linguística, “A escrita e as Línguas Sinalizadas” apresentado em 2007, na Universidade de South Carolina, nos proporciona uma análise linguística muito profunda sobre aspectos linguísticos da escrita das línguas de sinais.<sup>3</sup>

Martin (2007) discute<sup>4</sup> que ‘as línguas naturais, seja sinalizadas ou faladas, são inteiramente distintas dos códigos inventados mais tarde para representá-las.

---

3 Tradução nossa, o tema no original é ‘*Writing and Signed Languages*’ sua dissertação se encontra no site do [signwriting.org](http://www.signwriting.org) podendo ser lida no link <http://www.signwriting.org/archive/docs6/sw0519-JoeMartin-MAThesis2007.pdf>.

4 Inicia-se neste ponto do artigo trechos traduzidos e adaptados oportunos a este trabalho da dissertação de Martin (2007).

Assim como existem códigos, usando os pontos e traços Morse, as bandeiras, as cores dos semáforos, da mesma forma, há códigos usados para representar sinais manuais. Mesmo que eles usem sinais manuais não linguísticos, símbolos e códigos, esses não representam as línguas gestuais naturais nem as línguas faladas. Por conta de uma limitação ou especificação do uso dessas representações, que cumprem uma determinada função, desempenham um papel que pouco tem a ver com a linguagem natural sinalizada. E embora, se tratando de línguas, um sistema natural de signos linguísticos, há uma radical diferença entre a maioria das línguas como no caso do Shuwa e o Japonês, que mesmo por estarem geograficamente no mesmo espaço, são extremamente diferentes, em sua gramática, morfologia e sintaxe. O mesmo ocorre no caso da Libras em relação ao Português Brasileiro, a língua gestual portuguesa do Português de Portugal bem como da ASL e o Inglês. De fato, a língua inglesa, provavelmente tem mais em comum com o Japonês ou outra língua falada, do que com a ASL, diferenças estas nos mais diferentes níveis. (Martin, 2007)

Um número significativo de pesquisas acumuladas ao longo dos últimos quarenta anos, conclui que a linguagem humana não se restringe apenas ao som e, assinalam que as línguas faladas em todos os idiomas têm estruturas (partes linguísticas) equivalentes, em todos os sentidos. (Martin, 2007)

O fato de todas as línguas estudadas até o presente momento apresentarem uma representação alfabética, reflete apenas o modo como à linguística se fundamenta, se organiza e se estrutura (Kenstowicz, p. 13, 1993). A incapacidade de fazê-lo, no caso de uma determinada linguagem, implica uma diferença no nível básico estrutural, e tal diferença solicita uma explicação em termos de estrutura fundamental ou psicolinguística processamental. Não há notícias de que uma explicação diferente tenha sido oferecida à ASL (língua de sinais americana) ou a qualquer outra língua de sinais. Aceitar que a ASL é uma língua humana, ao mesmo tempo em que para ela não é possível à conservação de um sistema de escrita é uma posição teórica insustentável.

Mesmo que representem todas as informações fonéticas necessárias os sistemas propostos para as línguas sinalizadas são muito difíceis de ler. Muitos sistemas de anotações podem ser laboriosamente decifrados, mas realmente não podem ser chamados de leitura de acordo com Van Hoek (1999), enquanto outros pesquisadores descrevem o uso do Hamnosys, por exemplo, como sendo um esforço absolutamente *insuportável*, um novo nível de dor (Parvaz, 2004).

Posicionamentos como estes têm levado a um consenso de que as línguas de sinais não podem ser escritas e devem ser registradas apenas em vídeo. O próprio Stokoe sugere que a sinalização não pode ser escrita. Diz ainda que, usamos as notações propostas para formalismos e representações gráficas para investigação linguística (Stokoe, p. 118, 1987). Nenhum desses sistemas teve muito sucesso fora do escopo de suas pesquisas, embora todos sejam baseados em comprovados procedimentos estruturalistas. Todos decompõem o sinal em partes, atribuem significado a cada símbolo, organizam os símbolos em ordem linear na página

e identificam o mesmo tronco linguístico, os parâmetros: configuração da mão, localização, movimento, orientação e às vezes expressões faciais.

O consenso geral de que as línguas de sinais não podem ser escritas tem se mostrando problemático por duas razões. Por um lado, parece ser contrário a prática, pois temos vários exemplos relatados de práticas de uso do sistema de escrita *Sign Writing*. Por outro lado, levanta problemas para a teoria linguística. A noção de que línguas de sinais não podem ser escritas contradiz um pressuposto elementar no campo da linguística de que todas as línguas podem e ser escritas. Dado assumido pela maioria dos linguistas, de que qualquer enunciado em qualquer língua pode ser perfeitamente representado simbolicamente, independentemente de qualquer conhecimento adicional sobre ela, em uma transcrição fonética estreita.

As posições teóricas dos linguistas exercem uma forte influência sobre os surdos, os principais usuários das línguas sinalizadas. Ao longo da história, as pessoas surdas lutaram até serem reconhecidas como plenamente humanas. Aristóteles considerava-os inábeis para aprender e emitir um discurso racional (Beare, 2004:2). A contraprova desta afirmação foi ignorada, como o livro de Pierre Desloges elogiando sua próspera comunidade surda e a sua própria linguagem de sinais, em 1779 em Paris (Lane, 1992:107). Finalmente justificado pelo uso da moderna ciência linguística com Stokoe, eles começaram uma luta por direitos civis da mesma forma que outras minorias culturais e linguísticas, no entanto podemos afirmar que é uma luta inglória, pois todas as outras línguas são faladas e não sinalizadas.

Qualquer discussão deve partilhar um conjunto de pressupostos teóricos, e este programa de pesquisa requer uma perspectiva que pode ser estranha para alguns que nunca trabalharam com línguas de sinais e/ou não estão familiarizados com a ciência linguística. Ela exige a aceitação da ideia de que linguagens visuais são línguas como quaisquer outras línguas. As ramificações deste fato são muitas e significativas e não podem ser imediatamente compreendidas, exigem tempo de maturação. Isto significa que estas línguas, que não foram inventadas por ninguém, evoluem através de processos naturais de mudança histórica e distinções geográficas e sociais que dão origem a variedades regionais, dialetos e novas línguas e famílias linguísticas. Cada uma tem suas próprias regras gramaticais complexas de flexão e derivação de palavras que se impõe expressando-se em sinais, como os ruídos geram sinais originais que representam conceitos únicos e muitas vezes são difíceis de traduzir em outras línguas, sendo comumente relacionados às palavras de uma língua fonética com os quais possam estar em contato.

Aceitar essa premissa força uma mudança de perspectiva em quase todos os aspectos dos fatos linguísticos. Não se pode discutir a língua de sinais sem ouvir a oposição inevitável que línguas de sinais não podem ter fonologia porque fonologia refere-se ao som. Na verdade, isso não deve ser um problema, mas já que é muitas vezes levantado torna-se necessário abordá-lo. O fato do nome em latim “phon” para o som não deve incomodar mais do que o fato de que *falso* originalmente se referia a um anel banhado a ouro. Este é o processo básico e inevitável da

linguística; o da mudança semântica e pragmática dos fatos, “quando uma palavra passa de um conjunto de circunstâncias para outro” (1987:330 Crystal).

Por exemplo, quando os primeiros Escandinavos avistaram a terra firme que surgiu do gelo no Atlântico Norte, nomearam o lugar de Groenlândia, e o que mais impressionou a maioria foi que a terra era verde, a terra (land) verde (green). Mais tarde, quando nevou, perceberam que a terra poderia ser toda branca, mas não mudaram o nome para terra branca, porque as línguas não funcionam dessa maneira. Da mesma forma, quando os linguistas estudaram as menores unidades das palavras, o que mais os impressionou foram os phons (fonemas), as menores unidades (de som). Mais tarde, descobriu-se que essas unidades menores podem ser imagens visuais em sinais manuais, mas não havia necessidade de renomear essas unidades menores.

Assim como os Escandinavos, no caso do verde ou branco, sabiam que estavam conversando sobre a superfície daquela terra, quando os linguistas falam sobre as menores unidades, sejam elas auditivas ou visuais, estão nomeando um nível de estrutura da linguagem.

Por definição, a linguagem humana é composta de vários níveis: fonológicos, morfológicos, sintáticos e os níveis de discurso (ou pragmática). Todos eles são necessários, pois a comunicação não é reconhecida como uma linguagem humana integral, se qualquer desses níveis estiver faltando. Cada nível oferece suporte a um argumento lógico, como aqui oferecemos para a fonologia das línguas de sinais, partindo da premissa:

- (1) Todas as línguas têm fonologia
- (2) A Libras é uma língua
- (3) A Libras tem fonologia

Quando dizemos que uma língua tem fonologia não estamos nos referindo ao som, nós estamos dizendo que a língua tem ‘um conjunto finito de unidades de sentido contrativo que combinam de forma limitada para formar morfemas e palavras significativas, e que as representações mentais desses itens lexicais podem diferir de maneira previsível e discretamente em suas realizações.’ (Sandler & Lillo-Martin, 2006).

Não há equidade para distinguir entre instâncias fonéticas e visuais quando alegam os mesmos fenômenos ou estruturas em diferentes meios em seus processos de articulação. Pode ser tentador criar novas condições de nomeação para todo um processo quando ele ocorre e é uma novidade. William Stokoe fez isso quando cunhou o termo quirologia para a fonologia da ASL. No entanto, esta terminologia foi abandonada, como ele assinala, porque pensou que iria perder as generalizações dos estudos em línguas orais que apresentam o mesmo processo que está presente na ASL, uma aparente diferença onde não existe.

Após as primeiras experiências de Sutton e com seu sucesso inicial, continuou ela, com um grupo de surdos sinalizadores nativos, para formar o Deaf Action Committee – DAC (Comitê de Ações Surdas) uma organização sem fins lucrativos e sob a sua orientação sobre o sistema de escrita de sinais, que dessa for-

ma evoluiu naturalmente para a configuração atual que temos do *Signwriting*. Este sistema tem continuamente ganhado adeptos, principalmente entre os educadores de surdos, tanto que hoje é usado em cerca de quarenta países. Seu sucesso mais visível é o que vemos acontecendo com os estudos em Língua de Sinais da Nicarágua no projeto em Bluefields. Toda literatura e livros didáticos são impressos em escrita de sinais, incluindo ainda o ensino da língua falada, o espanhol, como segunda língua em sua forma escrita (Emmorey, 2002).

Martin conclui que os resultados de sua pesquisa afirmam que não só a alfabetização em língua de sinais é possível, mas que é qualitativamente idêntica à alfabetização na língua falada que, apesar de diferenças superficiais na forma entre os meios de comunicação visual e auditiva, o processo de alfabetização se baseia nos mesmos recursos cognitivos e usa as mesmas capacidades psicológicas em qualquer meio.<sup>5</sup>

### 3 Reflexões da Sintaxe Espacial: Análise de um verbo “símbolo de olhar”

Em relação à ordem dos sinais, sintaxe espacial, na Libras podemos citar os estudos iniciais de Felipe (1989) e Ferreira-Brito (1995). Esta segunda, apresenta os verbos da Libras como sendo direcionais ou simples, com e sem flexão. Como exemplo de verbos sem flexão podemos mencionar os sinais GOSTAR e ESTUDAR.



GOSTAR

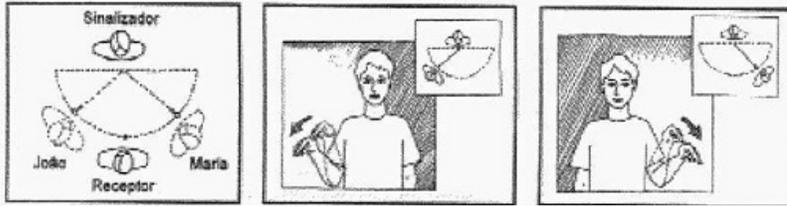


ESTUDAR

As autoras, anteriormente citadas, afirmam que a ordem básica da Libras é Sujeito-Verbos-Objeto podendo variar a ordem em OSV, SOV e VOS, essa diferença na ordem ocorre por outros elementos gramaticais como a concordância, construções com foco ou tópico, muitas vezes associados ao uso de marcação não manual específica (Pizzio, 2011 p. 45 e 46).

No entanto, quanto aos sinais flexionais, ou também conhecidos como verbos de concordância, como na maioria das línguas de sinais, ocorre no espaço de sinalização, na interação entre o Sujeito e o Objeto. Quadros (2007) demonstra as possibilidades de referentes (sujeito e objeto) no espaço da sinalização que obedecem à ordem acima mencionada e logo em seguida veremos as possibilidades de flexão verbal:

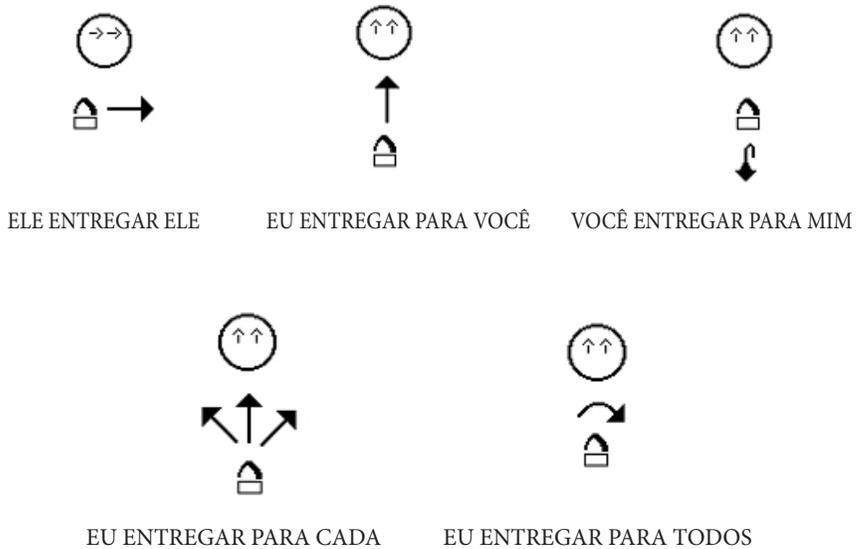
<sup>5</sup> Encerram-se neste ponto do artigo os trechos traduzidos e adaptados oportunos a este trabalho da dissertação de Martin (2007).



(QUADROS, 1997, p. 52 adaptada de LILLO-MARTIN e KLIMA, 1990, p. 193).

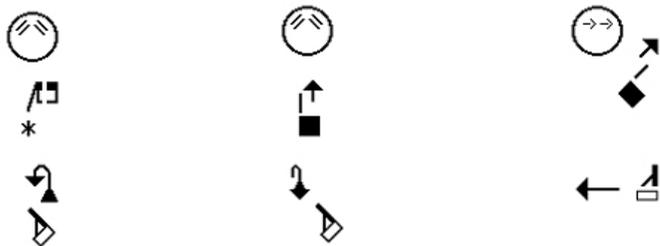
A flexão verbal ocorre nesse espaço de sinalização em virtude dos referentes, Sujeito e Objeto, já estarem postos, anteriormente quando não forem presenciais e se forem partícipes da conversa não é necessário referenciar, pois os pontos de partida e de chegada da mão já apontam para os referentes no espaço. Conforme podemos ver:

### Verbo de entregar



### Verbo direção do olhar





EU DOU PARA VOCÊ    VOCÊ ME DÁ    ELE DÁ PARA ELA

O espaço desempenha uma função sintática importante na língua de sinais assim como as marcações não manuais, direção do olhar e etc. A Escrita de Sinais, nestes exemplos, nos permite observar no símbolo da face, os olhos para frente e em seguida o símbolo de direção do olhar, os olhos para o lado direito. Os olhares dos sinais mudam o significado no decorrer de uma sentença.

Neste sentido, acreditamos que a Escrita de Sinais pode fazer a diferença nos estudos linguísticos, no que tange a sintaxe espacial da Libras. É importante que linguistas e professores de linguística de línguas de sinais utilizem uma forma de escrita para análise e ensino mais compreensível dos parâmetros e gramática da Libras. É necessário fazer uso de *Análise Linguística* para uma nova perspectiva de reflexão sobre o sistema linguístico e sobre os usos da língua, com vistas ao tratamento escolar de fenômenos gramaticais, textuais e discursivos.

O termo *Análise Linguística* foi cunhado por Geraldi, em 1984, no artigo “Unidades básicas do ensino de português”, no qual faz uma crítica ao ensino da gramática normativa:

[...] respostas dadas a perguntas que os alunos (enquanto falantes da língua) sequer formularam. Em consequência, tais respostas nada lhes dizem e os estudos gramaticais passam a ser ‘o que se tem para estudar’, sem saber bem para que aprendê-los. (Geraldi, 1996, 130)

O uso de *Análise Linguística* não pode excluir o ensino da gramática nas salas de aula, ela enquadra, em meio a outros, os estudos gramaticais, mas num paradigma distinto, pelo motivo que os objetivos alcançados são outros. Para uma melhor compreensão e visualização do ensino de gramática. É uma ferramenta para a leitura e produção textual e objetos (estruturais, textuais, discursivos, normativos) de ensino de habilidades de escrita e leitura, sendo essencial nos cursos de formação de professores de línguas estimularem o uso desta.

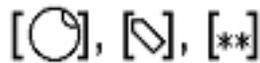
## Fonética e Fonologia: Possibilidades de estudos com a Escrita de Sinais

O *SignWriting* apresenta uma escrita alfabética que nos mostra a fonologia das línguas de sinais da mesma forma que nosso alfabeto do português é fonológico. Seus parâmetros são escritos compostos por símbolos que mostram detalhes fonéticos, assim como o alfabeto é um tipo de notação e utiliza diferentes ortografias para línguas distintas. O *SignWriting* é uma maneira de ler e escrever qualquer língua de sinais, assim como o alfabeto é uma forma de ler e escrever a língua falada.

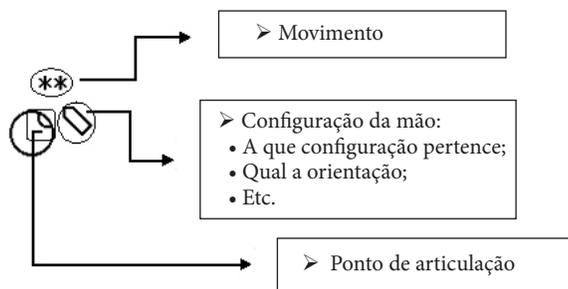
O aluno Emerson Cristian, do curso de Letras Libras EaD da Universidade Federal de Santa Catarina, cujo polo foi a Universidade Federal do Ceará, na disciplina de Fonologia e Fonética com a professora Lodenir Karnopp, o mesmo, apresentou seu trabalho de análise linguística dos fonemas de um sinal fazendo uso do sistema *SignWriting*. Ele mesmo adaptou sua atividade utilizando a escrita em *SignWriting* adequando a necessidade da disciplina, para entender o funcionamento das estruturas fonológicas da Libras em questão. A proposta do aluno foi a análise do seguinte sinal escrito (saber):



Se desejarmos analisar suas propriedades, dentro da fonética da Libras, inicialmente, devemos “fragmentar” o sinal em três fones:



É importante salientar que a representação dos fones (entenda representação de fones os símbolos escritos de cada parâmetro de produção de um sinal), deve ser transcrita entre colchetes enquanto que a representação dos fonemas, entre barras oblíquas. Assim como podemos analisar nos fones abaixo:



Claro que poderíamos estudar mais detalhadamente cada fone do sinal acima, não ficando simplesmente numa análise sucinta, porém, descrevendo minuciosamente as particularidades de cada um, de forma a explicar com precisão todo o processo de articulação.

Aqui entra uma questão não tão peculiar ou restrita a Libras, que é a respeito de articuladores ativos e passivos, análogo à fonética das línguas orais. Começemos com o exemplo clássico: o [f] e o [v]. Ao pronunciarmos tais sons, verificamos dois articuladores imprescindíveis para a produção sonora, que são os dentes superiores incisivos e o lábio inferior, este denominado articulador ativo e o segundo um articulador passivo.

Outro exemplo do aluno:

Os fonemas também tem a função de estabelecer distinção entre as palavras. Conforme os exemplos:

**l**ata, **b**ata, **c**ata, **r**ata, **g**ata.

Perceba que a troca entre os fonemas /l/, /b/, /c/, /r/ e /g/ acarretou em um novo significado ao todo. O fonema não possui significado, mas distingue, por causa do valor que ele carrega.

Em Libras acontece o mesmo. Se uma configuração de mão, ponto de articulação ou movimento é modificado, isso poderá acarretar, ao todo, numa alteração de significado. Vejamos alguns exemplos:



Mudança no ponto de articulação



Mudança da configuração de mão



Mudança de movimento



Mudança de traços não manuais

Esses exemplos do aluno demonstraram que o registro pelo sistema *Sign Writing* torna a compreensão mais simples e fácil de entender o conteúdo da disciplina.

A pesquisa de artigo no prelo sobre fonologia e fonética e morfologia da doutoranda Débora Campos Wanderley levanta um aspecto interessante sobre a fonologia da língua de sinais em sua escrita. Nos testes aplicados com os sujeitos de sua pesquisa procurou saber, variando a locação da escrita em ‘cabeça’, ‘ombro’ e ‘espaço neutro’, por qual parâmetros iniciavam a escrita. A pesquisadora pôde chegar a seguinte conclusão:

1. Os sinais que apresentavam a locação na ‘cabeça’ tiveram como primeiro registro em Escrita de Sinais a representação do parâmetro ‘locação’.
2. Os sinais que apresentavam a locação ‘ombro’ tiveram como primeiro registro em Escrita de Sinais a representação do parâmetro ‘locação’.
3. Os sinais realizados em ‘espaço neutro’ tiveram como primeiro registro em Escrita de Sinais a representação do parâmetro da ‘configuração da mão’.

Ao transcrever os dados usando *SignWriting* todos os detalhes foram incluídos. Assim, pequenas diferenças foram codificadas. No entanto, durante as análises, tornou-se claro que certos detalhes são de fato insignificantes e, portanto, não necessitam ser codificados de forma diferente. O fato de serem diferentes pode indicar distinções físicas entre os sinalizadores ou até mesmo alofones.

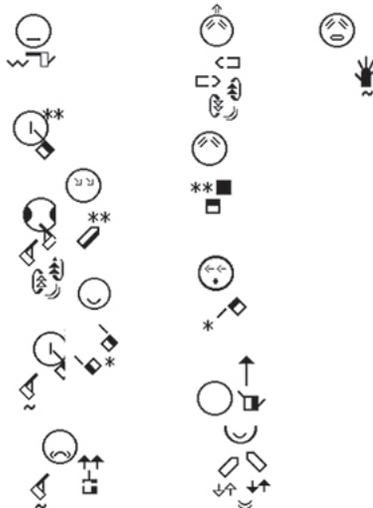
Pesquisas como está vem mostrando inúmeras possibilidades de investigação quanto aos parâmetros das línguas de sinais, sua estrutura fonológica e ainda questões aplicadas ao ensino da escrita.

## 5 Semântica e Pragmática

Uma descrição semântica poder ser feita no nível da palavra, da frase, do discurso, da poesia e da metáfora, mas sempre ligada a um determinado contexto. Vejamos o caso do sinal MÃE/BISCOITO:



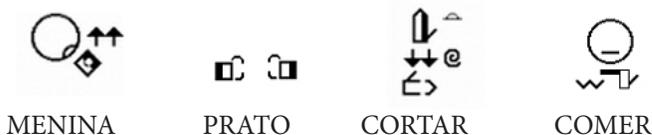
Esse sinal pode ter dois significados, o de mãe e o de biscoito, analisemos essa ambiguidade dentro de um contexto:



Tradução: *Estava comendo um biscoito e encontrei um amigo, conversamos, solicitei que aguardasse, pois precisava ligar para mãe* <sup>6</sup>.

Naturalmente, este contexto não permite uma ambiguidade, pois quando o sinalizador diz que ligará obviamente que não será para um biscoito e sim para a mãe, entretanto Soares (2013, p. 107) relata situações em que esse significante remeteu a apenas um significado e não a dois como o exemplo mostra. Isto se deu ao fato de que esse mesmo sinal em determinadas regiões significa apenas biscoito enquanto que em outras localidades apenas mãe.

Outro exemplo é de três distintas sentenças que expressam o mesmo significado.



Menina comeu o bolo.



O bolo foi comido por menina.



O bolo, a menina comeu.

Aprender a analisar uma língua pelo viés linguístico é se apropriar dos seus mais diversos recursos e artefatos. Isto está inteiramente relacionado com uma educação de qualidade para os surdos, especificamente, em sua língua de sinais, exatamente sem distinção entre escrita e sinalização. A escrita permite ao surdo reconhecer sua língua de sinais como real em status linguístico tal qual qualquer

6 Fonte: Recortes dos vídeos cedidos pelo sinalizador da dissertação de Charley Pereira Soares com o seguinte tema *Demonstração da ambiguidade de itens lexicais na LSB: um estudo sincrônico de homonímia*. (2013, p. 104 e 105)

outra língua oral. Os exemplos de ambiguidade e de sentenças que expressam o mesmo significado citados nesse artigo, se usados em aulas de línguas de sinais, principalmente de linguística dessas línguas, poderão empoderar os surdos em suas pesquisas e em seu próprio reconhecimento linguístico.

## 6 Tecendo a conclusão

O trabalho de adaptação do *SignWriting* à Libras foi a primeira etapa de uma caminhada que a comunidade surda brasileira, com o apoio de pesquisadores, empreendeu e ainda deverá explorar mais para conseguir uma escrita que dê conta de todas as suas necessidades em sua própria língua. Estudos vem mostrando a importância da alfabetização e letramento dos surdos em sua língua materna e esperamos com esse trabalho suscitar mais investigações nesse sentido.

Nenhum sistema de escrita é capaz de representar todos os aspectos das propriedades formais da língua falada ou sinalizada, não é seu objetivo. Tampouco são scripts que mais de perto codificam características linguísticas inerentemente melhores do que os scripts que se relacionam com o conteúdo linguístico de outras formas.

O *SignWriting*, por outro lado, parece salientar as diferenças entre línguas faladas e sinalizada destacando aspectos de comunicação, tais como processos icônicos e indiciais, não-linearidade, e as contingências de desempenho, muitas vezes apagadas por ideologias dominantes da linguagem e da escrita. Escrita está capaz de fazer relação entre signo e linguagem falada por meio de sua semelhança com escritas alfabéticas das línguas faladas.

Por essa razão, alguns sinalizadores se sentem ameaçados pela *SignWriting*, argumentando que esta escrita os tornariam, ou os aparentaria, estranhos e primitivos para o público em geral e, em última instância reforçaria estereótipos sobre os surdos que buscam incessantemente a validação de sua língua de sinais, como vemos ocorrendo em trabalhos como o de Stokoe.

Entretanto, neste artigo sugerimos que, embora a orientação ideológica refletida e produzida pela *SignWriting* contrasta com a teoria linguística formal, ela de fato se alinha com a caracterização pós-estruturalista da língua falada, bem como sinalizada. *SignWriting* pode derivar apoio institucional a partir deste crescente corpo de literatura. Ao mesmo tempo, explorar este sistema de escrita alternativa pode contribuir para tentativas dos estudiosos pós-estruturalistas de utilizar a escrita como uma ferramenta analítica, sem comprometer seus objetivos teóricos.

## Referências bibliográficas

BEARE, J. I. (trans) [Aristotle] On sense and the sensible. Whitefish, MT: Kessinger Publishing. 2004.

BOUTORA, L. *Étude des systèmes d'écriture des langues vocales et des langues signées*. Paris: Mémoire de D.E.A. des Sciences du Langage – Université Paris VIII, 2003.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*, Volume II: sinais de M a Z. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

CRYSTAL, D. *Cambridge encyclopedia of language*. Cambridge: Cambridge University Press. 1987.

EMMOREY, K. *Language, cognition and the brain: insights from sign language research*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum. 2002.

FERREIRA-BRITO, L. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro. 2010.

GERALDI, J. W. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas/SP: Mercado de Letras – ALB, 1996.

KARNOPP, L. B. *Aquisição do Parâmetro Configuração de Mão na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS): estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-graduação em Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1994.

KENSTOWICZ, M. *Phonology in generative grammar*. Cambridge, MA: Blackwell. 1993

LANE, H. *The mask of benevolence: disabling the deaf community*. NY: Vantage. 1992.

MARTIN, J. C. WRITING AND SIGNED LANGUAGES Linguistics Program College of Arts and Sciences University of South Carolina 2007

PARVAZ, D. “Re: [sw-l] dissertation by Sarah Pearson” Online posting. 22 Oct. 2004. Signwriting list forum. 18 June 2005. <<http://majordomo.valencia.edu/hypermail/sw-l/0410/0328.html>>.

PIZZIO, A. L. *A tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos*. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis, 2011.

QUADROS, R. M. de. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Artes Médicas. Porto Alegre. 1997.

RENARD, M. *Écrire les Signes: La mimographie d'Auguste Bébien et les notations contemporaines*. Editora Éditions du Fox, Paris, 2004.

RENZO Di, A., LAMANO, L., LUCIOLI, T., PENNACCHI, B., PONZO, L. Italian Sign Language (LIS): can we write it and transcribe it with SignWriting? (prelo publicado em C. Vettori (Ed). II Workshop on the Representation and Processing

of Sign Language: lexicographic matters and didactic scenario, International Conference on Language Resources and Evolution LREC 2006 Genoa, May 28, 2006, p. 11-16)

SANDLER, W. and LILLO-MARTIN, D. *Sign language and linguistic universals*. NY: Cambridge.2006.

SOARES, C. P. *Demonstração da ambiguidade de itens lexicais na LSB: um estudo sincrônico de homonímia*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, UnB, Instituto de Letras, Brasília, 2013.

STOKOE, W. C. *Sign language structure*. Silver Springs, MD: Linstock. 1960.

\_\_\_\_\_. *Sign writing systems*. Gallaudet encyclopedia of deaf people and deafness, ed. by John Van Cleve, 118-120. NewYork: McGraw-Hill.1987

STOKOE, W. C.; Dorothy C. and Carl G. *A dictionary of American Sign Language on linguistic principles*. Silver Springs, MD: Linstok Press.1965

STUMPF, M. R. *Sistema SignWriting: por uma escrita funcional para o surdo*. Cadernos de Pesquisas em Linguística. (Org. Regina Ritter Lamprecht) Volume 1, n. 1. PUCRS, Porto Alegre, 2005,

WANDERLEY, D. C. *Aspectos da leitura e escrita de sinais [dissertação]: estudos de caso com alunos surdos da educação básica e de universitários surdos e ouvintes*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis, 2012.



## 6

### Variação linguística da língua brasileira de sinal – Libras

*Vanessa Lima Vidal Machado*

#### Introdução

A Constituição Federal de 1988, além de representar um marco para a democracia no Brasil, estabelece como língua oficial, a língua portuguesa. Apenas a partir do ano de 2002 a Língua Brasileira de Sinais, LIBRAS, foi oficialmente reconhecida e aceita como segunda língua oficial brasileira, através da promulgação da Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Essa data é, portanto, significativa para as pesquisas sobre a Libras no Brasil, que se intensificaram com o reconhecimento oficial da língua. A partir daí, observa-se um crescente avanço no alcance e no uso da Libras, a língua da comunidade surda brasileira. Essa ampliação deve-se, em grande parte, às políticas adotadas a nível federal, voltadas à disseminação da Libras, bem como à sua oficialização.

Tais políticas, mesmo diante de tantos obstáculos de comunicação e dificuldades a serem superadas, conseguiram atingir não só os surdos brasileiros, mas também pessoas ouvintes que passaram a ter interesse em fazer uso dessa língua a fim de interagir com os surdos. Em virtude disso, familiares e educadores de surdos, amigos, colegas, bem como os profissionais Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (os chamados TILS), proporcionaram a ampla difusão do conhecimento e uso da Libras em diferentes espaços e contextos.

Conjuntamente, esses fatores impulsionaram uma ampliação quantitativa, qualitativa e descritiva dos sinais em uso, a qual é observável na comunicação entre os próprios surdos e na sinalização cada vez mais especializada com termos técnicos das mais variadas áreas de conhecimento. Esse repertório lexicográfico vem crescendo, entre outros fatores, em virtude do acesso de surdos à graduação e pós-graduação.

Depois da oficialização da Libras, foi implantado o curso de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), primeiro na modalidade à distância, e mais tarde também na modalidade presencial. Esse curso teve um papel pioneiro levando várias universidades a seguirem o mesmo caminho ao longo da década de 2006 a 2016, como é o caso, por exemplo, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Com o surgimento do Curso de Letras Libras da UFSC, a atividade de atores-tradutores da Língua de Sinais (Quadros, 2008; Avelar, 2009; Souza, 2010) impulsionou a carreira de tradução no Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem – AVEA, sendo desenvolvidas Normas Surdas de Tradução – *Deaf Translation Norm* (Stone, 2009, *apud* Souza, 2010) em nível acadêmico, sendo as atividades de tradução desempenhadas quase que exclusivamente por atores-tradutores surdos bilíngues para o AVEA e para os DVDs do curso.

O processo ocorrido na UFSC possibilitou avançar os estudos em relação à presença de atores-tradutores surdos como agentes que podem propiciar uma visão tradutória sobre um determinado texto, juntamente às equipes de tradução, as discussões sobre repertório linguístico, neologismos, convenção de sinais, escolhas léxicas, entre outras questões, que moldavam a atuação do profissional para que esse tradutor pudesse fazer sua atuação frente às câmeras. Stone (2009, *apud* Souza, 2010) definiu esse processo como “*performance* de tradução”, ou seja, um tipo de tradução possível de acontecer diante de câmeras de TV.

Com relação à variação linguística, neste trabalho, utilizou-se, como parâmetro, a classificação dos tipos de variação organizada por Labov (1972), que fez pesquisas sociolinguísticas em diferentes comunidades de fala e observou as suas variações. Seus estudos são muito importantes, pois ele estudou a língua em seu contexto social, com situações concretas e utilizou parâmetros para classificar os tipos de variações. Com base nisso, a visão de língua que a sociolinguística propõe é de algo heterogêneo e variável.

A partir dessas considerações, selecionaram-se, como materiais de análise, vídeos de acesso público, em Libras, gravados por tradutores surdos, presentes no ambiente virtual de aprendizagem dos cursos de Letras Libras da modalidade presencial e a distância da UFSC. Nesses materiais, buscou-se observar a ocorrência formal na execução dos sinais analisados, ou seja, em um ambiente de alto grau de monitoramento por parte do sinalizante.

Para a análise dos sinais investigados, a pesquisa foi realizada em três fases. A primeira, quantificando os sinais dos vídeos analisados, os materiais traduzidos do Curso de Letras Libras, avaliando e comparando com os vídeos do Youtube.

O segundo momento consistiu na avaliação qualitativa desses sinais, analisando-se a variação querológica em condições social e cultural diversas, comparando as videoaulas do curso de Letras Libras com os vídeos do Youtube, verificando diferenças intrassubjetivas (intrapessoais) e analisando os mesmos sujeitos atores-tradutores nesses dois contextos.

A terceira fase é a análise descritiva dos queremas e das características dos parâmetros linguísticos da Libras, divididos em categorias de variação linguística, com o intuito de levantar hipóteses sobre o uso concreto da variação, contribuindo, assim, para a análise do sistema querológico da língua de sinais e para a descrição dos aspectos do processo de variação linguística existente na Libras.

Embora tendo afirmado que essas variações são relativas aos parâmetros constitutivos dos sinais (configuração de mão, movimento, localização, orientação da palma e aspectos não manuais), não se limita à análise da variação querológica, porque não há equivalência total entre nível linguístico fonológico e os parâmetros constitutivos das línguas de sinais. Mas há certamente uma relação entre eles, conforme será exposto ao longo deste artigo.

## 1 Contextualização da pesquisa

### 1.1. Sujeito surdo e constituição de identidade

A Língua Brasileira de Sinais vem, desde o final dos anos 1980, construindo uma trajetória de fortalecimento e de conquista de espaços onde antes a presença da Libras e dos surdos nem mesmo podia ser imaginada. Esse fato decorre, principalmente, da ampliação da produção de pesquisas na área da linguística voltada à compreensão dessa língua, assim como também pela conquista de importantes avanços pela comunidade surda no que tange às questões de direito, sendo a oficialização da Libras como segunda língua nacional no Brasil uma das principais vitórias dos movimentos surdos.

Nessa perspectiva, a oficialização da língua de uma comunidade minoritária, como a surda, é uma importante forma de reconhecimento e de empoderamento de culturas que, historicamente, foram estigmatizadas como menos válidas ou menos capazes de expressar toda a gama de informação nelas presente.

A partir de mudanças substanciais na forma de perceber e de compreender o sujeito surdo e sua diferença, a qual parte das experiências visuais que ele estabelece com o mundo e com o outro, percebe-se uma crescente ampliação do uso da Libras nos diferentes espaços nos quais os surdos transitam.

O reconhecimento do *status* linguístico da Libras ocasionou a disseminação dessa língua nos mais variados contextos, ampliando também a quantidade de sinais utilizados e gerando uma maior variação na realização desses sinais. Essa é uma implicação esperada, pois quanto mais viva e em uso uma língua se encontra, mais probabilidade de mudanças e novas formas de uso ela apresenta.

No que tange às Línguas de Sinais, como é perceptível no caso do uso da Libras, ainda há uma grande carência de aprofundamento de pesquisas e estudos capazes de identificar os fenômenos linguísticos que essa língua apresenta, uma vez que seu reconhecimento social e uso são bastante recentes. Esse aspecto é uma

das razões pelas quais esta pesquisa é relevante, posto que o aprofundamento das reflexões acerca do tema central desta análise permitirá descrever e sistematizar as variações da Libras, bem como mapear os sinais em uso nessa língua, servindo como referência para outros estudos dessa mesma área.

Ademais, observa-se, atualmente, a crescente participação dos surdos nos mais diversos espaços escolares e acadêmicos, tanto na condição de alunos quanto de professores, com a participação ativa das pessoas surdas nos diferentes espaços e setores sociais.

## 1.2. A comunidade surda no Brasil e a constituição da língua brasileira de sinais – LIBRAS

Com as conquistas dos movimentos da Comunidade Surda, iniciam-se as possibilidades de os surdos ingressarem nas universidades. Junto a essa conquista, faz-se necessária a presença de Tradutores-Intérpretes de Língua de Sinais (TILS). Esses profissionais são regulamentados nas instituições educacionais via Decreto nº 5.626/05, que regulamenta a Lei nº 10.436. A lei é conhecida como Lei da Libras por tratar da oficialização dessa língua em âmbito nacional. Com tantas atribuições e o aumento da visibilidade da Libras, a legislação nacional vem acompanhando as demandas surdas na publicação de mecanismos legais para a efetivação de direitos, tais como a Lei nº 12.319/10, que regulamenta a profissão dos TILS.

Com a Lei da Libras, a situação dos surdos brasileiros toma um cenário diferente tanto no campo político, quanto no campo da identidade do sujeito surdo. Na esfera política, criam-se mecanismos para que as reivindicações surdas possam ser atendidas. Há, portanto, um dispositivo que permite que a Libras possa estar presente no debate da acessibilidade e da educação, entre outras esferas. No campo identitário, torna-se visível o fortalecimento das comunidades surdas, seus espaços, suas posições enquanto sujeitos donos de suas histórias e orgulhosos de sua língua. A cultura surda toma força e se inicia um campo de pesquisas acadêmicas em volta do sujeito surdo e da sua língua.

A Libras é uma língua de modalidade gestual-visual, porque utiliza movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão, diferentemente da Língua Portuguesa, que é uma língua oral-auditiva por utilizar sons articulados percebidos pelos ouvidos. Todavia, as diferenças não estão somente na utilização de canais diferentes, estão também nas estruturas gramaticais de cada língua. Uma semelhança entre as línguas, visuais (como a Libras) e orais (como o Português), é que todas são estruturadas a partir de unidades mínimas que formam unidades mais complexas. Elas possuem os seguintes níveis linguísticos: o fonológico<sup>1</sup>, o morfológico, o sintático, o semântico e o pragmático (Felipe, 1997). Corroborando

---

1 Este trabalho adota o uso do termo Querológico para se referir a línguas de sinais. “Fonológico” em relação à língua de sinais é apenas usado onde os autores citados usam esse conceito, como é o caso de FELIPE (1997).

com esse entendimento sobre a estrutura da Língua de Sinais, Brito (1998) afirma que a Libras possui pontos específicos de constituição, mas que também segue princípios básicos gerais:

A LIBRAS é dotada de uma gramática constituída a partir de elementos constitutivos das palavras ou itens lexicais e de um léxico (o conjunto das palavras da língua) que se estruturam a partir de mecanismos morfológicos, sintáticos e semânticos que apresentam especificidade, mas seguem também princípios básicos gerais. Estes são usados na geração de estruturas linguísticas de forma produtiva, possibilitando a produção de um número infinito de construções a partir de um número finito de regras. É dotada também de componentes pragmáticos convencionais, codificados no léxico e nas estruturas da LIBRAS, e de princípios pragmáticos que permitem a geração de implícitos sentidos metafóricos, ironias e outros significados não literais. Estes princípios regem também o uso adequado das estruturas linguísticas da LIBRAS, isto é, permitem aos seus usuários usar estruturas nos diferentes contextos que se lhes apresentam de forma a corresponder às diversas funções linguísticas que emergem da interação do dia a dia e dos outros tipos de uso da língua (Brito, 1998, p. 11).

Ao se atribuir às línguas de sinais o *status* de língua, embora sendo de modalidade diferente das línguas orais entende-se que ela possui também essas características em relação às diferenças regionais, socioculturais, entre outras, e em relação às suas estruturas que também são compostas pelos níveis descritos acima (Felipe, 1997).

Stokoe (1960), inicialmente, trabalha com a morfologia da língua de sinais, encontrando em seus estudos a regularidade de certos aspectos. Durante a produção dos usuários das línguas de sinais, ele registrou três parâmetros: configuração de mão, movimento e locação, esses são os parâmetros primários. Já Battison (1974) foi precursor de mais dois parâmetros: orientação/direção da mão e expressão facial e corporal, que foram adicionados aos estudos (Karnopp, 2004). Stokoe traça também os parâmetros da Libras, dando assim início aos estudos linguísticos da língua de sinais brasileira. Esses parâmetros fazem parte do sistema linguístico da Libras, sendo que cada um pode ser aplicado para formação dos sinais. Assim, como os parâmetros são essenciais para a estruturação dos sinais, a mudança no uso de um parâmetro pode alterar o sentido do sinal em que ocorre ou não, e também pode levar à mudança de um sinal para outro.

A maneira pela qual a Libras se articula, pela combinação de parâmetros, que obedece a uma lógica visual da imagem, característico da cultura surda, segundo Strobel (2008), a Libras representa a existência de um jeito próprio com que o sujeito surdo entende o mundo e assim o modifica, tornando-o acessível e habitável e ajustando-o às suas percepções visuais. Essa correlação contribui muito para a compreensão das múltiplas identidades surdas, bem como para a compreensão de que as formas de expressão linguística dos surdos devem ser vistas a

partir de uma ótica visual, desconectada dos padrões orais que historicamente são impostos aos surdos.

Todas as questões referentes às terminologias empregadas nos estudos linguísticos da língua de sinais derivam de um processo histórico que não deve ser desconsiderado. Surgem de vários fatores históricos e culturais que agem diretamente na língua de sinais e na sua forma de produção, tornando-a expressivamente variável, há ainda as questões subjetivas pertinentes a cada sujeito, já que a forma de sinalização pode se alterar conforme a perspectiva do sinalizante. Nesse sentido, cada cultura dentro da sua experiência e vivência tem uma percepção individual de um dado objeto/material, não sendo possível a criação da mesma imagem visual de forma universal.

## 2 Fundamentação teórica

Para realizar a análise da língua de sinais, é necessário adaptar teorias descritivas desenvolvidas para a análise de línguas orais. Em alguns momentos, as teorias criadas para explicar o funcionamento de línguas orais não vão conseguir explicar de forma satisfatória fenômenos da língua de sinais, ou, ainda, nem permitem abordar estes fenômenos. Em outros momentos, essas teorias se aplicam de forma muito parecida às línguas de sinais. Porém, convêm utilizá-las com bastante cuidado. Apenas a título de ilustração, pode-se mencionar aqui uma diferença fundamental entre o modo como os enunciados são articulados nas línguas orais e nas Línguas de Sinais: as línguas de sinais apresentam a possibilidade de ter seus enunciados produzidos por vários articuladores ativos (duas mãos, rosto, corpo), enquanto as línguas orais não.

Dentro de uma análise linguística, a língua de sinais é estruturada por parâmetros visuais, divergindo, em algumas funções, das línguas de modalidade oral. As línguas orais são fonoarticulatórias, em nível fonêmico possuem uma articulação para a pronúncia de cada som. Essa articulação equivale às formas como a mão se articula para a produção de cada sinal. Trazer as discussões apresentadas por Stokoe (querologia) e Labov (sociolinguística variacionista) permite refletir sobre as equivalências e diferenças entre as modalidades das línguas orais e de sinais. Isso mostra uma visão que considera a Língua de Sinais como língua de sistema próprio que deve ter seu espaço teórico preservado sem a necessidade de adotar, em todos os casos, os conceitos trazidos pelas análises das línguas orais.

### 2.1. Estudos Linguísticos das Línguas de Sinais: Querologia

Querologia é a ciência que estuda as mãos, expressões faciais e corporais, utilizadas com a função de promover a comunicação no sistema linguístico das línguas de sinais, permitindo a transmissão da mensagem. O linguista norte-ame-

ricano William Stokoe, estudioso das línguas de sinais, propõe uma terminologia para o estudo do nível querológico das línguas de sinais, em “Sign Language Structure”, de 1960, publicação que marca o início do reconhecimento do *status* linguístico das línguas de sinais. Suas descobertas influenciam consideravelmente os estudos linguísticos sobre as línguas de sinais até os dias atuais. O conceito de língua adotado aqui é aquele descrito por Saussure (2006).

[...] língua não se confunde com linguagem: é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (Saussure, 2006, p. 17).

Em nível fonológico, as línguas orais representam os fonemas de uma língua, concretizados pela articulação dos sons da fala, diferente da fonética que descreve a pronúncia e articulação dos sons da língua entre os diferentes falantes. A fonologia organiza a estrutura abstrata dos sons da língua, desta forma, Fonologia e Querologia representam o emprego da articulação dos signos auditivos e visuais. Assim, Querologia é a ciência que trata da organização abstrata dos movimentos e posicionamentos das mãos nas línguas de sinais.

Ainda hoje se empregam os conceitos de fonética e fonologia nos estudos de Línguas de Sinais, para se evidenciar seu *status* linguístico por meio de “equivalências” com os estudos de línguas orais. Assim, ao falar sobre a língua de sinais, embora esta não se manifeste por meio dos sons, para Stokoe<sup>2</sup>, pode-se falar de variação fonológica.

William Stokoe propôs o termo “querema”<sup>3</sup> segmento mínimo sinalizado para as unidades formadoras dos sinais. Esses segmentos são a configuração de mãos, a locação e o movimento; e aos estudos de suas combinações propôs o termo querologia (do grego, mão)<sup>4</sup>.

Stokoe (2005; 1960) percebeu que os sinais possuem diferentes critérios, descreveu os queremas de acordo com a configuração, a localização e o movimento das mãos, preocupando-se com os pontos de articulação. Pode-se acrescentar ainda à descrição dos queremas, a característica da orientação da palma das mãos, completando, assim o quadro do sistema querológico das línguas de sinais.

A configuração diz respeito à forma que as mãos assumem ao realizar determinado sinal. Podem ser o alfabeto manual ou outras feitas com uma mão ou com as duas mãos do emissor. A configuração de mão pode permanecer a mesma

2 As línguas de sinais são consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem (STOKOE, 2005).

3 *Chereme*, em inglês.

4 No presente trabalho usa-se a grafia “querema” e “querologia”, para não se confundir com “quirologia” = arte divinatória das linhas das palmas da mão, derivado da mesma raiz grega.

durante a realização de um sinal ou mudar. No que diz respeito à localização das mãos, corresponde ao local onde será feito o sinal, tendo como referência o corpo. A localização do sinal é de extrema importância visto que, dependendo disso, o sentido pode mudar totalmente. Os sinais podem ser produzidos na região da cabeça, parte superior do corpo, na parte média, na região do tronco e inferior do corpo. Quanto ao movimento das mãos, pode-se dizer que é fundamental para a realização de diversos sinais. De acordo com Quadros e Karnopp (2004), para que haja movimento, é preciso haver objeto e espaço. Para as pesquisadoras, na Língua de Sinais, as mãos do sinalizador representam o objeto, enquanto o espaço em que o movimento se realiza é a área em torno do corpo do sinalizador. A orientação das palmas das mãos mostra a direção para onde a palma da mão aponta na execução do sinal: para cima, baixo, dentro, fora, direita, esquerda, o que influencia bastante no entendimento do sinal executado.

Além das quatro questões mencionadas, existem autores como Friedman (1977) e Battison (1974), que incluem ainda as expressões faciais e corporais como mais um aspecto que deve ser levado em consideração para o completo entendimento e para a execução dos sinais. Pode-se fazer uso dos mesmos parâmetros de um sinal para diferentes significados, tendo-se como traço diferenciador a expressão corporal ou facial utilizada naquele contexto.

## 2.2 Uma proposta sobre o conceito de Querética

Querética é uma terminologia utilizada nesse trabalho e é proposta aos estudiosos das Línguas de Sinais. Stokoe (2005; 1960), em sua pesquisa, utilizou os termos “querologia” e “querema”, mas não trata sobre a Querética (o morfema QUER significa MÃO), daí a necessidade de propor um conceito para completar essa análise da língua de sinais com uma terminologia própria.

A Querética possui um correspondente em línguas orais, a fonética, entretanto, o termo fonética não consegue explicitar fenômenos que são pertinentes e característicos de uma língua de modalidade espacial-visual. A fonética é o estudo que se direciona ao uso de determinados sons fisicamente registrados e identificados, como base da estrutura fonêmica da língua oral, formalizando suas possibilidades na pronúncia. O uso da terminologia direcionada aos sons certamente não é cabível para estudar as articulações das produções visuais em Língua de Sinais devido ao fato de que a língua de sinais usa um universo de unidades visualmente perceptíveis muito maior do que os cerca dos 25 fonemas que cada língua oral em média emprega. A limitação do número de eventos mínimos nas línguas orais gera a necessidade de um sistema combinatório diferente das línguas de sinais para poder gerar as unidades lexicais.

Assim, a Querética seria o ramo da Linguística que se preocupa com as unidades mínimas dos sinais, com a parte significativa do signo linguístico e não com o seu conteúdo ou significado. Trata-se da parte da Linguística que estuda e

classifica os elementos mínimos da linguagem articulada (os parâmetros que formam queremas) em sua realização concreta.

Desta forma, as variações queréticas da língua de sinais (análogas às variações fonéticas das línguas orais) estão organizadas em seus parâmetros: Configuração de Mão, Movimento, Ponto de Articulação, Orientação/Direção e Expressão Facial e corporal. Elas assumem no discurso do sinalizador, formas mínimas e variáveis que não alteram o significado do sinal, apresentam em certas condições e contextos acentuação de parâmetros.

A formulação do conceito de Querética visa, portanto, abordar a questão da construção de sentidos que ocorre nas Línguas de Sinais, a qual definitivamente não está ligada à perspectiva do som, tanto na audição quanto na emissão de voz. Na Querética, tal como proposto aqui, parte-se da lógica da existência de uma “física da imagem”, ou seja, a reflexão ótica da configuração espacial dos diversos elementos articuladores que é transmitida através da luz, ao invés da informação transportada pelas ondas sonoras no caso das línguas orais. Como a fonética analisa todos os traços isolados que podem ser percebidos pelo ouvido (e a sua produção na fonética articulatória), a querética analisa todos os traços que podem ser distinguidos visualmente. Além disso, assim como assumido para as línguas orais, sabe-se que as Línguas de Sinais evoluem ao longo do tempo, posto que apresentam variações na maneira como essa física da imagem é realizada.

Abordam-se, aqui, as diferentes maneiras de realização das unidades mínimas da Libras, compreendendo, em primeiro plano, que a Querética analisa aos traços que compõem os parâmetros das Línguas de Sinais, ao passo que a Querologia busca analisar as formas como esses se agrupam para formar as unidades mínimas de significado, os queremas e as suas mudanças variacionais apresentadas na execução dos sinais da Libras.

É importante notar que tanto os parâmetros primários, como os secundários e os componentes não manuais podem estar presentes simultaneamente na organização do sinal. O sinal se realiza multidimensionalmente e não linearmente, como acontece, em geral, com as palavras orais, e sua realização necessita da presença simultânea de seus parâmetros. (Ferreira, 2010, p. 41).

Em outras palavras, Querética se refere aos aspectos físicos de detalhes perceptíveis dentro dos parâmetros, tais como local, configuração de mãos, movimento, mas que não necessariamente criam diferença de significado. Já a querologia se dedica à análise dos elementos que carregam diferença de significado.

### 2.3 Sociolinguística

A sociolinguística é a parte da linguística que estuda as relações entre língua e sociedade. É o estudo descritivo do comportamento linguístico de uma sociedade.

de e de como ele é determinado pelas relações sociais, normas culturais, expectativas, contexto e economia linguística. Leva em consideração a maneira como a língua é usada e seus efeitos na sociedade. Desta forma, “para o indivíduo não é fácil provocar mudanças deliberadas [numa determinada prática institucionalizada]. Se depender exclusivamente dos seus esforços individuais, as possibilidades de êxito num empreendimento desse tipo serão mínimas” (Berger e Berger, 1977, p. 197). E, ainda, seguindo o pensamento de Uphoff (2008), destaca-se o seguinte:

Como os sociólogos ressaltam, a legitimação costuma ser transmitida como conhecimento socialmente objetivado, que produz “um corpo de verdades universalmente válidas sobre a realidade” e que faz com que “qualquer desvio radical da ordem institucional [tome] caráter de um afastamento da realidade” (Uphoff, 2008, p. 133).

Assim, a sociolinguística trata do estudo das formas linguísticas utilizadas de acordo com as influências e características do contexto social de uso da língua falada. A variabilidade é uma característica da sociolinguística considerando o momento no qual a sociedade se comunica levando-se em conta o contexto situacional e cultural e a história comunidades de fala. As pessoas de uma comunidade linguística interagem e compartilham conjuntos de normas com respeito aos usos linguísticos. O pesquisador em sociolinguística William Labov estudou o fenômeno da variação entre grupos de falantes divididos segundo variáveis convencionais, como sexo, idade, escolaridade, procedência, etnia, nível socioeconômico. A partir daí se iniciam os questionamentos, em termos empíricos e teóricos, sobre a sistematicidade do fenômeno da linguagem e a sua relação com o fato social.

Os estudos sociolinguísticos encontram um vasto campo de pesquisa e análise em se tratando das línguas de sinais, pois estas têm seu reconhecimento social relativamente recente e estão inseridas em um contexto que subentende fenômenos diversos do que os observáveis na comparação entre línguas orais. Como ilustração dessa afirmação, pode-se citar o caso dos surdos sinalizantes, em que a consolidação de uma comunidade linguística é algo vivencial, que necessita da materialidade do “ver” para constituir-se.

Tendo em vista a distinção acima relatada, vêm à tona as discussões acerca das políticas linguísticas adotadas (ou não) por alguns países no sentido de proteger, de legitimar e de fomentar o desenvolvimento de uma língua que, do contrário, correria o risco de ficar à margem, tornando, por consequência, seus usuários marginalizados. Logo, as políticas linguísticas são formas institucionalizadas que partem de decisões do poder para influir no uso da língua de um grupo ou de uma comunidade linguística.

Segundo Quadros (2012), são manifestações de políticas linguísticas: o planejamento linguístico (organização de *corpus* e comprovação do *status* linguístico), intervenções na forma e na estrutura da língua (para que assim possam equipará-las, desempenhando seu papel em um contexto determinado), normalização

(intervenções perante a elaboração e fixação de normas linguísticas, sejam gramaticais, sejam léxicas, sejam ortográficas), padronização ou estandardização – estabelecimento de uma norma *standard* (Taylor, 1911). Normalmente, uma língua é falada/sinalizada de maneira diferente por toda a extensão do território, elegendo modelos linguísticos a seguir em contextos de uso, modernização (aceitação e incorporação de novas formas de uso da língua) e representação gráfica (criação ou manutenção dos registros escritos da língua).

## 2.4 Variação linguística em Libras

Os estudos da Sociolinguística envolvem, principalmente, a reflexão sobre o desenvolvimento e os diferentes usos da língua e da linguagem humana, considerando o fluxo contínuo e ininterrupto no qual os seres humanos se apropriam e se utilizam das possibilidades comunicativas e reflexivas que estão ligadas a essa área do conhecimento.

Nesse sentido, investigar o uso de uma língua é também investigar a enorme variação linguística que decorre do seu uso particular (cada indivíduo tem uma forma peculiar de apropriar-se e de utilizar-se da língua), bem como do uso coletivo, social dessa língua. Como o uso difere na dimensão individual e na dimensão coletiva, muitos são os fatores que influenciam nas mudanças e variações observáveis em uma língua viva: classe social, faixa etária dos usuários (crianças, jovens, idosos), gênero, o contexto social de uso da língua, religião, minorias, entre outros.

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar uma variedade linguística equivale a denegrir e a condenar os seres humanos que a falam, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes – é preciso mostrar, em sala de aula e fora dela, que a língua varia tanto quanto a sociedade varia, que existem muitas maneiras de dizer a mesma coisa e que todas correspondem a usos diferenciados e eficazes dos recursos que o idioma oferece a seus falantes; também é preciso evitar a prática distorcida de apresentar a variação como se ela existisse apenas nos meios rurais ou menos escolarizados, como se também não houvesse variação (e mudança) linguística entre as falantes urbanos, socialmente prestigiados e altamente escolarizados, inclusive nos gêneros escritos mais monitorados (Bagno, 2013, p. 16).

A variação linguística em Libras é um assunto muito complexo e apresenta diversas questões que devem ser analisadas. Compreender sobre as variações linguísticas da língua de sinais requer uma visão histórica sobre os surdos enquanto

minoría lingüística, já que a Libras é uma língua de resistência da comunidade surda.

Atualmente, a Libras tem *status* de língua, mas mesmo antes desse reconhecimento positivado é necessária certa acuidade para verificar as mudanças lingüísticas, seu regionalismo e suas variações. Esse processo histórico tem que ser visto tanto da perspectiva temporal, quanto da perspectiva espacial, já que tempo e espaço são variáveis para uma língua. A urbanização, o espaço rural, os guetos surdos, os espaços de socialização, todos esses contextos são determinantes para se analisarem as variações em Libras.

As variações lingüísticas em Libras acontecem, como em todas as línguas, de forma natural, quando seus usuários entram em contato com outras formas de sinalização e fazem com que o repertório de sinais fique mais diversificado. Essa variação tem, como mencionado, influência de vários fatores. O fato de a Libras estar presente em um país onde a maioria das pessoas usam a língua portuguesa e esta língua circular em todos os espaços, faz com que o contato do sujeito surdo com a língua portuguesa interfira também em suas produções.

Nesse aspecto, observa-se que toda a variação lingüística deve ser respeitada, tratada como um fenômeno natural dentro da língua, já que esse processo ocorre de forma natural e é atrelado à história que a língua traz consigo. Os novos sinais, ou sinais diferentes daquele habitual de uma determinada região, trazem a riqueza da língua, permitem que se partilhem experiências e conceitos que partem de pontos de vista diferentes para um dado sinal que embora diferente em sua forma possua um mesmo significado.

A comunidade surda é de grande importância para a socialização da língua e cultura, das experiências e forma de estar no mundo. A língua é atrelada à cultura. Strobel (2009) apresenta características da cultura surda e a língua é um fator de elo, pois a língua de sinais é uma das principais marcas de identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda. A interação na comunidade surda produz mais sobre a língua, estabelece um fortalecimento de identidades compartilhadas lutando assim pelo resgate da sua língua e de tudo que foi negado historicamente aos surdos.

## 2.5 Variação querológica

Os estudos lingüísticos direcionados para a Língua de Sinais começaram a ganhar força a partir de Stokoe que, através de seus estudos, pôde comprovar com a Querologia que a Língua de Sinais possui seus próprios parâmetros e que não deveria ser comparada às Línguas Orais, visto que ela possui estrutura própria. Os parâmetros desenvolvidos por Stokoe foram ganhando mais elementos enquanto a área da lingüística dentro da Língua de Sinais foi ganhando mais força e mais estudiosos da área começaram a produzir mais trabalhos direcionados a estes estudos.

Assim, a variação querológica traz algumas características específicas como: 1) sintonização da sinalização do locutor com o interlocutor (escolhas lexicais, forma de sinalização); 2) convenção de sinais, acordos no uso de vocabulários ainda não convencionados; 3) simultaneidade na sinalização e intensificador; 4) contexto de comunicação; 5) indivíduo nativo (produção natural) ou não; 6) variável social (classe social, idade, escolarização, profissão); 7) variável no grau de formalidade (registro formal ou informal). Por estes motivos são incluídos os classificadores em língua de sinais.

As variações ocorrerão de acordo com o ambiente em que este indivíduo está inserido, além do repertório linguístico que ele adquiriu durante a aquisição da linguagem. A variação linguística ocorre tanto com uma pequena mudança na execução do sinal como com uma grande modificação na execução, podendo ser retirada a simetria do sinal ou até mesmo tirando algum parâmetro na execução. O mais importante dentro desta construção, por mais que existam variações querológicas, é que a mensagem que está sendo passada seja recebida e entendida de maneira clara e coesa.

### 3 Metodologia de pesquisa

O procedimento da pesquisa se deu da seguinte maneira: a primeira etapa considera os pressupostos metodológicos, a segunda etapa mostra como foi efetuada a seleção dos vídeos do curso de Letras Libras de 2006 e os vídeos do Youtube, bem como o perfil dos sujeitos atores-tradutores escolhidos para este estudo; a terceira etapa demonstra o trabalho de anotação dos sinais feito com auxílio do programa ELAN e, por fim, o *corpus* selecionado.

Nesta investigação, a variação é entendida como diferentes realizações de um mesmo sinal no que concerne aos parâmetros que constituem esse sinal. Assim, seguindo os estudos linguísticos de Xavier (2006; 2014), assume-se que um sinal pode variar intersujeito e intrassujeito<sup>5</sup> quanto a realizações distintas de: (i) configuração de mão; (ii) localização; (iii) movimento; (iv) orientação; (v) número de mãos e (vi) marcações não manuais.

A fim de poder identificar se há variação na realização dos sinais no material das videoaulas do curso de Letras Libras da UFSC, Instituição Federal selecionada, optou-se por fazer o recorte da pesquisa por sujeitos, focando a análise nos textos sinalizados por dois atores-tradutores surdos.

A sinalização dos atores-tradutores surdos foi observada e comparada, tanto entre os diferentes sujeitos, isto é, na diferença das respostas intersujeito (diferenças individuais) quanto entre os diferentes momentos de sinalização do mesmo sujeito, isto é, intrassujeito (diferença nas respostas de um mesmo indivíduo, em

5 Ressaltando que esta composição sofre de variabilidade intra e intersujeito presente nos dados, conforme o estilo utilizado e a taxa de elocução (lenta normal, rápida) (MORAES, 2006).

situações diferentes). Foram coletados apenas os sinais produzidos de modo diverso nestas situações.

Para considerar essas diferentes realizações como formas variantes de um mesmo sinal, recorreu-se à entrada léxica do referido sinal no Dicionário Ilustrado Trilíngue da Libras (Capovilla; Raphael, 2006), sem, portanto, considerar o registro no dicionário como “padrão” e a variação como “desvio”.

A identificação dos sinais variantes é uma etapa muito importante para levantar hipóteses sobre a motivação da variação percebida nas sinalizações. Para tanto, a pesquisa procedeu, primeiramente, ao estudo da bibliografia sobre diferentes tipos de variação linguística na Libras. Entre os diferentes tipos de variação apontados em pesquisas anteriores, aqui, aprofunda-se a questão da variação querológica, entendida como uma forma de variação que não implica mudança de significado. Assim, busca-se identificar as variações apresentadas no uso dos sinais, no *corpus*, tomados para análise, categorizando-as como um tipo específico de variação linguística, variação querológica, que não implica nuance de significado.

As análises propostas baseiam-se, portanto, nos vídeos produzidos pelos atores-tradutores surdos do Curso de Letras Libras da UFSC e vídeos do Youtube, com produções espontâneas desses surdos. Foram escolhidos sinais específicos como objetos de análise, uma vez que eles conseguem apresentar a língua de uma forma mais direcionada ao fim que se pretende (atingir os discentes do curso como público-alvo no caso dos materiais de aula traduzidos, e os espectadores *on-line*, no caso do Youtube), percebendo-se, assim, os tipos de variação presentes.

Utilizando os vídeos como objeto de análise, não há grandes perdas da essência da língua e da forma como ela é articulada durante a enunciação autêntica, assim, tais objetos podem ser comparados e podem ser extraídos os sinais que se categorizam como variação no seu respectivo contexto. Isso só é possível com objetos similares que registrem a língua em seu uso, diferente de dicionários impressos que se referem à forma de citação, descontextualizada, e não possibilitam visualizar a língua em sua percepção espaço-visual, dentro do contexto de um diálogo, por exemplo.

## 4 Análise dos dados

Ao se analisar a constituição e a evolução dos sinais verificou-se que estão presentes as variações e, dependendo do contexto que ocupam, encontram-se alguns fenômenos recorrentes que são responsáveis por um grande número de variações queréticas/querológicas, tais como a mudança, redução, duplicação e omissão.

No idioleto, a pessoa possui uma produção de variação particular, cultural, refere-se a um determinado modo de sinalizar, inerente de cada indivíduo. São características próprias para efetuar seu registro. Por exemplo: mudança querética das formas de configuração de mão em “1” mudança para “L”; movi-

mento de “LENTO” mudança para “RÁPIDO”; ponto de articulação “TESTA” mudança para “BOCHECHA”; expressão facial “COM BOCHECHAS INFLADAS” mudança para “SEM” e “COM BOCA SEMIABERTA”; orientação do braço “HORIZONTAL DISTENDIDO” mudança para “CURTO HORIZONTAL DISTENDIDO”.

A mudança para menos complexa, quando ocorre a economia linguística, trata da mudança econômica das formas dos parâmetros em CMs, por exemplo, se há a simetria, o mesmo sinal pode ocorrer só com uma mão, daí há omissão; se o movimento ocorre duas vezes, pode ocorrer uma única vez; se o parâmetro PA ocorre na parte superior do braço, com a mudança da economia, passa para parte de baixo do braço; a orientação horizontal para cima, mais longe, pode ocorrer com a orientação horizontal para cima, mais curta.

Com relação à mudança de registro, que pode ser formal ou informal, existem produções com variedades diferentes de estilos de linguagem e de estilos de prosa.

Por exemplo, as mudanças querológicas das formas do parâmetro de CM em “S”, “A” e “O” são semelhantes, bem como a locação de um sinal na “testa” ou “bochecha”; ou ainda o movimento com mão e braço em curvas, pode ser ondulatório, para direita, para esquerda, para baixo, para cima, para dentro, para frente ou para trás, todas essas são mudanças curtas, relaxadas e rápidas, não mudam o sentido do sinal; ao dobrar as mãos pelo pulso e girar pode ocorrer a variação, sem girar ou ao girar com menos movimento; ao se modificar a intensidade do movimento, a velocidade ou a frequência pode ocorrer mudança de redução do sinal, entre outras formas de variação.

#### 4.1 Idioleto

O idioleto identifica a fala de cada usuário da língua, sua língua única, a maneira e o sentido por ele expresso. Assim, ao se produzir uma mudança, uma variação querética da estrutura do léxico, produz-se uma mudança natural de elementos linguísticos. Segundo Labov (1972), são marcas pessoais da fala, traços linguísticos e variações particulares de uma pessoa, que se relacionam com o seu gênero e *status* social.

Uma pessoa pode ter diversas variantes dialetais em seu repertório e mudar de uma para outra quando lhe for conveniente ou de acordo com o contexto/interlocutor. Do ponto de vista sociolinguístico, é importante reconhecer a competência linguística do falante para os usos diferenciados que podem fazer da língua (Lyons, 1987).

Foram encontrados quatro sinais considerados com variação idioletal, são eles: POR QUE, ESTUDAR, EXEMPLO e OLHAR. Aqui, por questões inerentes ao gênero artigo, analisaremos apenas o sinal ESTUDAR, em que se observa que a variante utilizada por todos os sinalizantes, para diferentes usos, foi o idioleto, visto que há marcas pessoais, variações linguísticas particulares da fala de cada sujeito, que em cada caso observado serve para dar um melhor entendimento do que está sendo dito.

VIDEOAULA	YOUTUBE
<p><b>1. ESTUDAR QUE ESTUDAR</b> F-O-N-É-T-I-C-A (DEIXIS) OUTRO F-O-N-O-L-O-G-I-A</p> 	<p><b>2. PRÁTICA NA HORA</b> <b>ESTUDAR</b> VOU ENSINAR MAIS...</p> 
<p>Fonte: DVD Fonética e Fonologia - 1 Edição Tempo: 00'25" Outros exemplos: 09'00", 11'28"..</p>	<p>Fonte: <a href="https://www.youtube.com/watch?v+Ue9HV7Oru8U">https://www.youtube.com/watch?v+Ue9HV7Oru8U</a> Tempo: 02'49"</p>

Fonte: Elaborado pela autora

No processo de variação idioletal retratado acima, os dois casos apresentam a realização do sinal executado com as duas mãos atuantes na forma aberta, incluindo o dedo distendido aberto e polegares abertos, inclinados para dentro e dedos inclinados para os alunos, batendo duas vezes o dorso dos dedos direitos, sobre a palma dos dedos esquerdos.

Assim, o sinal ESTUDAR também sofre alteração em sua CM no ato de fala do tradutor analisado, como podemos observar na imagem à direita da tabela: o mesmo é realizado na altura da boca. Nesse contexto, as variáveis constitutivas de individualização do sujeito são evidentes, visto que, as diferenças de realização do sinal são mínimas (pouca mudança querética) e muitas vezes inconscientes, configurando-se como uma variação livre do sinal.

#### 4.2. Mudança de Registro (Formal e Informal)

As variações estilísticas ou diafásicas são as que ocorrem de acordo as circunstâncias de comunicação que o indivíduo vivencia em determinado contexto, assim as variações podem ocorrer devido aos níveis de fala/registro, formal ou informal, de acordo com características ligadas à situação, como ambiente, tema, estado emocional, grau de intimidade e os receptores da mensagem.

A variação informal ocorre quando há uma despreocupação do sinalizante quanto ao uso das normas gramaticais e na formal há uma grande preocupação com normas gramaticais, utilização de vocabulário rico e diversificado.

A Libras pode ser usada em ambientes formais e informais, dependendo do contexto em que o sinalizante se encontra ou de acordo com a necessidade da fala, assim as variações estarão sempre presentes.

Nessa categoria, observa-se o grau do (auto-)monitoramento, em produções com os mesmos indivíduos e identificam-se os dois estilos: o informal, onde o sinalizante está mais solto e relaxado, tomando um caráter mais íntimo, dependendo do ambiente; e o formal, onde antes se prepara o conteúdo a ser ministrado, mais elaborado e complexo de acordo com a regra padrão e escolhem-se as variedades lexicais. Pode ainda ocorrer uma mudança de parâmetros de estilos.

Observa-se, a seguir, uma análise do sinal NÃO PODER, com variação que-rológica, identificado com mudança de registro de acordo com os parâmetros.

VIDEOAULA	YOUTUBE
<p>1. JUNTO SEMPRE <u>NÃO PODE</u>                      “C” “V” SEPARAR NÃO                      PODE...</p>	<p>2. DEIXA ASSIM <u>NÃO PODE</u>                      COMPARAR OUTRO <u>NÃO</u>                      PODE SISTEMA</p>
	
<p>Fonte: DVD Fonética e Fonologia -                      1 Edição                      Tempo: 47'37"                      Outros exemplos: 49'53", 51'15"                      2 Edição Tempo: 09'06"</p>	<p>Fonte: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=HSBMXJA1BFY">https://www.youtube.com/watch?v=HSBMXJA1BFY</a>                      Tempo: 03'25 "</p>

Fonte Elaborado pela autora

No processo retratado na tabela, os sinalizantes alteraram a configuração de mãos na realização do sinal. Os registros em língua de sinais dos materiais analisados (videoaulas e vídeos do Youtube) apresentaram variação. A sinalização de “NÃO PODER” foi executada com mudança na configuração de mão, ou seja, mão aberta com saliência no polegar, que reincidiu no nível formal e informal, o sinal “NÃO PODER” aqui é executado diferentemente do sinal que é tido como padrão, conforme alguns manuais e dicionários de língua de sinais. O sinal em questão teve uma incidência do dedo polegar solto. O sinal que é apresentado como formal, ou que compõe os dicionários de língua de sinais, segue a CM<sup>6</sup>.

Assim, têm-se que a variação linguística aqui apresentada é a de mudança de registro do formal para o registro informal, ao sinalizar “NÃO PODER” têm-se duas palavras em português e apenas um sinal correspondente em Libras, apresentado com expressão facial, de maneira mais informal.

O sinalizante, dependendo da expressão facial, em caso negativo, por exemplo, só muda a CM com o polegar aberto, a motivação variante do sinal pode ser identificada pelo fato de serem realizados da mesma maneira em ambos os mate-

6 CM:



riais analisados, nas videoaulas e nos vídeos do Youtube, pois o sinalizante realiza o sinal alterando a querética da configuração de mão, feita relaxadamente.

Como se pôde observar, há variantes queréticas/querológicas, sobre as quais a pesquisa da língua por meio dos tipos de variação se faz necessária, bem como a classificação dos tipos de variação aliada à sociolinguística e à variação da tradução, aos estudos de querologia, como é o caso das variantes formal e informal.

## 5 Resultados de pesquisa

Como a língua nasce com cada povo e a sociedade é a expressão da língua natural, cada descoberta de novas línguas, novas comunidades sinalizantes, cada uma com suas variantes específicas, deve ser respeitada. Com o aumento da tecnologia de comunicação e gravação em vídeo, essas línguas se tornaram públicas, bem como seus materiais de registro, como é o caso da Libras, com seus dicionários e vídeos públicos.

Entretanto, os sinais registrados pelos dicionários, materiais públicos e ilustrados, são rotulados, possuem apenas um registro formal da língua. Não são consideradas as expressões variantes e o contexto em que as palavras são expressas. Servem para ajudar nos sinais cuja realização difere do sinal registrado no próprio dicionário, diferentemente das expressões naturais da língua, trata apenas de algumas variantes específicas.

Assim, foram utilizados termos específicos do dicionário em Libras para traçar a estratégia adotada para identificar os sinais que serviriam de comparação, selecionando-se os mesmos termos presentes nas videoaulas da UFSC e nos vídeos do Youtube, onde são consideradas e analisadas suas variantes.

Desta forma, as diferentes realizações querológicas selecionadas para esta análise têm como critério de escolha o fato comum de se manifestarem de modo diverso daquele descrito pelo dicionário, visto que este registra o sinal fora de contexto e com apenas uma variante específica, trata-se de um registro base e, muitas vezes, artificial da língua.

Ao analisar os idioletos, observou-se que o mesmo sinal é feito com diferentes variantes para facilitar a compreensão. Na variação econômica e na variação de registro informal e formal, têm-se quantidades de sinais com omissão de uma das mãos, duplicação de mão, mudanças de configuração de mão, de movimento, de locação, orientação e expressão facial, uma expressiva constatação da variação existente na realização dos sinais.

Sendo assim, essa pesquisa contribui para que se possa verificar as possíveis variações e mudanças linguísticas que ocorrem na Libras. Mudanças linguísticas podem ter um processo cíclico de alternância de um dado sinal, podendo este assumir um uso maior entre os tradutores/intérpretes ou ser substituído por um sinal mais novo, embora como dito, é possível essa alternância no uso dos sinais, sendo o neologismo também um fato recorrente nas línguas de sinais, como por exem-

plo, o sinal ALUNO, que antes era representado pelos sinais PESSOA+ESTUDAR, e hoje possui um sinal próprio, que é realizado no braço, próximo ao ombro, com a configuração de mão em A.

Procedendo de toda a análise registrada neste trabalho, observa-se a importância da construção de um registro das variações em Língua de Sinais, aproveitando o conhecimento das variações regional, social, histórica, geográfica, situacional, pois quando analisados os dicionários gráficos que já são disponibilizados para os usuários da língua, é possível observar o intuito de padronizar a Língua de Sinais, porém, como já exemplificado e estudado, seria um erro deixar de fora as variações que a língua sofre em seus âmbitos regionais na qual ela é empregada.

Dentro dessas categorias verificam-se variações que são realizadas pelo emissor, sendo linguísticas ou lexicais. As duas possuem relação, mas operam com características diferentes.

Quanto às contribuições deste estudo à descrição da Libras na condição de sistema linguístico, é possível afirmar que este artigo se constitui como base para o fortalecimento da compreensão do *status* linguístico da Libras, visto que este trabalho explicita que a evolução da língua e o avanço nos estudos sobre essa língua se retroalimentam.

Pelo recorte do objeto alvo, é possível perceber que a disseminação da língua e seu uso em diferentes contextos sociais foram aspectos impulsionados pela pesquisa acerca da constituição das línguas de sinais. O fortalecimento da compreensão do *status* linguístico da Libras se associa à possibilidade de conscientização dos seus usuários acerca de suas diferentes formas de realização, evitando, assim, a prática do preconceito linguístico na comunidade surda, na medida em que fomenta o entendimento de que há um princípio não aleatório em relação às diferenças observáveis no uso da Língua de Sinais, inclusive no que concerne ao registro formal, implicando que essas diferenças sejam aceitas e reconhecidas como aspectos de valorização da língua porque mostram que ela apresenta uma história evolutiva.

## Considerações finais

Este trabalho teve como campo investigatório a área da Linguística, analisando as variações queréticas/querológicas em Libras, tomando como objeto de estudo as produções de atores/tradutores surdos em vídeos acadêmicos e espontâneos.

Ao tomar essas sinalizações como a base da averiguação, foram percebidos detalhes em suas diferentes formas de enunciação que correspondem a uma gama de questões que instigam a refletir sobre a variação linguística em Libras. A condição humana e os fatores externos contribuem para que a língua seja plural em sua forma de subjetivação, já que, no plano da variação, os fatores históricos, regionais, contextuais, emocionais e etc., influenciam diretamente na sinalização.

A variação linguística é um fenômeno importante para a história da Língua de Sinais, constitui um fator que contribui para a evolução da língua. Reconhecer,

portanto, que a variação compete como uma característica importante da formação do sujeito é, em síntese, um reconhecimento dos próprios sujeitos na relação com sua Língua de Sinais, com o seu grupo de convívio, com as diversas faixas etárias com as quais esse sujeito interage e apreende a língua, e é onde ocorrem as mudanças que incessantemente vão transformando a língua.

O Brasil se caracteriza pela forte união da comunidade surda e por ter intrínseca a sua cultura e o hábito de troca de informações e experiências. Com a falta de circulação da Língua de Sinais de forma ampla na sociedade em geral, cabe aos surdos essa tarefa de compartilhar seus saberes, e com isso ampliar seus horizontes linguísticos.

A possibilidade dos registros da língua para acompanhar o seu desenvolvimento e entender sua variação é, portanto, fundamental. Assim pode-se desvendar e compreender o funcionamento da Libras com base na sua história e nas suas especificidades. Pois, quanto maior o conhecimento, maior será a confiança na língua e o respeito por ela.

## Referências bibliográficas

AVELAR, Thaís Fleury. *A Questão da padronização linguística de sinais nos atores-tradutores surdos do Curso de Letras-Libras da UFSC*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis, 2009.

BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

BATTISON, R. Phonological Deletion in American Sign Language. In: *Sign Language Studies*, 1974.

BERGER, P. L.; BERGER, B. O que é uma instituição social? In: M. M. Foracchi/J. Martins (orgs.). *Sociologia e sociedade. Leituras de introdução à sociologia*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 193-199, 1977.

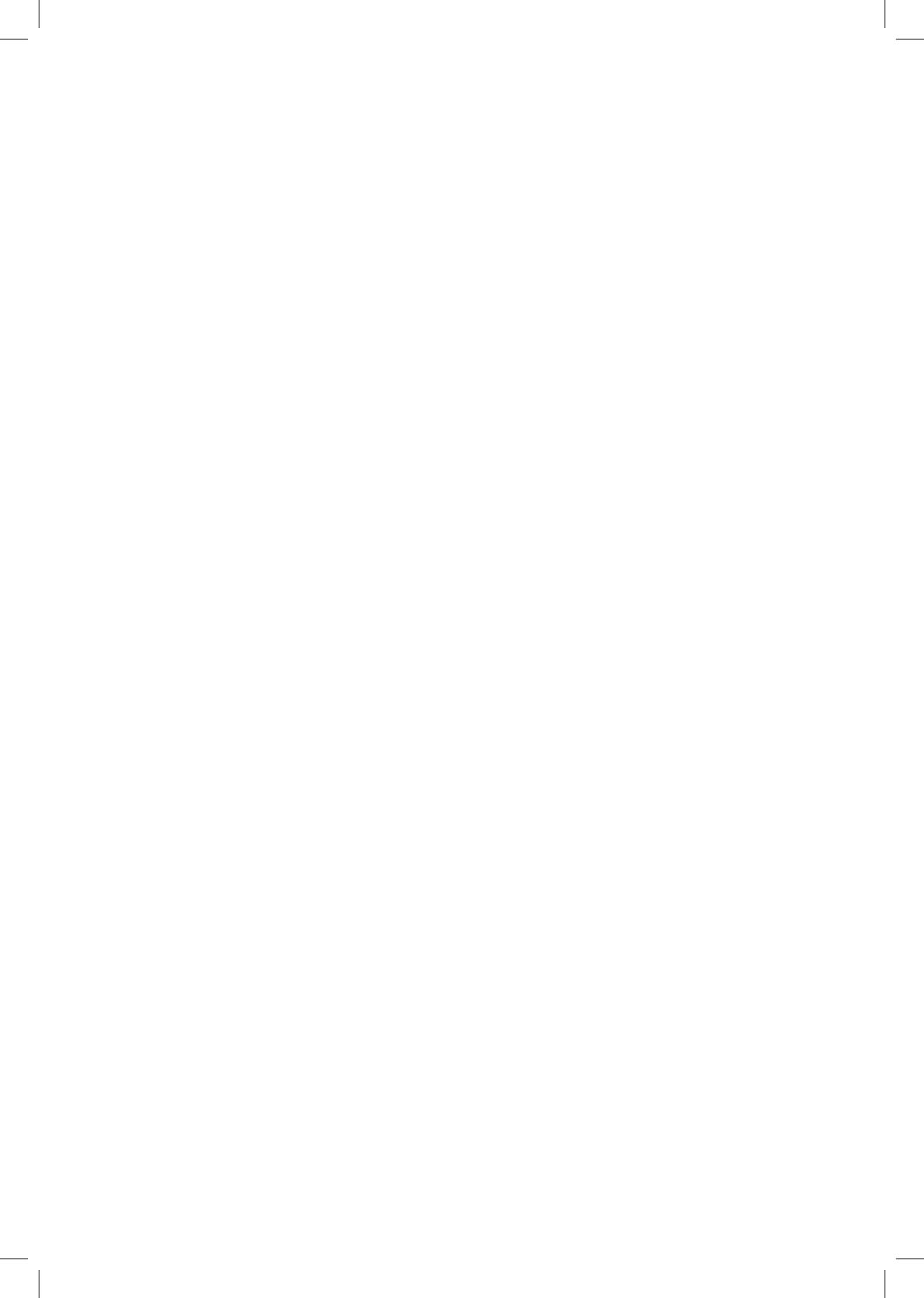
BRITO, L. F. Língua Brasileira de Sinais - Libras. In: \_\_\_\_\_. et al. (Org.). *Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental/vol. III: Língua Brasileira de Sinais*. Brasília: MEC/SEESP, 1998. (Série Atualidades Pedagógicas).

CAPOVILLA, Fernando C.; RAPHAEL, Walkiria D. *Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2 v., 2006.

FELIPE, T. A. *Escola Inclusiva e os direitos linguísticos dos Surdos*. Rio de Janeiro: Revista Espaço – INES, 1997.

FERREIRA, B. L. *Por uma gramática da língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

- FRIEDMAN, L. *On The Hand*. New York: Academic, 1977.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LYONS, John. *Lingua(gem) e linguística*. Tradução de Marilda Winkler Averbug, Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- MORAES, Augusta de Magalhães Carvalho de. *A criança e o ritmo em português brasileiro: análise fonética dos dados de encontro acentual*. 2006. 94f. Dissertação (mestrado em linguística). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. 2006.
- QUADROS, Ronice; SOUZA, Saulo. Aspectos da Tradução/Encenação na Língua de Sinais Brasileira para um Ambiente virtual de Ensino: Práticas Tradutórias do Curso Letras Libras. In: QUADROS, Ronice (Org.). *Estudos Surdos III*. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008.
- QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SILVA, Thais Cristófar. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto, 2009.
- SOUZA, Saulo Xavier. *Performances de tradução para a Língua Brasileira de Sinais observadas no curso de Letras-Libras*. 2010. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- STOKOE, W. C. Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf. In: *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*. Vol. 10, No. 1. New York: Oxford University Press, 2005.
- \_\_\_\_\_. Sign Language Structure: outline of the visual communication systems of the american deaf. *Studies in Linguistic*, University of Buffalo, n. 8, 1960.
- STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.
- TAYLOR, Frederick Winslow. *The Principles of Scientific Management*. Local: New York and London, Editora: Harper & Brothers, 1911.
- UPHOFF, D. O caráter Institucional do uso do livro didático no ensino de língua estrangeira. *Revista Intercâmbio*, volume XVII, São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2008.
- XAVIER, A. N. *Uma ou duas? Eis a questão!: Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da Língua Brasileira de Sinais (Libras)*. 2014. 178f. Tese (Doutorado em linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Descrição fonético-fonológica dos sinais da Língua de Sinais Brasileira (LSB/Libras)*. 2006. 175 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2006.



## 7

## Sistemas de notações e escritas de línguas de sinais

*Débora Campos Wanderley*  
*Marcos Luchi*  
*Marianne Rossi Stumpf*

## 1 Introdução

Contextualizando, este artigo irá examinar o que se espera dos sistemas de escritas, o que devem fazer e as diferentes maneiras de se alcançar seus objetivos, bem como suas classificações. A palavra “linguagem” é usada de muitas maneiras. Falamos da linguagem da poesia ou do amor, da linguagem corporal, computacional e até mesmo animal, como no caso das abelhas e de alguns pássaros. Os linguistas têm trabalhado significativamente para determinar o que faz exatamente com que os sistemas de comunicação humano sejam diferentes desses outros tipos. Eles elaboraram uma lista de características que um sistema deve ter, a fim de ser aceito como uma linguagem humana em vários níveis. Para fins didáticos ou meramente descritivos, os níveis mais altos são compostos de palavras significativas e sentenças, e os níveis mais baixos, de peças pequenas que não têm nenhum significado isoladamente. No entanto, essas pequenas peças podem ser colocadas juntas em combinações que têm significado.

As escritas são diferentes porque as línguas são diferentes. Alguns exemplos: No sistema consonantal, inventado pelos Fenícios (atual Líbano) o sentido era trazido pelas consoantes, raras vogais, e só se grafavam as consoantes. O sistema, posteriormente, foi aperfeiçoado pelos Gregos, associando consoantes e vogais. Surgiu uma língua que combina os radicais lexicais as consoantes e as vogais. No antigo mandarim a maioria das unidades significativas mínimas eram, majoritariamente, monossilábicas e não flexionáveis. A sintaxe é principalmente dada pela ordem das unidades. A notação é logográfica: um símbolo corresponde a uma unidade de sentido. É uma escrita que perdura por razões políticas.

A escrita japonesa é derivada da chinesa por questões de dominação e cultura. Entretanto, no Japão, fala-se uma língua muito diferente, plurissilábica. Usam hoje o Kanji que é composto, aproximadamente, por 1945 ideogramas (radicais), 48 hirigamas (flexões) e 48 katagamas (estrangeirismos).

A língua de sinais dos sinalizantes, na maioria das vezes, é temporalmente simultânea, tem grandes articuladores corporais (mãos, face, olhar e corpo), utiliza o espaço na construção de referenciais e de apontações (manuais e direção do olhar) em verbos direcionais. Ela tem dois tipos de unidades: pequenas unidades constitutivas (como os parâmetros de Stokoe) e estruturas altamente icônicas. A escrita de uma língua de sinais necessitou de ser levada em conta pelas especificidades dos sinalizantes.

A notação é qualquer conjunto de símbolos usados para indicar informações, inclusive matemática. Um sistema de escrita é uma notação para representar graficamente a estrutura de uma língua com um alfabeto e suas combinações, silabários. Um *script* é a coleção particular de símbolos usados para fazer um sistema de escrita visível. Nosso alfabeto romano é um roteiro, assim como o Sistema SignWriting (SSW) e outros sistemas, o silabário japonês, e caracteres chineses. Uma ortografia é específica para uma língua. O espanhol, o alemão e o francês são todos no mesmo *script*, mas têm diferentes ortografias. No caso do SSW são *scripts* utilizados para escrever qualquer número de línguas de sinais. Diferentes tipos de *scripts* são classificados pelo nível de linguagem que combinam seus fonemas, no caso da escrita chinesa, esta utiliza sua escrita logográfica<sup>1</sup> que corresponde com o nível da palavra e de única sílaba, usando um fonema, ou seja, um caráter, porque a escrita chinesa não pode ocorrer isoladamente e tem sempre um significado para cada morfema. Já o SSW, conforme Stumpf (2016, p. 3) “foi originalmente concebido para pesquisa, e ainda está sendo usado para isso em muitos países. De uma forma um pouco diferente, também está sendo usado como um sistema de escrita comum, em publicações e correspondências”.

A experiência bilíngue amplia os discursos sobre como respeitar, em prioridade, a condição linguística dos surdos para que eles possam construir novos conhecimentos de maneira satisfatória. Como os surdos estão em duas comunidades – ouvinte e surda – no país, precisam cultivar um bilinguismo social. Assim que ao aprender a língua de sinais e a escrita da língua de sinais como um sistema de sua comunidade surda, a qual será inserida no processo de uma forma natural, será mais fácil aprender outra língua como a da comunidade ouvinte, em sua forma escrita.

1 Escrita logográfica” é um termo mais usado atualmente pelo fato de que o termo “símbolos” foi deixado para trás por essa ideia de que representa como pictográfica ou ideográfica. Um logograma é um grafema simples que representa uma palavra ou morfema, que contrasta com outros sistemas de escrita, chamados de alfabetos.

## 2 Sistemas de transcrição e escrita

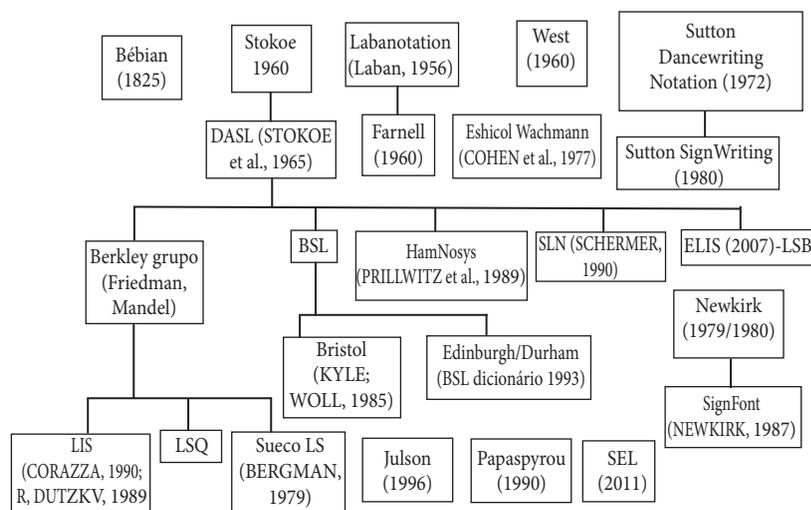
As línguas escritas são minoritárias, de 6.000 a 7.000 línguas orais e sinalizadas existentes no mundo, apenas 240 têm uma forma escrita. Menos de 100 dessas línguas escritas têm uma existência real.

Os sistemas de escrita representam as línguas, e na leitura essa forma de sua representação pode ser linear ou simultânea. A linearidade de uma escrita é observada na sua correspondência paralela entre os grafemas e fonemas, enquanto um sistema de escrita de forma simultânea representa cada palavra, ou item lexical, num bloco, sem a separação dos fonemas lado a lado e que se lê como completo.

Miller (2001) realizou uma revisão dos sistemas de notação da língua de sinais, em que propõe um gráfico que explica as relações desses sistemas, sendo alguns herdeiros da notação de Stokoe, no entanto, ele não apresentou alguns sistemas precedentes como o desenvolvido por Bébian, que é provavelmente o primeiro sistema baseado na representação de parâmetros dos componentes de sinais.

Bianchini (2012), em sua tese de doutorado intitulada “Analyse metalinguistique de l’émergence d’un système d’écriture des Langues des Signes: SignWriting et son application à La Langue des Signes Italienne (LIS)” realizada na Universidade VIII de Paris, em Vincennes Saint-Denis, comparou diferentes sistemas de anotações aplicados em Línguas de Sinais, porém, não incluiu os sistemas existentes no Brasil. Dessa forma, este artigo tem o objetivo de contribuir com a discussão da área sobre os sistemas de anotação de escrita para as Línguas de Sinais, incluindo os sistemas utilizados no Brasil, evidenciando os pontos positivos e negativos desses sistemas.

Aproveitamos para incluir alguns sistemas como um recorte no esquema que não foram colocados por Bianchini (2012), são o Sistema Estelita de Escrita de Língua de Sinais (ELIS) que foi desenvolvido após notação de Stokoe (1960), em 2007, para fim de que a escrita se tornasse viável para as línguas de sinais e pelo qual se tem trabalhado com a escrita de sinais no Brasil; outro sistema é o Sistema de Escrita para Libras (SEL) que foi criado no Brasil, em 2011, com o objetivo de promover a inclusão de pessoas surdas no mundo letrado. Após o esquema a seguir, apresentaremos alguns sistemas criados que possuem determinadas características e são indicados considerando-se aspectos positivos e negativos.

**Figura 1** – Esquema de Escritas e Propostas de Transcrições para Línguas de Sinais

**Fonte:** Os autores (2017).

## 2.1 Auguste Bébian (1789-1839)

Um ouvinte educador do Instituto St. Jacques em Paris, Bébian escreveu em 1825 “Mimographie”, onde tenta escrever mimetismos, oferecendo um sistema para representar a língua de sinais, alegando que o surdo poderia expressar seus pensamentos sobre o papel, de forma clara assim como realiza no ‘gesto’ e sem a necessidade de uma tradução linear em outra língua.

Em seus numerosos trabalhos havia traçado um caminho para a educação dos surdos e que, outro, mais hábil, ou mais bem assessorado, encontraria o fim desse caminho. Sua posição era equilibrada, realista e moderna. Ele não pode ser reduzido apenas a um defensor dos sinais, era sim, partidário de uma educação que começava pelos sinais, pois dizia, essa é a única maneira de comunicação com uma criança surda, que chegaria à maioria com o surdo possuidor de duas línguas: a língua de sinais, inclusive escrita, e a língua de seu país, está somente na sua forma escrita. Bébian predisse, mas foi necessário chegarmos aos anos de 1960 para que os trabalhos do americano William Stokoe retomassem o caminho esboçado por ele.

## 2.2 William Stokoe (1919-2000)

O objetivo de Stokoe não era o de escrever a língua de sinais, o que os outros tinham feito antes, mas de provar que a Língua de Sinais Americana era uma língua real. Ele dizia que seu sistema de notação da *American Sign Language* (ASL)

apresentava uma estrutura para ganhar a atenção de cientistas e linguistas, que acreditavam que o que os surdos sinalizavam eram apenas “imagens no ar”, não construídas por partes, como uma língua oral-auditiva. Stokoe mostrou que não era verdade, utilizando tradicionais métodos da linguística para isolar segmentos da ASL e identificar seus parâmetros.

Stokoe e sua equipe de linguistas da Universidade de Gallaudet, a quem reconhecemos o estabelecimento do caráter linguístico das línguas de sinais, também criaram uma notação que parte de cinco elementos:

- Localização com 12 posições;
- As configurações de mãos, que são 10;
- Os movimentos indicando ação, com 22 símbolos;
- A orientação, com quatro indicações;
- Os sinais diacríticos, com duas possibilidades.

O sistema criado por Stokoe não tinha o objetivo de servir para o uso comum dos surdos, mas sim de atender à uma necessidade particular dele, que era estudar as línguas de sinais, mas nesse sistema criado por Stokoe, os seus estudos são referenciais para a maioria dos pesquisadores das escritas das línguas de sinais que foram se desenvolvendo em vários países através de suas modificações ou acréscimos particulares da sua língua de sinais.

### 2.3 SignWriting de Valerie Sutton

O sistema foi criado por Valerie Sutton em 1974 e a intenção inicial da criadora era construir um sistema de notação para registros da dança do *ballet*, se tornando conhecido como *DanceWriting*, e que acabou por constituir o sistema de *SignWriting* por sinalizantes surdos que foram entusiastas colaboradores e acreditaram que precisariam registrar o início de sua produção cultural e literária em sua própria língua materna. É reconhecido o aumento significativo de pesquisas e divulgação desse sistema, podendo ser considerado um “alfabeto” capaz de escrever e ler em várias línguas de sinais. O sistema criado por ela é composto por doze categorias de glifos<sup>2</sup>, que não aparecem necessariamente todos juntos na escrita de um sinal:

- Orientação e posições de mãos;
- Tipos de contatos;
- Configurações de mãos;
- Movimentos de dedos;
- Movimentos de braços e apontação;
- Expressões faciais;

2 O glifo é um elemento da escrita e é referido para o registro na escrita do sinal. O novo termo foi usado por muitos pesquisadores de *SignWriting* como Biachini e Borgia (2012), Stumpf e Wanderley (2016), assim como a escrita logográfica denominada por escrita chinesa no sentido da tipografia após o uso de palavra “símbolo” que foi deixada para trás.

- Localizações de glifos de cabeça;
- Movimentos de cabeça;
- Orientações de olhar;
- Movimentos de corpo;
- Glifos de pontuações;
- Dinâmicas de movimentos.

No Brasil, as pesquisas e estudos em escrita de sinais pelo sistema *SignWriting* iniciaram em 1996 e atualmente atingem proporções notáveis como, por exemplo, na Universidade Federal de Santa Catarina, que lecionou disciplinas de escrita da língua de sinais no curso Letras-Libras, estas foram oferecidas no curso semipresencial simultaneamente para nove polos (estados), e o curso teve início no ano de 2006. Depois, no ano de 2008 a disciplina de escrita de sinais foi lecionada para mais quinze polos no curso Letras-Libras, nessa edição do curso a turma do bacharelado foi acrescentada, uma vez que em 2006 havia apenas a de licenciatura, nessas duas turmas aproximadamente mil e quatrocentos (1.400) alunos tiveram acesso a essa escrita, sendo estes futuros professores e intérpretes de língua de sinais. Podemos citar também que, no Brasil, diversas investigações de mestrado e doutorado vêm sendo realizadas sobre e com base nesse sistema. Os glifos no sistema *SignWriting* espalham-se para os países ainda mantendo o mesmo sistema desenvolvido por Valerie Sutton sem sofrer modificações ou acréscimos na língua própria, diferente da notação de Stokoe, e por isso o SSW não aumentou no esquema apresentado pela Figura 1.

## 2.4 Notação de François Nève

A notação de François Xavier Nève (1996), pesquisador na Universidade de Liège, derivada de Stokoe, no entanto, é mais completa. Ela utiliza códigos que tornam possível uma numeração e um tratamento informático dos signos. A escritura é feita em colunas verticais e a leitura de cima para baixo, em uma só coluna quando a mão dominante sinaliza e em duas colunas quando se utilizam as duas mãos.

## 2.5 O Hamnosys (1989)

Inventado na Universidade de Hamburgo, Alemanha, por Prillwitz, Volhaber e seus colaboradores. Esse sistema foi objeto de diversas versões para a informática. Distingue principalmente:

- As configurações de mãos;
- As orientações de dedos e de palma;
- As localizações sobre a cabeça e o tronco;
- Os tipos de movimentos;
- A pontuação;
- As modalidades de movimentos.

## 2.6 O Sistema D’Sign de Paul Jouison (1996)

É um sistema muito elaborado. Infelizmente seu criador morreu antes de poder explicar completamente seu método. Segundo a Dra. Brigitte Garcia (2000), que recuperou suas notas e escreveu uma tese sobre a pesquisa linguística da Língua de Sinais Francesa (LSF) incluindo o estudo do trabalho de Jouison, a representação escrita proposta por ele não é uma simples notação isolada, mas visa a ser uma autêntica escrita. O autor dá exemplos de frases sinalizadas inteiramente transcritas em D’Sign. Sua ambição foi a de trabalhar sobre longas sequências de discursos espontâneos sinalizados em filme, de descobrir as unidades constitutivas da LSF, que, segundo ele, não são nem os signos convencionais, nem os parâmetros de Stokoe, que se limita a uma descrição de sua forma visual. Suas unidades-símbolos se organizam em famílias:

- A escolha dos dedos;
- A escolha dos braços;
- As imagens;
- Os eixos de rotação;
- Os deslocamentos;
- As zonas do corpo e do espaço.

## 2.7 Signfont (1987)

Concebido em 1980 por Newkirk (1989) para representar a ASL. Sua derivação da notação de Stokoe é debatida – enquanto Cripps (2008) defende, Miller (2001) refuta ao dizer que, na verdade, ele tem características comuns (linearidade, configurações etc.), mas também bastante inovadores (componentes não manuais, sistema de escrita etc.). Signfont consiste em 90 símbolos, divididos em seis categorias:

- Configurações;
- Regiões de contatos;
- Localizações;
- Movimentos;
- Marcações não manuais;
- Diacríticos.

Nas regiões de contato temos ainda a especificação da parte da mão que toca o corpo (dorso, palma, dedos etc.). Flood (2002) considera difícil a compreensão da relação de cada símbolo com o elemento constitutivo dos sinais e ainda suas combinações com os elementos diacríticos. Trata-se de um sistema difícil de adaptar para outras línguas (com exceção da ASL), precisamente por conta da inexistência de símbolos, o que por sua vez, têm limitado sua aceitação pelos surdos.

Reconhecemos que mundialmente as notações de Stokoe e os sistemas HamNoSys e Signfont são mais conhecidos. De fato, os pesquisadores muitas vezes

enfrentam o problema de representar as línguas de sinais, e podem optar por utilizar um sistema existente ou desenvolver outro. Fornecemos neste trabalho um resumo de outros sistemas disponíveis, alguns mais sucintos, outros que objetivam representar todo e qualquer comportamento comunicativo de um sinalizante.

Os múltiplos modelos criados a partir do sistema de Stokoe foram tentativas para melhorar sistemas de notação das línguas de sinais, uma vez que para seu criador o objetivo de suas notações era encontrar os pontos de distinção entre os parâmetros das línguas de sinais em relação às línguas orais. No entanto, o sistema mais aceito, tanto de escrita quanto de notação das línguas de sinais é o sistema *Sign Writing* criado por Sutton e tem mostrado ser bem-sucedido na aceitação por parte das comunidades surdas e científicas.

## 2.8 Sistema Estelita de Escrita de Línguas Sinais – ELiS (2007)

Sua elaboração iniciou em 2007, trata-se de um sistema de escrita de Línguas de Sinais (LS) de base alfabética e linear desenvolvido na pesquisa de mestrado e doutorado da pesquisadora Mariângela Estelita Barros com a tentativa de criar novos símbolos do sistema da notação do Stokoe, juntamente com a colaboração de alguns alunos do curso de Letras-Libras, na Universidade Federal de Goiás. A ELiS acrescentou a Orientação da Palma como parâmetro e criou diacríticos indicativos de: orientação de eixo pulso-palma, lateralidade do ponto de articulação (direta ou esquerda), duplicidade do movimento, entre outros. Teve a substituição da Configuração de Mãos para Configuração de Dedos permitindo maior flexibilidade em várias formas dos sinais. A pesquisadora desenvolveu a possibilidade de utilização do sistema no computador a partir do teclado. Atualmente o sistema é reconhecido somente no Brasil.

Os quirografemas da ELiS são agrupados sempre em ordem linear, sendo 1º CD; 2º PA; 3º OP; 4º M; e 5º D:

- Configuração de Dedos;
- Ponto de Articulação;
- Orientação da Palma;
- Movimentos;
- Diacríticos.

## 2.9 Sistema de Escrita para Libras – SEL (2011)

Sistema elaborado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia pela pesquisadora Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira que chegou a um sistema, considerado pela autora como satisfatório em 2011, sendo que a mesma versão já sofreu algumas alterações. O sistema categoriza sua escrita em macrossegmentos, que são: Mão, Locação e Movimento.

Por sua vez, o macrossegmento Mão subdivide-se em três elementos: 1º Configuração de Mão em 52 caracteres, 2º Eixo (posição da mão no início da

realização do sinal) com três caracteres e 3º Orientação da Palma com quatro caracteres.

Quanto ao macrossegmento Localização o sistema SEL apresenta 27 caracteres para representá-lo. O macrossegmento Movimento se divide em dois, movimento de mão e movimento de dedo. Ainda o movimento de mão é composto pelo tipo de movimento de mão, orientação do movimento de mão e plano do movimento de mão. No caso dos movimentos de dedos temos onze diacríticos e mais onze diacríticos que marcam os pontos de toque, sendo oito para marcar pontos da mão ou dos dedos e três para marcar pontos em partes do corpo. Por fim, para escrever as expressões faciais o sistema apresenta vinte diacríticos, totalizando 109 caracteres e mais 54 diacríticos.

Sua criadora classifica o sistema como trácico e não alfabético, por apresentar caracteres e diacríticos que representam os parâmetros, traços fonológicos distintivos, componentes da articulação do sinal, e não fonemas.

- Mão (- Configurações de mão; - Eixos de posição da mão; e - Orientações de palma);
- Locação (- Pontos de toque; - Parte do corpo e espaço neutro);
- Movimento (- Tipos de movimento de mão; - Tipos de movimento de dedo; - Planos de movimento; - Orientações de movimento de mão; e - Dedos envolvidos no movimento);
- Expressão Facial como diacríticos que são alocados acima da locação ou acima da configuração da mão.

Em 2017, alguns caracteres de parâmetros foram modificados com a versão nova, por exemplo:

- A orientação da mão, inversão de eixo e ponto de toque passam a ser diacríticos colocados sobre os caracteres de configuração da mão, e quando na orientação da mão houver a mudança durante o movimento o diacrítico de orientação da mão é colocado sobre os caracteres de movimento marcando essa alteração.
- Expressão Facial: enquanto não tiver a locação, o diacrítico passa a ficar ao lado acima da configuração da mão após o diacrítico de orientação da mão.
- Marcadores de alinhamento, paralelismo ou posição diagonal de mãos/palmas passam a ser colocados entre caracteres de configuração de mão.

## 2.10 International SignWriting Association (ISWA)

Atualmente, a maioria dos dicionários de língua de sinais é bilíngue ou multilíngue e tem como forma de busca do verbete desejado a palavra correspondente na língua oral, quer dizer, quando se deseja procurar um sinal, busca-se pela palavra e em seguida vê-se o sinal. São raros os dicionários monolíngues em línguas de sinais e as discussões de ‘ordem alfabética’ de busca dos sinais ainda não são um consenso na área.

Em 2001, Marianne Rossi Stumpf iniciou essa discussão ao trabalhar com o pesquisador norte-americano Charles Butler no Projeto de SignNet da Pontifí-

cia Universidade Católica em Porto Alegre. A proposta consistia na utilização do sistema *SignWriting* para organização, sistematização e estabelecimento de uma ordem nos verbetes em dicionários de língua de sinais.

Outros projetos tiveram essa mesma intenção no decorrer da história. O *Center For Sutton Movement Writing*, uma organização sem fins lucrativos dos Estados Unidos fundada no sul da Califórnia em 1974 e dirigido por Valerie Sutton cria em 1988 o *Deaf Action Committee For SignWriting* dirigido por Lucinda O'Grady Batch e, mais tarde, por Darline Clark-Gunsauls, tratava-se de um grupo de surdos fluentes em língua de sinais americana que se reunia em La Jolla, Califórnia, para preparar livros, dicionários, vídeos, *softwares* de computador, bem como apresentava e demonstrava palestras e *workshops* sobre o *SignWriting*.

Ambos, o Centro e o Comitê, a partir de pesquisas semelhantes realizadas em diferentes países, constituíram uma organização de glifos denominada “Alfabeto Internacional de Escrita de Sinais” (*International SignWriting Association* – ISWA). Muito além de uma simples ordenação dos sinais, como o próprio nome demonstra, esse alfabeto internacional reúne possibilidades da escrita de configuração de mão, movimento, dinâmica dos sinais e entre outros aspectos de mais de 40 línguas de sinais, assemelhando-se ao ‘alfabeto fonético internacional’ que temos nas línguas orais. A divisão e ordenação dos símbolos do ISWA idealizada por esses grupos dão-se da seguinte forma:

### 1ª Categoria: Mãos

As Configurações de Mãos de mais de 40 línguas de sinais foram divididas em 10 grupos, enumerados de 1-10, segundo as configurações da ASL, como podemos ver:

Figura 2 – 1ª Categoria: Mãos

Hand	Symbol	BaseSymbol	Name	Symbol ID	Symbol Key	Unicode PUA	UTF-8	Valid Fills	Valid Rotations
		BaseSymbol_1	Index	01-01-001-01	S100	U+FD830	☐	1 - 6	1 - 16
		BaseSymbol_2	Index on Circle	01-01-002-01	S101	U+FD831	☐	1 - 6	1 - 16
		BaseSymbol_3	Index on Cup	01-01-003-01	S102	U+FD832	☐	1 - 6	1 - 16
		BaseSymbol_4	Index on Oval	01-01-004-01	S103	U+FD833	☐	1 - 6	1 - 16
		BaseSymbol_5	Index on Hinge	01-01-005-01	S104	U+FD834	☐	1 - 6	1 - 16
		BaseSymbol_6	Index on Angle	01-01-006-01	S105	U+FD835	☐	1 - 6	1 - 16

Fonte: <<http://www.signwriting.org/>>. Acesso em: 2017.

**2ª Categoria: Movimento**

Nesta categoria agrupam-se os símbolos de contato, pequenos movimentos dos dedos, setas retas, setas curvas e círculos, são colocados em 10 grupos com base no plano vertical (traduzido para o português no manual de escrita de sinais como *plano parede*) e no plano horizontal (traduzido para o português no manual de escrita de sinais como *plano chão*).

**Figura 3 – 2ª Categoria: Movimento**

Symbol	SymbolGroup	Name	Symbol ID	Symbol Key	Unicode PUA	UTF-8
*	SymbolGroup_11	Contact	02-01	S205	U+FD935	<input type="checkbox"/>
•	SymbolGroup_12	Finger Movement	02-02	S216	U+FD946	<input type="checkbox"/>
↑	SymbolGroup_13	Straight Wall Plane	02-03	S22a	U+FD95A	<input type="checkbox"/>
↗	SymbolGroup_14	Straight Diagonal Plane	02-04	S255	U+FD985	<input type="checkbox"/>
↑	SymbolGroup_15	Straight Floor Plane	02-05	S265	U+FD995	<input type="checkbox"/>
↗	SymbolGroup_16	Curves Parallel Wall Plane	02-06	S288	U+FD9B8	<input type="checkbox"/>
↗	SymbolGroup_17	Curves Hit Wall Plane	02-07	S2a6	U+FD9D6	<input type="checkbox"/>
↘	SymbolGroup_18	Curves Hit Floor Plane	02-08	S2b7	U+FD9E7	<input type="checkbox"/>
↘	SymbolGroup_19	Curves Parallel Floor Plane	02-09	S2d5	U+FDA05	<input type="checkbox"/>
⦿	SymbolGroup_20	Circles	02-10	S2e3	U+FDA13	<input type="checkbox"/>

Fonte: <<http://www.signwriting.org/>>. Acesso em: 2017.

**3ª Categoria: Dinâmica**

Esta categoria emprega “sentimento” ou “tempo” dando ênfase ao movimento ou expressão facial, podem-se relacionar esses glifos com os de pontuação, nesse caso equivalem ao ponto de exclamação. O Símbolo de Tensão, por exemplo, combinado com um glifo de contato proporciona a sensação de “pressão”, se combinado com expressões faciais pode colocar ênfase ao sentimento. Esses glifos podem ser usados sozinhos ou combinados com os de movimento.

**Figura 4 – 3ª Categoria: Dinâmica**

Symbol	BaseSymbol	Name	Symbol ID	Symbol Key	Unicode PUA	UTF-8	Valid Fills	Valid Rotations
◁	BaseSymbol_504	Fast	03-01-001-01	S2f7	U+FDA27	<input type="checkbox"/>	1 - 4	1
⤿	BaseSymbol_505	Slow	03-01-002-01	S2f8	U+FDA28	<input type="checkbox"/>	1	1 - 8
~	BaseSymbol_506	Tense	03-01-003-01	S2f9	U+FDA29	<input type="checkbox"/>	1 - 4	1
~	BaseSymbol_507	Relaxed	03-01-003-02	S2fa	U+FDA2A	<input type="checkbox"/>	1 - 4	1
^	BaseSymbol_508	Same Time	03-01-004-01	S2fb	U+FDA2B	<input type="checkbox"/>	1	1 - 8
⋈	BaseSymbol_509	Same Time Alternating	03-01-004-02	S2fc	U+FDA2C	<input type="checkbox"/>	1	1 - 8
⋈	BaseSymbol_510	Every Other Time	03-01-004-03	S2fd	U+FDA2D	<input type="checkbox"/>	1	1 - 8
⦿	BaseSymbol_511	Gradual	03-01-004-04	S2fe	U+FDA2E	<input type="checkbox"/>	1	1 - 8

Fonte: <<http://www.signwriting.org/>>. Acesso em: 2017.

#### 4ª Categoria: Cabeça e Face

Começa-se com o glifo da cabeça e, em seguida, os glifos que vão do topo da face movendo-se para baixo.

Figura 5 – 4ª Categoria: Cabeça e Face

Symbol	SymbolGroup	Name	Symbol ID	Symbol Key	Unicode PUA	UTF-8
	SymbolGroup_22	Head	04-01	S2ff	U+FDA2F	<input type="checkbox"/>
	SymbolGroup_23	Brow Eyes Eyegaze	04-02	S30n	U+FDA3A	<input type="checkbox"/>
	SymbolGroup_24	Cheeks Ears Nose Breath	04-03	S32a	U+FDA5A	<input type="checkbox"/>
	SymbolGroup_25	Mouth Lips	04-04	S33b	U+FDA6B	<input type="checkbox"/>
	SymbolGroup_26	Tongue Teeth Chin Neck	04-05	S359	U+FDA89	<input type="checkbox"/>

Fonte: <<http://www.signwriting.org/>>. Acesso em: 2017.

#### 5ª Categoria: Corpo

Movimentos dos ombros, dos quadris e das pernas que são usados gramaticalmente em línguas de sinais para descrever as conversas entre pessoas (*Shifting*) ou ainda, para fazer comparações espaciais entre itens à esquerda e itens à direita.

Figura 6 – 5ª Categoria: Corpo

Symbol	SymbolGroup	Name	Symbol ID	Symbol Key	Unicode PUA	UTF-8
	SymbolGroup_27	Trunk	05-01	S36d	U+FDA9D	<input type="checkbox"/>
	SymbolGroup_28	Limbs	05-02	S376	U+FDAA6	<input type="checkbox"/>

Fonte: <<http://www.signwriting.org/>>. Acesso em: 2017.

#### 6ª Categoria: Localização detalhada

Glifos usados para transcrições dos sinais fora das categorias anteriores. Esses glifos são utilizados para uma precisão maior da localização dos sinais, necessária em investigações linguísticas descritivas, portanto não são usados para se escrever no dia a dia.

**Figura 7 – 6ª Categoria: Localização detalhada**

Symbol	BaseSymbol	Name	Symbol ID	Symbol Key	Unicode PUA	UTF-8	Valid Fills	Valid Rotations
	BaseSymbol_640	Location Space Wall Plane	06-01-001-01	S37F	U+FDAAF	<input type="checkbox"/>	1 - 4	1 - 8
	BaseSymbol_641	Location Space Floor Plane	06-01-001-02	S380	U+FDAB0	<input type="checkbox"/>	1 - 4	1 - 8
	BaseSymbol_642	Location Height	06-01-002-01	S381	U+FDAB1	<input type="checkbox"/>	1, 2	1 - 8
	BaseSymbol_643	Location Width	06-01-003-01	S382	U+FDAB2	<input type="checkbox"/>	1	1 - 9
	BaseSymbol_644	Location Depth	06-01-004-01	S383	U+FDAB3	<input type="checkbox"/>	1	1 - 8
	BaseSymbol_645	Location Head Neck	06-01-005-01	S384	U+FDAB4	<input type="checkbox"/>	1 - 6	1 - 8
	BaseSymbol_646	Location Torso	06-01-006-01	S385	U+FDAB5	<input type="checkbox"/>	1 - 5	1 - 8
	BaseSymbol_647	Location Feet	06-01-007-01	S386	U+FDAB6	<input type="checkbox"/>	1 - 4	1 - 8

Fonte: <<http://www.signwriting.org/>>. Acesso em: 2017.

**7ª Categoria: Pontuação**

Os glifos de pontuação são usados sempre sozinhos, isto é, sem combinação com outros símbolos e servem para escrever frases ou documentos completos em *SignWriting*.

**Figura 8 - 7ª Categoria: Pontuação**

Symbol	SymbolGroup	Name	Symbol ID	Symbol Key	Unicode PUA	UTF-8
	SymbolGroup_30	Punctuation	07-01	S387	U+FDAB7	<input type="checkbox"/>

Fonte: <<http://www.signwriting.org/>>. Acesso em: 2017.

Por fim chegamos à seguinte tabela que indica aspectos de alguns sistemas desenvolvidos para notação e escrita de línguas de sinais analisados neste trabalho.

Expondo as vantagens e limitações dos sistemas escolhidos, conclui-se que não há uma correspondência dos elementos entre um sistema e outro. Naturalmente, os sistemas apresentados não podem absorver todos os elementos das línguas de sinais, uma vez que se isso vier a acontecer seria a primeira vez na história que sistemas de notação viram escrita, normalmente os sistemas de transcrição são inspirados nos sistemas de escrita e não o contrário.

Para línguas orais, essa condição é satisfatória, pois a presença de um sistema de escrita usado para codificar, armazenar e analisar uma linguagem verbal se distingue muito bem das outras linguagens, enquanto que uma língua de sinais, sendo visual-gestual, não pode ser codificada por meio de uma adaptação de outro sistema de escrita alfabético oral-auditivo. Dentre os sistemas de transcrição e propostas de escritas que analisamos, nenhum deles permite reconstruir facilmente

a relação entre forma e significado. Todos os instrumentos que identificamos têm apresentado limites, dessa forma podemos descrever em uma lista não exaustiva algumas causas primárias e consequências de alguns pontos negativos desses sistemas.

**Quadro 1 - Aspectos de alguns sistemas**

<b>Tipos de Sistemas</b>	<b>Positivo</b>	<b>Limitação Tempo</b>	<b>Espaço/</b>	<b>Expressão Facial</b>	<b>Direção de olhar</b>
Notação de Bebián	Classificação econômica e precursora do movimento	Notação isolada de sinais	Irrelevante	Fisionômica	Pontos do corpo
Notação de Stokoe	Notação contemporânea	Notação isolada de sinais e restrita apenas para a ASL	Irrelevante	-	-
Notação de Nève	Uma coluna para uma mão e duas para sinais realizados com duas mãos.	Estritamente o manual e notação com isolado sinal	Irrelevante	-	-
Notação de HamNoSys	Iconicidade fonética universal (3D)	Notação isolada de sinais	Irrelevante	-	-
Notação de	Organização do espaço visualmente e “alfabeto internacional” na escrita de sinais das línguas de sinais	Densidade em glifos de movimentos	Correferência não é explícita	Apresenta uma variedade de expressões faciais	Apresenta
Notação de ELiS	Utilização do teclado	Pouco uso do espaço e dos movimentos	Irrelevante	Apresenta em frases interrogativas, exclamativas e em pontuação.	Irrelevante
Notação de SEL	Algumas semelhanças de alfabeto do português	Mais próximo à gramaticalização de português	Irrelevante	Sim	-

Fonte: Os autores (2017).

- Na maioria dos sistemas que temos analisado os glifos escolhidos, em grande parte, são representações gráficas existentes nas línguas orais

ditados por elementos das línguas de sinais com grande influência do alfabeto latino;

- A linearidade de elementos é muito presente na maioria dos sistemas. Os glifos são dispostos dessa forma em função de uma convenção arbitrária. O arranjo linear torna difícil a gestão do espaço e a simultaneidade, características fundamentais das línguas de sinais;
- Os sistemas apresentados são compostos de um número relativamente limitado de elementos, que não podem ser representados ou usados em outras línguas de sinais, não constituindo dessa forma um alfabeto como temos no caso das línguas latinas;
- Dificuldade em memorizar os glifos. Além do número significativo de glifos existentes, uma média de 200 elementos por sistema, a arbitrariedade dos glifos torna ainda mais complicada a memorização por seus usuários;
- Superioridade das representações dos elementos manuais que compõem os sinais. Uma pequena minoria dos sistemas já descritos leva em conta os componentes não manuais e, mesmo quando é possível representar, o número de expressões faciais representáveis é muito baixo;
- Um número expressivo desses sistemas representa e analisa os sinais de forma isolada, uma vez que, sua maioria deriva-se das notações de Stokoe em sua subdivisão de quatro parâmetros básicos, a qual foi idealizada para análises situacionais, sinais sem contexto real, tornando esses sistemas menos adaptáveis para representações de discursos das línguas de sinais. A origem arbitrária de alguns elementos desses sistemas impede que as representações sejam funcionalmente visuais, assim como as línguas de sinais são.

### 3 Taxonomia

Abordagens taxonômicas como sistemas, em geral, são incapazes de lidar com a localização espacial. O número de possíveis relações entre a mão e a cabeça, ou quaisquer dois articuladores no espaço de sinalização, é, em teoria, infinito. A abordagem taxonômica falha nesse sentido, pois não pode fornecer um infinito número de glifos. Esse não é um problema apenas nos sistemas de escrita, bem como todo o nosso conceito de língua depende de um número finito de unidades. Por exemplo, na maioria, se não em todas as línguas de sinais, os pronomes são realizados por apontamentos seguidos de movimentos aos referentes. Dependendo de onde o sujeito está, há, teoricamente, um infinito número de espaços para se apontar. A natureza pictórica de uma ferramenta como SSW, como vimos, fornece efetivamente um número infinito de posições. No entanto, o SSW, por conta dessa infinidade de elementos, chama a atenção para aspectos da língua humana aos quais os linguistas são incapazes de fornecer respostas.

## 4 Iconicidade

Ao se discutir iconicidade nas línguas de sinais, atualmente, torna-se quase impossível dissociá-la do conceito de arbitrariedade. Isso se dá por várias implicações, sendo uma delas o *status* linguístico das línguas de sinais. Há a crença de que se um sistema de comunicação possuir mais signos icônicos e menos arbitrários descaracterizaria este como não sendo realmente linguístico, não sendo língua. Alguns autores retomam essa discussão ao dizer que a iconicidade sempre esteve presente em todas as línguas, mas que com o passar dos tempos essa iconicidade ou motivação do signo se perdeu. Para compreendermos algumas questões referentes ao signo e sua motivação, é preciso retomar os cursos de Saussure, na Universidade de Genebra. Para Saussure (1916) o objeto de estudo da linguística é o ‘signo linguístico’, esse é a agregação de um conceito, denominado significado a uma imagem acústica (ou visual, no caso das línguas de sinais), chamada de significante. Para compreendermos o que Saussure estava querendo dizer em seu Curso de Linguística Geral, podemos entender o significado como sendo a representação mental que temos do objeto e o significante como a representação mental que temos da pronúncia da palavra. A partir dessa distinção, uma vez que estamos trabalhando com línguas de sinais, podemos tentar levantar um paralelo entre o significado e o significante na Libras.



SIGNIFICADO



SIGNIFICANTE

O significado não é o objeto concreto em si, mas sim a representação mental que constituímos do objeto. Assim também, o significante desse signo não é a articulação do sinal, mas a representação mental que os sinalizadores têm da imagem desse sinal, que os permite reconhecer o signo ‘mesa’ quando é sinalizado e reproduzi-lo, o que nos leva a concluir que ambas as partes do signo são abstratas por se encontrarem no plano da representação mental.

No entanto, não podemos confundir a escrita de sinais com um desenho por conta do significado de um signo linguístico, conforme Saussure (1916). Wanderley (2015) nos esclarece que:

É importante reconhecer que a escrita de sinais não é como a ideografia que representa o objeto concreto com o desenho. O sistema da escrita de sinais já acompanha o que a língua de sinais oferece e o que comunica através da abstração (Wanderley, 2015, p. 64).

A representação em forma de desenho imita a forma concreta das características do referente, podendo-se perceber se é retangular ou circular e até seu comprimento, podendo ser pequeno ou grande. Diferentemente, a escrita de sinais não pode representar a forma, portanto pode representar sinais abstratos e icônicos, socialmente convencionados, que carregam seu conceito.

Peirce (2010, p. 64) menciona que “um signo pode ser icônico, isto é, pode representar seu objeto principalmente através de sua similaridade, não importa qual seja seu modo de ser”. Na língua de sinais, por sua modalidade espaço-visual, fica fácil de perceber quando um sinal é icônico ou não. Um exemplo simplista e muito recorrente é o sinal de ‘casa’ em Libras:



Vendo esse sinal escrito podemos recorrer nosso pensamento facilmente para o telhado de uma casa. Essa semelhança do sinal com uma parte do referente, nesse caso o telhado, é o que chamamos de iconicidade nas línguas de sinais. Faulstich (2007, p. 153), afirma que um ícone, do grego *eikón* (imagem, representação), é um signo que está numa relação de semelhança, similaridade ou analogia com o objeto designado. Desde o princípio resulta, portanto, em uma relação de motivação entre um ícone e o respectivo referente. Dito de outro modo, um ícone é um signo que é determinado pelo seu objeto dinâmico, em virtude da sua própria natureza interna. No desempenho da função, um signo está dirigido a alguém e cria na mente dessa pessoa um signo equivalente, ou talvez um signo ainda mais desenvolvido. Esse signo criado é o que se chama de “interpretante” do primeiro signo. Fica claro, conforme Faulstich, que a relação entre o referente e o signo linguístico icônico está em sua similaridade com o objeto a que se refere. Ferreira-Brito (2010, p. 103) ao falar da transparência dos sinais na Libras, ou da iconicidade, menciona que a perda da iconicidade ou a ‘estratificação’ dos sinais ocorre quando se refere a elementos mais abstratos que inferem cognição, percepção, emoção, entre outros, sendo esses sinais arbitrários. A natureza espaço-visual da Libras carrega em si a experiência de seus sinalizadores, pois é necessário o conhecimento do referente, como Faulstich (2007, p. 153) ainda menciona ao dizer que o signo icônico solicita que o falante de uma língua tenha familiaridade com o objeto, pois só assim poderá compor, em sua mente, as relações sógnicas, enquanto que o signo linguístico, imotivado, não exige do falante familiaridade com o objeto, porque entende que o discurso da definição é claro o bastante para dizer o que a “coisa é” (Luchi, 2013).

Klima e Bellugi (1979) por meio de testes experimentais analisaram a iconicidade e a arbitrariedade na Língua Americana de Sinais (ASL). Essas autoras

mostraram que a perda da iconicidade da ASL tenha ocorrido com o tempo dando lugar progressivamente ao que se chama de arbitrariedade, isto é, a ausência ou a não percepção imediata da motivação do signo.

Em relação aos sistemas de escrita estes, em sua maioria, originaram glifos gráficos icônicos que foram desaparecendo progressivamente. A iconicidade pode ser enganosa nos glifos do *Sign Writing*, pois a semelhança se dá entre o glifo gráfico e a forma material da língua de sinais, não do significado. Podemos dizer que a escrita de sinais será icônica quando o sinal também for e dessa forma ele representa o significante e não o significado.

## 5 Ordenação

A escrita, assim como as palavras faladas, ocorre em uma sequência de tempo e por isso está disposta em ordem linear. Essa linearidade da fala e da escrita é mais do “dogma da linguística científica”, assim como Armstrong (1999) menciona, as escritas mantêm essas convenções. No entanto, o SSW utiliza-se de vários glifos distintos, que correspondem na forma holística e especialmente aos diferentes parâmetros das línguas de sinais.

O SSW organiza esses elementos espacialmente e, holisticamente, como de fato ocorre. Não se trata de uma descrição do sinal, mas sim de um mapa que mostra as posições reais dos articuladores. O centro do mapa, o ponto de referência, é o centro do espaço de sinalização. Articuladores não selecionados, aqueles que não estão envolvidos na realização do sinal, podem ser deixados de fora, se desejar, mas todos os articuladores selecionados são mostrados, juntamente com as relações espaciais entre eles. Todos os parâmetros, exceto movimento, podem ser relacionados e parcialmente com os vários articuladores. O parâmetro chamado localização é a relação entre a forma da mão para o corpo, da cabeça e os outros articuladores. O parâmetro das expressões faciais mostra as relações entre as sobrancelhas, lábios e outras partes da face. Assim, como quando se descreve uma caminhada pelas montanhas, não há nenhuma pergunta que um mapa não seja a melhor fonte de representação das relações espaciais.

Essas diferenças entre línguas de sinais e orais tornam impossível (e em nossa opinião não desejável) a busca por uma adaptação dos sistemas de representação das línguas orais para as línguas de sinais. No entanto, torna-se necessário entender quais fatores devem ser levados em conta na representação das línguas de sinais, antes disso, deve-se primeiro, fazer um balanço das especificidades dessas línguas visuais e, ainda, compreender a diferença entre escrever e transcrever e entre os diferentes significados da leitura.

## 6 *SignWriting* no Mundo

Quando dizemos que o *SignWriting* pode ser considerado um “alfabeto internacional” capaz de escrever qualquer língua de sinais, queremos dizer com isso que o sistema é capaz de mostrar a fonologia das línguas de sinais, relação fonema-grafema, da mesma forma que o alfabeto da língua portuguesa mostra essa relação fonológica da fala. Seus caracteres escritos são feitos de glifos que mostram detalhes fonéticos, assim como o alfabeto latino ou romano, um tipo de notação que usa diferentes combinações ortográficas em diversos idiomas. É uma maneira de ler e escrever qualquer língua de sinais, assim como o alfabeto é uma maneira de ler e escrever as línguas faladas.

Por 40 anos, SW é usada (regular ou esporadicamente) por vários grupos de pesquisadores para representar a língua de sinais. De acordo com o *site* oficial do SW (Sutton, 2010), o sistema é prevacente em 58 países (ou 64 regiões), distribuído por cinco continentes. O sistema oferece atualmente uma lista de atividades relacionadas com o *SignWriting* que são desenvolvidas nesses diferentes países, gerando bancos de dados como o *SignPuddle*, dicionários, coleções de materiais produzidos e traduzidos em línguas de sinais, armazenados diretamente no *site* e de livre acesso pelos usuários do sistema. Além disso, em alguns países encontramos diversos projetos e atividades que usam o SW nas escolas com alunos surdos e ouvintes, desenvolvendo *softwares* para a composição e/ou processamento de textos em *SignWriting*.

## 7 Considerações finais

Neste artigo, as questões que nos propusemos a discutir incluíram alguns questionamentos como: por que um sistema aparentemente tão complexo de escrita como o *SignWriting* é fácil de ser usado por surdos? Mas também, por que eles apontam problemas de usabilidade constantes? E, no entanto, como podem ser resolvidos esses problemas?

Como o nosso conhecimento do sistema e do seu uso evoluiu, novas questões surgiram relacionadas com a natureza das escritas de sinais, reflexões metalinguísticas e oportunidades que ela origina. Nosso trabalho é uma pesquisa de problemas e reflexões que parecem retomar as primeiras visões de que o SW não é um bom sistema de leitura, o seu uso não é simples e que as reações negativas das pessoas que entram em contato pela primeira vez com esse sistema são, portanto, justificadas. Porém, é preciso considerar que esse sistema é emergente, possui cerca de 40 anos de história, contra os milhares de anos que foram necessários para os escritos das línguas orais (sejam elas alfabéticas ou não) se estabilizarem e definirem padrões de utilização. A identificação de problemas no sistema não

é, em nosso ver, a evidência de sua fraqueza, mas sim a possibilidade de propor melhorias para que se torne cada vez mais eficiente.

A história nasce com a escrita. Ao fornecer um registro secundário e perene do ato linguístico primário e transitório, a escrita permite a reflexão sobre o conteúdo da comunicação, sobre as coisas do mundo e o que delas sabemos. Enquanto registro perene promove também a segurança e consolida o contrato social. [...] Uma língua que não tem um registro escrito é limitada, e incapaz de desenvolver-se e consolidar-se a ponto de servir de base para a constituição de um povo e uma cultura. Agrupamentos que não têm registro escrito da própria língua não têm dela o domínio necessário para articular, de modo sólido e seguro, seu desenvolvimento cultural e organização social. Permanecem sem a união da organização central efetiva e sem tradições ou memória, dependentes de feudos dispersos e de intermediários para obter informações transitórias, instáveis e vulneráveis a distorções e boatos (Capovilla; Raphael, 2001, p. 1491).

Ao longo da história diferentes linguagens desenvolveram-se em sistemas de escrita, cujas características são muito distintas. Comparando o alfabeto com outras formas de escrita, vemos que é um sistema fechado de caracteres enquanto que caracteres chineses mostram que a escrita pode ser baseada em formas gráficas que continuam a se combinar e gerar novas formas. Podemos, portanto, considerar que as propostas de escrita não têm necessariamente de respeitar os modelos existentes, justamente por este fato o *Sign Writing* pode ser considerado uma forma de escrita válida para as línguas de sinais, por serem tão diferentes de outros idiomas centenários e milenares. Pode-se de fato desenvolver um sistema de representação que não tem nada em comum com os existentes das línguas orais.

Assumindo que o *Sign Writing* é um sistema adequado para representar as línguas de sinais, exige-se considerar que a escrita tem certas funções a cumprir como: escrever um romance ou poesia, a ata de uma reunião, o estabelecimento de uma lista de compras ou um lembrete, tomar notas durante a aula, são muitas funções diferentes e importantes e as quais podem ser alcançadas com essa escrita. Devido ao tempo empregado para se escrever nesse sistema, entendemos que atualmente ele não cumpre todas essas funções, ele é adequado, por exemplo, para a escrita de um romance, mas não para tomar notas rápidas durante a aula. E não que futuramente não possamos chegar a esse nível de sofisticação com a escrita de sinais, mas infelizmente hoje percebemos certas limitações.

Neste trabalho destacamos pontos positivos e negativos desse sistema, mas temos tentado fornecer soluções para essas limitações. Esperamos que o SW possa ser utilizado por um maior número de pessoas, não apenas aquelas relacionadas com o mundo da pesquisa. Somente quando o número de usuários do SW atingir a massa crítica, poderemos começar a ver mudanças reais na comunidade surda, que pode, em seguida, determinar se SW é utilizável ou não.

Acreditamos que, se o SW resistir ao tempo e conseguir ser gradualmente visto como uma ferramenta de comunicação, seu desenvolvimento será acompa-

nhado pelo aumento no número de usuários, o que por certo resultará em mudanças no sistema, gerando um círculo virtuoso. Por enquanto, só podemos assistir e contribuir ao que hoje é experimentado como a gênese de uma possível escrita de língua de sinais.

Vislumbramos que esse processo criativo possa resultar em uma forma de representação para além de um progresso nas pesquisas linguísticas, mas que contribua para o reconhecimento das línguas de sinais pelos poderes políticos e em espaços públicos, na produção de materiais educacionais que de fato contribuam para o ensino, a alfabetização e letramento de surdos, bem como em muitas outras áreas.

## Referências

ARMSTRONG, D. F. *Original Signs: Gesture, Sign, and the Sources of Language*. Washington DC: Gallaudet University Press, 1999.

BARRETO, M.; BARRETO, R. *Escrita de Sinais sem mistérios*. Belo Horizonte: Ed. do autor, 2012.

BIANCHINI, C. S.; BORGIA, F. Writing Sign languages: analysis of the evolution of the SignWriting system from 1995 to 2010, and proposals for future developments. *Proc. Int. Jubilee Congr. Technical University of Varna*, 6, p. 118-123, 2012.

BIANCHINI, Claudia Savina. *Analyse metalinguistique de l'émergence d'un système d'écriture des Langues des Signes: SignWriting et son application à La Langue des Signes Italienne (LIS)*. Tese da Université de Paris VIII. Vincenne Saint-Denis: École Doctorale Cognition Langage et Interaction, 2012.

CAMPOS, D. W.; STUMPF, M. R. *Cultura Surda: um patrimônio em contínua evolução*. Curitiba: Editora CRV, 2012.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. *Dicionário Enciclopédico Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*, Volumes I e II. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

CRIPPS, Jody. *A case study on reading processes of signing deaf children*. A dissertation submitted to the Faculty of the second language acquisition and teaching interdisciplinary program. The University of Arizona: In the Graduate College, 2008.

ESTELITA, Mariângela. *Proposta de escrita das Línguas de Sinais*. Dissertação. Goiânia: UFG, 1997.

FAULSTICH, E. Modalidade oral-auditiva versus modalidade visoespacial sob a perspectiva de dicionários na área da surdez. In: LIMA-SALLES, Heloisa Maria Moreira (org.). *Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais*. Goiânia: Cãnone, 2007.

FERREIRA-BRITO, L. *Língua brasileira de sinais*. Brasília: MECSEESP, 1997.

\_\_\_\_\_. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro, 2010.

FLOOD, C. M. *How do deaf and hard of hearing students experience learning to write using Signwriting, a way to read and write signs?* Tese (Doutorado em Linguística Educacional) - University of New Mexico, México, 2002.

GARCIA, Brigitte. *Langue des Signes Française*. Les travaux de Paul Jouison. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciência Humana e Social, Université Paris V – René Descartes, Paris, França, 2000.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. *The signs of language*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1979.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear. *ReVEL*, v. 10, n. 19, p. 150-184, 2012.

LIDDELL, S. K.; JOHNSON, R. E. American Sign Language: The phonological base. *Sign Language Studies*, n. 64, p. 195-277, 1989.

LUCHI, M. *Interpretação de Descrições Imagéticas: onde está o léxico?* Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – UFSC, Florianópolis, 2013.

MILLER, C. Some reflections on the need for a common sign notation. *Sign Language & Linguistics*, v. 4, n. 1/2, p. 11-28, 2001.

NEWKIRK, Don E. *SignFont: Exercises*. Bellevue, WA: Edmark Corporation, 1989a.

NEWKIRK, Don E. *SignFont: Handbook*. Bellevue, WA: Edmark Corporation, 1989b.

PEIRCE, C. S. *Semiótica*. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.

RENZO, Alessio Di; LAMANO, Luca; LUCIOLI, Tommaso; PENNACCHI, Barbara; PONZO Luca. *Italian Sign Language (LIS): can we write it and transcribe it with SignWriting?* Prelo Workshop on the Representation and Processing of Sign Languages, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1916/2002.

SUTTON, V. *The SignWriting alphabet: The International SignWriting Alphabet 2010, ISWA 2010*. La Jolla: The SignWriting Press. Retrieved February 27, 2014. 2011. Disponível em: <[http://www.signwriting.org/archive/docs7/sw0636\\_SignWriting\\_Alphabet\\_Manual\\_2010.pdf](http://www.signwriting.org/archive/docs7/sw0636_SignWriting_Alphabet_Manual_2010.pdf)>. Acesso em: 2017.

STOKOE, W. Sign Language Structure: An outline of the visual communication system of the American deaf. **Studies in Linguistics**, Occasional Papers, n. 8, 1960.

STUMPF, M. R. Sistema SignWriting: por uma escrita funcional para o surdo. In: LAMPRECHT, Regina Ritter (org.). **Cadernos de Pesquisas em Linguística**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, 2005.

STUMPF, M.; WANDERLEY, D. Quem fala português, escreve em português. Quem fala inglês, escreve em inglês. Os surdos: em que língua escrevem? **Revista Letras Raras**, v. 5, n. 1, 2016.

WANDERLEY, D. C. **A Leitura e Escrita de Sinais de Forma Processual e Lúdica**. Curitiba: Editora Prismas, 2015.

Sites visitados

<<http://www.signwriting.org/>>. Acesso em: 10 jan. 2015.



## PARTE II

### Estudos de Tradução

Tradução intermodal, interlingual e intersemiótica na direção Português – Língua Brasileira de Sinais (Libras): desafio normativo, descritivo e performático Surdo ao ensino e aprendizagem de Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (TILS)

*Rimar Romano Segala<sup>1</sup>*  
*Ronice Müller de Quadros<sup>2</sup>*  
*Saulo Xavier de Souza<sup>3</sup>*

#### Introdução

##### 1 Estranhamento

Nas traduções de quaisquer línguas, as normas, culturas e valores da língua alvo devem estar presentes na tradução. De outro modo, o leitor pode não compreender o significado e sentir-se como se fosse um estrangeiro desta tradução que deveria ser destinado a ele. Por causa dessa inobservância, há inúmeros leitores insatisfeitos que sempre querem ter uma leitura em sua língua que capta o que está nas suas entranhas, ou seja, as normas surdas, os valores compartilhados pelos surdos e a cultura que se constitui a partir das comunidades surdas. O simbólico manifesto no sistema da língua de sinais está sempre carregado pelo indexical que envolve o contexto com todas as nuances culturais e pela iconicidade que se ma-

---

1 Mestre em Estudos da Tradução pela Pós-graduação em Estudos da Tradução – PGET / Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professor Assistente. Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Contato: rimromano@hotmail.com

2 Professora Mestre, Doutora e Pós-doutora em Linguística de Língua de Sinais. Professora Associada da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Contato: ronice.quadros@ufsc.br.

3 Mestre e Doutorando em Estudos da Tradução pela PGET/UFSC. Tradutor-Intérprete de Libras. Universidade Federal de Goiás – UFG. Contato: saulo.xavier@gmail.com

nifesta pela língua e na língua de sinais, diferentemente da língua fonte, ou seja, neste caso o português escrito (no sentido de Peirce, Silverstein, 2004), por isso tradução interlinguística, intermodal e intersemiótica.

Nas análises das traduções no contexto do Curso de Letras Libras a distância das disciplinas oferecidas nos cursos de 2006 e 2008, Segala (2010) identificou inúmeros estranhamentos, principalmente no que concerne a interferência da língua portuguesa na Libras. Os leitores surdos apresentaram sua insatisfação por não compreenderem a tradução para sua primeira língua.

Baseado em Segala (2004), apresentamos cinco tipos de estranhamentos dos leitores surdos, tais como:

- *Português sinalizado*, ou seja, a utilização simultânea das duas línguas que se apresentam em duas modalidades, língua a oral-auditiva e a gestual-visual, misturando as duas línguas e deformando-as. Isso é possível exatamente pelas duas línguas usarem canais de articulação diferentes implicados em cada modalidade dessas línguas. Nesse caso, o estranhamento maior é quando o tradutor escolhe o português como língua *default* e insere sinais da língua de sinais na estrutura do português. Nesse caso, a Libras fica inaceitável gramaticalmente e sem sentido do ponto de vista semântico.
- *Empréstimo linguístico*, da língua da modalidade oral-auditiva, as vezes não são palavras novas nascem no dentro da mesma língua, mas sim nascem por outras línguas, como emprestada e para língua da modalidade visual-espacial, a Libras, que utiliza o alfabeto manual para introduzir um termo e ou algumas palavras que não existe na Libras, como explica Ramos (2008):

[...] a maior parte das comunidades surdas de todo o mundo utilizam a datilologia em suas línguas de sinais. Ela pode servir de algumas palavras estrangeiras, nomes próprios que ainda não tenham recebido o “apelido” em sinal, nomes de lugares ou palavras novas.

O uso demasiado desse recurso pode afetar a compreensão do texto na língua alvo. Há também empréstimos de outras línguas de sinais para introduzir um termo ou palavras em Libras. Nesse caso, se o empréstimo não for situado de forma apropriada pode comprometer o sentido do texto na Libras.

- *Neologismo*, ou seja, a criação de novos sinais que acontece a partir de uma palavra da língua portuguesa e de seu conceito para um sinal, o novo sinal. Quando há novos sinais na tradução, pode haver a incompreensão por parte dos leitores, pois ainda não estão familiarizados com esses novos sinais.
- *Linguagem de ouvintes*, ou seja, a linguagem na forma como é organizada na língua portuguesa. As pessoas usam a língua na conversa diária para fazer negócio, planejar refeições e férias, discutir política, fazer fofocas (Clark,

2000) nas formas acordadas entre os seus falantes. Assim, a linguagem expressa por meio de uma língua, carregam esses acordos que se desdobram a partir das relações de uma comunidade linguística. Novamente aqui, esses acordos manifestam valores e a cultura dessa comunidade. Portanto, quando utilizam os acordos da “linguagem dos ouvintes” não estão devidamente traduzidos para os acordos da “linguagem dos surdos”, mais especificamente da comunidade surda brasileira que usa a Libras. Assim, há um estranhamento por parte dos surdos ao se depararem com o texto resultante da tradução que não se pautou na “linguagem dos surdos”.

- *Aspectos formais*, ou seja, a não observância da estrutura da língua alvo, considerando aspectos sintáticos, morfológicos, fonológicos. Algumas traduções simplesmente seguem a estrutura da língua portuguesa, ignorando o uso do espaço, a forma de compor as palavras e até a fonologia que rege na Libras.

Essas formas de estranhamento estão também relacionadas com a não observância das normas surdas. Norma surda, segundo Stone (2009) refere ao ato da tradução mergulhado pelos aspectos culturais e políticos, principalmente quando a língua alvo é a língua de sinais. Essa norma nasce de uma comunidade surda coletiva e heterogênea, com marcas da identidade surda, na qual os diferentes membros contribuem com habilidades para o coletivo e os tradutores pertencem à esta comunidade. A relação de pertencimento é estabelecida à medida em que a norma surda é internalizada. A partir disso, é possível fazer uma tradução “bacana”, como discutiremos neste artigo.

O que temos observado é que a tradução para Libras sofre muitas interferências linguísticas e culturais do Português. O que é possível fazer para evitar isso? Como fazer uma tradução possível em Libras? No contexto do Curso de Letras Libras da UFSC, a proposta foi de buscar soluções, considerando teorias e métodos dos Estudos da Tradução que poderiam ser implantados nas práticas tradutórias do português escrito para a língua brasileira de sinais (Quadros e Souza, 2008).

O que o tradutor deve priorizar para realizar uma tradução que siga a norma surda? Há vários caminhos diferentes para seguir e diversas teorias para tomar como base. Não existe o traduzir certo, nem traduzir errado, mas um traduzir segundo o contexto de experiência na vida social e cultural, considerando as línguas envolvidas e suas comunidades linguísticas. Deste modo, buscaremos, na teoria de tradução minorizante de Venuti (2002), bem como nos estudos sobre a Norma Surda (Stone, 2009), possíveis caminhos para realizar uma tradução melhor da língua portuguesa escrita para Libras. Aplicando essas discussões teóricas ao contexto das traduções para as línguas de sinais, buscamos chaves para uma porta que nos leve a um caminho possível para que esse tipo de tradução de forma mais adequada à experiência visual do leitor surdo, com o fim de minimizar os estranhamentos por parte desses leitores.

## 2 Tradução Minorizante de Lawrence Venuti

Comunidades surdas, do mundo todo, entendem que as traduções de textos escritos ou orais para a língua de sinais são insuficientes. Nas traduções, é como se a cultura ouvinte dominasse a língua de sinais e prevalecesse sobre a cultura surda, que fica em segundo plano, quase apagada. As traduções – tanto as em vídeo quanto as que utilizam *Sign Writing* – não trazem as sutilezas da cultura surda; é como se fossem feitas por estrangeiros. Muitos surdos gostariam que esse problema fosse equacionado, outros até aceitam, porque entendem que não há solução possível para essa questão, mas as reclamações são muito intensas.

No Brasil, os surdos reclamam da dominância do português sobre a língua de sinais, que deixa a cultura surda em segundo plano. Seria necessário desenvolver estratégias para que a cultura surda fosse considerada no momento da tradução de uma língua oral ou escrita para a língua de sinais, isto é, meios para que fossem respeitadas ambas as culturas e o resultado fosse mais satisfatório para os surdos.

O objetivo deste artigo é apresentar as principais estratégias de tradução enunciadas por Lawrence Venuti, tradutor e teórico americano, seu famoso projeto de tradução minorizante, as teorias dele relação à ética, suas ideias de tradução e suas estratégias tradutórias estrangeirizadoras e domesticadoras. Venuti é conhecido por seu interesse em desvendar as desigualdades de poder que, em geral, se fazem presentes nos processos tradutórios. A seguir, apresentarei as estratégias de domesticação e estrangeirização retiradas do artigo de Lawrence Venuti – A invisibilidade do tradutor, para que possa haver uma melhor compreensão do projeto Minorizante. O tradutor não é obrigado a se utilizar desse artifício no seu desafio de traduzir a língua Portuguesa (língua fonte) para a Libras (língua alvo), mas sim de trazer dados da cultura surda, suas normas e os valores da Libras. É importante que o tradutor tenha sempre uma boa estratégia e que se utilize da intuição para a transposição da sua língua para outra cultura; para isso, é importante conhecer as normas e valores da língua fonte para que possa fazer uma boa tradução aos leitores e usuários de Libras. Por fim, podemos adotar essa teoria de Lawrence Venuti a fim de traduzir a língua portuguesa para Libras. É fundamental que o tradutor tenha consciência para melhorar sua prática tradutória, sua decisão e a possibilidade de realização da sua tradução, para que esta seja bem fluente, satisfazendo ao leitor usuário de Libras.

### 2.1 Estratégia de domesticação

Há traduções em que se fazem adaptações que podem ser observadas quando se lê o original e o texto traduzido. As traduções, de certa forma, adaptam as marcas culturais e sociais do original, para que elas possam ser “lidas” em outra língua. Quem lê a tradução se sente satisfeito, porque os elementos culturais e

sociais do original são adaptados para a sua língua, ou seja, os vestígios da língua original estão diluídos na tradução. E a leitura da tradução é compreensível e prazerosa. Esse tipo de tradução é o que se chama domesticadora.

As traduções domesticadoras necessitam de “embelezamento”, ou mais propriamente, um trabalho com o estilo no ato de tradução. O tradutor tem de se preocupar em adaptar a fluência, o ritmo, as imagens para a língua do texto traduzido. Assim. O leitor vai se sentir confortável, inserido no seu universo linguístico e cultural. A tradução vai parecer natural, pois o ritmo, a fluência, as imagens e as marcas culturais e sociais são as da língua do leitor e não da língua original; o autor e o tradutor ficam invisíveis na tradução. Esses aspectos são salientados por Venuti (1995, p. 111), no artigo “A invisibilidade do tradutor”. Ele afirma que:

Uma tradução é considerada aceitável por redatores, revisores e leitores quando sua leitura é fluente, quando há ausência de quaisquer passagens canhestras, construções não idiomáticas ou significados confusos. Transmite a sensação de que a tradução reflete a personalidade ou intenção do autor estrangeiro ou o significado essencial do texto original.

Na disciplina – Teorias linguísticas e literárias da tradução, ministrada pela professora Márcia Martins no primeiro semestre de 2005, no Mestrado em Estudos da Linguagem da PUC-Rio, a aluna Sabrina Martinez, em seu trabalho – Late Show With David Letterman: um estudo de caso, falou sobre como as emissoras de TV a cabo preparam cartilhas para orientar o legendador quanto ao que deve ser traduzido, o que deve ser mantido em língua estrangeira e o que deve ou não ser adaptado. Ela afirmou que, de modo geral, predomina a regra de não traduzir nem adaptar referências culturais. Exemplos de adaptação seria dizer – Ana Maria Braga em vez de – Martha Stewart, ou – cachaça em vez de uma outra bebida destilada regional (PUC-Rio)

Como poderíamos aplicar isso à tradução, por exemplo, da língua portuguesa para a língua de sinais. Se o texto é de um autor ouvinte que compartilha a cultura e os valores sociais da comunidade ouvinte de língua portuguesa, sabemos que o texto não pode simplesmente ser traduzido – literalmente; é necessário que o tradutor adapte-o para a cultura surda, ou seja, as imagens, valores e significações têm de ser considerados do ponto de vista do surdo. Isso vale para qualquer tipo de texto: acadêmico, literário, jornalístico etc. Na adaptação, busca-se a invisibilidade do autor do original, isto é, as marcas próprias de autoria e de identidade cultural são transformadas para que o texto traduzido tenha uma – identidade surda. Assim, o surdo lê a tradução e a entende, mesmo que saiba que o original foi produzido por um ouvinte.

Veja um exemplo dramatizado por mim deste tipo de tradução do seguinte trecho:

Em português:

“A imaginação é mais importante que o conhecimento. Albert Einstein”

Tradução em Libras (ver vídeo6 no DVD) registrada a seguir por meio de glosas: A-L-B-E-R-T- E-I-S-T-E-I-N FALOU GRUPO AREA COISA GRUPO QUE É IMAGINAR IDEIAS COISA ESTE; OUTRO GRUPO AREA COISA CIENCIA ESTUDAR MENTE DESENVOLVER COISA PESQUISAR COISA AREA; ESTE (Imaginar) MAIS O-QUE IMPORTANTE DO-QUE (ciência)

## 2.2 Estratégia de estrangeirização

Qualquer texto, oral ou escrito traduzido para outra língua sem a preocupação da – domesticação vai ser percebido como – traduzido. Nessas traduções, o leitor percebe que o texto foi traduzido, pois o tradutor deixa vestígios da língua (palavras, frases etc.) e da cultura originais.

A esse respeito, Venuti (1995, p. 118) diz que:

A tradução deve ser vista como um *sérum datum* que soa estrangeiro para o leitor, mas tem uma aparência opaca que a impede de parecer uma janela transparente através da qual supostamente se visse o autor ou o texto original; é essa opacidade um uso da língua que reflita a leitura fácil, segundo os padrões contemporâneos, que deixará visível a intervenção do tradutor, seu confronto com a natureza alienígena do texto estrangeiro.

Na tradução estrangeirizadora, o tradutor, ao deixar marcas da língua e da cultura original, acaba favorecendo o acesso à cultura estrangeira. Ela é diferente da tradução domesticadora, que não deixa nenhum vestígio da língua e da cultura estrangeiras. Na estrangeirização, o tradutor faz questão de deixar todas as marcas do original. Venuti afirma que esse tipo de tradução respeita o texto original em todos os aspectos: sociais, linguísticos, geográficos, culturais etc. O tradutor não procura adaptar essas marcas, dando invisibilidade ao autor. Por exemplo: na Rússia, há bebidas não encontradas em outros países ou com nomes específicos que não são os mesmos em outras línguas. Uma tradução estrangeirizadora, em português, por exemplo, usaria o nome russo original no texto traduzido, sem adaptação. Numa tradução domesticadora, o tradutor ou adaptaria o nome ou mudaria a bebida: uma vodka poderia, por exemplo, transformar-se em cachaça. Venuti explica que a adoção de uma ou outra estratégia de tradução envolve problemas de toda ordem, inclusive políticos.

Nos países hegemônicos a tradução modela as imagens de seus outros subordinados, que podem variar entre os polos do narcisismo e da autocrítica, confirmando ou derogando os valores domésticos dominantes, reforçando ou revendo os estereótipos étnicos, os cânones literários e os padrões de mercado e as políticas estrangeiras às quais outra cultura possa estar sujeita. Nos países em desenvolvimento, a tradução modela imagens de seus

outros hegemônicos e deles próprios que podem tanto clamar por submissão, colaboração ou resistência que podem assimilar os valores estrangeiros dominantes, com a aprovação ou aquiescência, livre empreendimento, devoção cristã, ou revê-los criticamente para criar autoimagens domésticas, mas oposicionistas, nacionalistas, fundamentalistas. (Venuti, 2002, p. 299)

Vamos discutir essas considerações na tradução de um texto oral ou escrito para língua de sinais. Num texto de qualquer tipo, em português, por exemplo, que vai ser traduzido para a língua de sinais, usando-se o vídeo, o tradutor acaba mantendo as características da língua original. O surdo percebe que o tradutor permanece fiel a palavras e imagens do texto original escrito. O tradutor, por exemplo, – digitaliza (– soletra ou sinaliza – letra a letra) palavras que não têm sinal específico na língua de sinais. São palavras que o tradutor não procura adaptar, ou seja, sinaliza letra a letra a palavra em português. Isso ocorre porque não há como adaptar. É como a música, que não tem como traduzir para a língua de sinais. O sentimento da música não tem como traduzir, mas a letra é possível traduzir adotando-se, por exemplo, a estratégia de estrangeirização, para que o surdo perceba que não é um texto de sua cultura, mas de cultura oralizada, que usa outra língua e, portanto, tem valores diferentes.

Veja um exemplo dramatizado por mim deste tipo de tradução do seguinte trecho:

Em português

“A imaginação é mais importante que o conhecimento. Albert Einstein”

Tradução em Libras (registrada por meio de glosas)

IMAGINAR MAIS IMPORTANTE DO-QUE CONHECIMENTO. (ALBERT EISTEIN)

Estratégia de minorizante

Agora vamos tratar da tradução minorizante. Já dissemos que a tradução domesticadora busca a invisibilidade das marcas linguísticas e culturais do original e a estrangeirizante não se preocupa em apagar essas marcas e respeita. Tanto uma quanto outra apresentam imperfeições, mas há os partidários de uma ou de outra. Para dar conta das imperfeições de ambas, Venuti criou uma estratégia que chamou minorizante. Segundo ele, a tradução minorizante põe frente a frente línguas e culturas diferentes, com suas próprias regras, história e valores. No momento da tradução, o tradutor tem de tomar muito cuidado para ler e adaptar a tradução de maneira a transmitir sutilmente características específicas da cultura, da sociedade e do momento histórico em que o original foi produzido, para que o leitor do texto traduzido apreenda essas características e sintá-se satisfeito. Para realizar essa tarefa, o tradutor tem de deixar as marcas do texto original, ao mesmo

tempo que as adapta para o texto traduzido, sem, necessariamente, domesticá-las, ou seja, o leitor do texto traduzido percebe as marcas da sociedade, da cultura, da época e da língua em que o original foi produzido, mas sente-se confortável, porque percebe esses vestígios em relação à sua própria sociedade, cultura, época e língua. Venuti pensou essa proposta minorizante a partir do Antoine Berman que se preocupa com a questão da ética e respeito na tradução. Venuti diz que, na tradução, deve-se respeitar a cultura, a língua, a sociedade e a época da fonte ao mesmo tempo em que se procura tornar inteligível e agradável ao leitor o texto traduzido.

Pensando na língua de sinais, será que o projeto minorizante de Venuti pode ser aplicado a ela? Sim, pois o surdo, ao ler qualquer tradução, está sempre diante de outra língua e de outra cultura. E há muitos surdos que têm dificuldade de entender o texto traduzido por desconhecimento da cultura, dos valores sociais e da língua original. A tradução domesticadora facilita a compreensão, mas o surdo acaba perdendo o conhecimento da cultura e da língua da fonte original. Na estrangeirização, o surdo não consegue compreender, porque não tem conhecimento da cultura da fonte. Por isso o projeto minorizante pode ser aplicado às traduções para a língua de sinais.

Segundo Venuti, é preciso criar uma estratégia para que a tradução possa levar a todos a compreensão do conhecimento, da cultura, da língua, da sociedade e da história original. A proposta de Venuti sugere que os tradutores conheçam todos os aspectos tanto da língua e da sociedade de que produziu o texto original quanto da língua e da sociedade que vai ter acesso ao texto traduzido. Assim, no momento da tradução, o tradutor vai conseguir adaptar o necessário e vai pensar em estratégias que permitam ao surdo sentir-se confortável com a leitura da tradução, sem perder nenhum aspecto da cultura da fonte. Isso é muito importante, pois os surdos precisam entender a tradução e conhecer também os aspectos relevantes da cultura da fonte. É desse respeito e dessa ética de que trata Berman; o projeto minorizante não reduz a possibilidade de aprendizado do surdo nem o submete a uma tradução que desconsidera completamente seu universo cultural e linguístico.

Em português

“A imaginação é mais importante que o conhecimento. Albert Einstein”

Tradução em Libras (ver vídeo<sup>8</sup> no DVD) registrada aqui por meio de glosas:  
 PESSOA ELE HOMEM NOME DELE A-L-B-E-R-T E-I-S-T-E-I-N DIZER QUE  
 GRUPO AREA IMAGINAR I-M-A-G-I-N-A-Ç-ÃO ESTE O QUE IMAGINAR  
 SONHAR IDEIA PENSA ALVO FUTURO IDEIA PENSA ALVO COISA IMAGI-  
 NAR ESTE; OUTRO GRUPO COISA CONHECER NOME C-O-N-H-E-C-I-M-  
 -E-N-T-O ESTE COISA DESENVOLVER CONHECER PESQUISAR CIENCIA  
 COISA ESTE; COMPARAÇÃO (imaginação e conhecimento) ESTE IMAGINAR  
 MAIS IMPORTANTE DO-QUE (conhecimento)

### 3 Aspectos para uma tradução bem – BACANA – por uma Norma Surda

Segundo Toury (1995), para traduzir a língua portuguesa escrita, como língua origem, para língua brasileira de sinais, como língua destino, com menor interferência possível, é a fluência nas duas línguas, não somente na área linguística, mas principalmente na cultura e organização social das línguas fonte e origem. Nestes aspectos, apresentarei algumas bases da teoria da história de tradução, o Renascimento, que nos ajuda a ampliar e aprofundar o conhecimento tradutório de forma que a tradução seja uma boa maneira de traduzir a língua Portuguesa para Libras.

Durante o Renascimento, destacadamente a partir do século XV, autores neoclássicos renovam o modo de traduzir a tradição literária da Grécia e de Roma para as línguas vernáculas europeias. Partindo de suas experiências no ofício de tradutores, estes produzem uma série de ensaios, métodos e conselhos para os que desejam traduzir. Respeitados como literatos, esses autores recriam a concepção do ideal tradutório dos targumim, pois, para eles, o texto traduzido tem por objetivo ser o mais – fiel possível ao original. Essas concepções foram preconizadas, principalmente, por Dante, Goethe, Baudelaire, Mallarmé, Nietzsche, Pound, entre outros, começando no período do Renascimento e passou ao Romantismo (principalmente alemão) (Lanzetti).<sup>4</sup>

No que se refere à tradução, o Renascimento é responsável pela formação das bases da tradutologia moderna, e, não por coincidência, pela produção das primeiras reflexões de maior envergadura sobre a arte da tradução: as mudanças que então aconteceram na Europa Ocidental incluem também a concepção e prática da tradução. Estas reflexões constituem, pois, as fontes primárias para a investigação da história da tradutologia moderna e da teoria tradutológica renascentista. Entre as mais representativas daquele período histórico europeu se encontram as reflexões tradutórias de Lutero, ao lado de outras como as de Leonardo Bruni, Luis Vives, Étienne Dolet, Fausto da Longiano e George Chapman. (Furlan, 2006).

O Renascimento ainda hoje possui fundamental influência como base teórica de tradução, pois ainda guia pesquisas e colabora para o desenvolvimento da teoria da tradução.

Segala (2010) escolhe Martin Luther e Étienne Dolet com suas dicas e teorias, a fim de desenvolver melhor a crítica construtiva sobre Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual, para que o Tradutor intermodal e intersemiótico/interlinguístico possa melhorar a sua tradução.

A teorização de Lutero sobre a tradução não se encontra de forma didática ou preceptiva em nenhum dos textos em que trata da questão; sua intenção primeira com a publicação do Sendbrief – seu principal texto sobre a tradução – não

4 16 Rafael Lanzetti (UFRJ, SENAC-Rio), no site <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno03-14.html> Acesso em 2 de fevereiro de 2009.

era escrever um manual<sup>4</sup> sobre como traduzir, mas justificar o processo de sua tradução do N.T. (Furlan, p. 11).

Além desta publicação, o autor publicou outro texto: *Summarien über die Psalmen und Ursache des Dolmetscens* (1531). Nestes dois textos, Lutero não apresenta somente a concepção de tradução da Bíblia, mas apresenta o seu pensamento, sua teologia e os seus comentários sobre tradução. Tudo isso se relaciona como que numa teoria, com exemplos funcionando como preceitos que ajudam a melhorar a tradução de textos. As diretrizes básicas da Teoria da Tradução de Lutero são a hermenêutica teológica e a linguístico-retórica. Nesta minha dissertação, apresentarei a hermenêutica linguístico-retórica e não a hermenêutica teológica, pois esse não é o objetivo de minha dissertação. A seguir, apresentarei um resumo desta diretriz, conforme apresentadas por Mauri Furlan (2004, p. 11-21)

Para uma boa produção de texto literário bíblico na língua de chegada, Lutero defende que o bom tradutor tem que ter vastos conhecimentos teológicos, formação intelectual e domínio linguístico da língua alemã. Ele queria que a tradução da Bíblia fosse inteligente e compreensível para todas as línguas faladas pelos povos, para que todos pudessem ler e interpretar Lutero quis produzir uma tradução em alemão sem palavras e estruturas do hebreu, para expressar melhor o sentido para o alemão, buscando uma fidelidade e tato quanto possível o mesmo sentido do original.

- Uma tradução deve ser legível e inteligível;
- Uma tradução deve ser em alemão puro e claro;
- Uma tradução deve usar a linguagem do povo;
- Compreensão do original e domínio da língua;
- A tradução não é só livre, porém também literal;
- Fidelidade ao original.

Observou-se que sua tradução não era de todo livre, mas também literal. Primeiramente havia a tentativa de escrever em alemão puro e claro, porém, às vezes, ao não conseguir realizar essa tradução, utilizava o mesmo texto do original.

Guerini e Pereira (2008) explicam na disciplina de Introdução aos Estudos da Tradução, do Curso de Letras Libras, disponível no Ambiente Virtual de Ensino deste curso, a teoria de Étienne Dolet (1509-1540), humanista francês, que, em seu artigo intitulado – A maneira de bem traduzir de uma língua GF para outra (1540), estabeleceu cinco princípios para o tradutor:

- o tradutor deve entender perfeitamente o sentido e a matéria do autor a ser traduzido;
- o tradutor deve conhecer perfeitamente a língua do autor que ele traduz; e que ele seja igualmente excelente na língua na qual se propõe traduzir;
- o tradutor não deve traduzir palavra por palavra;
- o tradutor deve usar palavras de uso corrente;
- o tradutor deve observar a harmonia do discurso.

A Tradução, baseada na Teoria de Lutero e Étienne Dolet, considera que o Tradutor intermodal e intersemiótico/interlinguístico deve ter domínio das línguas envolvidas na tradução, a de partida e a de chegada, assim como conhecer suas normas linguísticas, sociais e culturais, e ainda ter conhecimento da área da área, das culturas antigas e expressões linguístico-culturais. Não há necessidade de traduzir palavra por palavra, mas sim de ser fiel ao texto de partida, buscando a manutenção do sentido, da mensagem de texto de partida, no texto de chegada. A tradução na língua de chegada deve ser legível, acessível à linguagem do povo, e baseada no contexto, conforme a Teoria de Lutero e Dolet, que foram influenciadas pela filosofia e política renascentista.

Para a Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual, sugere-se ao tradutor se apropriar, primeiramente, das teorias de Lutero e Dolet, ou seja, ter acesso à uma das concepções do Renascimento.

Para traduzir os textos escritos da língua fonte Português para os textos “orais”, ou seja, “sinalizados”, na Língua Brasileira de Sinais – Libras, o Tradutor intermodal e intersemiótico/interlinguístico deve ter domínio em língua Portuguesa e Libras; suas variações linguísticas, sociais e culturais e também ter conhecimento da teologia e suas normas linguístico-culturais. A língua de chegada (Libras) deve ser clara e moderna, e utilizar os sinais mais comuns aos surdos usuários de Libras, não seguindo a estrutura da Língua Portuguesa, nunca traduzindo literalmente palavras por sinais, obedecendo a ordem dos parágrafos sem a necessidade de se preocupar com virgulação, e sendo fiel ao sentido dos textos escritos, a mensagem de texto de partida, para Libras. Principalmente para que os usuários de Libras entendam e possam interpretar. Traduzir para Libras apresenta também um ato performático, pois é uma língua que está no corpo. Além disso, o ator deve sempre se lembrar do projeto minorizante de Lawrenci Venuti, como uma das melhores estratégia de tradução para Língua Brasileira de Sinais, cuidando de fazer uma boa tradução da língua para a língua, sentido para sentido, social para social, cultural para cultural, tempo para tempo, para que os leitores surdos possam ver, conhecer, compreender, interpretar a língua fonte com respeito e equivalência de valor.

Na tentativa de apresentar uma tradução bem bacana, apresenta-se a seguir um exemplo utilizando glosas do português para indicar os sinais da Libras.

Em Português

“Pai Nosso que estais nos céus, santificado seja vosso nome; venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade, assim na Terra como nos céu; o pão nosso de cada dia nos daí hoje, perdoai as nossas ofensas, assim como perdoamos a quem nos tem ofendido, e não nos deixei cair em tentação, mas livra-nos do mal”

Tradução em Libras

PAI (DEUS LÁ), TER-EXISTE LÁ CÉU, ELE FILHO NOS, NOS PAI ELE (SEU-SINAL), SEU NOME É SANTIFICADO-SANTO, (SUPERIOR-PUREZA) ELE REI-REINO, (VEM AQUI), ELE (SUA VONTADE) PRÓPRIA, (CÉU –AN-

JOS), (TERRA PESSOAS), IGUALDADE. QUANDO NÓS PRECISAMOS-(INTERIOR), BUSCO, BUSCO, BUSCO DEUS NOS DÁ, DÁ, DÁ TODOS OS DIAS, COISA (ELAS-PESSOAS) ERRADAS, OFENDEM, EU PERDOO PESSOAS, EU ERRADO, OFENSAS, DEUS ME PERDOA, CAMINHO-RETO, TENTAÇÃO ME TENTA, (EU CAIR-DESVIO-CAMINHO-RETO) DEUS ME PEGA, COLOCA CAMINHO-RETO QUALQUER COISA-HÁ M-A-L, DEUS, MAO-O-OBRA, TIRA-FORA

A norma surda fica demarcada pela forma de organizar o discurso, em que os espaços ficam definidos: acima (no céu), abaixo (na terra), nos caminhos (diferentes caminhos e caminhos das tentações), no caminho-reto (o caminho de Deus). Os espaços definem as relações que também são enfatizadas por meio do olhar. Os termos escolhidos refletem os sentidos atribuídos ao Pai Nosso, não literal, mas com significados atribuídos nas relações de Deus com a pessoa que está orando. Estas são algumas características que marcam a norma surda e o jeito “bacana” de fazer uma tradução do português para a Libras.

## Conclusão

Tomando como base a teoria de Venuti e entre outros, não é obrigatório para o tradutor intermodal e intersemiótico/interlinguístico, no seu desafio de traduzir a língua Portuguesa como língua fonte para a Libras, sua língua alvo, trazer tudo a sua própria cultura, as suas normas e valores da Libras. Entretanto, ele precisa cuidar, equilibrar, usar uma boa estratégia e de sua intuição para a transposição da outra cultura às normas e valores da língua fonte aos leitores de usuários de Libras. Ao final, podemos adotar essa teoria de Venuti para traduzir a língua portuguesa brasileira para Libras. O tradutor intermodal e intersemiótico/interlinguístico pode ter consciência e melhorar sua prática tradutória, sua decisão, a possibilidade de realização da sua tradução para que a tradução seja bem fluente, satisfazendo ao leitor usuário de Libras.

Concluindo, para traduzir os textos como língua fonte Português brasileiros para Língua Brasileira de Sinais – Libras, o tradutor deve ter domínio em língua Portuguesa e Libras; suas variações linguísticas, sociais e culturais (bilíngues-biculturais), e também ter conhecimento do tema, ou seja, área, e suas normas linguístico-culturais. A língua de chegada (Libras) deve ser clara e moderna, e utilizar os sinais mais comuns aos surdos, os usuários de Libras, não seguindo a estrutura da Língua Portuguesa, nunca traduzindo literalmente palavras por sinais, obedecendo a ordem dos parágrafos sem a necessidade de se preocupar com virgulação, e sendo fiel ao sentido dos textos para Libras. Principalmente para que os usuários de Libras entendam e possam interpretar os textos em Libras.

O avião chamado Tradutor intermodal e intersemiótico/interlinguístico encontra, enfim, as condições necessárias para pousar em meio ao oceano. Para isso, precisa se equipar de novos instrumentos e de novas práticas, conhecendo bem a base ou o alvo sobre a qual vai aterrissar.

## Referências bibliográficas

- ALBRES, Neiva. *História da Língua Brasileira de Sinais em Campo Grande – MS*. Editora ARARA AZUL Ltda. Acessado em 2 de fev. de 2009, no endereço eletrônico: <www.editora-arara-azul.com.br>.
- BARBOSA, Heloisa Gonçalves. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. Campinas: Pontes, 2004.
- BASSNETT, Susan, 1980. *Estudos de Tradução*. Trad. Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa – Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.
- BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue longínquo*. Trad. Andréia Guerini, Marie-Hélène Catherine Torres & Mauri Furlan.
- BERNIERI, Rosimeri, 2007. *A Complementaridade entre língua e gestos nas narrativas de sujeitos surdos*. Florianópolis – UFSC/CCE.
- CAPOVILLA, R.; RAPHAEL, W.D. (2001) *Língua de Sinais Brasileira: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue*. São Paulo, SP: Edusp-Fapesp-Vitae, 2001.
- CATARINA KIGUTI KOJIMA & SUELI RAMALHO SEGALA. (2000) *Dicionário de Língua de Sinais: a Imagem do Pensamento*, Editora Escala
- CATARINA KIGUTI KOJIMA & SUELI RAMALHO SEGALA. (2008) *Dicionário de Língua de Sinais: a Imagem do Pensamento*, Editora Escala
- CLARK, Herbert H, 2000. Uso da linguagem. *Caderno de tradução* – N° 9 Jan – Março – 2000 – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
- CUXAC, C. Les langues des signes: analyseurs de la faculté de langage. Les langues des signes: une perspective sémiogénétique, disponível no site <<http://aile.revues.org/document1411.html>>, em 15 de dezembro de 2001.
- DINIZ, Thaís Flores Nogueira, 1998. *Tradução intersemiótica: do texto para a tela*. Caderno de tradução – N° 3 – 1998 – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.
- DOLET, Étienne. 1540. La manière de bien traduire d'une langue em autre. Em português, Como traduzir bem de uma Língua a outra. Trad. Marc Goldstein e Nícia Adan Bonatti. *Antologia Bilingue – Clássicos da Teoria da Tradução*, Vol 4. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – NUPLITT – Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução.
- FURLAN, Mauri. A teoria de tradução de Lutero. 2004. In: Annete Endruschat & Axel Schönberger (orgs.). *Übersetzung und Übersetzen aus dem und ins Portugiesische*. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea. (p. 11-21).
- FURLAN, Mauri. A tradução retórica do Renascimento. *Antologia Bilingue*. Vol. 4: Renascimento. Florianópolis: UFSC/NUPLITT, 2006.
- FURLAN, Mauri. Clássicos da Teoria da Tradução. *Antologia Bilingue*. Vol. 4: Renascimento. Florianópolis: UFSC/NUPLITT, 2006.

GUERINI, A. E PEREIRA, M. C. *Introdução aos Estudos da Tradução*. Curso de bacharelado em Letras-Libras – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. 2008

HALL, Stuart. A Centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. In: *Revista Educação e Realidade: Cultura, Mídia e educação*. v. 22 n. 3 jul.-dez. 1997

JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. In: \_\_\_\_\_. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969

JAKOBSON, Roman. On Linguistic Aspects of Translation, in *Language in Literature*, edição de Krystyna Pomorska e Stephen Rudy, Cambridge (Massachusetts), Harvard University Press, 1987, p. 428-435. ISBN 0-674-51028-3.

KARNOPP, Lodenir, *Literatura Surda*, Curso de licenciatura em Letras-Libras – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. 2008 \_\_\_\_\_. *Literatura Surda*. In: *Literatura, Letramento e Práticas Educacionais – Grupo de Estudos Surdos e Educação*. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v. 7, n. 2, p. 98 – 109, jun. 2006 – ISSN: 1676-2592.

LANZETTI, Rafael. Quadro Histórico das Teorias de Tradução. *Anuais do VIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Rio de Janeiro, On line. Acessível em <<http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno03-14.html>>.

OSIMO, Bruno. In. <<http://www.logos.net/>>, acessado em 06 de junho de 2008

NOVAK, P. *A política do corpo*. Texto apresentado no V Encontro de Performance do Instituto Hemisférico. Belo Horizonte. 2005.

PERLIN, Gladis. *Teorias da Educação de Surdos*. curso de licenciatura em Letras-Libras - Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. 2008 PERLIN, Gladis; MIRANDA, Wilson. *Surdos: o Narrar e a Política*. In: *Estudos Surdos – Ponto de Vista: Revista de Educação e Processos Inclusivos* n. 5, UFSC/NUP/CED, Florianópolis, 2003

RAMOS, C. R. *História da Datilologia*. Disponível no site <http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo3.pdf> em 17 de setembro de 2008.

RAMOS, C. R. *Tradução Cultural: Uma proposta de trabalho para surdos e ouvintes*. Disponível no site <<http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo5.pdf>>, em 17 de setembro de 2008.

SEGALA, Rimar. *Tradução intermodal e intersemiótica/interlinguística: português escrito para a língua de sinais*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) Universidade Federal de Santa Catarina. 2010.

SEGALA, R. R.; BERNIERI, R. A perspectiva social na emergência das Línguas de Sinais: A noção de comunidade de fala e idioleto segundo o modelo teórico Laboviano. In: QUADROS, R.M.; STUMPF, M.R. (Orgs.). *Estudos Surdos IV*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009.

SILVERSTEIN, Michael. (2004) “Cultural” Concepts and the Language-Culture Nexus. In *Current Anthropology*. Volume 45, Number 5, December, 2004. The Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research.

SOARES, Janine Oliveira e SILVA, Rodrigo Custódio. Equipe de tradução do Curso de Letras Libras. Em QUADROS, Ronice Müller de. *Letras Libras: ontem, hoje e amanhã*. Editora da UFSC. 2014.

SOUZA, Saulo Xavier. *Performances de tradução para a língua brasileira de sinais observadas no curso de letras libras*. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Tradução) Universidade Federal de Santa Catarina. 2010.

STROBEL, Karin, 2008. *As imagens do outro sobre a Cultura Surda*. Editora da UFSC – Florianópolis-SC.

STROBEL, Karin. *História da Educação de Surdos*. Curso de licenciatura em Letras-Libras - Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. 2007

TITONE, Renzo. *Bilinguismo precoce e educazione bilingue*. 2. ed. Roma: Armando, 1993.

TOURY, Gideon, 1995. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

VASCONCELLOS, M. L. *Estudos da Tradução*. Curso de licenciatura em Letras-Libras – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. 2008

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença*. Tradução Laureano Pelegrin et al. Revisão técnica: Stella Tagnin. Bauru, SP: EDUSC, 2002. 396p.

\_\_\_\_\_. *How to read a translation*. Disponível em <<http://www.wordswithoutborders.org/article.php?lab=HowTo#>> Acesso em 28 de novembro de 2008.

QUADROS, R. M. de. & VASCONCELLOS, M. L. *Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais*. Editora Arara Azul. Petrópolis. 2008.

QUADROS, R. M. de. e KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Artes Médicas. Porto Alegre. 2004.

QUADROS E SOUZA, 2008. Aspectos da tradução/encenação na língua de sinais brasileira para um ambiente virtual de ensino: prática tradutórias do curso de letras libras. Florianópolis – UFSC/CCE

\_\_\_\_\_. *The scandals of translation: towards an ethics of difference*. London: Routledge, 1998. 210 p.

\_\_\_\_\_. *The translator's invisibility: a history of translation*. London/New York: Routledge, 1995. 353 p.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença*. Tradução Laureano Pelegrin et al. Revisão técnica: Stella Tagnin. Bauru, SP: EDUSC, 2002. 396p.



## 9

## O Sistema de sinais internacional no processo de tradução de textos científicos

*Inmaculada C. Báez Montero**Ruth Lamas Ferreiro*Grupo de Investigación de Lengua Española y Lenguas de Signos  
(GRILES) Universidade de Vigo

## 1 O SSI

1.1 Línguas naturais *versus* línguas artificiais

No volume dedicado à *Linguagem* em seu *Tratado Didáctico y Crítico de Lingüística General* (2014), o professor Juan Carlos Moreno Cabrera observa que “as línguas naturais que são adquiridas na infância sem nenhuma instrução dirigida são inerentes, variáveis, mutáveis e flutuantes, apesar de compartilharem alguns princípios universais, que são os únicos elementos fixos que as caracterizam” (2014: em rede). Se opusermos *línguas naturais* a *línguas artificiais*, podemos dizer que as línguas artificiais são línguas a) cuja aquisição não é natural, isto é, para que as crianças as aprendam são necessárias ações educativas específicas; b) seu uso por parte de quem as utiliza não é automático e inconsciente; e c) não estão sujeitas a variações constantes e mudanças adaptativas, já que as mudanças são conscientes e pactuadas. Segundo este investigador, a diferença entre línguas naturais e línguas artificiais não está na estrutura nem nas funções, nem tampouco em sua origem; a diferença reside no desenvolvimento das línguas, concretamente no processo de evolução histórica, pois as línguas naturais são o resultado da evolução histórica de outras línguas.

Estudos recentes sobre o carácter natural ou artificial das línguas negam a existência de uma oposição binária línguas naturais *versus* línguas artificiais e de-

fendem uma contínua “influência deliberada” como o que admite (Stria, 2013:126) baseado em Schubert (1989) e Koutny (2009).

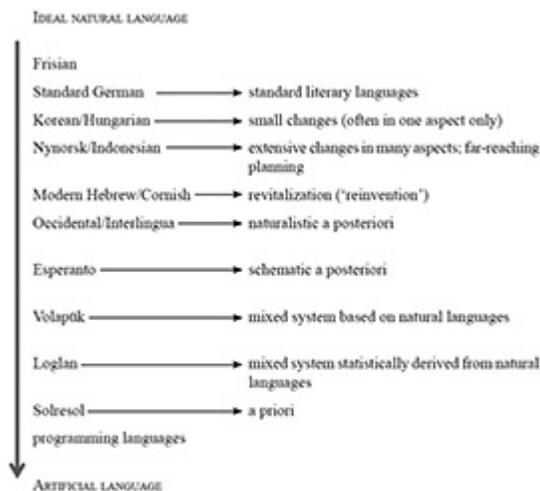


Figure 1 Scale of artificiality. Based on Schubert 1989: 22 and Koutny 2009: 118.

De acordo com Stria (2013), devemos falar de graus de artificialidade nas línguas que vão desde um sistema *a priori* artificial, até a um ideal de línguas étnicas “intocáveis ou virgens”.

## 1.2 O SSI é uma língua artificial?

Nenhum dos autores citados faz referência às línguas de sinais nem ao SSI. Nem mesmo Blanke (1985), que elaborou uma escala de características que nos permite hierarquizar os graus de artificialidade de uma língua, se ocupa das línguas viso-gestuais, mas sua escala nos orienta sobre se um projeto deriva de um ou vários idioma(s) étnico(s) ou deliberadamente construído(s).

It can be seen that these categories mirror a scale of artificiality. The poles determine whether a project is derived from (an) ethnic language(s) or deliberately constructed. It is immediately noticeable that the examples given include only the universal and international auxiliary languages (that is to say, planned languages according to Blanke 1985: 11). (Stria, 2013: 127)<sup>1</sup>

1 Parece evidente que essas categorias espelham uma escala de artificialidade. Os polos determinam se um projeto é derivado de (uma/s) linguagem(ns) étnica(s) ou deliberadamente construído. É imediatamente perceptível que os exemplos dados incluem apenas as linguagens auxiliares universais e internacionais (isto é, linguagens planejadas, de acordo com Blanke 1985: 11). (Stria, 2013: 127)

a) *As características de artificialidade de Blanke*

Aplicando ao SSI a caracterização proposta por Blanke (2001: 51n)<sup>2</sup>, poderíamos dizer que:

1. Quanto ao *nível de concretização gráfica*, o SSI não tem um sistema de escrita padronizado, o mesmo que acontece com as línguas gestuais naturais, mas bem podia ser representado com qualquer dos sistemas de escrita das línguas de sinais naturais como a *SignWriting*, escrita de sinais, *Hamnosys (Hamburg Sign Language Notation Sistem)*, *SEA (Sistema de escrita alfabética da língua de sinais espanhola)*, etc. Quanto ao nível fonológico, embora atualmente não exista um estudo abrangente desse nível da língua, o SSI pode ser analisado com os parâmetros articulatórios e de percepção utilizados na análise das línguas gestuais naturais.

2. Com relação ao *material e à estrutura (imitação versus invenção)*, podemos dizer que a comunicação com SSI utiliza recursos próprios das línguas de sinais, como a expressão corporal e facial, o uso de classificadores, a localização espacial e algumas construções gramaticais, procurando sempre a maneira mais clara para representar o conceito que se quer expressar. Ou seja, o SSI resulta mais da imitação das línguas gestuais que da invenção.

3. O SSI é um *projeto formulado linguisticamente* que se iniciou com a seleção de sinais lexicais utilizando critérios de identificabilidade de parâmetros para os elementos que podem chegar a ser muito diferentes em cada língua de sinais, como o vocabulário, seguido pela maximização dos recursos mais próximos ou comuns em línguas viso-gestuais naturais. Como já dissemos, entre os recursos provenientes das línguas viso-gestuais destacam-se: o uso do espaço; a localização de objetos e pessoas; os classificadores; a configuração e o movimento da mão e a expressão facial para indicar aspecto, número, modo, etc. Estes aspectos são tão próximos nas línguas de sinais que bons sinalizadores ou pessoas surdas fluentes em diferentes línguas de sinais, em determinados contextos, podem chegar a se entender de uma forma básica, especialmente quando, além da “gramática espacial”, compartilham um vocabulário básico: os sinais internacionais. No entanto, devemos sublinhar que o Sistema de Sinais Internacional tem uma grande influência dos sinais provenientes da ASL e das línguas europeias; por isso, os sinalizadores das línguas de sinais dos restantes continentes (especialmente os asiáticos) encontram mais dificuldade para se expressar e para compreender esta forma de comunicação.

4. Com respeito ao *nível de detalhes e desenvolvimento*, podemos afirmar que o nível gramatical é um conjunto de sinais organizados, sistematizados, isto é, interdependentes, hierarquizados, que utiliza as características mais importantes das línguas viso-gestuais. Algumas características do SSI identificadas por autores

2 In his article Blanke (2001: 51n., see also Blanke 1985: 99-110) gives six different types of classifications of artificial languages according to: 1) realization level (graphic/phonetic, i.e., pasygraphies or universal scripts vs. pasygraphies or universal languages), 2) material and structure, i.e., invention vs. imitation, 3) linguistic concept, i.e., how well the project is formulated linguistically, 4) level of details/development, 5) availability, 6) role in real communication (Cfr. Stria, 2013: 132).

como Ojala, Scott, Webb e Supalla, e referidas por Moreno, Pinedo e Rodriguez Falquina (2005) coincidem, em vários casos, com as características de línguas de sinais naturais; por exemplo, compartilham a gramática espacial das línguas gestuais, os classificadores, a localização espacial, o uso de formas interrogativas<sup>3</sup> e negativas<sup>4</sup> comuns, a preferência pelo uso de verbos direcionais<sup>5</sup>, a expressão facial, etc. O nível lexical do SSI se caracteriza pela aceitação de estrangeirismos lexicais de diferentes línguas de sinais.

5. Quanto à *disponibilidade*, podemos precisar que, embora o SSI seja usado principalmente em eventos institucionais e esportivos, não é um sistema de comunicação limitado, pois permite transmitir todo o tipo de informações, emoções e intenções. Não é a língua materna de nenhuma comunidade, não é utilizado na vida cotidiana, é antes um substituto circunstancial que não tenta se impor nem substituir outras línguas de sinais.

As capacidades dos usuários de cada uma das línguas envolvidas e o conhecimento do tema da conversa e do contexto em que esta se desenvolve fazem com que o intercâmbio apresente uma progressiva fluência comunicativa.

6. Relativamente ao seu *papel na comunicação real*, é uma língua auxiliar autoconsistente que, ao superar as barreiras linguísticas, permite que a comunicação entre surdos se desenvolva de forma natural.

As associações internacionais<sup>6</sup> relacionadas com a comunidade surda promovem a utilização do SSI em todos os seus eventos e seus sites fornecem conteúdos visuais neste sistema. Além disso, a *World Federation of the Deaf* (WFD) refere nos seus estatutos<sup>7</sup> que o SSI é o sistema de comunicação oficial em todos os seus eventos. Além disso, existem fóruns de discussão e sinalizadores do SSI em muitos países e há organizações especializadas que utilizam este idioma como língua de trabalho. Muitos sinalizadores do SSI vão a convenções para se encontrarem com velhos amigos ou para fazer novas amizades.

3 Em quase todas as línguas de sinais as partículas interrogativas costumam aparecer sempre no final da frase e é frequente a formulação de perguntas para as quais a resposta será afirmativa ou negativa, sendo muitas vezes usados os sinais “sim” e “não”.

4 Para expressar a negação no SSI, e de acordo com Webb e Supalla (1994), se usam tanto os componentes manuais como os não-manuais. O componente não manual evidente é um movimento de cabeça simultâneo com a expressão de uma oração negativa. Dentro dos componentes manuais, existem vários tipos: os quantificadores negativos “não”, “nada” ou “nenhum”, que se seguem ao nome que quantificam e os marcadores negativos “não” (*not*) e “não poder” (*can not*), que podem aparecer em várias posições, etc.

5 Para se referir a ações como a direção do movimento (no verbo “olhar para alguém”) assim como à velocidade (na expressão “dar uma olhada”), ou o fato de se tratar de um movimento repetido (“olhar repetidamente”), podem fazer variar o significado do verbo, mas são de grande iconicidade e de fácil descodificação para os usuários de línguas de sinais “naturais”.

6 *World Federation of the Deaf* (WFD) [<http://wfdeaf.org/>], *European Union of the Deaf* (EUD) [<http://www.eud.eu/>], *International Committee of Sports for the Deaf* (ICSD) [<http://www.deaflympics.com/>], *The European Disability Forum* (EUF) [<http://www.edf-feph.org/>], *World Association of Sign Language Interpreters* (WASLI) [<http://wasli.org/>].

7 *International Sign shall be used at all WFD meetings* [<http://wfdeaf.org/about/statutes>].

À luz da caracterização do SSI, que segue as propostas de Blanke (1985), podemos chegar a afirmar que é uma língua criada para comunicar que tem origem em outras línguas de sinais. Não é a língua materna de nenhuma comunidade, mas um sistema de comunicação de criação auxiliar e convencional formado por sinais consensuais, provenientes de diferentes línguas gestuais e é resultado de um acordo entre os representantes das pessoas surdas com o objetivo de superar as barreiras comunicativas.

*b) A variabilidade e a adaptação do SSI*

Alguns intelectuais surdos, como Pierre Desloges (1747-1799), consideram que a língua de sinais pode ser a língua universal que os intelectuais europeus procuravam. Em 1834 é fixado o nascimento do Sistema de Sinais Internacional associado aos banquetes anuais que celebram o nascimento do Abad L'Épée organizados pelo professor, ativista e intelectual surdo francês Jean-Ferdinand Berthier, que defendia que “os Surdos de todo o mundo deveriam tomar consciência da sua condição de comunidade universal e da sua capacidade de comunicação, apesar das diferenças de línguas, leis e culturas” (Oviedo, *www. Cultura Sorda*). Nessas reuniões, a ideia inicial era impor a língua de sinais francesa como língua universal da comunidade surda, mas não teve êxito. Apesar de não terem servido para consolidar uma língua universal, foram essenciais para o desenvolvimento de diferentes línguas nacionais de sinais ao promoverem o estabelecimento de comunidades de surdos em torno das organizações de surdos.

Em 1951, numa reunião da Federação Mundial de Surdos, triunfou a ideia de unificar as línguas de sinais (*www.handspeak.com*) para assegurar a viabilidade, sobretudo econômica, das suas reuniões. Com este objetivo foi nomeada, em meados dos anos setenta, uma *Comissão de normalização de sinais internacionais* que criaria e unificaria uma língua de sinais internacional.

O termo *Gestuno*, de origem italiana, significa *união das línguas de sinais*. O primeiro documento elaborado e publicado pela comissão de normalização de sinais internacionais<sup>8</sup> com o objetivo de proporcionar aos usuários surdos de diferentes línguas gestuais um conjunto suficiente de sinais para facilitar a comunicação entre eles foi o dicionário *Gestuno* (1975). É composto por mil e quinhentos sinais, alguns provenientes de diferentes línguas de sinais (na sua maior parte das línguas de sinais francesa e americana por influência da primeira) e outros criados artificialmente. Os escolhidos das línguas naturais cumpriam o requisito de serem os mais representativos e compreensíveis. Os sinais deste dicionário estão organizados por conteúdos representados por símbolos, juntamente com seu nome em inglês e em francês. Inclui também outros símbolos representados junto aos dese-

8 A Comissão de Comunicação da WFD apresentou-o no VII Congresso da WFD em Washington. Este Congresso se erigiu como o da *comunicação total* porque nele se firmaram aspectos relacionados com a cultura e a identidade dos surdos e com a luta pelos direitos desta coletividade (Moreno e outros, 2005).

nhos dos sinais para clarificar seu significado. O *Gestuno* não inclui uma gramática concreta, mas os sinais que funcionam como nexos aparecem representados por um símbolo (*conf.* Moreno e outros, 2005).

Embora o uso do *Gestuno* como sistema padrão de sinais internacionais não tenha se estabelecido nos diferentes atos celebrados pela WFD, continuaram a ser usados os sinais convencionados, sinais estes que evoluíram até a sua atual denominação como Sistema de Sinais Internacional (SSI).

Lo que sucede, de hecho, es que el SSI se reinventa cada vez que se utiliza en función de aspectos como la naturaleza del acto comunicativo, el contexto del mismo o la procedencia cultural de los signantes que participan. De manera que no existe un solo SSI o Internacional (como lo llamaremos aquí) sino muchos distintos [...]. El éxito lo determina más bien, como veremos, la capacidad de adoptar el estilo comunicativo a las necesidades y circunstancias específicas del interlocutor. (Chapa, 2001: 296)<sup>9</sup>.

Embora o léxico do SSI seja muito flexível e dependa diretamente do contexto de interpretação, o fato dos sinais serem trocados por outros aparentemente mais gráficos e de serem incorporados continuamente novos sinais, não deve ser um empecilho à sua padronização e, portanto, não deve prejudicar suas possibilidades de adquirir o status de língua de especialidade.

Hoje em dia, o SSI é usado e aceito, é uma língua franca utilizada por pessoas sinalizadoras que não compartilham a mesma língua de sinais e que precisam de se comunicar sem a intermediação de um intérprete, mas que se adapta à variação no interesse de uma melhor comunicação entre indivíduos de diferentes línguas viso-gestuais. Através do contato natural entre surdos e intérpretes de diferentes países, antepondo as estruturas naturais das línguas de sinais à padronização dirigida, foi sendo desenvolvida uma língua que alguns chamam de “língua de sinais crioula” (American Sign University Language) ou “International Signing” e que foi evoluindo com o uso; é aquela que, hoje em dia, nos referimos com o nome de “língua de sinais internacional”.

Embora os sinalizadores não sintam o SSI como uma língua artificial como acontecia com o *Gestuno*, nem como uma língua natural estrangeira como a Língua de Sinais Francesa ou a Língua de Sinais Americana, alguns pesquisadores insistem em afirmar que o Sistema de Sinais Internacional não é uma língua, mas um sistema artificial que permite que pessoas com diferentes línguas de sinais possam se comunicar e, *portanto, não devemos entendê-lo como uma “língua de sinais internacional”, mas antes como um sistema, pois “não preenche as características de uma língua natural”*. (Chapa, 2001: 296).

9 O que acontece, de fato, é que o SSI se reinventa cada vez que é utilizado, em função de aspectos como a natureza do ato comunicativo, o contexto do mesmo ou a origem cultural dos sinalizadores que nele participam. De maneira que não existe um só SSI ou Internacional (como lhe chamaremos aqui), mas, antes, muitos diferentes [...]. O que determina o êxito é, antes, sua capacidade de adotar o estilo comunicativo às necessidades e circunstâncias específicas do interlocutor. (Chapa, 2001: 296).

## 2 Os conceitos de tradução e interpretação e linguagem científica

### 2.1 Tradução e interpretação de línguas orais versus línguas gestuais

Geralmente, na língua espanhola denominamos como *interpretação* à atividade mediadora, tanto de tradução como de interpretação, desenvolvida para assegurar a comunicação oral e gestual entre pessoas surdas usuárias de línguas viso-gestuais.

São muitos os autores que, como Harris (1981), Nord (1991), Padilla e Martín (1992) ou Muñoz (1995), assinalam importantes diferenças entre a atividade de tradução e a de interpretação; no entanto, Alonso Bacigalupe (2009: 184-185) afirma que “traduzir e interpretar são, apesar de diferenças importantes [...], basicamente uma mesma atividade com duas variantes (escrita e oral)” e questiona a idoneidade dos dois termos para uma mesma atividade profissional e, inclusivamente questiona, “por que (lhe chamar de) interpretação e não tradução oral ou por que tradução e não interpretação escrita?”.

Nas línguas orais, a diferença entre os atos comunicativos da interpretação e da tradução radica nas especificidades da interpretação como a oralidade, o contexto comunicativo imediato e a velocidade do trabalho, sejam de forma simultânea ou consecutiva, perante o carácter intertextual, intercultural e intersubjetivo e criativo provocado pelo emissor e cujos receptores pertencem a um ambiente sociocultural com características específicas da tradução (Sánchez Trigo, 2002).

No entanto, esta definição de conceitos parte da intermediação entre línguas orais e não pode ser aplicada às línguas gestuais ou de sinais cujo canal é viso-gestual Como apresentamos em Báez (2012) a falta de conceitualização teórica do processo de *interpretação* em línguas de sinais ou línguas gestuais nos leva a apontar a relevância destas pesquisas e a começar um estudo sobre as particularidades do processo de tradução versus interpretação de textos científicos, na mediação entre línguas de modalidades diferentes.

As mediações que temos realizado nos textos científicos das línguas orais (galego, espanhol e inglês) na sua versão oral e escrita tiveram como objetivos, em primeiro lugar, evitar a futilidade (as traduções são registadas em DVD ou numa web) e melhorar as expectativas de qualidade das interpretações simultâneas, que não se podem rever nem reorientar, sem renunciar ao conceito tradutológico de equivalência substituído pelo de fidelidade ou inclusive coerência textual das que falam Pöchhacker e Shlesinger, (2002: 4). Além disso, temos pretendido ampliar o número de receptores fazendo com que os textos permaneçam pelo meio de registo em DVD e na rede. (Báez & Fernández, 2010).

Obviamente, as conclusões referentes à conceitualização da mediação linguística entre línguas de modalidade diferente (línguas orais/ línguas de sinais),

extrapolam não apenas a mediação línguas orais/SSI, mas também línguas de sinais/SSI e não se correspondem exatamente às atividades de mediação em que nas línguas orais denominamos com os termos tradicionais de *tradução* e *interpretação*.

No nosso modo de ver, as diferenças entre as duas atividades ou matérias se baseiam, fundamentalmente, na *transferência da atividade* de maneira imediata (interpretação) ou mediata (tradução) e na *transferência da informação da língua* em sua versão oral ou escrita, sem ter em conta a intermediação entre línguas visuo-gestuais, nas quais não é possível a transferência para a língua oral e, por isso, não poderiam ser nunca interpretadas em sentido estrito (Gile, 1995).

## 2.2 O SSI, uma linguagem de especialidade científica e acadêmica

Com a expressão *linguagem de especialidade* nos referimos às

[...] las lenguas de las comunidades epistemológicas de los médicos, los economistas, los juristas, los científicos, los expertos en turismo, etc. en su comunicación diaria, en sus congresos, en sus libros de texto y en sus revistas especializadas. Por esta razón, se dice que son lenguas profesionales, pero también son académicas porque antes de haber sido utilizadas en cada ambiente profesional, fueron enseñadas y aprendidas en la Universidad. (Alcaraz, 2007: 7)<sup>10</sup>

É a partir dos anos noventa que se começa a usar o nome genérico Espanhol para Fins Específicos (EFE) para denominar “os processos de ensino/aprendizagem que visam à aquisição de linguagem própria para a comunicação especializada, especialmente nos campos: socioeconômico, gestão de saúde, gestão cultural, direito, relações internacionais e tecnologias” (Gómez de Enterría, 2007: 152).

As duas especialidades às quais deu origem, o Espanhol para Fins Profissionais (EFP) e Espanhol para Fins Acadêmicos (EFA), foram substituídas pela designação de línguas profissionais e línguas acadêmicas<sup>11</sup>.

Moreno Cabrera (2014) no único *Tratado de Lingüística General* que aborda as línguas de sinais e as línguas orais como línguas naturais, afirma que as línguas naturais podem ser elaboradas artificialmente para constituir variedades: “A maioria ou mesmo todas as comunidades humanas elaboram suas línguas naturais faladas ou sinalizadas para diferentes finais (rituais, religiosos, mágicos, estéticos.)”.

10 [...] as línguas das comunidades epistemológicas dos médicos, economistas, juristas, cientistas, especialistas em turismo, etc., em sua comunicação diária, em seus congressos, em seus livros de texto e em suas revistas especializadas. É esta a razão pela qual são chamadas de linguagens profissionais, mas são também acadêmicas, pois antes de terem sido usadas em ambiente profissional, foram ensinadas e aprendidas na Faculdade. (Alcaraz, 2007: 7)

11 Entre as acadêmicas, incluímos os textos científicos e aqueles relacionados com a gíria estudantil e universitária.

O resultado do desenvolvimento das línguas naturais é um tipo de língua artificial que não tem, em maior ou menor grau, as duas características fundamentais que definem as línguas naturais, que são o seu caráter variável e sua capacidade de serem aprendidas naturalmente e que se chama *língua cultivada*. Moreno Cabrera inclui, entre outras variedades, o espanhol padrão e a linguagem literária. Em nossa opinião, na denominação de línguas cultivadas, a meio caminho entre as chamadas línguas naturais e as línguas artificiais, poderíamos incluir todas as linguagens de especialidade.

Embora a ideia subjacente ao conceito de língua cultivada, proposto por Moreno Cabrera, difira significativamente do termo mais tradicional, linguagens específicas, acreditamos que no grupo de línguas cultivadas, ou melhor, variedades cultivadas, podemos incluir as tradicionais linguagem jurídica, administrativa, literária, etc. Consideramos que a linguagem da Ciência em suas duas variedades, científica e acadêmica, são tipos de línguas cultivadas das quais fala Moreno Cabrera e, na escala de artificialidade reconhecida por Stria (2013), ocupam as posições mais próximas da língua natural.

Estas elaboraciones, que a veces complican y a veces simplifican las lenguas naturales en las que se basan, dan lugar a unas lenguas o, si se quiere, a unas competencias lingüísticas que no son naturales (se obtienen mediante acciones educativas) y que, por tanto, no son manifestaciones netas de la facultad del lenguaje humano biológicamente determinada. (Moreno Cabrera, 2014, Prólogo Dantesco)<sup>12</sup>

Em nosso entender, um exemplo dessa variação nas línguas naturais gestuais é o Sistema Internacional de Sinais, uma variedade de “língua auxiliar” criada para operar como uma língua de comunicação entre falantes de línguas gestuais em encontros internacionais. Hoje em dia, o SSI concorre com o uso da ASL, bem como com a língua oral inglesa ou francesa em certos tipos de conferências científicas.

### 3 Nossa experiência em tradução de textos científicos e acadêmicos para LSE

Com o objetivo de divulgar a ciência na língua de sinais espanhola, iniciamos na Universidade de Vigo, em nosso grupo de pesquisa (GRILES), a produção de textos em sinais de âmbito científico. O percurso de adaptação de textos científicos à LSE teve início no ano de 2008 (cfr. Báez 2012).

<sup>12</sup> Estas elaboraciones, que às vezes complicam e às vezes simplificam as línguas naturais nas quais se baseiam, dão lugar a algumas línguas ou, se quiserem, a algumas competências linguísticas que não são naturais (são obtidas através de atividades educativas) e que, por isso, não são manifestações claras do poder da linguagem humana biologicamente determinada. (Moreno Cabrera, 2014, Prologo Dantesco)

Os primeiros textos traduzidos para LSE vieram da linguística da língua geral, mais concretamente das três sessões plenárias do *III Congreso Internacional de Lingüística Hispánica: Jovens Pesquisadores* realizado em Vigo em 2008. *La incorporación de los gestos y la iconicidad: un breve repaso a la historia de la lingüística de las lenguas visuales de los sordos* (A incorporacão dos gestos e a iconicidade: uma breve revisão da história da linguística das línguas visuais dos surdos), de Alejandro Oviedo; *El origen del lenguaje: entre la genética y la física* (A origem da linguagem: entre a genética e a física), de Ángel López; e *Gramática, proposiciones e índices: cómo se hacen pensamientos completos con las palabras* (Gramática, proposições e índices: como se criam pensamentos completos com as palavras), de Enrique del Teso. Além das conferências, apresentamos também a tradução para LSE dos resumos das comunicações dos jovens pesquisadores e as palavras-chave, o que supôs um grande passo na criação da terminologia linguística na língua de sinais espanhola (disponível em [<http://tv.uvigo.es/gl/serial/521.html>]).

Continuamos com a tradução de congressos e conferências como *Verbum Summer School* (2010), as conferências de sociolinguística das línguas de sinais, a surdocegueira, a interculturalidade, os aspectos neolinguísticos, etc. disponível em diferentes séries em <http://tv.uvigo.es>]

Realizamos a passagem da linguagem científica para a acadêmica com a tradução para LSE da automatrícula da Universidade de Vigo em seu site facilitando, assim, sua acessibilidade para as pessoas surdas (*cf* [<http://tv.uvigo.es/es/video/mm/4397.html>]). Nesta mesma linha, podemos incluir eventos acadêmicos<sup>13</sup> como a comemoração do patrono da Universidade com a saudação do reitor e a conferência magistral do Dr. Juan Carlos Moreno Cabrera intitulada *Algunos prejuicios lingüísticos* (*Alguns preconceitos lingüísticos*) (disponível em [<http://tv.uvigo.es/video/58361.html>]), os signoguias de acesso à universidade em língua de sinais (bacharelado, FP, maiores de 25 e 45 anos)<sup>14</sup> (disponíveis em [<http://tv.uvigo.es/es/serial/1644.html>]) ou o acesso à plataforma de tele-ensino *Faitic*<sup>15</sup>.

Além de incluir a LSE nos discursos acadêmicos como nas boas-vindas do reitor, em festas acadêmicas e conferências magistrais, o grupo tem participado em muitas outras conferências interpretadas ou traduzidas, embora nem todas as interpretações que realizamos estejam disponíveis na web. Os eventos acadêmicos quotidianos, embora gravados e sinalizados (ao vivo ou gravados), apenas estão acessíveis, em sua maioria, para professores e alunos, tanto surdos como ouvintes,

13 Projeto de investigação do MEC FFI2010-20972 (subprograma FILO) de Inmaculada Báez, investigadora principal, intitulado *Hacia un corpus textual digital de lengua de signos española: accesibilidad, gramática y enseñanza de LSE/L2* (*Corpus textual digital da língua de sinais espanhola: acessibilidade, gramática e ensino de LSE/L22* (2010-2014).

14 Título do projeto. O acesso à educação universitária galega em língua de sinais (LS): análise, planeamento e elaboração das provas para avaliação das competências. Código IN825B2010/20-0 (2202), Xunta de Galicia, 2010-2013, investigadora principal Dra. Inmaculada C. Báez Montero.

15 Título do projeto. *FaiTIC para todos: o acesso à plataforma de tele-ensino para os surdos e hipocúscos*. Universidad de Vigo Duração desde 2011 até: 2014, pesquisador principal Dra. Ana M<sup>a</sup> Fernández Soneira.

que se beneficiam das numerosas vantagens do registro visual para fins didáticos do ensino de diferentes matérias.

Atualmente, foi dado o passo inicial para a tradução para LSE de textos científicos informativos do *Campus de Excelência Internacional – Campus do Mar*<sup>16</sup> dentro do projeto SÓNAR-LSE<sup>17</sup>. Esta iniciativa se destina a integrar os grupos de ensino e pesquisa e profissionais de tecnologia relacionados com o mundo científico-marinho; seus principais objetivos são: formar melhores profissionais e pesquisadores no campo da ciência marinha, produzir pesquisa de qualidade e impacto internacional e fornecer setor as ferramentas para melhorar sua competitividade no mundo globalizado, superando as dificuldades apresentadas pela tradução da terminologia marinha (conf. [<http://campusdomar.es/sobre-campus-do-mar/?lang=es>]).

Os nossos textos são traduções porque:

a) são dirigidos ao mesmo tipo de receptores, porque, ainda que os textos não se tenham produzido de forma imediata, a gravação audiovisual recolhe o feedback do público.

b) A função comunicativa dos textos traduzidos para a língua de sinais espanhola é idêntica à dos textos originais, no caso das conferências plenárias, mas não o é no caso da tradução dos textos escritos, nos quais a produção é mais distante da original. Nestes procura-se uma maior aproximação ao receptor surdo (língua escrita oral > língua de sinais não escrita) através das palavras-chave, reelaboração de textos, edição bilíngue, etc.

c) A compreensão dos textos originais (orais) por parte do intérprete não é imediata senão a projeção de diferentes hipóteses de interpretação, reformulações de tradução, etc. Quer dizer, os recursos comunicativos utilizados aproximam-nos a uma atividade de comunicação mais estática e elaborada (elipse, metáforas, etc.) e, portanto, mais próxima à tradução que à interpretação.

d) Nem as conferências nem os textos escritos traduzidos para LSE não são resultado de uma atividade comunicativa imediata, exigiram um rigoroso trabalho de documentação e consulta que o aproxima mais às técnicas de tradução que à interpretação em sentido coloquial. Também não tivemos que salvar as restrições temporais que constituem o fator diferenciador da interpretação frente à tradução.

Interpretar textos científicos e académicos em língua de sinais é um trabalho de conjunto que não reside somente na edição, gravação, interpretação, senão que, para além de investigar, fazer normalização sociolinguística, normalização

16 O *Campus do Mar* é um projeto da Universidade de Vigo que conta com a colaboração das universidades de A Coruña e Santiago de Compostela e com o apoio do Instituto Espanhol de Oceanografia, CSIC, e outras entidades e cinco universidades do Norte de Portugal.

17 O Projeto Sonar-LSE, promovido pelo Campus de Excelência Internacional - Campus do Mar e financiado pelo Ministério da Educação, Cultura e Esporte e pela Fundação Vodafone no âmbito do Subprograma de Fortalecimento CEI 2011, tem como objetivo facilitar o acesso das pessoas surdas e hipoacústicas aos conteúdos educativos e informativos em formatos audiovisuais. A equipe do Campus del Mar Digital: coordenação da comunicação, José Jato Darriba; coordenação técnica audiovisual, Luis Pena; gravação e pós-produção, por Enrique Leirachá.

educativa, normatizar, alfabetizar, ensinar, também permite dignificar línguas, dignificar comunidades linguísticas e, portanto, dignificar indivíduos.

## 4 Interpretação para o SSI

### 4.1 O tradutor-intérprete de conferências para o SSI

A interpretação do SSI surge ao mesmo tempo em que os eventos da *World Federation of the Deaf* (WFD) começam a ter maior divulgação entre a comunidade surda internacional. A WFD, a fim de facilitar a comunicação entre os participantes, disponibilizou intérpretes conhecedores do SSI às representações dos diferentes países.

De acordo com Bill Moody (1994), foi no início dos anos oitenta que os linguistas começaram a considerar este sistema como um objeto de estudo e, em Bristol, em 1985, um grupo de linguistas organizou os primeiros Seminários para Pesquisadores Surdos, nos quais o meio de comunicação utilizado foi o SSI. Outro passo é a publicação do artigo de Bencie Woll, “Perspectivas Internacionales de la Comunicación en Lengua de Signos” (Perspectivas Internacionais da Comunicação na Língua de Sinais) (1990), na *Revista Internacional sobre la lingüística de los Signos*.

Segundo Ana Moreno e outros (2005: 65), William Moody foi um desses intérpretes e conta sua experiência na palestra *International Sign: language, pidgin or charade?* (1994), apresentada na Universidade de Durham. Salienta como ele e seus colegas tiveram que complementar seus conhecimentos de SSI com diferentes recursos de interpretação para que a audiência os compreendesse. A audiência era proveniente da Europa e da América do Sul e, embora com algumas dificuldades, foi capaz de compreender as interpretações. Explica também que a possibilidade de interagir com a audiência facilitou muito seu trabalho, pois podia discernir se os destinatários estavam entendendo-o ou não. A partir dessas primeiras experiências nos congressos na Finlândia (1987) e no Japão (1991), foram formadas equipes de intérpretes às quais se solicitou o uso de todos os recursos necessários, além dos termos de *Gestuno*, para que os participantes pudessem ter acesso à informação.

Dispor de intérpretes de SSI acendeu o debate em toda a comunidade surda internacional. Desde então, nas reuniões da WFD, o SSI é uma das línguas oficiais e é garantida a presença de intérpretes para SSI para as delegações participantes que não disponham de intérpretes da sua própria de língua.

Embora o processo de formação destes primeiros profissionais tenha acontecido de forma espontânea à medida que os intérpretes trabalhavam em diferentes eventos internacionais, é necessário um ensino formal para se conseguir profissionais de qualidade. Na Espanha, o ensino e aprendizagem do SSI estão incluídas

no ciclo de formação de grau superior correspondente ao título de Técnico Superior en Interpretación de la Lengua de Signos (Técnico Superior em Interpretação da Língua de Sinais) (Real Decreto 1266/1997 de 24 de julho).

Na Espanha, além de existirem poucos estudos sobre a interpretação para SSI, a formação de intérpretes para SSI é escassa, está reduzida a uma matéria em um curso de ensino técnico lecionado por professores geralmente pouco qualificados. Os intérpretes de SSI do estado espanhol mais reconhecidos são autodidatas falantes nativos da língua de sinais ou C.O.D.A. (*Child Of Deaf Adult*). Tampouco existe uma associação de intérpretes de SSI, o que aumenta ainda mais a dificuldade na interpretação.

O intérprete, consciente de que o sucesso de uma boa interpretação é marcado pela realização de uma comunicação total e pela transmissão completa da mensagem, procura rentabilizar todos os recursos das línguas de sinais que estão à sua disposição para facilitar a intercompreensão. Uma das recomendações que Moreno e outros (2005) fazem para a interpretação para SSI é reduzir a mensagem à sua ideia principal, isto é, o intérprete da língua de sinais recebe uma grande quantidade de informação que adapta ao SSI, resumindo as ideias principais da mensagem e ignorando a informação que não afeta a mensagem. Em nosso caso, tentamos ir mais além da tradução especializada para a língua de sinais, para esta seja o mais fiel possível e, assim, testar o SSI como uma ferramenta eficaz para a divulgação científica.

Além disso, a criatividade do falante ou interprete para SSI, o domínio da sua própria língua de sinais nacional, seus conhecimentos sobre o tema da comunicação, seu domínio de classificadores e do espaço, e sua capacidade de imaginação para recorrer a explicações quando não exista um sinal serão fulcrais para que os destinatários da mensagem a compreendam de forma rápida e clara.

Também o contexto em que a comunicação ocorre influenciará significativamente o léxico. Geralmente, existe um acordo prévio entre os participantes e, em alguns casos, pode se recorrer à língua de sinais do país onde o encontro acontece. Os melhores intérpretes de SSI não são os que usam escrupulosamente os sinais internacionais padronizados, mas aqueles que usam sua criatividade e flexibilidade para transmitir o sentido do que se deseja expressar.

Como princípios básicos que ajudam a melhorar a qualidade da interpretação para SSI<sup>18</sup> poderíamos considerar a) a preferência pelos sinais mais icônicos da língua de sinais nacional, até mesmo tornando-os redundantes até que sejam claros para emissor e receptor, b) o conhecimento de mais do que uma língua de sinais, c) a adaptação do nível de intercompreensão, e d) o uso do contexto como apoio à comunicação, visualizando e localizando no ambiente os referentes da interpretação. A estas produtivas estratégias em SSI podemos acrescentar os conhecidos princípios gerais de interpretação em línguas de sinais naturais:

18 Extraídos de Locker MacKee e Napier (2002) e Barrecheguren (2005).

1. É recomendável sinalizar de forma clara e com amplitude<sup>19</sup> em todas as interpretações.
2. Rentabilizar os sinais que foram decodificados do interlocutor e, inclusive, usar sinais combinados previamente, facilita a comunicação.
3. Utilizar sinais do ambiente no qual esteja ocorrendo a interpretação permite conseguir uma maior intensidade comunicativa.
4. Citar experiências comuns vividas com os destinatários da interpretação.
5. Personalizar a interpretação assumindo personagens para expressar sentimentos ou reações.
6. Reforçar e dar uma ênfase especial aos sinais suscetíveis de dúvida ajuda a dissipar possíveis confusões.
7. Usar a vocalização como apoio para uma melhor compreensão da mensagem<sup>20</sup> costuma dar bons resultados. Geralmente, a vocalização nas línguas nacionais acompanha os nomes próprios.
8. Limitar-se à informação essencial da mensagem, eliminado em caso de necessidade aquela que possa ser supérflua.
9. Recorrer à paráfrase (explicar os sinais com outras palavras quando não existam nessa língua ou não são conhecidos).
10. Ser o mais flexível possível.
11. Reforçar um sinal realizando-o de maneira bimanual<sup>21</sup>.
12. Reduzir a densidade léxica a favor de uma maior utilização de recursos gramaticais e gestuais.
13. Eliminar o excessivamente redundante e dar ênfase ao que se considere ser conveniente ou necessário.
14. Ter capacidade de improvisação e imaginação.
15. Aumentar a duração do tempo de “lacuna”, isto é, o tempo que decorre desde que o orador começa a falar até que o intérprete o faz. Isto permite ao intérprete pensar melhor a respeito de como vai transmitir o conteúdo do que lhe estão dizendo.

---

19 Locker MacKee e Napier (2002: 33): “Interpreters used an expanded signing space and size, marked by elbow and arm extension [...] Platform interpreting inherently demands more expansive signing, but when viewed alongside national sign interpreters, the signing size and space of the international interpreters appeared slightly larger, even for this context [...] Presumably an amplified message is an adaptation to enhance clarity and comprehensibility”

20 Por razões óbvias, esta técnica não é usada com tanta frequência como na interpretação das línguas de sinais nacionais e, quando se recorre a ela, normalmente isso é feito em inglês (a língua oral mais utilizada neste tipo de encontros e conferências internacionais), por se presumir que será a mais reconhecida pela audiência.

21 Rachel Locker MacKee e Jemima Napier (2002: 34): “Interpreters were also observed to amplify the message by producing double-handed signs where a one-handed sign could optionally (or creatively) be produced”.

## 4.2 Criação de novos termos científicos

Para os surdos, cuja língua natural é de natureza viso-gestual, as línguas orais em forma escrita, como o espanhol ou o galego, são segundas ou terceiras línguas com dificuldades especiais de aprendizagem e, portanto, ao contrário do que se poderia pensar, a compreensão e a expressão em língua escrita pelas pessoas surdas são limitadas.

Atualmente, é fundamental proporcionar aos surdos do século XXI conteúdos científicos e culturais de qualidade em sua própria língua. O Campus do Mar, com o apoio de organismos financiadores, criou o SÓNAR, um portal que tem como objetivo aproximar a ciência à comunidade de surdos espanhola e de todo o mundo, além de se tornar um líder na adaptação de conteúdos educativos e informativos de caráter científico-marinho<sup>22</sup>.

Para superar as diferenças entre diferentes línguas de sinais, muitos pesquisadores em linguística de línguas de sinais propõem a utilização da língua de sinais americana como língua franca, mas a comunidade de surdos tem evidenciado sua preferência pelo uso de SSI em seus eventos internacionais. Nosso grupo de pesquisa optou por utilizar a LSE e o SSI no processo de tradução.

A LSE foi, até há dois anos, a língua-alvo das traduções do nosso grupo de pesquisa; no entanto, graças à participação no projeto Campus do Mar começamos a trabalhar com o SSI. Para isso, contamos com a colaboração de investigadores surdos e ouvintes oriundos da Europa e da América e juntos trabalhamos na tradução de textos científicos do Campus do Mar e elaboramos dicionários especializados de LSE e SSI com a finalidade de permitir o acesso à ciência tanto a surdos como a ouvintes de todo o mundo. Desenvolver estas linguagens específicas abre o caminho à integração dos surdos nas universidades.

Queremos também contribuir com ideias para que o profissional da interpretação e tradução para LSE e SSI possa desenvolver competências adequadas que lhe permitam, além de se aproximar do conhecimento da linguagem científica e acadêmica, adquirir capacidades que lhe darão respostas satisfatórias aos problemas enfrentados na tradução-interpretação de textos científicos.

## 4.3 Protocolo de tradução de textos científicos para SSI

O SSI tem demonstrado sua capacidade como ferramenta de comunicação nos eventos internacionais da comunidade de surdos. Nosso objetivo é transferir esta eficácia para a tradução de línguas de especialidade do âmbito científico-marinho, um desafio difícil pela inexistência de textos específicos deste âmbito em SSI.

22 No projeto de linguagens específicas em LSE e SSI participam os linguistas (Inmaculada C. Báez e Ana Fernández), validadores e sinalizadores de LSE e SSI (María Bao, Rayco González, Ruth Lamas, Manuel Lema, Mónica Martínez, Alba Puentes, José López e Marianne Stumpf), assessores e tradutores de línguas orais (Marta Peláez e Herminda Otero).

Os conteúdos com os quais trabalhamos são, originalmente, vídeos de divulgação, conferências, etc. do âmbito científico-marinho.

Nosso atual processo de tradução de textos científicos para línguas de sinais (LSE e SSI) se baseia nas recomendações feitas por Báez (2012) e tem como objetivo alcançar uma boa produção de traduções em termos de qualidade e quantidade, assim como sua padronização, para criar um protocolo de tradução de textos científicos para línguas de sinais. O processo de tradução seguido pelo nosso grupo de pesquisa, no qual estão envolvidos pesquisadores/as de língua de sinais, intérpretes e tradutores de língua de sinais, assessores/as linguísticos de línguas orais e de sinais, técnicos/as de áudio, vídeo e de programação, abrange os seguintes passos: a) recebimento do texto, b) análise e tradução, c) comentário da tradução, d) contagem de tempo do texto audiovisual, e) estúdio de gravação, f) validação do texto em SSI, g) revisão e edição.

#### a) *Recebimento do texto*

O tradutor deve estudar o texto em profundidade para poder interpretá-lo com rigor e precisão. Conhecer as fontes de documentação especializada disponíveis relacionadas com o campo científico em que se enquadra o texto é imprescindível para realizar seu trabalho da maneira mais adequada.

#### b) *Análise e tradução*

A segunda fase está centrada não só em localizar a terminologia específica para encontrar seus equivalentes em SSI e as palavras ou expressões que possam apresentar dificuldades na tradução, mas também no compartilhamento das suas dificuldades com os outros intérpretes.

Nossas fontes principais são o *A Handbook on International Sign / Manual de Signos Internacionales* (CNSE, 2007), *Interpretación del Sistema de Signos Internacional* (CNSE, 2005) e, online, [www.sematos.eu](http://www.sematos.eu). Encontramos também páginas online que apresentam conteúdos em SSI que oferecem, além de documentação terminológica, informação do tipo fraseológico, estilístico e pragmático do SSI: por exemplo, [www.wfd.org](http://www.wfd.org) (site da *World Federation of the Deaf*) e [www.cnlse.es](http://www.cnlse.es) (site do Centro de Normalización Lingüística de la Lengua de Signos Española). Igualmente, os textos em língua de sinais em SSI em sites como, por exemplo, [www.spreadthesign.com/es](http://www.spreadthesign.com/es)<sup>23</sup> ou [www.youtube.com](http://www.youtube.com)<sup>24</sup> podem fornecer informação que determinará a qualidade da tradução.

A incipiente tradução científica para LSE e SSI, juntamente com a falta de fontes de informação adequadas exigem, em muitos casos, a criação de novos termos acordados pelos participantes da tradução. Para a criação de termos científi-

23 Reúne em seu site uma terminologia em diferentes línguas de sinais mundiais que podem ajudar o tradutor a selecionar um empréstimo lexical, caso não encontre o equivalente em SSI de um termo científico, onde o selecionado seja o mais compreensível entre os usuários de diferentes línguas de sinais.

24 Fornece material em sinais da *American Sign Language* e legendas, tanto em Inglês como em espanhol, como suporte para a detecção de empréstimos de termos científicos.

cos em SSI, o tradutor deve aplicar as técnicas de tradução e interpretação, algumas das quais são semelhantes às utilizadas nas línguas orais como, por exemplo, adaptação ou tradução livre<sup>25</sup> ou as perífrases e as paráfrases (Báez e Fernández, 2010). Outras estratégias são específicas das línguas de sinais: por exemplo, os classificadores, um dos recursos mais utilizados caso não se encontre o sinal científico (aqui a colaboração de assessores surdos será muito importante pela sua contribuição como nativos para criar os classificadores que melhor clarifiquem o termo e o tornem mais representativo); o datilológico, que em nossas traduções é muito limitado e que tentamos suprir com outros recursos oferecidos pelas novas tecnologias. Procuramos fazer com que os termos científicos não sejam soletrados, mas que sejam sinalizados diretamente com o sinal selecionado e, ao mesmo tempo, apareça na tela um *banner* com o nome científico em questão; desta forma a tradução não se atrasará pelo uso da datilologia e o receptor receberá a informação completa.

Também encontramos palavras e expressões (não específicas do âmbito) que podem ser complicadas, mas seguindo WDF (2007)<sup>26</sup>, e Moreno e outros (2005), nesses casos, o intérprete de SSI deve fazer com que o discurso seja *representativo*, aproveitando suas capacidades em uma língua de signos natural. Nossas traduções para SSI como língua-alvo provem da LSE; assim, partimos de estruturas linguísticas próprias das línguas viso-gestuais, porque trabalhar com línguas que compartilham o mesmo canal de comunicação facilita o trabalho de tradução. Da mesma forma, o domínio, por parte do intérprete, do uso do espaço linguístico e dos classificadores favorecerá a criação de um discurso claro e acessível para o usuário.

### c) Comentário da tradução

Esse passo do processo depende do profissional e da sua capacidade de se lembrar da tradução preparada no momento da gravação no estúdio da peça audiovisual. Graças às novas tecnologias os tradutores têm a possibilidade de usar um *teleprompter* que projete a tradução comentada e realizar a chamada *tradução à vista*, de forma que lhes sirva de guia, evitando a improvisação caso não se lembrem de como tinham traduzido alguma parte da peça. Em qualquer caso, é recomendável o comentário da tradução para que, no futuro, possam ser incorporadas as legendas à gravação.

### d) Minutagem do texto audiovisual

No início, a minutagem da peça audiovisual era realizada pelos técnicos audiovisuais seguindo critérios de intervalos de tempo no meio das pausas do dis-

25 Através da qual o tradutor transpõe a realidade cultural ou social do texto-fonte para o equivalente no texto traduzido, que é mais acessível e comum para os usuários da língua-alvo.

26 A Handbook on International Sign / Manual de Signos Internacionales (*Manual de Signos Internacionales*) (WFD, 2007).

curso do orador ou da voz em *off*. Esta minutagem era transferida aos tradutores que se deparavam com ideias cortadas, o que resultava num discurso, por vezes, desconexo. Oferecemo-nos para que fosse o próprio tradutor a fazer os cortes, o que resolveu o problema. Os cortes têm no mínimo dez minutos e no máximo doze minutos.

*e) Estúdio de gravação*

Chegamos ao momento da gravação em estúdio do texto traduzido. A peça audiovisual já está cortada para evitar peças com falhas e diminuir ao máximo o tempo no estúdio de gravação, quer seja para prevenir o cansaço do intérprete ou para não aumentar as despesas no aluguel do estúdio. Portanto, é muito importante preparar muito bem a tradução da peça e usar todos os recursos ao alcance da equipe de intérpretes para isso.

As novas tecnologias facilitam muitíssimo nosso trabalho e, todos os dias, tentamos procurar todas as ferramentas que nos possam ajudar a superar todos os obstáculos.

Atualmente, estamos testando o uso do *teleprompter* para a visualização dos comentários da tradução que, junto com o áudio e o vídeo, está nos trazendo resultados positivos. Estamos também experimentando novos aplicativos para a desaceleração do discurso do orador ou da voz *off*, sem alterar a modulação da voz para conseguir superar um dos maiores obstáculos que encontramos na realização do nosso trabalho, a velocidade do áudio. Todos os intérpretes profissionais sabem a que nos referimos, já que a qualidade da tradução vai depender de se o discurso é muito rápido ou não, da clareza na vocalização, etc. algo que, até agora, era impossível de resolver. Estes novos aplicativos nos permitem diminuir a velocidade, tornando assim possível transmitir todas as informações da maneira mais adequada.

*f) Validação do texto em SSI*

Uma vez gravada a tradução da peça e antes de ser editada e pós-produzida, a gravação é enviada à equipe de validadores que colaboram com nosso grupo de pesquisa. Este é formado por um mesmo número de ouvintes e de surdos que tem que preencher uma ficha de validação criada por nós. Os critérios de validação estão divididos em três blocos: os dois primeiros têm em conta a fluência, a velocidade e a inteligibilidade do discurso do intérprete, assim como a coerência e a conexão de ideias e a fidelidade ao texto original<sup>27</sup>. O validador deve comentar o que lhe parece relevante e opinar se seria adequado repetir a peça ou não.

---

27 As traduções são feitas da LSE para o SSI para que os validadores surdos possam avaliar este ponto, já que o texto original é um texto de sinais.

**LENGUA ESPAÑOLA - LSE - SSI (una para cada pñdora)**

- Nombre de la pñdora:
- Nombre del signante:
- Nombre del evaluador o evaluadora:

Puesto que son textos científcos no dudes en hacer las precisiones pensando en el rigor de los contenidos y en los términos nuevos.  
 Si conoces otro término más adecuado por favor avísanos es muy importante para nosotras. Si tienes una fuente documental que recoja estos términos te agradecemos que la aportes.  
 Gracias por la colaboración.

	Excelente (4)	Bien (3)	Aceptable (2)	No aceptable (1)
<b>1.- General</b>				
1. Fluidez				
2. Coherencia y cohesión				
3. Velocidad				
4. Intelligibilidad				
5. Adecuación al original				
<b>2.- Términos científicos</b>				
1. Fluidez				
2. Coherencia y cohesión				
3. Velocidad				
4. Intelligibilidad				
5. Adecuación al original				
<b>3.- Niveles lingüísticos</b>				
1. Articulación				
2. Componentes no manuales				
3. Gramaticalidad				
4. Léxico/Terminología				
5. Estilo y registro				
<b>Otros</b>				
Voz				
Texto escrito				
Términos científicos				
¿Se debe repetir?				

Haz un comentario aquí si deseas matizar las puntuaciones que has asignado a las grabaciones.

Uma vez preenchida, a matriz de avaliação é devolvida à equipe de tradução, que decide, no caso de um validador ter considerado a possibilidade de repetir a peça, se deve ser repetida ou não.

### g) Revisão e edição

Até agora, as gravações de sinais são apresentadas sem legendas em inglês, mas estamos trabalhando para poder enriquecê-las através de um *software* que permita a legendagem do áudio para produzir peças mais completas do ponto de vista da acessibilidade.

A equipe envia a peça final para a edição e pós-produção e em seguida, é feito o *upload* da gravação na plataforma em rede.

## 5 Prospectiva

O SSI não é uma língua natural adquirida na infância, mas é uma língua cultivada que resulta da adaptação dos elementos comuns das línguas de sinais naturais. As diferenças fundamentais entre as línguas de sinais residem no léxico, de modo que analisamos os princípios da criação do SSI, já que padronizar a terminologia científica permitirá sua consolidação.

Os intérpretes do SSI e os usuários habituados a este tipo de situações de interpretação, nos quais o intérprete classifica e organiza a informação que recebe, analisa, seleciona e transmite a mensagem. De forma simultânea, a pessoa surda recebe o conteúdo de interpretação, analisa e reconstrói a mensagem.

Como produtores de conteúdos científicos em línguas de sinais e em SSI, nossa tarefa não se limita ao campo da tradução, mas continuamos trabalhando com o objetivo de explorar a criação de termos específicos da ciência e da técnica. Para um melhor acesso e divulgação, estamos projetando a macroestrutura de dicionários especializados em LSE e SSI, que compilarão os termos acadêmicos e científicos em rede para surdos e para todos. No momento, estamos fazendo a tradução para SSI das peças do canal de divulgação científica online *Divulgare*<sup>28</sup> *Campus do Mar* que traduzimos previamente para LSE.

## Referências bibliográficas

ALCARAZ BARÓ, Enrique (2007). “La sociedad del conocimiento, marco de las lenguas profesionales y académicas”, Alcaraz et al. (eds.): *Las lenguas profesionales y académicas*, Barcelona: Ariel, 3-12.

ALONSO BACIGALUPE, Luís (2009). *El procesamiento de la información durante la interpretación simultánea: un modelo a três niveles*, Granada: Atrio.

BÁEZ MONTERO, Inmaculada C. et col. (2012): “La traducción a la lengua de signos de las lenguas de especialidad. La interpretación de textos científicos a la LSE”, *Estudios sobre la lengua de signos española. Hacia la normalización de un derecho lingüístico y cultural*”, III Congreso Nacional da língua de sinais espanhola, Madrid, 2009. Madrid: UNED e Fundacion Mapfre, 311-333.

BÁEZ MONTERO, Inmaculada C. & FERNÁNDEZ SONEIRA, Ana (2010, inédito): “Problemas e soluções: da tradução/interpretação de textos científicos para a língua de sinais espanhola (aproximação teórica)”, comunicação apresentada no II Congresso Nacional de Pesquisa em tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira, 25 e 27 de novembro, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

BARRECHEGUREN, Marta (2005, inédito). *Una aproximación al sistema de signos internacional*, projeto de fim de curso dirigido por Inmaculada C. Báez, Universidad de Vigo.

BLANKE, Detlev (1985). *Internationale Plansprachen. Eine Einführung*, Berlin: Akademie Verlag.

BLANKE, Detlev (1989). “Planned languages – a survey of some of the main problems”, Schubert, K. (ed.). *Interlinguistics: Aspects of the Science of Planned Languages*, Berlin, New York: Walter de Gruyter, 63-87.

<sup>28</sup> <http://www.divulgare.net/>].

BLANKE, Detlev (1997): The term “planned language”, Tonkin, H. (ed.). *Esperanto, Interlinguistics, and Planned Language*. University Press of America, 1-20.

BLANKE, Detlev (2001): “Vom Entwurf Zur Sprache”, Schubert, K. (ed.). *Planned Languages: From Concept to Reality*, Interface, Journal of applied linguistics 15.1, 37-89.

CHAPA, Carmen (2001): “El Sistema de Signos Internacional y la comunicación entre signantes de distintos países”, Herrero, Ángel, *Signolingüística: Introducción a la lingüística de la LSE*, Valencia: FESORD de C. V., 293-298.

GÓMEZ DE ENTERRÍA, Josefa (2007): “La enseñanza del español con fines específicos”, Lacorte Manuel (coord.) *Lingüística aplicada del español*, Madrid: Arco/Libros, S.L., 149-181.

HARRIS, B. (1981): “Prolegomenon to a study of the differences between Teaching Translation and Teaching Translation”, Delisle, J. (ed.). *L'Enseignement de l'interprétation et de la traduction: de la théorie à la pédagogie*, Ottawa: Editions de l'Université de Ottawa, 153-162.

LAMAS FERREIRO, Ruth (2013 inédito). *Sistema de Signos Internacional: La traducción de textos científicos*, trabalho de posgrao *Lingüística y sus Aplicaciones* dirigido por Inmaculada Báez, Universidad de Vigo.

LOCKER MCKEE, Rachel. & NAPIER, Jemima. (2002). “Interpreting into International Sign Pidgin”, Wilbier, R.B. (ed.): *Sign Language and Lingüistics*, 5.1, Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.

MOODY, Bill (1994 inédito). “International sign: language, pidgin or charades?”, Paper presented at the issues in *Interpreting Conference*, Durham: University of Durham.

MOODY, Bill et al. (1998). *La langue des signes*; Vincennes, Editions IVT.

MORENO CABRERA, Juan Carlos (2011). “Diversidad lingüística y diversidad cultural. Tipología, evolución y complejidad”, Martos J. J., Trapssi L., García I. e Borrero V. M. (eds.): *Diálogos interculturales: lenguas, literaturas y sociedad*, Barcelona: Anthropos, 11-41.

MORENO CABRERA, Juan Carlos (2014, na rede). *Del Lenguaje a las lenguas, Tratado Didáctico y Crítico de Lingüística General*. Vol. I *El lenguaje*, Vol. II *Las Lenguas*, Madrid: Plataforma de Euphonía Ediciones (edição digital na rede).

MORENO, Ana, PINEDO, Pilar, RODRÍGUEZ FALQUINA, Andrés (2005, 2ª edição). *Interpretación del Sistema de Signos internacional*, Madrid: Fundación CNSE.

MUÑOZ MARTÍN, Ricardo (1995). *Lingüística para traducir*, Barcelona: Anthropos.

NORD, C. (1991) *Text Analysis in Translation*, Amsterdam/Atlanta: Rodopi B. V.

OVIEDO, Alejandro (web na rede) *Breve biografía de Ferdinand Berthier*, <[http://www.cultura-sorda.eu/resources/Ferdinand\\_Berthier.pdf](http://www.cultura-sorda.eu/resources/Ferdinand_Berthier.pdf)>.

PADILLA, P. & MARTÍN, A. (1992): “Similarities and Differences Between Interpreting and Translation: Implications for Teaching”, Dollerup, C. & Loddegaard, A. (eds.). *Teaching Translation and Interpreting: Trainig, Talent and Experience*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 195-203.

PÖCHHACKER, F. & SHLESINGER, M. (2002). *The Interpreting Studies Reader*, Londres: Routledge.

SÁNCHEZ TRIGO, Elena (2002). *Teoría de la traducción: convergencias y divergencias*, Vigo: Universidade de Vigo.

STRIA, Ida (2013): “Classifications of artificial languages”, *Język. Komunikacja. Informacja Language, Communication, Information*, Koutny I., Nowak P. (red./eds.) 8/2013, 125-132.

WEBB, R. & SUPALLA, T. (1994): “Negation in international sign”, Ahlgren, I. Berman, B. e Berman, M. (eds.). *Fifth International Symposium on Sign Language Reserarch*, New Elvet: ISLA.

WFD (2007). *A Hand book on International Sign/ Manual de Signos Internacionales*, Madrid: Fundación CNSE & Fundación FAXPG.

WOLL, Bencie (1990): “International perspectives on sign language communication”, *International Journal of Sign Linguistics*, 1. 2, 107-120.

#### Páginas web

Esperanto:

<http://uea.org/info>

[http://www.esperanto.net/info/index\\_es.html](http://www.esperanto.net/info/index_es.html)

<http://www.esperanto.es/hef/>

<http://www.lenguajesordos.com/esign/gestunoorigins.asp>

Associações de deficit auditivo que usam o SSI:

*World Federation of the Deaf* <http://wfdeaf.org/>

*European Union of the Deaf* <http://www.eud.eu/>

*International Committee of Sports for the Deaf* <http://www.deaflympics.com/>

*The European Disability Forum* <http://www.edf-feph.org/>

*World Association of Sign Language Interpreters* <http://wasli.org/>

Outras fontes electrónicas:

[www.planetavisual.net](http://www.planetavisual.net) ( [goo.gl/DZovwl](http://goo.gl/DZovwl) )

[www.lifeprint.com/asl101/pages-layout/gestuno.htm](http://www.lifeprint.com/asl101/pages-layout/gestuno.htm) <http://campusdomar.es/sobre-campus-do-mar/?lang=es>

[www.handspeak.com](http://www.handspeak.com)

[www.lifeprint.com/asl101/pages-layout/gestuno.htm](http://www.lifeprint.com/asl101/pages-layout/gestuno.htm)

<http://tv.uvigo.es>

## 10

Considerações sobre a criação de antologias  
de poemas em línguas de sinais

*Rachel Sutton-Spence<sup>1</sup>*  
*Fernanda de Araujo Machado<sup>2</sup>*

Neste artigo consideramos o processo de criação de antologias de poemas em línguas de sinais, com base em nossas experiências da criação de tais antologias na Língua de Sinais Britânica (BSL) e na Língua de Sinais Brasileira (Libras) para investigar os aspectos necessários. As antologias da poesia promovem e divulgam poemas (Korte, 2000), então a crescente disponibilidade de poemas em línguas de sinais na internet pode sugerir que uma antologia é desnecessária. No entanto, não há uma maneira simples de encontrar diferentes tipos de poemas em línguas de sinais na internet, há pouca indicação da qualidade do trabalho ou se é valorizado pela comunidade surda e não há orientação sobre como esses poemas podem funcionar juntos para representar um corpus que pode ser estudado, ensinado e apreciado. Nós propomos que antologias produzidas cuidadosamente possam resolver alguns desses problemas.

Apesar do crescimento da pesquisa na literatura de língua de sinais e nos poemas em línguas de sinais como formas de arte das comunidades surdas, e um crescente interesse da própria comunidade, houve poucas discussões sobre a criação de antologias de literatura de línguas de sinais, e sobre os aspectos práticos de criar tais antologias. Dado o potencial de uma antologia para refletir, criar e desafiar normas na literatura de línguas de sinais e a importância dos poemas em línguas de sinais, especialmente no campo de educação, oferecemos aqui alguns pensamentos resultantes das experiências de criação de duas antologias de poemas em línguas de sinais.

1 Departamento de Libras, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, [suttonspence@gmail.com](mailto:suttonspence@gmail.com)

2 Departamento de Libras, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, [fernanda.machado.ufsc@gmail.com](mailto:fernanda.machado.ufsc@gmail.com)

## O que é um poema em línguas de sinais?

Para selecionar itens para uma antologia de poemas em línguas de sinais, um editor precisa estabelecer alguns critérios para determinar o que constitui um poema. Um desafio para qualquer editor é separar poemas de outras formas de arte em línguas de sinais, como narrativas de prosa, monólogos de teatro, e piadas e jogos de língua. Peters (2000) argumentou de forma convincente que a língua de sinais criativa é multifuncional e multidimensional e assim os gêneros literários baseados na literatura escrita não são adequados para categorizar as obras artísticas. No entanto, em um nível básico e prático, precisamos de algumas orientações para uma antologia.

É impossível definir um poema em qualquer idioma e, em um argumento um tanto circular, podemos até afirmar que um poema é o que está incluído numa antologia de poemas. Korte (2000) e Hopkins (2008) observaram, por exemplo, que o status do livro *Golden Treasury de Palgrave* (publicado pela primeira vez em 1861) e *The Oxford Book of English Verse* (primeiro publicado em 1900) eram de tal importância que seus conteúdos definissem os poemas por meio de exemplo. Para muitos leitores da literatura inglesa na primeira parte do século XX, os que estavam nesses dois livros eram poemas e os excluídos não eram poemas. A própria criação de uma antologia leva a formação de cânones, e devemos estar conscientes de que isso também poderia acontecer em línguas de sinais, de modo que o que é valorizado em antologias de poemas em línguas de sinais tornam-se de fato poemas em línguas de sinais.

Clayton Valli (1993) observou em seu estudo linguístico pioneiro sobre poemas do American Sign Language (ASL) que a distinção entre poemas e não-poemas poderia ser vista como uma questão de tendência, com base em se um trabalho tem mais ou menos características poéticas. Sutton-Spence e Kaneko (2016) também sugerem alguns critérios orientadores para uma distinção aproximativa. Estes incluem o comprimento (os poemas tendem a ser mais curtos do que outros gêneros), função (os poemas podem ter como objetivo gerar emoções poderosas ou ao primeiro plano e “desfamiliarizar” o idioma usado), flexibilidade e prontidão do texto (os poemas tendem a ter uma forma fixa e altamente preparada), escolha de vocabulário (alguns poemas em línguas de sinais selecionam sinais incomuns ou os criam) e trama (os poemas podem não ter uma trama). Além disso, muitos poemas seguem regras deliberadamente impostas, como o ritmo (repetição de padrões do tempo e forma dos sinais) ou o uso circunscrito de um parâmetro do sinal, por exemplo, configuração de mão ou movimento.

A falta de uma definição clara de um poema em línguas de sinais não impediu os pesquisadores de analisar e discutir uma ampla gama de aspectos da forma de arte sinalizada. Estudos que analisaram vários textos ou apresentações artísticas ou poéticas de língua de sinais para abordar os aspectos linguísticos, literários e culturais dos poemas em línguas de sinais incluem (selecionados de muitos, publicados em inglês ou português) Klima e Bellugi (1979), Cohn (1986) Rose (1992),

Valli (1993), Peters (2000), Blondel e Miller (2001), Taub (2006), Bauman (2006), Nathan Lerner e Feigel (2009), Sutton-Spence (2012), Klamt, Machado e Quadros (2014) e Kincheloe (2015). Em cada um desses estudos, há um entendimento claro de que os textos e performances têm características artísticas que significam que podem ser denominados poemas. Talvez uma definição provisória possa ser que se os pesquisadores e/ou as pessoas que criaram as formas de arte da língua considerem as peças sejam poemas, então são poemas. Não há dúvida de que muitas das obras que foram selecionadas para pesquisa acadêmica, e os artistas que as criaram, alcançaram fama considerável em alguns lugares e se tornaram parte de um cânone não oficial.

## ○ que queremos dizer com uma “antologia”?

Di Leo (2004, p3) define as antologias como “uma coleção de escritos conectados ou inter-relacionados que se centram em torno de um tópico.” Esses trabalhos compostos foram selecionados por um “editor” que não é o autor (Benedict, 2001). Eles geralmente apresentam textos de vários autores e frequentemente incluem comentários adicionais do editor. Como tal, eles compartilham características com corpora, coletâneas, compilações e miscelâneas.

De acordo com algumas perspectivas, as antologias são constituídas por obras anteriormente publicadas e selecionadas para rerepresentação. Em contraste com uma antologia do trabalho anteriormente publicado, Di Leo (2004) observa que uma seleção editada de nova escrita pode ser denominada “coleção”. Fazendo outra distinção, com o termo “miscelânea”, Mujica (1997, p. 203), observa que “As antologias no sentido moderno são levantamentos históricos da literatura, isto é, compilações de textos canônicos; as miscelâneas, por outro lado, são diversos escritos remanescentes do material contemporâneo e da moda atual”. Essas distinções são importantes para os objetivos e leitores das compilações, já que Di Leo aponta que as coleções são essencialmente orientadas para o futuro e as antologias preservam os textos valiosos existentes. No caso dos poemas em línguas de sinais, no entanto, os textos preservados e seu estudo são demais recentes para que possamos dizer que a maioria das performances poéticas (ainda) serem canônicas. A questão é ainda mais complicada pela falta de uma divisão clara entre o texto de “um poema em línguas de sinais” e sua apresentação, de modo que a seleção de textos poéticos existentes, em vez de performances particulares de um poema, não é simples. Dadas essas complicações, seguindo Di Leo, entendemos que uma “antologia” de poemas em língua de sinais selecionará trabalhos novos e/ou antigos porque consideramos os elementos de ser composto e selecionado de acordo com alguns critérios a serem fundamentais (Hopkins 2008, Kuipers 2003).

As antologias de poemas incluem compilações comerciais ou gerais, bem como aquelas que são antologias literárias e acadêmicas ou antologias de ensino. O conceito de uma antologia literária mudou ao longo do tempo, sendo “o resulta-

do de uma rede complexa de forças históricas “ (Benedict 2001, p. 377). As forças históricas que formam antologias de poemas em língua de sinais também formam uma rede complexa que qualquer compilador precisa considerar. Por exemplo, enquanto ainda há vendas consideráveis de antologias temáticas “comerciais” para leitores gerais de poemas escritos em inglês, o contexto social e histórico das comunidades surdas significa que não há muitas vendas de antologias de poesia temática em línguas de sinais. A maioria dos poemas em línguas de sinais realizada tem sido tradicionalmente ao vivo para entretenimento nas associações e em escolas surdas, e a tecnologia apenas recentemente desenvolveu-se suficientemente para fazer gravações suficientes para qualquer antologia viável da poesia em línguas de sinais (Rose 1992, Krentz, 2006). Além disso, os aspectos sociais, coletivos e mais folclóricos da poesia em línguas de sinais significaram que os surdos geralmente não consideravam que fosse algo para contemplação privada e solitária. No entanto, como muitos autores observaram (por exemplo, Hopkins 2008, Kuipers 2003, Schrift 2004 e Williams 2004), a antologia acadêmica para o ensino é cada vez mais uma área de foco para a literatura escrita, e isso também é motivação para criar antologias de poemas em línguas de sinais. Nos últimos anos, a literatura em língua dos Sinais tornou-se um tema de estudo no nível universitário, sugerindo a necessidade de ter antologias para ensino e, embora atualmente poucas escolas dos surdos ensinem literatura em línguas de sinais, as que ensinam também precisam de antologias como recursos.

Enquanto o termo “antologia” geralmente está associado a textos escritos quando consideramos poemas, também é aplicado a coleções de outras obras de arte que usam sistemas simbólicos, como apresentações musicais, bem como formas visuais criativas, como obras de arte, filmes, quadrinhos e videogames. Assim, embora tudo o que lemos sobre a criação e crítica de antologias literárias supõe que o trabalho será escrito, não hesitamos em incluir gravações de línguas de sinais no gênero.

## Antologias de literatura surda e literatura de línguas de sinais

Existem várias notáveis antologias organizadas de literatura surda escritas em inglês que apresentam trabalhos selecionados por vários autores. Nos Estados Unidos, estes incluem a “*Deaf Way II Anthology*” (Stremlau, 2000) com escritos criativos contemporâneos de pessoas surdas, a coleção de escritos históricos re-publicados em “*A Mighty Change: An Anthology of Deaf American Writing, 1816-1864*” (Krentz, 2000) e gêneros específicos como “*Eyes of Desire, A Deaf Gay & Lesbian Reader*” (Luczak, 1993). Na Grã-Bretanha, “*Language for the Eye: Anthology of Deaf Writing and Publishing*” (George Montgomery, 1996) é uma coleção notável de obras literárias. Embora haja substancialmente menos textos literários

publicados por surdos no Brasil (Müller e Karnopp, 2015), a antologia literária “*O som das palavras*”, publicada em 2003 (sem autor ou organizador), mostra o trabalho escrito em português dos Surdos.

No campo literário específico de poemas dos surdos, bem como “*The Silent Muse: An Anthology of Prose and Poetry by the Deaf*” (1960) editado por Panara, Denis, McFarlane, “*Deaf American Poetry*” (John Lee Clark, 2009) se destaca como uma antologia importante de textos escritos em inglês por poetas surdos. Nós não conhecemos nenhuma antologia de poesia brasileira equivalente, e nenhum deles está listado na pesquisa abrangente de literatura por pessoas surdas de Müller e Karnopp (2015), o que implica que ainda é uma área não desenvolvida no Brasil.

Há também muitas coleções escritas por poetas surdos, que podem ser considerados antologias, especialmente com critérios de seleção explícitos e notas explicativas adicionadas. A antologia bilíngue de Dorothy Miles *Gestures* (1976), escrita em inglês (também apresentada em ASL), *On his deafness and other melodies unheard* (Robert Panara 1997) e *Suddenly Slow* (John Lee Clark, 2008) são apenas três exemplos publicados na língua inglesa. Os meus sentimentos em folhas por Ronise Oliveira (2005) é uma coleção de um poeta surdo publicado no Brasil em português escrito.

As antologias de poemas em língua de sinais por um único autor também existem para documentar, preservar, promover e tornar acessível o trabalho de poetas surdos. Essas antologias em línguas de sinais foram produzidas em filmes, em videocassetes, em DVD, e agora na Internet nos vídeo canais e nas redes sociais em números crescentes em todo o mundo. Alguns exemplos serão suficientes. Os poemas em ASL de Dorothy Miles em *Gestures* foram, a nosso entender, a primeira antologia registrada de poemas em língua de sinais. Eles foram originalmente distribuídos em bobinas de filme antes de serem transferidos para o DVD. A série *Poetry in Motion* produzida pela Sign Media Inc., originalmente em videocassete e depois transferida para DVD, apresentou coleções de poemas em ASL de Clayton Valli, Patrick Graybill e Debbie Rennie. Essas coleções de um único autor incluem elementos de uma antologia porque cada poema tem uma discussão de seu contexto, forma e mensagem, fornecendo um tipo de nota introdutória (Finke, 2004, Leitch, 2004). *ASL Poetry* por Clayton Valli (1995) é outro exemplo de uma coleção “comentada”, com notas introdutórias sobre o poema após cada um. Nesta coleção, muitas dos poemas do Valli são realizadas por outras pessoas, criando uma nova dimensão à antologia. No BSL, coleções notáveis são *Sign Poetry* (Paul Scott, 2006) e *Made by Hand* (Richard Carter, 2014). Em NGT, a língua de sinais dos Países Baixos, o poeta holandês Wim Emmerik produziu *Poetry in Sign Language* (1995) e *Motioning* (2005) com Giselle Meyer, na língua de sinais italiana (LIS), Rosaria e Giuseppe Giuranna, (2000) produziram Sete poemas na língua de sinais italiana. Na Língua de Sinais Brasileira (Libras) existe a *Literatura em LSB* (Nelson Pimenta, 1999) e *Árvore de Natal* (Fernanda Machado, 2005). Esta lista não é exaustiva, mas serve para mostrar a existência de muitas coleções em todo o mundo.

No formato de DVD, o documentário histórico de poemas em ASL do século XX (Nathan Lerner e Feigel, 2009), *The Heart of the Hydrogen Jukebox*, oferece uma grande coleção de performances de poemas extraídas dos arquivos do National Technical Institute of the Deaf em Rochester, New York. Embora não seja principalmente uma antologia, inclui material de contextualização adicional dos poetas e outros comentadores, e desempenha um papel importante na preservação e disseminação do material.

A tecnologia da Internet e as plataformas que suportam vídeos on-line permitiram o desenvolvimento de antologias online de vários tamanhos. A coleção de European Community Heritage Online (ECHO, 2003-2005) coordenada por Onno Crasborn, com participantes da Holanda, Suécia e Reino Unido, é uma antologia significativa de poesia em línguas de sinais (inserida em um corpus de literatura de línguas de sinais que incluiu narrativas em prosa) por um pequeno número de artistas de cada país. Os poemas estão disponíveis na internet e são suportados por metadados detalhados e comentários sobre os poemas. A antologia em BSL *Life and Deaf* (2006) dos poemas dos jovens, originalmente distribuída em DVD, está disponível on-line. Este é um exemplo do potencial de antologias online para o desenvolvimento de poesia para pessoas mais jovens. Devemos notar que as coleções ECHO e *Life e Surdos* usaram principalmente material recém-criado, embora o ECHO tenha republicado os trabalhos de Dorothy Miles e Wim Emmerik.

## Quem é o público para uma antologia de poesia em línguas de sinais?

Pode-se pensar que já não há um público/leitor para antologias nesta era de “tudo está disponível na internet”. Certamente, a situação no passado, quando um poema só era disponível numa antologia, é menos relevante agora e houve uma mudança fundamental na maneira em que poemas são acessados. Uma pessoa que procura um poema na internet por seu título, ou mesmo uma linha meio lembrada, geralmente o encontra em uma publicação individual em um site ou em uma coleção publicada. No entanto, o grande volume de informações torna o gênero antologia, que é por definição seletiva, útil para quem deseja estudar um corpo de obras. Também é verdade que os textos escritos canônicos (e muitos não canônicos) que estão fora dos direitos autorais podem estar disponíveis gratuitamente, mas o mesmo ainda não é verdade para performances de poesia em línguas de sinais. Também não é possível procurar um poema de línguas de sinais digitando um sinal num buscador. Podemos argumentar, então, que o público de uma proposta antologia de poemas em línguas de sinais é aquele que está à procura de uma seleção de exemplos de obras sinalizadas que foram organizadas de alguma forma.

Kuipers (2003, p57) afirma que as antologias são principalmente para “prazer” (em contraste com um corpus, que funciona como um repositório de todas as obras coletadas de um autor), e uma antologia de poesia em línguas de sinais pode ser simplesmente para quem quer aproveitá-lo. Clark (2009, p. 7) observou ainda que “As obras dos poetas surdos servem como um prisma através do qual os surdos podem conhecer-se melhor e através dos quais o resto do mundo pode ver a vida sob uma nova luz<sup>3</sup>”. Podemos esperar, então, que uma antologia de poemas em línguas de sinais seja para membros da comunidade de surdos, e a seleção e reprodução de poemas de língua de sinais reflete a visão do organizador de seu patrimônio e potencial literário (e, assim, espera-se, a visão da comunidade). Mais pesquisas são necessárias para saber o que as pessoas surdas querem de uma antologia. Afinal, muito poucas pessoas na população em geral buscam ativamente antologias de poesia, de modo que não podemos esperar que todos os surdos estejam interessados no material.

As antologias também são para poetas de línguas de sinais, com a possibilidade de influenciar novas criações. Walkowitz (2003, p. 124) observou que uma antologia “é um modelo de continuidade da civilização, porque confirma a trajetória intelectual e literária que também contém<sup>4</sup>”. Isso, por sua vez, influencia a forma da nova poesia, como ela também observa, porque “os poetas costumam compor um novo trabalho em resposta às tradições estabelecidas por antologias de prestígio. Mantendo, acomodando, reescrevendo ou recusando essas tradições, os poetas internalizam os efeitos estruturais da antologia (colagem, comparação e narrativa nacional ou histórica)”<sup>5</sup> (Walkowitz, 2003, p. 124). Um dos objetivos da antologia de poesia BSL (descrito abaixo) foi para poetas surdos expandir e desenvolver seu repertório de poesia.

Pesquisadores dos poemas em línguas de sinais também precisam de antologias que sejam corpos substanciais de material sobre os quais podem basear seu trabalho. A maioria dos trabalhos publicados até agora sobre poemas em línguas de sinais (como os observados na seção acima) usou poemas isolados ou uma pequena seleção de poemas. Exceções dignas de nota mostram quão úteis podem ser os corpos maiores de poemas. Christie e Wilkins (2007) analisaram 53 poemas em ASL por quatro poetas, identificando temas de resistência, afirmação e libertação para sustentar a visão de que os poemas em ASL demonstram muitas semelhanças com a literatura pós-colonial. Kincheloe (2015) argumenta que a aplicação de uma abordagem dialógica Bakhtiniana aos poemas em ASL pode nos ajudar a entender poemas em um contexto maior, mas para isso precisamos

3 ‘The work of Deaf poets serves as a prism through which Deaf people can know themselves better and through which the rest of the world can see life in a new light.’

4 “is a model of civilization’s continuity, because it confirms the intellectual and literary trajectory that it also contains”.

5 “poets often compose new work in response to the traditions established by prestigious anthologies. Maintaining, accommodating, rewriting, or refusing those traditions, poets internalize the anthology’s structural effects (collage, comparison, and national or historical narrative)”.

do contexto poético maior, bem como do contexto social, como pode ser fornecido por uma antologia. O tamanho da antologia BSL (descrito em detalhes abaixo) permite a análise literária e linguística dos poemas em BSL, para investigar os padrões poéticos emergentes por diferentes poetas, permitindo a exploração de diferentes estilos e gêneros. A antologia foi a base de várias publicações acadêmicas e um livro de texto destinado a estudantes de BSL e estudos surdos (Sutton-Spence e Kaneko, 2016).

Com urgência, professores e alunos precisam de antologias de poemas em línguas de sinais. Uma antologia de ensino acadêmico pode atender a necessidade de professores e alunos surdos estudarem poemas escolhidos, funcionando como um livro didático. Os alunos surdos de qualquer idade podem usar uma antologia para aprender sobre os poemas de sua língua de sinais (Sutton-Spence, 2014) e apreciar a poesia em qualquer idioma, incluindo a língua escrita da comunidade ouvinte (Spooner, 2016). Arenson e Kretschmer (2010) descobriram que os alunos surdos naturalmente responderam melhor aos poemas assinados do que poemas escritos durante as aulas de poesia. Quando os alunos puderam escolher um poema de uma coletânea de poemas escrito em inglês ou em ASL que pudessem se conectar à sua experiência pessoal, todos escolheram poemas em ASL. A exposição destes poemas na escola também é importante para a promoção do orgulho linguístico e cultural e para a criação da próxima geração de poetas de línguas de sinais. Lang (2007, 61-62) cita o artista surdo Bernard Bragg falando dos poemas sinalizados de seu professor Robert Panara: “nunca tínhamos percebido que isso, nossa língua nativa, poderia ser um veículo tão poderoso para expressar os sentimentos mais ricos e sutis e transmitindo nuances de significado tão sofisticadas quanto as dos falantes e escritores mais eloquentes na língua inglesa<sup>6</sup>”.

As antologias de poemas também são necessárias para alunos estudando línguas de sinais como segunda língua. Ryan (1993) argumentou que a literatura de língua de sinais é útil para que os aprendizes do ASL aprendam sobre a língua e sua cultura, mas para isso, eles precisam ter acesso ao material certo. Com respeito à formação de intérpretes, Cohn (1986, p. 276) também escreveu “Um cânone ou corpus é necessário; Agora temos apenas coleções em arquivos de videocassete. Os intérpretes precisam de conhecimento e habilidade, e o intérprete de arte-performance da poesia também deve ser um tradutor; Ou seja, ter conhecimento da própria poesia, estilo, tradições, voz, etc.”<sup>7</sup> Nos 30 anos desde que Cohn escreveu isso, muito mais material tornou-se disponível em vários lugares, mas o amplo conhecimento que Cohn descreveu pode ocorrer apenas quando há uma coleção de textos suficientes e acessíveis de uma qualidade reconhecida.

6 “we had never realized that this, our native language, could be such a powerful vehicle for expressing the richest and subtlest feelings and conveying nuances of meaning as sophisticated as those of the most articulate English speakers and writers.”

7 “A canon or corpus is needed; now we have only collections in videotape archives. Interpreters need knowledge and skill, and the performance-art interpreter of poetry must also be a translator; i.e. have knowledge of poetry itself, style, traditions, voice, etc.”

A literatura de língua de sinais é cada vez mais ministrada como disciplina em cursos de Estudos Surdos e Estudos de Letras de Línguas de Sinais num nível universitário em todo o mundo. As antologias podem fornecer acesso aos professores a uma melhor variedade de materiais do que os disponíveis anteriormente, e oferecer alguma indicação de poemas canônicos para oferecer aos alunos um quadro de referência comum. A experiência pessoal de um autor aqui (Rachel) de dar aulas sobre a literatura de línguas de sinais no início do milênio foi que qualquer poema que se aproximasse tornou-se objeto de estudo, sendo a disponibilidade tão importante quanto qualquer julgamento sobre a qualidade. Os poemas publicados hoje no YouTube ou outros sites podem complementar obras canônicas, mas os professores e alunos precisam de uma coletânea básica de poemas para estudar, especialmente aqueles referidos em publicações de pesquisa. As notas introdutórias da antologia podem ajudar os professores que tiveram menos oportunidades de estudar poemas de línguas de sinais com muita profundidade, fornecendo informações biográficas sobre o poeta, informações históricas sobre o poema e sua relação com outros poemas ou sugestões de interpretação e compreensão dos poemas.

## Duas antologias de poesia em línguas de sinais

Para o restante deste artigo, nos referiremos a alguns dos desafios e decisões tomadas em relação a duas antologias de poemas em língua de sinais que estamos envolvidos na criação, sugerindo que as decisões tomadas e o que aprendemos podem ajudar a criação de outras antologias no futuro.

### The Bristol University British Sign Language Poetry Anthology

Entre 2009 e 2012, a primeira antologia da poesia BSL foi desenvolvida como parte de um projeto na Universidade de Bristol com financiamento do Conselho de Pesquisa de Artes e Humanidades<sup>8</sup> do Reino Unido. A equipe de pesquisa<sup>9</sup> coletou, organizou e publicou online mais de 120 poemas em BSL, para criar uma antologia ampla, disponível na internet, com traduções em inglês e notas introdutórias sobre muitos dos poemas lá. Este é o maior número de poemas da BSL já coletados e documentados. Muito do que foi coletado pode ser encontrado em <[www.youtube.com/user/signmetaphor/videos](http://www.youtube.com/user/signmetaphor/videos)>.

Embora não existam poetas profissionais na BSL, a antologia contém poemas de seis poetas-chave reconhecidos e experientes (três homens e três mulhe-

8 Arts and Humanities Research Council.

9 Rachel Sutton-Spence, Michiko Kaneko and Donna West.

res), cinco dos quais participaram do projeto durante os três anos. O sexto poeta foi o falecido Dorothy Miles, cujos poemas também foram apresentados. Também contém poemas de membros da comunidade de surdos que criaram poemas em BSL (alguns deles pela primeira vez) em oficinas, sob a orientação dos poetas experientes.

Cada registro do poema foi vinculado aos metadados que descrevem a data e o local da gravação, e os poemas dos principais participantes foram acompanhados por um resumo de suas principais características poéticas. Esses resumos formaram notas introdutórias que descrevem os elementos linguísticos que criaram efeitos poéticos, tais como configuração de mãos, olhar, simetria e uso do espaço, bem como neologismo, morfismo e antropomorfismo. Foi incluída também uma tabela indicando os elementos mais proeminentes em cada poema.

A antologia foi apresentada através de um site usando um sistema de gerenciamento de conteúdo criado por um membro do projeto na Universidade de Bristol<sup>10</sup>. Permitiu buscas pelo título inglês do poema, pelo nome do poeta ou pelas características poéticas dominantes nos poemas, tais como o uso do espaço ou o antropomorfismo. O site também tinha páginas de material adicional, por exemplo, apresentações acadêmicas e artigos baseados no material na antologia.

## A antologia de poesia UFSC Libras

A antologia online de poesia Libras organizada por Fernanda Machado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) começou em 2014 e faz parte de um projeto em andamento para coletar, criar, preservar e divulgar poemas de línguas de sinais em Libras para promover a forma de arte. Para o nosso conhecimento, é a primeira antologia de poemas em Libras. Atualmente, a antologia compreende 35 poemas selecionados de cinco fontes diferentes, todos com metadados e notas introdutórias detalhando os perfis dos poetas (nomes, sinais pessoais e outros dados demográficos, como idade e profissão), detalhes do contexto de apresentação do poema (o local, a data e o comprimento), e a forma e conteúdo dos poemas.

Três das fontes eram de gravações existentes de poemas Libras. Fizemos uma ampla pesquisa de poemas em Libras livremente disponível no YouTube, e foram selecionados sete poemas. Mais sete poemas foram selecionados a partir dos trabalhos produzidos por alunos nas disciplinas de literatura surda de cursos de educação a distância ensinada em todo o Brasil em 2006 e 2008. Estes trabalhos foram realizados na universidade onde os alunos foram baseados e foram disponibilizados pelo organizador do curso. Mais sete poemas podem ser encontrados em DVDs comerciais. Esses poemas fazem uma parte “virtual” da antologia, na

---

10 Chris John.

medida em que os poemas são selecionados, foram criados os títulos e os metadados, mas os próprios poemas só estão disponíveis nesses DVDs. Embora esta não seja normal para uma antologia, é uma solução temporária até que as questões de direitos autorais sejam resolvidas em relação à reprodução aberta do material de vídeo na internet.

Mais duas fontes foram criadas, com o objetivo de gerar poemas que poderiam ser selecionados para a antologia. O festival de folclore surdo realizado na UFSC em 2014 incluiu uma apresentação pública de cinco artistas de Libras nacionalmente reconhecidos. Houve também uma competição para escolher os melhores poemas criados por participantes surdos durante o festival. Ambos os eventos foram filmados e sete poemas foram escolhidos. Além disso, a organizadora da antologia ministrou um curso de dois anos sobre poesia em Libras. O curso foi baseado inteiramente no Facebook, com cinquenta alunos surdos em todo o país. Durante o curso, muitos poemas foram compostos e realizados, de diversos temas e gêneros. Sete poemas foram selecionados para a antologia.

A antologia é apresentada através de um sistema de gerenciamento de conteúdo do WordPress e é pesquisável usando termos em português, de acordo com uma ampla gama de categorias, incluindo os perfis dos poetas (idade, gênero e região, por exemplo), tema, estilo e forma dos poemas, e públicos-alvo (como crianças, estudantes e membros adultos da comunidade surda). A antologia está disponível em <<https://antologiaslibras.wordpress.com>>.

## O papel do editor

As antologias atuais geralmente são agrupadas por pessoas reconhecidas dentro de suas comunidades literárias. Os editores de antologias de ensino frequentemente também são acadêmicos. Os pesquisadores que trabalhavam na antologia de BSL são ouvintes e aprenderam BSL como uma segunda língua. Todos têm um interesse profundo em poesia em línguas de sinais, mas não são poetas de línguas de sinais ou membros da comunidade de surdos britânicos. Isso levou a um estilo de edição de “leve toque”. Decisões sobre a inclusão de poemas (pelos poetas e os participantes da oficina) foram feitas pelos poetas surdos participantes. Embora a equipe de pesquisa tenha escrito as apresentações e as notas (apenas em inglês), os poetas foram consultados sobre as análises. Aprendemos rapidamente que frequentemente os poetas não concordaram com as análises iniciais.

O julgamento editorial de Fernanda Machado do que deve ser incluído em uma antologia de poemas em Libras foi informado por sua experiência de ser um poeta com muita experiência, reconhecida nacionalmente, uma pesquisadora acadêmica e membro da comunidade surda. Ela selecionou os poemas, entrou em contato os poetas que conhecia na comunidade, negociou com eles, escolheu títulos onde necessário e produziu as notas introdutórias em português e Libras. Além disso, como professora, ela incentivou e orientou seus alunos a produzir poemas

de vários estilos, para inclusão na antologia. Claramente, todas as decisões dos editores são, em última instância, preferências pessoais e limitadas pelas restrições do que é possível em uma antologia, mas as decisões podem estar bem informadas e surgir das normas da comunidade surda.

## Permissão para usar material

A montagem de conteúdos utilizáveis para uma antologia é um desafio para qualquer editor, especialmente porque os poetas ou outras pessoas que possuem os direitos de um poema devem dar sua permissão para a reprodução dos poemas (Nelson 2004). Em BSL e Libras, as gravações de poemas já existentes podem ser selecionadas para uma antologia, especialmente para mostrar as obras gravadas pré-internet que de outra forma não seria acessível. Alguns poemas fazem parte de coleções privadas de indivíduos, alguns são – ou foram – disponíveis para comprar como videocassete ou DVD, alguns foram gravados a partir de transmissões na televisão e alguns são gravações de apresentações ao vivo. Os poemas publicados no YouTube ou em outros sites da internet estão disponíveis gratuitamente, mas isso não significa que eles possam ser incorporados em uma antologia. A legalidade e a ética do uso desses vários materiais são complexas e, na maior parte, inexploradas no caso dos poemas em línguas de sinais. Qualquer seleção é ainda mais complicada pelo fato de que a gravação precisa ser liberada pelo poeta, pela pessoa ou organização que filmou o poeta e pela pessoa que já publicou o trabalho. Obter permissão para usar o trabalho de poetas falecidos é ainda mais complicado. As grandes editoras acadêmicas têm equipes legais altamente experientes na obtenção de direitos de publicação de textos escritos (Schrift, 2004), mas esses recursos não estão disponíveis ao criar uma antologia de línguas de sinais. Realisticamente, os desafios por trás das negociações de permissão corretamente e legalmente são tão complexos que as antologias BSL e Libras não conseguiram antologizar muito do trabalho existente.

As antologias também são um equilíbrio entre considerações estético-intelectuais e financeiras (Nelson, 2004). O dinheiro para negociar permissões e comprar os direitos dos poemas de antologias sempre limita as opções de um editor (Schrift, 2004), mas é uma opção para antologias educacionais financiadas por editores maiores que sabem que farão o retorno das vendas de livros (McLaughlin, 2004). No entanto, o mercado previsto para uma antologia de poemas em línguas de sinais é muito pequeno e as oportunidades para ganhar dinheiro por qualquer coisa acessada através da internet são limitadas, especialmente se os usuários puderem escolher uma alternativa “gratuita”. Para as duas antologias de poemas em língua de sinais, o dinheiro era limitado ou inexistente, e qualquer pagamento para artistas era indireto. Enquanto alguns poetas estão felizes por ver os seus poemas ser reproduzido de graça, outros exigem taxas porque a sua poesia é o seu sustento ou simplesmente por desejo de valorizar seu trabalho. Os poemas dos

DVDs disponíveis existentes não foram incluídos, apesar de atender aos critérios de seleção, devido ao impacto potencial sobre a receita do poeta devido à perda de vendas.

Todos os poetas (vivos) deram permissão para que seu trabalho fosse incluído nas antologias descritas aqui. Como o material para a antologia em BSL foi criado especificamente para disponibilidade livre na internet, todos os participantes liberam seus poemas antes da filmagem. Os poetas-chave foram pagos por suas performances com o dinheiro da bolsa de pesquisa, e eles cederam os direitos para esses poemas serem incluídos na antologia e utilizados para pesquisa, embora o pagamento fosse para o show e não dependesse de os poetas liberarem os direitos. Também foi nossa esperança que aqueles poetas que tiveram DVDs para vender veriam um aumento nas vendas como resultado de sua participação e que eles seriam convidados a dar mais apresentações públicas e pagas. A maioria dos participantes da oficina consentiu por seus poemas entrasse na antologia, em parte porque eles estavam orgulhosos de estar incluídos e em parte em reconhecimento que eles haviam participado de uma oficina gratuita. No entanto, vale a pena notar que a antologia de poemas em BSL não pagou diretamente por os poemas selecionadas. Não havia dinheiro disponível para pagar taxas pelas contribuições para a antologia de Libras. Até à data, isso não impediu a criação da coleção, mas os poetas não recebem recompensas financeiras. A nosso conhecimento, não há orientações sobre as taxas.

Como Benedict (2001) descreve em seu estudo de antologias do século XVIII, e mesmo Mazza (2004) encontrou mais recentemente em relação aos escritos de mulheres radicais, o comissionamento de novos trabalhos é uma fonte fértil de material para antologias. A maior parte da antologia em BSL foi criada a partir de novos materiais filmados em apresentações públicas e oficinas ministradas especificamente para criar os materiais, facilitando a criação de permissões para editores. A antologia de Libras baseia-se em uma gama mais ampla de fontes e também inclui poemas diretamente comissionados para os quais os termos de consentimento foram assinados no momento. Também foram incluídos poemas criados como parte da avaliação de disciplinas de curso de ensino a distância, mas a inclusão desses itens dependia de obter permissão retrospectiva dos graduados do curso que se dispersaram e isso nem sempre foi possível. Um corpus de todas os poemas em Libras disponíveis postadas no YouTube forneceu outra fonte de material, e a permissão teve que ser pedida de cada artista selecionado para sua inclusão. Onde não houve resposta, o poema não poderia ser incluído.

## Seleção de conteúdo

Enquanto o organizador de um corpus poético tenta coletar um corpo abrangente das obras de um autor, estilo ou período específico, o editor de uma antologia precisa fazer uma *seleção* (Kuipers 2003), e essa seleção tem várias im-

plicações importantes. O papel das antologias na formação do cânone tem sido bem documentado (ver, entre muitos, Guillory 1993, Benedict 2001, Di Leo 2004, Hopkins 2008) e os poemas que já estão antologizados são prováveis candidatos para futuras antologias. Nesta fase inicial da criação de antologias de poemas em língua de sinais, qualquer seleção resultará na criação ou alteração de cânones, colocando uma responsabilidade considerável sobre o editor. Há, sem dúvida, menos poemas em língua de sinais do que em formas escritas, mas o organizador de uma antologia ainda precisa selecionar textos e apresentações dos poemas. Já vimos que as questões de permissão e pagamento podem influenciar a inclusão de uma obra uma vez que ela foi selecionada como candidata, mas há muitos outros critérios a serem considerados.

Pode esperar-se que uma antologia de poemas em línguas de sinais contenha poemas, ao invés de outras formas literárias, como narrativas, porém, dada a dificuldade de definir um poema numa língua de sinais e dado o status não surdo dos editores, a antologia de BSL também não selecionou os poemas baseada na decisão se a obra fosse considerada um poema ou não. Esta decisão foi deixada para os principais participantes poetas surdos. Se eles alegassem que era um poema, foi aceito como tal para a antologia. Na antologia de Libras, tirando de uma gama mais ampla de material de Libras literário e criativo existente, a organizadora surda julgou se uma obra é mais um poema que não. Os textos que o editor considera mais como prosa narrativa ou teatro foram excluídos.

A intenção de ambas as antologias é representar os poemas em línguas de sinais de pessoas surdas, então ambas as antologias tinham um critério básico de seleção que todos os poetas deveriam se identificar como surdos. Isso resultou ser menos fácil do que se poderia imaginar. Os editores da antologia da BSL enfrentaram diversos desafios éticos e, posteriormente, legais com os ouvintes que reivindicavam o direito de participar nas oficinas de poesia oferecidas aos membros da comunidade surda. Além disso, para a antologia de Libras, em apresentações filmadas existentes no YouTube, se os artistas fossem desconhecidos pessoalmente do editor, nem sempre era fácil saber se alguém era surdo ou ouvinte.

Para alunos de línguas de sinais, os textos selecionados devem representar a cultura surda. Caesar (2004) observa que as antologias para alunos de segunda língua têm requisitos diferentes em relação aos usuários de línguas nativas, porque o ensino de literatura e língua (e cultura) é inseparável. Escrevendo sobre antologias da literatura americana para estudantes japoneses, ele observa sobre a perspectiva dos alunos que “não é absolutamente crucial que (ou como) a literatura seja vista como literatura. No entanto, deve ser visto como venerável americano”<sup>11</sup> (César 2004, 313). Podemos parafrasear isso para dizer que os alunos esperam que o material em uma antologia de poemas em línguas de sinais seja venerável surda. Em uma antologia de literatura de línguas de sinais, pode haver motivos para priorizar

---

11 “it is not absolutely crucial that (or rather how) literature be seen as literature. Yet it must be seen as venerably American”

uma perspectiva cultural surda mais em relação a outros critérios, especialmente se os poemas contribuam para o desenvolvimento da alfabetização cultural dos estudantes (Ryan, 1993).

Na antologia de BSL, os principais poetas contribuintes sabiam que suas performances seriam incluídas na antologia, então suas seleções dos textos ocorreram quando eles prepararam suas ordens de corrida antes de um show. Ocasionalmente, eles solicitaram posteriormente que um poema fosse excluído se considerassem que seu desempenho não era satisfatório. Onde os poetas apresentaram o mesmo poema em mais de uma ocasião, a gravação da primeira ou da melhor qualidade foi incluída.

Qualquer poema realizado por participantes nas oficinas para membros da comunidade surda foi incluído (para os quais havia permissão), desde que seja aprovado pelos principais poetas como dignos de inclusão, para disseminar seu trabalho o mais amplamente possível. Esta escolha baseou-se na representação da diversidade máxima em vez de em julgamentos explícitos de qualidade (veja abaixo).

Uma função importante das antologias é preservar poemas, bem como divulgá-los (Korte 2000, Nelson 2004) e, em vista disso, os editores incluíram todas as gravações adquiridas de coleções particulares dos poemas da falecida Dorothy Miles onde a permissão de uso era entendida mesmo quando a qualidade da gravação foi baixa. (criando mais um corpus do que uma verdadeira antologia, usando os termos de Kuipers em 2003),

Não houve uma tentativa específica dentro da antologia de BSL para representar poetas de diferentes origens. Os pesquisadores convidaram os poetas que conheciam, e que foram capazes e dispostos a comprometer-se com o tempo no projeto. Uma atenção especial deve ser dada ao gênero se os editores desejam ter um equilíbrio uniforme de artistas do sexo masculino e feminino e os editores conseguiram alcançar o equilíbrio de gênero mais pela sorte do que pelo design. A participação de membros da comunidade surda foi auto-selecionada, expressando seu interesse pela poesia. Apesar disso, ou por causa disso, a antologia contém poemas de poetas de diferentes gêneros, etnia, idade, orientação sexual, língua nativa, idade da aquisição da BSL e origem regional. Uma tentativa muito maior foi feita na antologia de Libras deliberadamente para selecionar poetas desses diferentes contextos sociais, para torná-lo o mais representativo possível, incluindo a seleção deliberada de mais performances das mulheres e, igual à antologia de BSL, também contém poemas por mais poetas estabelecidos e recém-chegados.

## Qualidade

A seleção de qualquer poema para uma antologia em última análise implicará algum tipo de decisão sobre a qualidade. O título completo do livro, normalmente chamado de “Palgrave’s Golden Treasury”, é “The Golden Treasury of

the Best Songs and Lyrical Pieces In English Language<sup>12</sup>” mostrando a ênfase que muitos editores e leitores colocam na ideia de que o conteúdo deveria representar a o melhor disponível (Hopkins 2008), uma ideia que Benedict (2001) observou foi crucial desde o século XVIII. Korte (2000) observa que os julgamentos sobre o que é “melhor” podem variar e o editor pode estar em conformidade com os padrões existentes ou rejeitá-los deliberadamente, mas que a questão da qualidade não pode ser evitada. Pode argumentar-se que este é um dos principais propósitos de uma antologia e é a diferença entre ela e textos acessados aleatoriamente através de uma busca na internet com algumas palavras-chave.

Mujica (1997, p. 203) observou que “as antologias transmitem a noção de evolução (a sucessão de movimentos literários) e hierarquia (o reconhecimento de obras-primas)<sup>13</sup>”. As antologias de poemas de línguas de sinais da década de 1970 até o presente podem mostrar o desenvolvimento e mudança do que foi considerado o melhor dentro da poesia em línguas de sinais, em termos de escolha do idioma, estilo poético e gênero, tópico e tema e apresentação. É claro que a poesia de línguas de sinais não é uma forma de arte homogênea e sua grande variedade torna difícil aplicar qualquer critério específico predeterminado de qualidade. Os poemas mais antigos em língua de sinais podem ser antiquados e fora da moda, até que algumas pessoas hoje podem sentir que nem sequer constituem poemas em línguas de sinais (por exemplo, poemas sinalizados e falados simultaneamente), mas incluir em uma antologia mostra as formas de poemas históricos. Pode ser muito cedo para criar qualquer noção de hierarquia, mas uma antologia de poemas em línguas de sinais bem escolhida conterá um poema que o editor julgaria seria (ou deve ser) considerado na comunidade surda como obras de arte.

Na antologia de poemas em BSL, os editores fizeram poucas avaliações da qualidade, deixando a decisão aos poetas antes de oferecerem o poema para inclusão. Os usuários da antologia podem decidir o que eles gostam e por quê. Nem todas as apresentações selecionadas são perfeitas, mesmo aos olhos do poeta (um confessou depois que um poema particular havia sido executado durante uma ressaca desagradável), e alguns “erros” feitos em uma apresentação ao vivo seriam refilmados em condições de estúdio, Mas, cada poema incluído ainda possui mérito considerável.

Para a antologia de Libras, o editor baseou suas decisões de qualidade no que a achou nova ou diferente, bem como o que contém uso de sinais esteticamente criativo que faz parte de uma tradição surda. Isso está de acordo com a justificativa de Nelson (2004) para selecionar o que é “estético e retoricamente mais poderoso”, onde “não há nenhum padrão estético”<sup>14</sup> para indicar a decisão (Nelson, 2004, p. 185).

12 The Golden Treasury das melhores músicas e peças líricas na língua inglesa.

13 “Anthologies convey the notion of evolution (the succession of literary movements) and hierarchy (the recognition of masterpieces).”

14 “aesthetical and rhetorically more powerful” where there is “no one aesthetic standard.”

## Gênero

Antologias que oferecem um amplo leque de gêneros podem mostrar ao público o potencial de criar poemas em línguas de sinais. A antologia de BSL inclui poemas narrativos, líricos e teatrais, e aqueles baseados em jogos de língua, principalmente por artistas individuais, com alguns duetos e performances grupais, todos os quais fazem parte do patrimônio folclórico surdo britânico que influenciou os poemas. Além disso, existem poemas haikai, tanka e renga que foram compostos e realizados após oficinas com Alan Summers, um poeta ouvinte especializado nestas formas de poemas japoneses. Essas formas japonesas, muitas das quais incentivam duetos ou performances de grupo, e uma seleção de poemas com amplo antropomorfismo, foram sugeridas pelos organizadores do projeto, mas foram as únicas diretamente influenciadas pelo processo de coleta.

Dentro da antologia de Libras, existe uma gama mais ampla de gêneros, devido à maneira diferente de criar materiais. Além de gêneros semelhantes aos da antologia de BSL, que também fazem parte da herança de poesia de Libras, o curso de poesia do Facebook ensinou aos participantes uma série de novos gêneros e incentivou-os a produzir poemas. Os gêneros incluem haikai e renga, poemas que usam antropomorfismo, poemas baseados em mudanças de perspectiva, poemas “loucos” (com base em sinais selecionados aleatoriamente), diversos estilos de duetos e poemas de homenagem baseados nos poemas dos outros. Essas formas, anteriormente não utilizadas no Brasil, podem influenciar o futuro de Libras já que estão na antologia.

## Organização de conteúdo

A organização do conteúdo em uma antologia influencia como os poemas dentro da coleção são usados. Muitas antologias em forma de livro tradicionalmente ordenaram as obras cronologicamente, por autor ou por tema. Os formatos digitais mudaram muito a organização de modo que os usuários (especialmente professores e alunos) agora possam procurar poemas usando vários critérios e reunir diferentes poemas em um determinado corpus ou banco de dados com muita facilidade.

Qualquer organização de antologias de língua de sinais requer pesquisas e buscas por meio de língua escrita. Atualmente, não há como organizar e pesquisar uma antologia usando sinais dentro do vídeo. A SignWriting (um sistema de escrita icônica para línguas de sinais desenvolvidas por Valerie Sutton na década de 1970) é consideravelmente mais amplamente utilizada no Brasil do que no Reino Unido, mas apesar do progresso experimental em usá-lo para pesquisas computadorizadas dentro de um glossário (Stumpf, Oliveira e Dutra, 2015), não é uma opção viável para pesquisas em uma antologia no presente. Consequentemente,

mente, as antologias BSL e Libras usam inglês e português, respectivamente, para pesquisas.

Uma maneira direta de organizar poemas é pelo poeta que aos produziu (embora isso precise de referências cruzadas para duetos). Enquanto todos os poetas nas antologias possuem Sinais pessoais, a lista sempre usa seus nomes escritos. A antologia de Libras online também tem fotos do poeta para que os usuários que talvez não conheçam o nome ou o sinal do poeta podem identificá-los visualmente e clicar em seus poemas a partir daí. Em ambas as antologias, o autor e o ator artista eram geralmente os mesmos. Onde o artista não era o autor (por exemplo, em poemas de homenagem que reinterpretam um poema de outro poeta), o nome do artista estava listado e o nome do poeta original estava no título.

Organizar os poemas pela data não foi considerado uma forma valiosa de organização, embora a data tenha sido incluída sempre que possível, caso os usuários tenham interesse nisso. A antologia BSL fornece datas para apresentações, mas a data da gravação de uma apresentação não é igual à criação do poema. Para algumas fontes na antologia de Libras, como apresentações de festivais e trabalhos de estudantes de 2006 e 2008, e o curso Libras FaceBook, é possível fechar com precisão, mas nem todo o material do YouTube pode ser datado facilmente.

Quando a antologia de BSL foi completada, os usuários poderiam escolher ver os poemas em ordem alfabética de título, por diferentes poetas, por eventos de apresentação ou de acordo com um elemento poético particular de interesse (como os que se classificam como mostrando uso interessante do antropomorfismo, espaço ou configuração de mão). Porém, todos navegaram usando texto em inglês. Sempre que possível em ambas as antologias, informações biográficas relevantes sobre os poetas foram fornecidas em metadados para que as pessoas pudessem pesquisar usando essa informação. A antologia de Libras também criou uma série de categorias para conteúdo ou tópico que pode ser pesquisado e uma nuvem de tags que destaca outras características de interesse.

## Títulos

Os títulos são uma maneira fundamental de encontrar um poema em uma antologia. Em todas as coleções de poemas em línguas de sinais e antologias citadas neste artigo, os títulos foram traduzidos para língua escrita para permitir que as pessoas as busquem. Nem todos os poemas de línguas de sinais, no entanto, têm títulos. Isso acontece nas práticas populares do folclore em muitas línguas e culturas, incluindo a cultura tradicional de surdos. Em alguns casos, os poetas forneceram um título em línguas de sinais para que ele pudesse ser traduzido na forma escrita, simplesmente para fins da antologia. Em outros, os poetas forneceram um título após de apresentar o poema no pedido dos editores. Algumas apresentações de o que é essencialmente o mesmo poema têm títulos diferentes à medida que o trabalho se desenvolve. Quando o poeta não está em condições de orientar o edi-

tor, o editor pode escolher um título para fins de catalogar o trabalho. Enquanto muitos títulos de poemas podem simplesmente ser a primeira linha, Zilly (2013) observa que um título muitas vezes dá alguma dica sobre a trama, o lugar, a era, os personagens ou a forma técnica da obra, acrescentando que deve encontrar um equilíbrio entre ser informativo e enigmático para despertar a curiosidade do leitor. Escolher um título que funcione na língua de sinais do poema e quando traduzido para a língua escrita é um desafio, especialmente quando o sinal mais importante no poema, pelo qual seria naturalmente reconhecido e pelo qual ele é frequentemente identificado (raramente o primeiro sinal), é tão criativo que a tradução se tornaria impossível. A antologia em Libras está experimentando com a criação de títulos na Escrita de Sinais (SignWriting) para evitar problemas de tradução desses sinais-chave.

## Tecnologia de preparando as antologias para o futuro

Benedict (2001) afirma que o gênero da antologia literária que conhecemos em inglês, desenvolveu no século XVIII, em parte como resultado dos avanços tecnológicos, incluindo a impressão para sua criação e transporte para sua distribuição. A tecnologia da Internet criou grandes mudanças em antologias de poesia escrita, mesmo nos últimos 10 anos, mudando radicalmente seu escopo, propósito e formato. As novas tecnologias de filmes e vídeos desde a década de 1970 tiveram um grande impacto na produção e distribuição de literatura de línguas de sinais, conforme descrito por Krentz (2006). Os leitores da publicação de Krentz dez anos após verão que seus pensamentos eram extremamente pertinentes para o tempo, mas estavam limitados aos períodos de filme, videocassete e DVD, porque a internet e especialmente sites de redes sociais, como YouTube e Facebook, eram ainda em sua infância. O YouTube, criado em 2005, tornou-se um importante meio de distribuição de material sinalizado e atualmente parece que “a internet” oferece possibilidades ilimitadas de preservação, promoção e disseminação de poesia através de antologias. Lucas et al (2013) descreveram alguns impactos que a tecnologia tem em língua de sinais e abordagens de pesquisa, mas, há muito tempo, em 2003, Wilcox alertou sobre algumas das dificuldades causadas por mudanças rápidas na tecnologia e implicações da velocidade da mudança para pesquisas.

A antologia em Libras inclui os vídeos de poemas no formato mp4 no servidor UFSC e usa um simples site do WordPress para gerenciar o conteúdo em uma série de páginas e postagens, permitindo buscas através de uma série de categorias e tags. Isso também significa que a antologia pode incorporar facilmente qualquer poema adicional, novas referências para poemas existentes ou mudanças em quase todos os aspectos da compilação de uma forma que seja impossível, ou pelo menos altamente impraticável, em uma forma de livro publicado.

No entanto, enquanto a mudanças rápidas de tecnologia de vídeo e internet permitiram avanços imprevistos até uma década atrás, precisamos planejar com

cuidado para o futuro. A antologia BSL foi alojado no servidor da Universidade de Bristol, com o objetivo de fornecer um recurso seguro e estável para os próximos anos, de modo que, enquanto a maior parte do material fosse coletada, organizada e carregada para acesso aberto até julho de 2012, havia planos para adicionar no futuro. Em novembro de 2014, a migração para um novo sistema de gerenciamento de conteúdo em toda a universidade tornou-o inutilizável. Sem suporte institucional para resolver o problema, a antologia em sua forma original foi removida das páginas da universidade. Os vídeos agora são hospedados no YouTube, vinculados aos comentários e notas introdutórias através de um site financiado pela pesquisadora criado no WordPress, mas os elementos mais elegantes de busca e organização foram perdidos.

As mudanças na tecnologia podem significar que poemas em línguas de sinais tornam-se inacessível, além de acessível. O Épico de Gilgamesh tem mais de 4000 anos, mas está inscrita em argila assada para que qualquer pessoa que possa ler as cuniformes sumárias hoje ainda pode acessar a literatura em sua forma original (Finkel 2014). Em contraste, poucos projetores de filmes existem para tocar os filmes feitos por Dorothy Miles de sua poesia na década de 1970, poucas máquinas de VHS ainda estão em uso para reproduzir as primeiras videocassetes de línguas de sinais das décadas de 1980 e 1990 e muitos computadores vendidos hoje em dia não tem toca-discos para reproduzir DVDs lançados mesmo nos últimos anos. Filmes e fitas de vídeo degradam-se, especialmente em coleções particulares e tornam-se impossível a assistir. À medida que o material de vídeo migra para sites de internet, precisamos estar conscientes de que mudanças, atualizações e o “próximo novo” imprevisto podem ameaçar a preservação e a continuação.

## Conclusão

As ideias sobre o raciocínio por trás da criação de antologias de poesia em línguas escritas também são altamente relevantes para antologias de línguas de sinais. Questões sobre a responsabilidade do editor e seleção de textos não são tão diferentes, nem questões de identificação dos usuários da antologia. No entanto, as diferenças sociais, culturais e históricas entre as comunidades surdas e ouvintes e as principais diferenças entre os poemas escritos/impressos e sinalizados/vídeo-gravados exigem que os editores façam escolhas adicionais e encontrem soluções para problemas específicos. A novidade relativa de poemas em línguas de sinais e o estudo recente sobre eles significam que há poucas diretrizes acadêmicas para modelos e entendimentos comuns de “qualidade” não podem ser garantidos. A distinção aparentemente simples entre coleções impressas e gravadas em vídeo tem implicações em todas as etapas. Embora tenhamos necessidade de proteger qualquer antologia contra mudanças tecnológicas, a existência do gênero antologia cria uma maneira fundamental de preservar, promover e disseminar poesia em línguas de sinais para membros da comunidade surda e aprendizes de línguas de sinais.

Os poemas em línguas de sinais são mais seguros quando vivem nas vidas diárias de sua comunidade de usuários. Se a próxima geração de poetas surdos tiver acesso ao material em uma antologia, aprende e aprende com isso, adapta-o e transmite-o para a próxima geração, seu futuro será assegurado, independentemente das mudanças na tecnologia.

## Referências

- ARENSEN, R. and Kretschmer, R. 2010. 'Teaching poetry: a descriptive case study of a poetry unit in a classroom of urban deaf adolescents'. *American Annals of the Deaf*, 155, 2, pp. 110-117.
- BAUMAN, H-Dirksen. 2006. 'Getting out of line: toward a visual and cinematic poetics of ASL' in H-Dirksen Bauman, Jennifer Nelson & Heidi Rose (eds) *Signing the Body Poetic*. California: University of California Press.
- BENEDICT, Barbara. 2001. The eighteenth-century anthology and the construction of the expert reader. *Poetics* 28, 377-397.
- BLONDEL, Marion and Christopher Miller. 2001. 'Movement and rhythm in nursery rhymes in LSF', *Sign Language Studies*. 2(1), 24-61.
- CAESAR, Terry. 2004. Anthologies, Literature, and Theory in Japan. In Jeffrey Di Leo (ed) *On anthologies: Politics and Pedagogy*. Lincoln: University of Nebraska Press, 298-325
- CLARK, John Lee. 2008. *Suddenly Slow*. Minneapolis: Handtype Press.
- CLARK, John Lee. 2009. (Ed). *Deaf American Poetry*. Washington DC: Gallaudet University Press.
- COHN, Jim. 1986. The new deaf poetics: Visible poetry. *Sign Language Studies*, 52, 263-277.
- DI LEO, Jeffrey. 2004. Analyzing Anthologies. In Jeffrey Di Leo, (ed) *On anthologies: Politics and Pedagogy*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1-30.
- EMMERIK, Wim. 1995. [Poetry in sign Language] *Poezie in Gebarentaal* 1. Amsterdam: Het Komplex [Video and DVD].
- EMMERIK, Wim. 2005. [Motioning] *Bevogen*. <<http://www.geelprodukt.nl/motioning.html>>.
- FINKE, Laurie. 2004) The hidden Curriculum. In Di Leo, Jeffrey (ed.) *On anthologies: Politics and Pedagogy*. Lincoln: University of Nebraska Press, 395-404.
- FINKEL, Irving. 2014. *The Ark before Noah: Decoding the Story of the Flood*. London: Hodder.

GIURANNA, Rosaria/Giuranna, Giuseppe. 2000. *Seven Poems in Italian Sign Language* (LIS). [DVD]. Rome: Graphic Service, Istituto di Psicologia, Consiglio Nazionale delle Ricerche.

GRAYBILL, Patrick. 1990. *Poetry in Motion*. Burtonsville, MD: Sign Media Inc.

GUILLORY, John. 1993. *Cultural Capital: The problem of literary canon formation*. Chicago: University of Chicago Press.

HOPKINS, David. 2008. On Anthologies. *Cambridge Quarterly* 37 (3): 285-304.

KINCHELOE, Pamela. 2015. Bridges to Understanding: What happens when a Bakhtinian critical lens is applied to an American Sign Language poem. *Sign Language Studies*, 16, 117-138.

KLAMT, Marilyn Mafra, Fernanda de Araujo Machado and Ronice Muller de Quadros. 2014. Simetria e ritmo na poesia em língua de sinais [Symmetry and Rhythm in sign language poetry]. In Ronice Müller de Quadros & Markus Weininger (eds) *Estudos da Língua Brasileira de Sinais Vol III*, 211-226.

KLIMA, Edward and Ursula Bellugi. 1979. *The Signs of Language* Cambridge, M.A.: Harvard University Press.

KORTE, Barbara. 2000. Flowers for the Picking: Anthologies of Poetry in (British) Literary and Cultural Studies. In Barbara Korte, Ralf Schneider and Stefanie Leithbridge (eds) *Anthologies of British Poetry: Critical Perspectives from Literary and Cultural Studies*. Amsterdam, Atlanta GA: Rodopi, 1-32.

KRENTZ, Christopher. 2006. 'The camera as printing press; How film has influenced ASL literature' in H-Dirksen Bauman, Jennifer Nelson & Heidi Rose (eds.) *Signing the Body Poetic* California: University of California Press.

KRENTZ, Christopher (ed). 2000. *A Mighty Change: An Anthology of Deaf American Writing 1816-1864* Washington, D.C.: Gallaudet University Press.

KUIPERS, Christopher. 2003. The Anthology/Corpus Dynamic: A Field Theory of the Canon. *College Literature* 30.2, 51-71.

LEITCH, Vincent. 2004. Ideology of Headnotes. In Di Leo, Jeffrey (ed) *On anthologies: Politics and Pedagogy*. Lincoln: University of Nebraska Press, 373-383.

Life and Deaf. 2006. Available at <http://www.lifeanddeaf.co.uk/what/>. Accessed on 27/10/2016

Life and Deaf Association. 2006. *Life and Deaf* (DVD). London: The Life and Deaf Association.

LUCAS, Ceil, Gene Mirus, Jeffrey Levi Palmer, Nicholas James Roessler, Adam Frost. 2013. The effect of new technologies on sign language research. *Sign Language Studies*, 13 (4), 541-564.

- LUCZAK Raymond (ed). 1993. *Eyes of Desire, A Deaf Gay & Lesbian Reader*. New York: Alyson Publications.
- MACHADO, Fernanda de Araujo. 2005. *Poesia Árvore de Natal [Christmas Tree Poem]*. (DVD). Rio de Janeiro: LSB vídeo.
- MONTGOMERY, George (ed). 1996. *Language for the Eye: Anthology of Deaf Writing and Publishing*. Edinburgh: Scottish Workshop Publications.
- MÜLLER, Janete Inês and Lodenir Becker Karnopp. 2015. Cultural translation in education: experiences of difference in deaf writing. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 1041-1054. <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-97022015031750>
- NATHAN LERNER, Miriam and Don Feigel. 2009. *The Heart of the Hydrogen Jukebox* (DVD) (New York: Rochester Institute of Technology).
- NELSON, Cary. 2004. The economic challenges to anthologies. In Di Leo, Jeffrey (ed.). *On anthologies: Politics and Pedagogy*. Lincoln: University of Nebraska Press, 170-185.
- O Som das Palavras – Antologia Literária*. 2003. (Ed unknown) Rio de Janeiro: Litteris Ed. 2003
- OLIVEIRA, Ronise. 2005.. *Meus sentimentos em folhas [My feelings on paper]*. Rio de Janeiro: Editora Litteris.
- PANARA, Robert, Taras B. Denis, and John Harvie McFarlane (eds). 1960. *The Silent Muse: An Anthology of Prose and Poetry by the Deaf* Gallaudet College Alumni Association
- PETERS, Cynthia. 2000. *Deaf American Literature: From Carnival to the Canon*. Washington, D.C.: Gallaudet University Press.
- PIMENTA, Nelson. 1999. *Literatura em LSB [Literature in LSB], LSB vídeo* (DVD). Dawn Sign Press and Rio de Janeiro: Editora Abril.
- RENNIE, Debbie. 1990. *Poetry in Motion*. Burtonsville, MD: Sign Media Inc.
- ROSE, Heidi. 1992. 'A Critical Methodology for Analyzing American Sign Language Literature', unpublished doctoral dissertation (Arizona State University).
- RYAN, Stephen. 1993. 'Let's Tell an ASL Story' in Gallaudet University College for Continuing Education (ed.) *Conference Proceedings*, April 22-25, 1993 (Washington, D.C.: Gallaudet University Press).
- SCHRIFT, Alan. 2004. Confessions of an Anthology editor. In Di Leo, Jeffrey (ed) *On anthologies: Politics and Pedagogy*. Lincoln: University of Nebraska Press, 186-204.
- SCOTT, Paul 2006 *Sign Poetry* (DVD). Coleford, Glos: Forest.
- SPOONER, Ruth Anna. 2016. 'Languages, Literacies, and Translations: Examining Deaf Students' Language Ideologies through English-to-ASL Translations

of Literature' (ProQuest Dissertations and Theses). University of Michigan, Joint Program in English and Education.

STREMLAU, Tonya M. (Editor). 2000. *The Deaf Way II Anthology: A Literary Collection by Deaf and Hard of Hearing Writers*. Washington DC: Gallaudet University Press.

STUMPF, Marianne, Oliveira, J. and Dutra, R. 2015. Glossário Letras Libras. In Ronice Quardos (Ed.) *Letras Libras – ontem, hoje e amanhã*. Florianópolis, SC: Editora UFSC. 169-190.

SUTTON-SPENCE, Rachel and Michiko Kaneko. 2016. *Introducing Sign Language Literature: Creativity and Folklore*. Basingstoke: Palgrave Press.

SUTTON-SPENCE, Rachel. 2012. 'Poetry'. In: Pfau, R., M. Steinbach & B. Woll (eds.), *Sign language. An international handbook* (HSK – Handbooks of Linguistics and Communication Science 37). Berlin: Mouton de Gruyter, 998-1022.

TAUB, Sarah. 2006. 'Conceptual 'rhymes' in sign language poetry' in Harvey Goodstein (ed.) *The Deaf Way II Reader*. Washington, D.C.: Gallaudet University Press.

VALLI, Clayton. 1990. *Poetry in Motion*. Burtonsville, MD: Sign Media Inc.

VALLI, Clayton. 1993. 'Poetics of American Sign Language Poetry', unpublished doctoral dissertation (Union Institute Graduate School).

VALLI, Clayton. 1995. *ASL Poetry: Selected Works of Clayton Valli*. [DVD] San Diego, CA: Dawn Sign Press.

WALKOWITZ, Rebecca. 2003. Tradition and the Individual Poem: An Inquiry into Anthologies (review). *MLQ: Modern Language Quarterly*, 64, 1, 123-126.

WILCOX, Sherman. 2003. The Multimedia Dictionary of American Sign Language: Learning Lessons about Language, Technology, and Business. *Sign Language Studies*, 3 (4), 379-392.

WILLIAMS, Jeffrey. 2004. Anthology Disdain. In Di Leo, Jeffrey (ed) *On anthologies: Politics and Pedagogy*. Lincoln: University of Nebraska Press, 207-221

# 11

## Questões de design na tradução de português para Libras

*Renata Krusser*

O design é parte intrínseca da tradução de um texto escrito para um vídeo em língua de sinais. Na tradução entre línguas com sistemas de escrita semelhantes não é necessário desenvolver um trabalho de design específico, mas na tradução de línguas de modalidades diferentes, como português e Libras, mudamos o meio, os elementos da composição e a relação entre eles, exigindo um trabalho de reconfiguração. Tais mudanças implicam em uma diferente forma de ler e influenciam a significação.

Os dispositivos que a linguística tradicional e literária tende a desconsiderar (como espaçamento, estrutura, pontuação, tipo, estilo e *layout*) desempenham uma função potencialmente “transformadora” na articulação do sentido. Reformatar um ensaio visual complexo é quase que certamente mudar o que “diz” em algum aspecto (Poynor, in Lupton; Miller, 2011, p. x).

Se os elementos não verbais influenciam a significação é importante considerar as funções que desempenham e planejar adequadamente sua tradução. Para Nord (2005) os elementos não verbais e suprasegmentais devem fazer parte da análise do texto de origem e considera inclusive a possibilidade de, algumas vezes, ser necessário verbalizar elementos não verbais ou “desverbalizar” elementos verbais na tradução.

Compreender em profundidade o ato de “ler”<sup>1</sup> em vídeo também é importante para ajudar os projetistas a definirem os requisitos que vão orientar cada trabalho de design na tradução de textos escritos para a língua de sinais.

---

1 Apesar de existir o sistema de escrita para a língua de sinais, o *SignWriting*, neste estudo abordamos a tradução de português para vídeos em Libras. Utilizamos os termos “ler” ou “leitura” entre aspas, e não “assistir ao vídeo”, para realçar a relação que estabelecemos entre os elementos tipográficos e a interface d texto em Libras.

Este estudo aborda textos impressos ou digitais, traduzidos para Libras, usados com fins didáticos para adultos em um curso técnico<sup>2</sup>. Com base no modelo de análise textual proposto por Nord (2005), investigamos as funções que os elementos não verbais, e as características suprasegmentais marcadas na tipografia, exercem no texto de origem, escrito. Observamos também como algumas pesquisas sobre a leitura de textos escritos vêm sendo desenvolvidas e quais aspectos do design são considerados relevantes para a eficiência, a eficácia na leitura e a satisfação do leitor. Procuramos, então, identificar quais elementos são usados para desempenharem essas funções no texto meta, em vídeos na língua de sinais.

A partir da definição de “quais” elementos são importantes na configuração da interface em Libras, buscamos subsídios para pensar “como” usar esses recursos, considerando que o objetivo do design na tradução para Libras é, assim como nos textos escritos, propiciar uma leitura fluída, agradável e significativa.

Como traduzir o design editorial? Evidentemente não existe uma resposta para essa questão, ao contrário, existe uma infinidade de possibilidades e a leitura de um texto, seja escrito ou em vídeo na língua de sinais, envolve enorme complexidade. Mas o trabalho de design, nos projetos contemporâneos, tem buscado formas mais confiáveis para compreender como as pessoas usam os produtos na sua vida cotidiana, como se comportam na prática ao interagirem com esses objetos. Reunimos aqui orientações que podem contribuir com a definição de requisitos de design na tradução de português para Libras, visando favorecer que os surdos “leiam” os vídeo livros com bom desempenho e satisfação. Ou seja, buscamos compreender o que é necessário para que os vídeo livros tenham boa usabilidade.

Para tanto usamos as orientações da norma NBR ISO 9241: Requisitos ergonômicos para o trabalho com dispositivos de interação visual, da ABNT (Associação Brasileira de normas técnicas), que na sua parte 11 oferece as orientações sobre usabilidade.

Para concluir o trabalho apresentamos um exemplo de especificação da usabilidade para um vídeo livro em Libras, levando em consideração, além da composição da interface e da interpretação, ferramentas digitais que encontramos disponíveis e que podem ser reconfiguradas em um player específico para a leitura de textos em Libras.

## 1 Design para a leitura

No design editorial de textos escritos, uma longa tradição, um constante debate e uma profusão de estudos sobre tipografia contribuem para que a leitura seja precisamente adaptada à forma como se lê, ou melhor, a forma como os ouvintes leem. É interessante observar a colocação do neurocientista Dehaene (2012)

2 O estudo visa a análise da usabilidade de uma interface para “leitura” de textos utilizados em disciplinas de cursos técnicos do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), campus Palhoça bilíngue.

ao discutir o enigma que faz com que o nosso cérebro esteja tão perfeitamente adaptado à leitura, já que a escrita nasceu há apenas 5.400 anos, e esse tempo seria insuficiente para uma evolução por seleção natural que nos diferenciasse geneticamente de nossos ancestrais e desenvolvêssemos circuitos cerebrais especializados para tal tarefa. Para Dehaene (2012) a escrita se adaptou às nossas características e se aperfeiçoou tanto que nos permite ler com fluência.

O paradoxo da leitura sublinha o fato indubitável de que nossos genes não evoluíram para nos permitir aprender a ler. Não vejo senão uma só solução. Se o cérebro não teve tempo para evoluir sob a pressão dos limites da escrita, então, foi a escrita que evoluiu a fim de levar em conta os limites de nosso cérebro. O modelo da reciclagem neuronal<sup>3</sup> nos conduzirá assim a revisitar a história da escrita, desde os primeiros símbolos das culturas pré-históricas até a invenção do alfabeto. Nós aí encontraremos os traços de uma incessante manufatura evolutiva que adapta sem descanso os objetos da escritura aos limites de nosso cérebro. (Dehaene, 2012, p. 21)

Podemos observar a contribuição do design tipográfico para a eficiência na leitura. O design de um livro, por exemplo, pode parecer tão adaptado ao ato de ler que muitas vezes nem notamos sua forma.

Sempre me causou surpresa o fato de que, onipresentes como são os livros, dificilmente alguém pensa sobre o seu design ou mesmo compreende que o tenham. Quanto mais mundano o objeto (um lápis, um livro), menos pensamos em seu design. Quanto maior a eficiência com que ele trabalha e maior a frequência com que o usamos, menos pensamos sobre como ele veio a existir. No entanto, o objeto mais simples requer muitas vezes, para fabricá-lo, especificações complicadíssimas. (Hendel, 2003, p. i)

Vários estudos subsidiam a experimentação dos designers. Trabalhos recentes que abordam o processamento visual e cognitivo na leitura, utilizando tecnologias como a ressonância magnética e eletrodos colocados no cérebro, permitiram mapear o processamento neuronal em atividades que ocorrem em milésimos de segundo. Também encontramos estudos sobre a percepção, velocidade, reconhecimento de letras ou palavras e registros fotográficos dos movimentos oculares durante a leitura.

Pesquisas de neuropsicologia mostram que duas vias de tratamento da informação, a percepção da forma geral da palavra e a relação com os sons (a via le-

3 “Reciclagem neuronal” é um modelo de atividade cerebral, apresentado por Dehaene (2012) que considera a arquitetura do nosso cérebro semelhante à dos primatas, tendo fortes limitações genéticas. Contudo, os circuitos do córtex visual possuem certa margem de plasticidade e foram dotados de regras de aprendizagem que permitiram converter a outro uso as predisposições cerebrais existentes. Para os primatas era importante o reconhecimento do ambiente, de mãos, de rostos, mas de forma não muito rígida, já na nossa cultura precisamos desviar as preferências neuronais para reconhecer objetos artificiais detalhados como as letras. (DAHAENE, 2012)

xical e a via fonológica), coexistem e se complementam na leitura. Quando as palavras são conhecidas o reconhecimento da forma geral prevalece, mas ao lermos palavras desconhecidas, maior atenção aos pormenores é exigida e a relação com os sons é principalmente utilizada. São identificados quatro passos ou estágios no reconhecimento de palavras: 1. contorno vagamente percebido; 2. partes específicas ou dominantes; 3. imagem auditiva estimuladora ou imagem sinestésica, e 4. surgimento do significado (Silva, 2011, p. 17).

Se não pudermos relacionar o texto escrito aos sons, a leitura pode ser comprometida. Isso revela uma das causas da dificuldade enfrentada por muitos surdos para aprenderem o português escrito. O português é para a maioria dos surdos a segunda língua e além da dificuldade para a sua aprendizagem em função da ausência de referências sonoras, muitos relatam os traumas a que foram submetidos na vida escolar, quando essa questão não foi considerada. Isso chama a atenção para a importância da disponibilidade de materiais em Libras.

No que se refere ao texto escrito, as análises dos detalhes das letras buscando identificar os tipos mais adequados para leitura à distância, para leitura de textos em tamanho bem pequeno, para leitura rápida, para leitura em tela, para textos longos, e mesmo sobre os tipos mais adequados para os diferentes gêneros textuais oferecem importantes, e sempre novas, informações e recomendações para os designers.

Já os vídeos em língua de sinais apenas mais recentemente, com as tecnologias digitais, puderam ser amplamente compartilhados, facilmente produzidos e se estabeleceram como uma forma de comunicação importante e viável. Para a educação de surdos esses recursos abrem possibilidades muito ricas, mas ainda encontramos poucos livros, revistas, artigos, e materiais didáticos, para adultos, publicados em Libras.

Algumas pesquisas e iniciativas têm contribuído para o desenvolvimento e melhorias dos vídeos traduzidos ou produzidos em língua de sinais. A exemplo desta série de Estudos da Língua Brasileira de Sinais, pesquisas sobre tradução e interpretação, sobre as diferentes modalidades das línguas, sobre as questões culturais e as preferências dos surdos têm instigado o debate e a crítica. A análise dos elementos não verbais, discutida aqui, pretende contribuir com esses estudos e subsidiar os trabalhos de design nos projetos para interfaces de vídeo livros em Libras.

## 2 Elementos do design editorial de textos escritos em português

Num projeto de design editorial, os elementos da tipografia são trabalhados buscando garantir a legibilidade do texto, valorizar as palavras do autor, organizar visualmente a estrutura e hierarquia dos conteúdos, além de propiciar um envolvimento concentrado do leitor e um ritmo de leitura agradável.

“Em uma nova publicação, a primeira coisa que tem que ser estabelecida é a mensagem da marca ou a identidade, a expressão e a sensação da publicação.” (Zapattera, 2014, p. 42). Um objeto para a leitura, com sua materialidade, formato e estilo gráfico transmite uma ideia sobre o conteúdo e pode instigar o interesse pela leitura, ou ao contrário, pode transmitir uma ideia de que o conteúdo é desinteressante e a leitura cansativa. A identidade visual é um conjunto de características – que pode incluir definição de formatos e tamanhos, composição, paletas de cores, famílias tipográficas, estilos de fotografia e ilustração – e um conjunto de regras que regem sua utilização ao longo das páginas e das diferentes edições (no caso de periódicos e coleções).

O tamanho e o formato de uma publicação impressa são planejados visando o conforto no seu manuseio de acordo com o conteúdo e tipo de publicação (livros, jornais, revistas, teses, etc.). As proporções de página e a definição dos espaços para a os blocos de textos, margens e imagens são estudadas para proporcionarem um ritmo adequado de leitura. A organização em colunas estreitas e longas favorece uma leitura mais rápida e menos aprofundada, já uma coluna de texto mais larga pode ser adequada para uma leitura mais reflexiva. Os estudos de tipografia cuidam de detalhes bastante específicos para que o ato de ler seja confortável.

Qualquer comprimento de linha que contenha entre 45 e 75 caracteres é amplamente reconhecido como satisfatório para uma página de uma coluna composta em tipo e tamanho de texto. A linha de 66 caracteres – contando letras e espaços – é geralmente considerada ideal. Para trabalhos com múltiplas colunas, outra média, que varia de 40 a 50 caracteres, é melhor. Se o tipo for bem composto e bem impresso, pode-se usar linhas de 85 ou 90 caracteres para textos descontínuos, tais como bibliografias ou notas de rodapé – estas com entrelinha generosa -, sem nenhum problema. No entanto, mesmo com uma entrelinha altruísta, linhas com média maior do que 75 ou 80 caracteres ficarão provavelmente longas demais para uma leitura contínua. Um mínimo prático para textos justificados em inglês é a linha de 40 caracteres [em português, 48]. (Bringhurst, 2005, p. 34).

Vários estudos de tipografia buscaram estabelecer uma relação da composição de páginas com ritmos musicais ou com proporções numéricas clássicas que transmitem uma sensação de harmonia, como a regra dos terços, seção áurea e a proporção de Fibonacci<sup>4</sup>.

Os alinhamentos de textos (à esquerda, à direita centralizados ou justificados) e os alinhamentos entre textos e imagens também influenciam muito a fluidez da leitura. Para criar essas relações, os designers geralmente utilizam os *grids*

4 A regra dos terços é uma divisão do espaço em três partes verticais e horizontais considerando que os cruzamentos dessas linhas imaginárias criam pontos que atraem a atenção. A proporção áurea é uma proporção clássica, uma relação de quadrado e retângulo que ao se repetirem determinam formas encontradas na natureza, como a espiral das conchas de náutilos. A proporção determinada por Fibonacci no século XIII é uma progressão natural em que cada número da série é dado pela soma dos dois anteriores (1,1,2,3,5,8,13...).

(grade de linhas regulares ou irregulares) que servem para orientar a diagramação e para criar uma identidade ao longo das páginas.

Da mesma forma, os espaços vazios e seus contornos precisam ser cuidadosamente planejados, pois podem conduzir agradavelmente o olhar ou transmitir uma sensação de desordem e falta de capricho. As margens, num material impresso, são úteis para a manipulação das páginas e podem ser usadas para acomodar notas, destaques, imagens e, nos livros, são muito utilizadas pelos leitores para fazerem anotações e marcas. A composição do texto cria uma paisagem e os diferentes blocos de textos podem variar em tonalidade, com mudanças nos tipos<sup>5</sup>, tamanhos e espaçamentos utilizados. A escolha adequada das famílias tipográficas que serão usadas no texto é importante. Existem fontes elaboradas para leitura impressa, outras são adequadas para leitura em tela. Existem fontes que só servem para títulos ou destaques, outras são feitas para uso em tamanhos muito pequenos. A escolha de uma fonte exige conhecer as sutilezas do seu desenho. Pequenas variações no desenho dos tipos podem fazer muita diferença no conjunto e influenciar a leitura. Em textos longos, se a letra for um pouquinho pesada ou leve demais, por exemplo, a leitura pode se tornar desconfortável. Também podem ser usadas diferentes cores nas letras ou em áreas de fundo criando destaques. A seleção de cores além de ser importante para a legibilidade pode contribuir para a organização das informações e para a comunicação do conceito, interpretando visualmente a ideia que o conteúdo pretende transmitir. As cores podem influenciar a leitura, intelectualmente e emocionalmente, promover maior concentração ou provocar cansaço visual.

Numa publicação impressa, a estrutura e hierarquia das informações são, geralmente, fáceis de identificar. Podemos folhear rapidamente o material para ter uma ideia do conteúdo, navegar pelo índice e números de páginas, marcar o ponto onde interrompemos a leitura com um simples marcador. Os textos digitais, que algumas vezes utilizam estrutura semelhante aos livros físicos, se beneficiam ainda com recursos para busca por palavras ou números de páginas e recursos de hipertexto.

O fluxo de leitura de um texto escrito é bastante dinâmico, o leitor pode correr os olhos pela página, observar um elemento mais demoradamente e mudar o foco sem muito esforço. Na tradução de português para Libras, outros elementos terão que ser usados para facilitar esse navegar e fluir pelo texto.

### 3 Questões de design na tradução para língua de sinais

Nord (2005) recomenda, como ponto de partida para a tradução, analisar o texto de origem observando tanto os fatores extratextuais como os intratextuais

---

5 Tipo é um conjunto de caracteres, letras, números, símbolos, pontuação, que tem um design comum e distinto. Fonte é o meio físico utilizado para criar o tipo, seja ele código de computador, fotolito, metal ou gravação em madeira. (AMBROSE; GAVIN, 2011, p. 17)

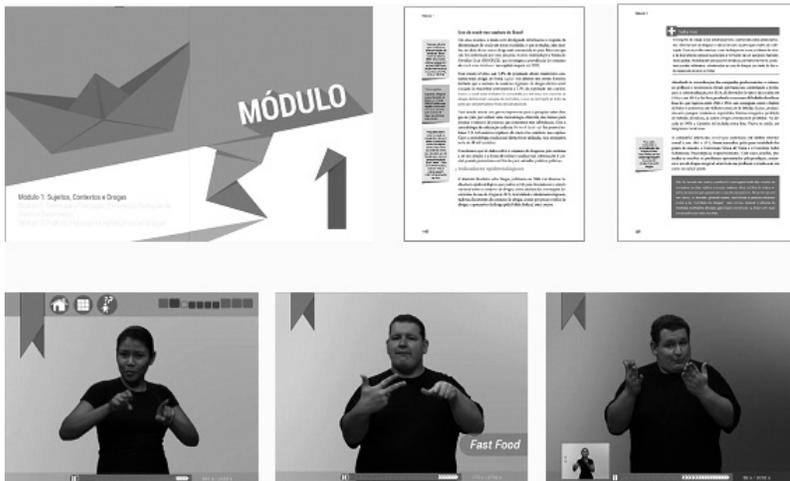
(incluindo os elementos não verbais e as características suprasegmentais) definindo se o objetivo da tradução requer uma equivalência de efeito no texto meta.

Os elementos não verbais – como composição, formato de parágrafos e títulos, espaços vazios, figuras, logotipos – são usados para complementar, ilustrar, deixar mais clara ou intensificar a mensagem do texto. Os elementos suprasegmentais – que podem incluir escolha do tipo, tamanho, estilo normal, negrito, itálico, condensado ou espaçado – são usados, no texto escrito, para representar as características de entonação e prosódia.

Os elementos não verbais e as características suprasegmentais contribuem para estabelecer o ritmo e a dar uma tonalidade própria a cada parte do texto. Podem ser convencionais em alguns tipos de textos e culturas, mas também são significativos e podem revelar não apenas um estilo, mas uma concepção filosófica e ideológica.

Na tradução de um texto escrito para a língua de sinais será necessário definir, inicialmente, se a identidade visual do material original será mantida. No exemplo da tradução do livro *Prevenção dos problemas relacionados ao uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias*, da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, foram utilizados elementos gráficos semelhantes ao livro em português e adotado um estilo com características em comum (Figura 1).

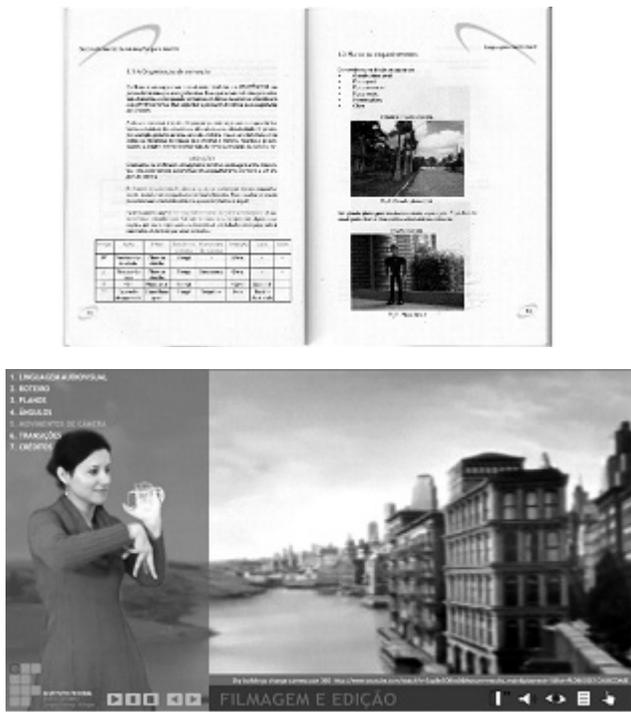
**Figura 1-** Páginas do livro *Prevenção dos problemas relacionados ao uso de drogas* em português e interface do material traduzido para Libras.



**Fonte:** NUTE, Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

Mas também, na tradução, pode-se optar por criar uma configuração específica para valorizar as características da língua e cultura surda ou para facilitar a produção. No texto traduzido do livro *Desenvolvimento de animações para a internet*, a identidade foi totalmente recriada para o material em Libras e a interface foi desenvolvida para receber diferentes textos (Figura 2).

**Figura 2** - Páginas do livro *Desenvolvimento de animações para a internet e interface do material em Libras*.



**Fonte:** Instituto Federal de Santa Catarina, 2012.

Vários elementos do design tipográfico contribuem para a navegação ao longo do conteúdo e para que o leitor saiba onde se encontra. Em textos escritos a tradição contribui para que não se tenha dificuldade em compreender a hierarquia das informações, a organização do índice, a numeração de páginas, os títulos correntes. A estrutura do texto em língua de sinais deve ser pensada para uma forma de navegação específica. No vídeo em Libras, pode não ser adequado utilizar numeração ou passagens que representem a mudança das páginas, mas outros elementos para orientação são importantes. Essas informações devem ser acessíveis com facilidade, permitindo ao leitor saber onde se encontra e onde pode ir. Barra com status do que já foi lido e do que falta ler, mudanças de cores ou de intérprete, elementos gráficos indicando diferentes seções ou capítulos e menus com vídeos que rodam ao passar o *mouse* são alguns recursos usados para orientação nos textos em Libras.

Para indicar os títulos e subtítulos, além da indicação do intérprete são usados efeitos de aproximação ou afastamento (zoom), mudanças na cor de fundo, na roupa usada ou mesmo mudança do intérprete, como mostram os exemplos de interfaces na Figura 3.

**Figura 3**

Mudança na cor da roupa para indicar título.



**Fonte:** Revista Brasileira de Vídeo Registros em Libras, 2013.

**Figura 4**

Sinalização e português indicando título.



**Fonte:** Pimenta, 2012.

As estratégias gráficas para organizar as informações e hierarquias do texto em língua de sinais, em alguns momentos, também usam o português escrito para apresenta na tela links em texto para a navegação ou usando títulos e destaques também por escrito (Figura 4). O português é ainda usado para acompanhar a datilologia em palavras que ainda não possuem sinal, em nomes próprios (muitas vezes acrescidos das fotos das pessoas citadas) e em textos complementares como ficha catalográfica e bibliografia.

Alguns elementos gráficos que servem para destacar, organizar ou conduzir o olhar no texto escrito também são úteis para serem explorados em vídeos na língua de sinais e ganham possibilidades de animação. Marcadores para indicar itens em uma lista, ícones para indicar tópicos, quadros com cores diferentes para diferenciar temas e para destacar informações além de infográficos para complementar o conteúdo são exemplos de recursos bastante eficientes usados para apresentar informações de forma mais visual.

A composição do espaço nos vídeos em língua de sinais é planejada para favorecer a legibilidade da interpretação, mas essa organização precisa ser pensada também no tempo, ou seja, a interpretação precisa estar integrada com outros elementos visuais, permitindo que o leitor surdo possa observar esses conteúdos sem perder partes da interpretação. Os textos escritos muitas vezes são acompanhados de ilustrações, fotografias, gráficos, e o leitor desliza o olhar sobre eles de acordo com seu ritmo e interesse. Se o vídeo apresentar imagens simultaneamente à interpretação em língua de sinais pode ser necessário planejar pausas na interpretação, cuidando para que essa interrupção do texto principal seja clara e não prejudique a concentração do leitor, ou oferecer recursos que permitam, por exemplo, ampliar as imagens e parar o vídeo interativamente. Se as imagens forem apresentadas sequencialmente à interpretação pode ser necessário um planejamento que garanta a integração de texto e imagens mantendo as influências mútuas.

Nos vídeos em língua de sinais o intérprete pode estar em primeiro plano ou ser complementar às imagens. Algumas vezes são adotadas janelas de interpretação, em outras o fundo é recortado e o intérprete é posicionado sobre outras figuras. Também encontramos janelas que se deslocam para acompanharem as imagens a que se referem ou os personagens que falam.

Outro desafio importante para a tradução são as formas espaciais de composição das informações, como tabelas e quadros, por exemplo, que precisam ser planejados para mostrar claramente a relação entre os dados quando são traduzidos para a língua de sinais.

As notas, que nos textos escritos são geralmente relegadas a textos em tamanho pequeno no final da página ou final do texto, algumas vezes ganham importância quando ficam nas margens, ao lado da parte do texto que faz referência a elas. No vídeo será necessário escolher o momento de interromper a interpretação para apresentar esse texto, o que pode interferir no ritmo de leitura e na compreensão do texto. Também encontramos interfaces com links disponibilizados ao longo do texto que abrem vídeos menores, sobrepostos ao vídeo principal, usados para acesso à textos complementares.

Os vazios e os elementos como fios e quadros, que separam e diferenciam os conteúdos no espaço da página escrita, são sinalizadas pelos intérpretes usando uma posição de pausa, como as mãos juntas na altura do umbigo e também podem ser traduzidos por efeitos de transições como escurecimento e clareamento da imagem.

Num texto apresentado em língua de sinais o ritmo é marcado pela interpretação. Uma parte do texto menos relevante ou a dificuldade de compreensão de alguma ideia apresentada pode tornar incômodo o fluxo de leitura, exigindo que o leitor tome atitudes de avançar, retroceder, parar ou localizar algum ponto no vídeo, e não apenas desviar o olhar para rever um ponto de interesse ou passar rapidamente os olhos sobre partes do texto como faz o leitor de um texto escrito. O uso de uma ferramenta que permita modificar a velocidade de reprodução do vídeo de forma prática pode ser muito útil. Alguns players de vídeos oferecem essa opção, mas geralmente não é um recurso disponibilizado como padrão, precisam ser acessados nas configurações das ferramentas e nem sempre favorecem a variação da velocidade rapidamente e a todo momento, sendo necessário clicar várias vezes num botão para aumentar ou diminuir significativamente a velocidade ou favorecem apenas que se escolha uma velocidade para assistir todo o vídeo.

Outro recurso útil nos textos escritos é a possibilidade de fazer marcas e anotações. Ferramentas que possibilitem marcar pontos no vídeo e fazer anotações em língua de sinais podem ser importantes para a leitura em Libras, mas essas ferramentas são mais raras e geralmente não se encontram integradas nos players de vídeo.

**Figura 5**

Interface do You Tube, com possibilidade de escolher a velocidade de reprodução do vídeo.



Fonte: youtube.com

**Figura 6**

Configuração da barra de ferramentas com botões para aumentar ou diminuir a velocidade.



Fonte: Interface do VLC media player.

A tradução dos detalhes tipográficos observados no texto escrito não precisam ser incumbência apenas da interpretação e da prosódia. O uso de animações e ilustrações, alternância entre imagens e interpretação, cortes e mudanças de planos, mudanças de cores e cenários, destaques com inserção de recursos gráficos, movimentos de câmera, mudanças de ângulos, e a relação do intérprete com outros elementos são muito úteis na tradução para uma língua de modalidade visual/espacial ajudando a construir o ritmo e a motivação para a leitura.

Mas cada estudante, com suas expectativas, habilidades, conhecimentos e em cada diferente contexto, com seu equipamento, seu espaço e suas motivações terá uma experiência diferente. Não existe um leitor padrão, para o qual se desenvolve um projeto ideal. Por isso, a análise da usabilidade é importante ao longo do desenvolvimento de cada projeto de design, e a observação dos leitores surdos na prática pode revelar problemas ou possibilidades imprevistas, diferentes formas de usar o material e atividades inesperadas dos usuários podem conduzir a soluções inovadoras e mais adequadas aos desejos e necessidades do estudante real.

## 4 Usabilidade

A NBR 9241-11 orienta como identificar a informação necessária para a avaliação da usabilidade de um dispositivo de interação visual. Explica como descrever o contexto onde o material será usado e como selecionar as medidas importantes para análise da sua usabilidade nesse contexto específico. As orientações podem ajudar uma organização que queira adquirir um produto, identificando os requisitos que o produto deve ter, podem ser utilizadas como apoio à uma equipe de trabalho no projeto de um produto novo, analisando a aceitação ao longo do seu desenvolvimento, e podem servir para avaliar a causa de problemas e as possíveis melhorias de um sistema de trabalho em que o produto está sendo usado.

A usabilidade, conforme a Norma NBR 9241, é medida analisando como usuários específicos, em contextos específicos, usam um produto para alcançar determinados objetivos com eficácia, eficiência e satisfação.

A norma enfatiza que o nível de usabilidade alcançado dependerá do contexto no qual o material é usado. Depende de quem usa, das tarefas que desenvolve, dos equipamentos que usa e do ambiente físico e social em que está inserido. O conhecimento prévio do conteúdo, ou a mudança na iluminação do ambiente de leitura, por exemplo, podem influenciar a usabilidade do vídeo livro. As medidas de usabilidade avaliam um sistema de trabalho como um todo, e, quando um produto é o foco de interesse, as medidas de desempenho e satisfação do usuário fornecem informações sobre a usabilidade do produto no contexto específico, proporcionado pelo sistema todo.

A norma também destaca que na análise da usabilidade nem tudo será medido. Focar a avaliação nos objetivos mais importantes do usuário é uma abordagem prática que permite antecipar os requisitos necessários do produto. O estudante pode “ler” de forma eficaz quando atinge seus objetivos, de aprendizagem, por exemplo, mas o leitor também pode acessar o material para outros objetivos como buscar algum conteúdo específico, ou navegar no material para ter uma ideia geral do conteúdo. Não apenas o objetivo geral, mas sua subdivisão em objetivos menores ou outros objetivos secundários podem ser considerados na especificação de usabilidade.

Para que se possa fazer julgamentos mais precisos sobre as necessidades por atributos específicos da interface em Libras teremos que identificar o contexto de uso pretendido e selecionar os itens que serão avaliados, identificando os aspectos mais representativos do uso da interface em situações reais ou as características que podem ser mais críticas. Também será necessário definir como serão julgados, que medidas para a eficácia, eficiência e satisfação do leitor serão consideradas aceitáveis na avaliação e qual o nível de detalhamento será necessário.

O que faz com que um material para a leitura tenha boa usabilidade?

#### 4.1 Eficácia

O objetivo geral de um texto é que seja lido, e para isso precisa ser legível, mas também precisa ser compreendido, e mais, sendo um texto com função didática visa que o estudante aprenda e possa aplicar esses conhecimentos com sabedoria. Poderíamos considerar que o texto de origem, selecionado para uso educacional, tenha características que propiciem a aprendizagem e essa não seria uma preocupação da tradução. Mas os textos produzidos por ouvintes, para leitura em português, podem ter características diferentes de textos que tenham uma preocupação com a aprendizagem dos surdos e, apesar da tradução para a língua de sinais ser capaz de oferecer o conteúdo verbal com a mesma precisão do texto escrito, a formação dos conceitos, a compreensão do texto e a aprendizagem de muitos estudantes surdos pode ser beneficiada ou mesmo depender de uma abordagem mais visual.

A legibilidade é a primeira questão que se coloca para o designer editorial.

A legibilidade refere-se à capacidade de distinguir uma letra da outra pelas características físicas que são inerentes ao design de um determinado tipo, tais como altura-x, as formas dos caracteres, o tamanho da contra forma, o contraste nos traços e o peso. A legibilidade de um texto é reforçada pelo uso padronizado de tamanho de corpo, entrelinha apropriada e alinhamento adequado. (Ambrose; Harris, 2011, p. 104)

Durante a leitura de um texto escrito, nosso olhar se desloca ao longo das linhas de texto, mas a visão clara só se dá quando o olho faz uma pausa e fixa uma parte do texto. A leitura é feita, portanto, por várias tomadas, ou sacadas, momentos em que o olhar foca um ponto do texto. Nosso sistema de visão percebe com clareza apenas o lugar onde o olho se fixa, e a região periférica da visão perde definição progressivamente conforme se afasta do ponto de foco. Pesquisas recentes sobre a percepção do texto mostram que podemos suportar uma ampla variação no tamanho e na forma dos caracteres sem prejudicar o reconhecimento das palavras. As sacadas oculares que permitem a leitura são razoavelmente constantes, pois mesmo variando o tamanho e o estilo dos caracteres, a cada fixação do olhar percebemos aproximadamente sete letras, ou seja, lemos mais ou menos de palavra em palavra.

Estudos sobre a legibilidade para os vídeos em Libras são importantes no que se refere às cores, tamanho e resolução. Muitas vezes, em função das conexões lentas com a internet, as limitações na qualidade dos vídeos são restrições consideráveis. Nos estudos gráficos, as definições sobre proporções, fundos e a relação da interpretação com as imagens precisam ser consideradas.

Mas a legibilidade não é algo definitivo, depende também de quem lê, das intenções e dos hábitos de leitura. “Houve época em que a letra negra ou gótica era um padrão cultural, no entanto o leitor médio de hoje tem grande dificuldade em discernir o conteúdo de um parágrafo composto nessa fonte” (Clair; Busic-Snyder, 2008, p. 195).

Um texto visível, com palavras ou sinais reconhecíveis, não garante que seja fácil de ler, agradável ou significativo. E, aliás, nem sempre a legibilidade é o propósito do design. Seria desejável que todos os textos para a leitura fossem igualmente desenhados para terem legibilidade máxima? Muitas vezes a falta de legibilidade tem uma função clara, que pode ser provocativa, instigante, ou mesmo reveladora sobre o conteúdo da mensagem. Além da legibilidade (*legibility*) é importante considerar, para a eficácia da leitura, a leiturabilidade (*readability*) que diz respeito às características que tornam possível reconhecer o conteúdo, ou seja, contribuem para que se compreendam os significados do texto.

A leiturabilidade do texto escrito pode estar associada a fatores como o comprimento das linhas e espaçamento entre elas, alinhamentos e relação do texto com outros elementos. Linhas de texto muito longas fazem com que a leitura

flua com maior dificuldade, alinhamentos centralizados ou alinhados à direita, ao deixar desalinhado o início da frase podem fazer com que, por engano, se volte na linha já lida, ao invés de seguir para a próxima e alinhamentos justificados em colunas de texto estreitas, criam buracos entre as palavras que prejudicam a leitura. Também as relações do texto com imagens, notas de rodapé e textos complementares exigem atenção para não prejudicar o fluxo da leitura e a compreensão do texto.

No material em Libras, a interação do intérprete com as imagens e a organização dos conceitos no espaço de forma integrada com o fundo podem contribuir para a leitura. Podem ser utilizados elementos gráficos e imagens em movimento relacionados com a interpretação explorando referências espaciais da própria língua de sinais para destacar informações e orientar o leitor. Mas para não prejudicar a leiturabilidade é necessário ter cuidado com as sobreposições de informações visuais, já que os estudantes surdos precisam tanto ver os sinais quanto olhar as imagens.

Outro aspecto importante para avaliar a leiturabilidade é a análise do processo de compreensão do texto. Os estudiosos utilizam vários recursos metodológicos para observar os erros dos leitores de textos escritos. Um método que reúne velocidade de leitura com acuidade, por exemplo, permite observar se o leitor identifica palavras substituídas no texto por outras parecidas, que prejudicariam o sentido.

Estudos com análise dos erros na leitura mostram que os estudantes de alto nível, ou os “bons leitores”, prestam mais atenção aos significados implícitos e tendem a fazer uma avaliação crítica do conteúdo, enquanto os “maus leitores” se prendem aos significados superficiais (Ssilva, 2011). Os bons leitores seriam aqueles que não apenas possuem elevada capacidade cognitiva, mas principalmente os que possuem maior prática de leitura, maior repertório, maior conhecimento de mundo.

Especialistas identificaram nove habilidades básicas para a compreensão da leitura:

- Conhecimento das palavras;
- Raciocínio na leitura (inclusive capacidade para inferir significados e para relacionar várias proposições;
- Capacidade para focalizar a atenção em proposições explícitas do autor;
- Capacidade para identificar a intenção do autor, seus propósitos e seus pontos de vista;
- Capacidade para derivar significados novos a partir do contexto;
- Capacidade para identificar proposições detalhadas num trecho;
- Capacidade para seguir a organização de um trecho e identificar os antecedentes que se referem a ele;
- Conhecimento específico dos recursos literários;
- Capacidade para selecionar o principal pensamento em um trecho. (Silva, 2011, p. 20)

Muitas crianças surdas que crescem em famílias ouvintes, que não dominam a língua de sinais, vivem a impossibilidade de diálogo no cotidiano, limitando-se a uma comunicação por gestos para atender necessidades básicas. Isso pode dificultar o desenvolvimento em etapas importantes para a aquisição de conceitos e ampliação do vocabulário. “A literatura revela que as oportunidades limitadas de ouvir informações levam à privação de experiências, com consequências negativas para o conhecimento de mundo e desenvolvimento de vocabulário” (Soares, 2001, p. 56). O sistema de inclusão, adotado na educação brasileira também não tem sido, na maioria das vezes, capaz de reverter o problema.

As experiências anteriores e a amplitude do significado do vocabulário de um leitor são aspectos importantes para a leitura:

Nem sempre, porém, o leitor pode basear-se nos significados prévios que ele atribui a palavras específicas. Isto se dá porque muitas palavras lidas têm significados diferentes daqueles que o leitor conhece. Resulta, então, que ele precisa buscar algumas vezes, cuidadosamente, o significado correto. A essência desta fase do ato de ler é, então, selecionar e combinar itens relevantes da experiência que estão presentes de forma implícita no texto, nas emoções do autor, no equilíbrio afetivo, nas intenções e no conhecimento anterior do leitor e que pode esclarecer o significado de um texto. Estas fontes de informação, entretanto, nem sempre são adequadas e o leitor precisa lançar mão do dicionário para identificar significados. (Silva, 2011, p. 21)

A questão de vocabulário é outro desafio para a “leitura” em Libras, pois muitos dicionários de língua de sinais não são bilíngues, oferecendo apenas a opção de se buscar as palavras do texto escrito para acessar o sinal, outros oferecem opção de busca pelos sinais, mas a organização se dá pela ordem alfabética. Nos dicionários ou glossários que oferecem recursos para busca pela língua de sinais<sup>6</sup>, o processo para encontrar o sinal que se deseja consultar pode ser demorado pois a identificação do sinal inclui a configuração de mãos, movimento, localização, expressão facial e orientação.

Os surdos geralmente não possuem prática de leitura em português e existem poucos materiais para “leitura” em Libras. A falta de prática com a leitura pode dificultar o reconhecimento das características estilísticas do texto e conduzir a expectativas frustradas. Por isso, para melhor leitura pode ser importante planejar o material oferecendo variadas opções de informações complementares, sejam textuais ou visuais, sejam sobre o conteúdo, com outras reflexões sobre o tema, ou sobre o autor, o estilo e o contexto.

Como o objetivo do texto, neste estudo, é a aprendizagem, essa avaliação também pode fazer parte da análise da eficácia na leitura. Para que ocorra a com-

6 Um importante trabalho na construção de glossários temáticos em Libras, que permite a busca pelo sinal, vem sendo desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Catarina e está disponível em <<http://glossario.libras.ufsc.br/>>.

preensão do conteúdo, e a aprendizagem, é necessário que exista a intenção e a atenção consciente do estudante na busca de significados no texto. No texto em português podemos observar que:

Uma primeira exigência para a atribuição de significados a um documento escrito diz respeito às regras inerentes à língua adotada pela cultura (neste caso, língua portuguesa). Essas regras, em seu conjunto, formam aquilo que é comumente chamado de mecânica da leitura. No caso da língua portuguesa, o leitor lê da esquerda para a direita, de cima para baixo, obedecendo a sinais de pontuação, sintaxe, *layout* da página, organização das palavras em sentenças e parágrafos etc. Num nível mais superficial, é o conhecimento dessas regras que permite ao leitor penetrar nos horizontes possíveis do documento. Porém essa atividade mecânica, ainda que necessária, não é suficiente para explicar o fenômeno da leitura. O leitor executa os atos mecânicos de leitura (fixações, pausas, retornos visuais etc.) na suposição de que o que está sendo e o que vai ser lido necessariamente possui significado. Essa significação somente pode ser atribuída quando o leitor colocar em prática uma ação reflexiva sobre as palavras que compõem o documento. (Silva, 2011, p. 104)

Se não houver uma expectativa de que o texto tenha significado e que o conteúdo ofereça informações novas e relevantes, o leitor não dá continuidade aos atos mecânicos de leitura. É a consciência da possibilidade de entendimento e de novos conhecimentos que faz com que ele deslize o olhar ao longo do texto, mantendo a atenção, e a partir daí reflita sobre o que lê. Além disso, textos de naturezas diferentes exigem uma abordagem diferente por parte do leitor. Um livro de matemática é lido de forma diferente de um livro de literatura.

Talvez seja útil, ao se traduzir o material para a língua de sinais, verificar as vantagens de se apresentar de forma mais contextualizada para o público específico os desafios e descobertas que o texto oferecerá. Para tanto, se poderia incrementar a introdução ou aberturas de capítulos com textos do tradutor ou desenvolver animações, vídeos e ilustrações que convidem à leitura, que provoquem a curiosidade, que instiguem a reflexão ou que contribuam para contextualizar o que será exposto.

Além de valorizar os aspectos estéticos, as imagens podem complementar o que diz o texto e, em alguns casos, podem mesmo substituir partes do texto na tradução, e com isso contribuir para a aprendizagem dos surdos.

Reconhece-se o potencial que as imagens possuem para influenciar os comportamentos, mas o visual não é, geralmente, pensado como o próprio conteúdo para a aprendizagem. As imagens ilustram um texto, exemplificam um conteúdo verbal, são usadas para chamar a atenção, mas seus aspectos retóricos são negligenciados e não contamos com o puramente visual como recurso para o desenvolvimento cognitivo e intelectual.

Chegou o momento de reavaliar – serena e seriamente – a epistemologia da comunicação, ameaçada na dubitável matriz logocêntrica do nosso Ocidente. O verbal escrito instaurou-se como ordem epistemológica e fizemos tanto da fala quanto da escrita as crenças (para não falar de dogmas) e as alavancas de nossas faculdades de apreensão e inteleção. Não é somente possível como necessário livrar-nos dessa epistemologia da comunicação, que ignora, enquadra e reduz a indizibilidade e a riqueza polissêmica do sensorial humano. (Samain, 2012, p. 17)

Em materiais didáticos e textos acadêmicos, as imagens costumam vir acompanhadas de legendas, indicando o que deve ser lido nelas, e ainda são descritas e discutidas ao longo do texto que as acompanha. Não se confia no visual, a polissemia característica das imagens não garante que elas “digam” o que se gostaria que dissessem.

Mas teóricos em diferentes áreas têm chamado a atenção para as mudanças nas formas de comunicação e apontado a demanda por estudos mais aprofundados sobre os recursos visuais na produção e disseminação de conhecimentos. As imagens não falam, mas articulam pensamentos, e o visual é apontado como elemento importante nas mudanças que estão em curso nas tradições epistemológicas a partir das tecnologias digitais. Nessa perspectiva, a escrita poderia vir a ter um papel menos central para representar o conhecimento (Bonsipe, 2011).

Enfim, um texto que tenha boa legibilidade, uma organização significativa e que seja configurado de forma a favorecer a aprendizagem proporciona uma leitura mais eficaz, mas não significa que isso seja uma coisa fácil, pode ser uma tarefa difícil, demorada, dispendiosa, que gera muitos erros ou exige um esforço muito grande. Portanto, além da eficácia na leitura é importante analisarmos a eficiência, ou seja, a agilidade permitida pelo sistema e a carga de trabalho exigida para que se alcancem os objetivos.

## 4.2 Eficiência

A interface deve ser facilmente compreendida, responder rápido aos comandos, evitar erros e impedir que o leitor se perca durante a navegação. A eficiência pode ser medida por uma proporção entre o nível de eficácia alcançada e os recursos usados (tempo, energia física ou mental despendida, custos).

A velocidade de leitura é um dos elementos mais importantes a ser considerado no projeto editorial e várias pesquisas visam identificar o que pode contribuir para isso. Deseja-se que a leitura flua com rapidez e naturalidade.

[...] a tarefa do tipógrafo mudou muito pouco: continua sendo a tarefa de conferir ilusão de velocidade e vitalidade sobre-humanas – e de paciência e precisão sobre-humanas – à mão que escreve. A tipografia não passa disto: escrita idealizada. (Bringinghurst, 2005, p. 25)

Algumas pesquisas verificam a velocidade de leitura e medem a quantidade de texto lido em certo tempo, ou o tempo levado para encontrar uma informação inserida no texto, ou ainda, usam diferentes composições para avaliar sua influência na velocidade. Outros estudos levam em consideração a compreensão e acuidade da leitura, e além da velocidade observam, por exemplo, se o leitor identifica erros. Pesquisadores também investigam a rapidez para reconhecimento dos itens de leitura considerando o conhecimento prévio do leitor e a necessidade de completar os sentidos quando existem palavras desconhecidas. Foi observado que a apresentação de palavras longas contrastadas com palavras curtas, o uso de palavras com uma tonalidade emocional e a apresentação de palavras não conhecidas intercaladas com palavras conhecidas aumentam a velocidade de leitura. (Silva, 2011).

Na leitura o texto é percebido por uma sucessão de tomadas, deslocamos o olhar a cada dois ou três décimos de segundo. Isso faz com que um bom leitor consiga ler em torno de 400 palavras por minuto.

O esforço despendido pelo leitor na percepção e compreensão do texto também é um aspecto que deve ser analisado no que se refere à eficiência na leitura. Se a carga de trabalho for muito elevada para completar o sentido do texto, o uso dos recursos visuais pode ajudar a contextualizar e esclarecer os conceitos além de contribuir, em alguns casos, para tornar mais ágil a leitura. Alguns conceitos, especialmente quando ainda não existem sinais para eles, podem necessitar de exemplos e explicações exigindo um tempo maior na apresentação em língua de sinais do que o tempo para a leitura do texto escrito. Parece pertinente observar se o uso de imagens, vídeos, animações ou infográficos facilitaríamos a compreensão, ou mesmo diminuiriam o tempo de leitura.

A facilidade para aprender a usar a interface também deve ser considerada na carga de trabalho do leitor e uma orientação visual, com elementos gráficos planejados adequadamente, pode contribuir para isso.

Para a eficiência, o tempo de resposta do sistema é fundamental. Vídeos que demoram a carregar, que trancam ao longo da reprodução, que não informem o andamento ao carregar e ferramentas que demoram a mostrar seus efeitos podem prejudicar a eficiência na atividade do leitor. Também é um requisito de eficiência a portabilidade, o material deve prever seu uso em equipamentos de diferentes plataformas, em computadores, *tablets*, *smartphones*. O design deve se adaptar para uma tela grande ou pequena, para dispositivos que mudam de orientação de retrato para paisagem, para telas *touch* ou outros dispositivos e serem adequados para leitura em ambientes variados.

### 4.3 Satisfação do leitor

Além do desempenho do leitor para atingir seus objetivos, a satisfação proporcionada pelo dispositivo é importante para a usabilidade e precisa ser considerada.

Os estudos sobre tipografia visam favorecer a leitura, que, segundo Brighthurst (2006), deve prestar os seguintes serviços ao leitor:

- convidá-lo à leitura;
- revelar o teor e o significado do texto;
- tornar clara a estrutura e a ordem do texto;
- conectar o texto a outros elementos existentes e induzir o leitor a um estado de repouso energético, que é a condição ideal de leitura. (Brighthurst, 2006, p. 31)

O uso de uma identidade visual voltada ao público surdo pode fazer com que o leitor se sinta familiarizado com o material e experimente mais as opções da interface. É importante que ele se aproprie do material e se identifique com suas características. Isso pode estimular a leitura.

Esse convite ao leitor também é feito pelo estilo do intérprete. O uso de intérpretes conhecidos do público pode ser bem recebido se houverem relações de afeto, mas o material pode ser repudiado se houver alguma antipatia. O uso de avatares para a interpretação em língua de sinais têm tido um desenvolvimento expressivo e pode propiciar a escolha do leitor.

Recursos para personalização e compartilhamento de informações são bem aproveitados em textos digitais e também podem ser atrativos para os vídeo livros.

Por fim, para a avaliação do design na tradução de textos escritos para a língua de sinais será importante considerar as diferenças significativas na modalidade das línguas, no meio e nas características do público leitor, sem criar uma expectativa de que a leitura seja feita de forma idêntica. Evitando partir de medidas dadas na leitura de textos escritos, como o tempo médio de leitura, ou a velocidade para localizar um item, no exemplo que apresentamos a seguir, procuramos identificar objetivos relevantes no uso do material por estudantes surdos, e as tarefas que terão que desenvolver para alcançá-los.

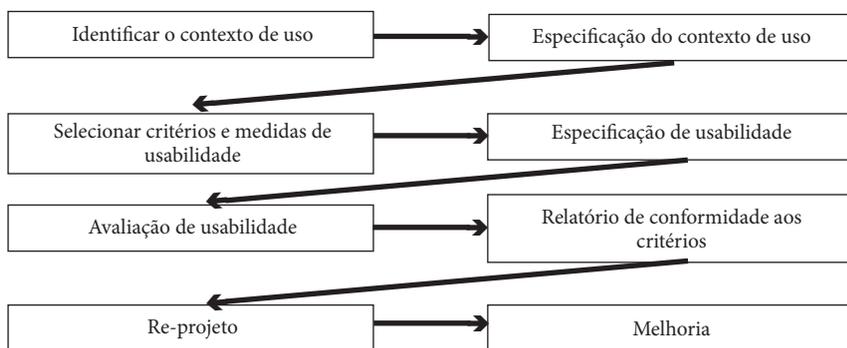
## 5 Requisitos para a usabilidade de vídeo livros traduzidos para Libras

Seguindo as orientações da Norma NBR 9241 para a documentação usada na avaliação da usabilidade (Figura 7), apresentamos um exemplo de especificação de usabilidade visando identificar requisitos para o design de um vídeo livro em Libras.

Para este exemplo consideramos o uso de uma interface específica para leitura em Libras e um texto traduzido explorando diferentes recursos gráficos. Adotamos como ponto de partida os recursos usados no vídeo livro *Prevenção dos problemas relacionados ao uso de drogas* (Figura 1) que está disponível em código aberto e inclui: barra de velocidade, barra de miniatura em vídeo, menus

que rodam ao passar o mouse, links para glossários, notas e saiba mais, que abrem um vídeo secundário parando e escurecendo o vídeo principal, zoom para indicar títulos, mudanças na cor de fundo para indicar destaques e citações, legendas onde houver datilografia e diferentes intérpretes para diferentes tipos de conteúdo. Além disso a interface deve incluir uma ferramenta para marcar partes do vídeo, opção para personalizar cores e tamanho e opção para curtir, fazer comentários e compartilhar. Para comparação será usado o mesmo vídeo de interpretação em Libras (com recorte de *chroma key*) colocado sobre fundo com cores neutras e sem outros recursos gráficos, para ser usado no player que o leitor usa como padrão no seu equipamento.

**Figura 7** – Atividades de usabilidade e documentos associados



**Fonte:** Associação brasileira de normas técnicas, 2012.

Isso possibilita a análise de alguns recursos de design e de ferramentas computacionais reunidas no player específico para leitura em Libras.

Para levantar os dados consideramos o uso de *logs*, que são registros da navegação dos “leitores” durante o uso do material, como principal ferramenta. É possível saber quantas vezes o usuário clicou em uma ferramenta e em que momentos do texto fez isso, quanto tempo levou para realizar alguma tarefa, ou o que precisou fazer para atingir um objetivo (localizar uma informação, por exemplo). Com isso podemos saber quantos alunos usaram determinado recurso ou quantos realizaram uma determinada atividade em até “tantos” minutos.

Também consideramos o uso de um questionário (em Libras) ao final da leitura com questões para verificar a compreensão do texto e a satisfação com o material ou com alguma ferramenta particular. Inclui ainda questões que servem para observar como o estudante usa o material ao respondê-las, o tempo gasto, os erros cometidos e as ferramentas usadas. Por exemplo, questões perguntando sobre informações bem específicas dentro do texto, – como dados numéricos,

datas, nomes próprios ou siglas, - permitem observar como o leitor busca essas informações no texto.

Conforme a norma adotada aqui como referência, é recomendado que a análise não se restrinja às tarefas desenvolvidas no sistema, mas que ocorra a partir dos objetivos do leitor surdo, verificando se ele atinge esses objetivos e a qualidade das tarefas que desenvolve para isso.

As informações necessárias para a especificação da usabilidade são: definição do contexto de uso previsto, identificação dos objetivos do leitor, definição das medidas de usabilidade e dos valores desejáveis ou aceitáveis na avaliação.

## 5.1 Especificação de usabilidade para vídeo livro em Libras

Este exemplo define os requisitos de usabilidade para um vídeo livro em língua de sinais em que o texto traduzido para Libras tem objetivos didáticos.

### 5.1.1 Contexto de uso

- Especificação de usuários: Surdos estudantes, adultos. Usuários secundários seriam intérpretes, professores ou estudantes da língua de sinais. Não é exigido conhecimento da interface, que deve ser autoexplicativa, nem experiência de leitura de vídeo livros. Os estudantes devem familiaridade com o computador e conhecimento de Libras no mínimo intermediário. Os estudantes devem ter motivação para a leitura e escolherem o momento mais apropriado para estudar.
- Especificação de ambientes: apesar de que um ambiente calmo e confortável seja mais adequado para estudar, nem sempre é assim que ocorre a leitura. Não são definidas restrições para o ambiente de leitura do vídeo livro. Deve haver conexão com a internet.
- Especificação de equipamento: o vídeo livro pode ser usado adequadamente em *tabletes*, *smartphones* ou computadores.
- Especificação de tarefas: O vídeo livro pode ser usado para diferentes objetivos, selecionamos algumas tarefas que podem ser críticas para a usabilidade do produto: completar a leitura, localizar algum dado específico dentro do texto, adotar um ritmo de leitura próprio e adequado aos diferentes momentos do texto, reconhecer a hierarquia do texto, usar o material em diferentes equipamentos, fazer marcações no texto e ampliar o vocabulário.

### 5.1.2 Medidas para propriedades desejáveis de um vídeo livro em língua de sinais

A partir dos objetivos selecionados para a análise, apresentamos exemplos de medidas e dos critérios para a avaliação da usabilidade utilizando os logs e um questionário.

Escolhemos valores de 75% como aceitáveis nas avaliações que envolvem a completude das tarefas e compreensão do conteúdo, considerando que esse é um valor usado para frequência em disciplinas dos cursos técnicos e uma nota considerada acima da média para aprovação. No que se refere aos erros no uso do sistema consideramos aceitáveis um máximo de 10% de ocorrências.

**Quadro 1** - Exemplo de medidas para propriedades desejáveis de um vídeo livro em língua de sinais.

Objetivos de usabilidade	Medidas de eficácia	Medidas de eficiência	Medidas de satisfação
O vídeo livro é útil para a leitura de um texto longo?	Pelo menos 75% dos estudantes completaram a leitura?	O tempo para a leitura total foi menor do que o tempo do vídeo em velocidade normal?	Os alunos usaram os recursos de “curtir” e “seguir”? Comentaram ou recomendaram o material?
É adequado para localizar informações específicas dentro do texto?	Pelo menos 75% dos estudantes responderam corretamente questões que pedem para localizar dados no texto? Usaram a barra de miniaturas em vídeo e a estrutura de menus para isso?	O tempo médio para localizar um item é menor do que o tempo gasto no texto traduzido sem específicos?	Numa escala de satisfação como os alunos avaliam as ferramentas disponíveis?
É adequado para a aprendizagem dos estudantes surdos?	No teste final, em questões que avaliem a compreensão do texto, a média de acertos é superior a 75%?	Os estudantes precisaram buscar no texto as respostas ou já tinham incorporado os conhecimentos ao final da leitura? Em relação ao texto com recursos básicos essa necessidade diminuiu?	A autoavaliação dos estudantes é maior no uso do texto com recursos específicos do que no uso do texto com recursos básicos? Demonstram maior motivação para o estudo?
É adequado para imprimir um ritmo próprio durante a leitura?	Utilizam a ferramenta para alterar a velocidade ao longo do texto?	O uso da ferramenta na média aumentou a velocidade de leitura?	A velocidade foi diminuída onde o texto é mais denso e aumentada onde é mais fácil?
Permite aos estudantes reconhecerem com facilidade as diferentes formas de apresentar notas, destaques e citações?	No teste final, em questões que solicitam identificar os autores de citações, todos os alunos localizam a informação no texto?	Mais de 75% dos estudantes que responderam a questão, buscaram a informação na barra de miniaturas clicando diretamente nos momentos que apresentavam citações no vídeo?	Mais do que 10% dos estudantes que responderam a questão repetiram erros? Fizeram duas ou mais tentativas em outros recursos como notas, destaques ou glossários antes de localizar uma citação?
Permite identificar a hierarquia e estrutura das informações?	No teste final, em questões que solicitam identificar que subtítulos se relacionam com um título, ou que subtens (importantes)	Localizam um subtítulo no texto em um tempo maior do que o tempo levado no texto com recursos básicos?	Os estudantes já tinham compreendido a estrutura das informações ao final da leitura? No teste final, em questões que solicitam

	pertencem à um item, a média de acertos foi superior a 90%?		identificar que subtítulos se relacionam com um título, menos de 10% dos estudantes precisaram buscar no texto as informações sobre sua hierarquia?
É útil para ampliar o vocabulário?	É mais usado para os alunos que declararam pouca fluência em Libras?	É mais usado para verificar os conceitos menos conhecidos?	Numa escala de satisfação, os estudantes consideram o recurso útil?
É útil para fazer marcações no texto?	A maioria dos estudantes utilizam a ferramenta para marcar partes do texto?	A ferramenta é autoexplicativa? Dos estudantes que usaram a ferramenta fizeram isso espontaneamente, ou apenas após orientação presencial?	Numa escala de satisfação, os estudantes consideram o recurso útil?
É adequado para a visualização nos diferentes monitores?	A maioria dos estudantes alteraram as configurações padrão de cores e tamanho definidas para cada equipamento?	Os recursos da interface se ajustam automaticamente em todos os equipamentos utilizados? Foi identificado algum uso imprevisto de barras de rolagem ou deslizamento da tela?	Como os estudantes avaliam, numa escala de satisfação, a apresentação da interface padrão para seu equipamento?

Os logs e estatísticas, além de permitirem verificar se um produto está em conformidade com alguns critérios de usabilidade, também podem contribuir para identificar as causas de problemas de usabilidade. Pode-se observar, por exemplo, se os momentos em que os estudantes tendem a abandonar a leitura se relaciona com as partes mais densas do texto ou com as partes mais poluídas visualmente, ou com os maiores períodos sem variação gráfica no vídeo.

## 6 Conclusão

A validade da análise para prever o nível de usabilidade de um produto quando esse for implementado e usado no cotidiano, depende das medidas adotadas e de quanto os usuários, o contexto de uso previsto e as tarefas selecionadas para observação são representativos do cenário real. Cada equipe, em cada projeto, investigará os aspectos considerados mais relevantes.

As ferramentas digitais com o registro da navegação dos usuários abrem possibilidades de análises mais detalhadas de trabalhos específicos, nos permitem observar preferências e tendências e possibilitam que se desenvolvam melhorias constantemente.

Cabe aos projetistas fazerem perguntas.

## Referências bibliográficas

AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul. *Tipografia*. Tradução de Priscila Lena Farias. Porto Alegre: Bookman, 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *ISO 9241-11*. Requisitos ergonômicos para o trabalho com dispositivos de interação visual. Rio de Janeiro, 2002.

BONSIPE, Gui. *Design, cultura e sociedade*. São Paulo: Blucher, 2011.

BRASIL. Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. *Prevenção dos problemas relacionados ao uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias*. 6. ed. – Brasília, DF: SENAD-MJ/NUTE-UFSC, 2014. Disponível em: acesso em: <<http://conselheiros6.nute.ufsc.br/libras/vbook/index.php>>. Acesso em: 13 de abril, 2015.

BRINGHURST, Robert. *Elementos do estilo tipográfico*. Tradução de André Stolar-sky. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

CYBIS, Walter; BETIOL, Adriana; FAUST, Richard. *Ergonomia e usabilidade: conhecimentos, métodos e aplicações*. 2. ed. São Paulo: Novatec, 2010.

CLAIR, Kate; BUSIC-SNYDER, Cynthia. *Manual de tipografia: a história, as técnicas e a arte*. Tradução de Joaquim da Fonseca. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

DAHAENE, Stanislas. *Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler*. Tradução de Leonor Scliar-Cabral. Porto Alegre: Penso, 2012.

HENDEL, Richard. *O design do livro*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza e Lúcio Manfredi. São Paulo: Ateliê Editorial. 2003.

KRUSSER, Renata. *Desenvolvimento de animações para a internet*. Florianópolis: publicações do IFSC, 2010.

LUPTON, Ellen. *Pensar com tipos*. Tradução de André Stolarski. São Paulo: CosacNaify. 2006.

LUPTON, Ellen; MILLER, Abbott. *Design, escrita, pesquisa: a escrita no design gráfico*. Tradução de Mariana Bandarra. Porto Alegre: Bookman. 2011.

NORD, Christiane. *Text analysis in translation: theory, methodology, and didactic application of a model for translation-oriented text analysis*. Transl. Cristiane Nord and Penelope Sparrow. 2. ed. Amsterdam: Rodopi, 2005.

PIMENTA, Nelson. *A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais*. Florianópolis, 2012. Dissertação [Mestrado em Estudos da Tradução] – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina.

PYFERS, L. *Books for the deaf in Europe: guidelines for the production, publication and distribution of SigningBooks for the Deaf in Europe*, 1999. Disponível em: <[http://www.sign-lang.uni-hamburg.de/signingbooks/sbrc/pdf/del\\_71.pdf](http://www.sign-lang.uni-hamburg.de/signingbooks/sbrc/pdf/del_71.pdf)>. Acesso em: 27 abr. 2015.

QUADROS, Ronice Muller de; SOUZA, Saulo Xavier de. Aspectos da tradução/encenação na língua de sinais brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras Libras. In: QUADROS, R. M. de. (org.). *Estudos Surdos III*. Série pesquisas. Petrópolis: Arara-Azul, 2008. p. 168-207.

SAMARA, Timothy. *Guia de design editorial: manual prático para o design de publicações*. Tradução de Mariana Bandarra. Porto Alegre: Bookman, 2011.

SILVA, Ezequial T. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo: Cortez, 2011.

SAMAIN, Etienne (Org.). *Como pensam as imagens*. Campinas: Unicamp, 2012.

SOARES, Regina Célia Azevedo. *Avaliação do vocabulário de crianças surdas inseridas no contexto educacional da pré-escola do Instituto Nacional de Educação de Surdos*. Rio de Janeiro, 2013. Dissertação [Mestrado Profissionalizante em Fonoaudiologia] – Universidade Veiga de Almeida.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Grupo de Pesquisa Vídeo Registro em Libras. *Revista Brasileira de Vídeo Registros em Libras*. Florianópolis, 2013. Disponível em: <<http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/>> Acesso em 14 de abril de 2015.

ZAPPATERRA, Yolanda. *Design Editorial*. Tradução Edson Furmankiewics. São Paulo: Gustavo Gile, 2014.





Este livro foi impresso  
para a Editora Insular  
em junho de 2018.